VIAJANTES PELA ETERNIDADE
GERALDINE CUMMINS
Tradução: AMADEU DUARTE

ALGUMAS DESCRIÇÕES DE VIDA APÓS A MORTE COM EVIDÊNCIAS

Tradução de Amadeu Ant. Tavares Duarte

Da autoria de Geraldine Cummins

Compilado por E. Beatrice Gibbes

Psychic Press, 1948

Beatrice Gibbes com Geraldine Cummins

Prólogo da autoria de Eric Parker

Prefácio da autoria de E. B. Gibbes

Foto de família — De pé no canto extremo direito, Arthur Gibbes. Sentadas, na segunda posição a contar da esquerda, a Ruth Parker, e na quinta posição, a Hilda Gibbes ao lado do pai Ludwig (Govy). Das três crianças da frente, a terceira a contar da esquerda é Eric Parker.

A Muriel a acompanhar o pai pelo jardim, 1914

Nymans, a casa de campo situada no Sussex, aqui vista do lado sudoeste.

INDICE

PRÓLOGO

Pediram-me que escrevesse um prefácio para este livro, e faço-o, tentando posicionar-me no lugar de um leitor para quem todos os personagens mencionados, ou não mencionados, excepto pelas iniciais, são inteiramente desconhecidos; e gostaria de dizer a esse leitor que cada personagem vive e se move pelas páginas deste livro, na vida do Além, exactamente como os conheci na vida terrena. Eles estão tão vivos para mim nestas páginas como estavam nos anos anteriores à sua morte, alegres ou sérios, serenos, críticos, difíceis, amáveis — todos e cada um dos mesmos homens e mulheres, meninos e meninas que conheci. Foi, e sempre será, uma felicidade reencontrá-los. Para mim, é claro, o ambiente que os cerca hoje é-me desconhecido, mas assim como eles próprios me são devolvidos aqui, acredito que os jardins, as casas em que vivem, nos são descritos a todos. E assim, para leitores desconhecidos que possam interrogar-se, como eu me interroguei, e ainda me interrogo, quais quanto aos entornos, cenas, lares do mundo futuro, eu recomendaria este livro.

Eric Parker

PREFÁCIO

Este livro consiste numa série de comunicações pessoais recebidas durante um período de quatro anos ou mais através da mediunidade da Srta. Geraldine Cummins. Eles pretendem ter vindo da minha falecida cunhada, "Hilda," e vieram principalmente na forma de cartas. Além disso, existem várias comunicações que afirmam emanar do seu filho, Nigel, a quem ela era devotada, e de outras pessoas ligadas a ela. Todos, porém, se alinham e fazem parte de uma "história" do Pós-vida que não carece de romance. E essas cartas parecem mostrar que a personalidade, a inteligência e o humor característicos de "Hilda" sobreviveram à morte.

Alguns dos registos aqui apresentados podem parecer mundanos ou ocasionalmente fantásticos — nomeadamente o relato das tentativas que a "Hilda" fez para construir uma casa e um jardim. No entanto, foram incluídos porque ilustram o quanto a mente de um indivíduo retém as suas

características na vida futura. Num mundo etéreo, parecem ser encontradas dificuldades consideráveis quando se exige uma elevada concentração de pensamento e serenidade de espírito.

Precisamos entender que a vida descrita nas páginas seguintes está, na sua Maior parte, relacionada com as experiências das almas na vida imediata após a morte. Portanto, aqueles que procuram "ensinamentos" especiais não os encontrarão aqui, no sentido que entendem. Mas a narrativa aqui exposta mostra que, mesmo nessa vida imediata após a morte, a alma individual está a crescer, a desenvolver-se através do trabalho e da experiência, através do relacionamento com outras almas do seu padrão, que conduzem a uma vida mais elevada e mais espiritual. Quanto aos "ensinamentos," o que melhor poderá ser encontrado do que os dos Evangelhos?

Vários livros descreveram as condições da outra vida. Mas *Viajantes pela Eternidade* talvez seja um pouco diferente desses, no sentido de que é uma biografia coerente e bem-articulada de certos membros de uma família reunidos alegremente após a morte. Os personagens, tão claramente retratados e vivos, transmitem a convicção da realidade da sua existência na Vida Eterna. Este livro descreve uma vida no pós-vida tal como seria de esperar de muitas outras famílias que, na Terra, viveram vidas semelhantes — principalmente no campo, onde a jardinagem e outras actividades da horticultura têm sido a sua principal ocupação.

Esta biografia apresenta, pois, um mundo em alguns aspectos não muito diferente do mundo material, porquanto se a história da evolução for levada em conta, será dificilmente concebível que devamos ser transplantados desta vida para uma existência onde as condições sejam inteiramente diferentes daquelas a que estamos habituados. O viajante está assim a ser preparado para o passo seguinte na evolução psíquica — para aquele mundo de Eidos tão diferente do mundo material, conforme descrito por Frederic Myers em '*Caminho para a Imortalidade*' e em '*Além da Personalidade Humana.*'

Hesitei em publicar detalhes sobre a sobrevivência da minha cunhada e do seu filho Nigel num livro intitulado *They Survive (Eles Sobrevivem.).* Devido à extrema devoção demonstrada naquele caso, da mãe pelo filho, receei que pudesse ser considerado demasiado sentimental. Mas é aí que reside a evidência da personalidade e da identidade do comunicador. Enviei todo o texto datilografado ao Sr. Kenneth Richmond, falecido editor do jornal da *Society for Psychical Research*, a pedir a sua opinião sincera. À medida que este outro adicional sobre Hilda e o filho se desenvolveu, penso que não posso fazer melhor do que citar-lhe as palavras, porquanto mais do que nunca se aplicam a este presente volume.

Ele escreveu: "Sobre o Caso II" (ver *They Survive*, pág. 17) "Não me parece que este registo de material altamente pessoal e comovente não deva ser publicado; os leitores raramente têm o privilégio de partilhar a realidade dos sentimentos envolvidos em excelentes casos de comunicação. E o conteúdo emocional do registro não substitui a evidência, mas confere-lhe um contexto. Um caso como este pesa contra a crítica comum da ignorância, de que os relatos da vida após a morte são invariavelmente presunçosos e cómodos. . ."

Gostaria aqui de registar que *They Survive* foi compilado apenas num esforço para apresentar o que parecia ser uma evidência incontestável da sobrevivência da responsabilidade humana após a morte corporal. A julgar pelo número de cartas recebidas de pessoas inteiramente estranhas, este livro parece ter conseguido este livro parece ter alcançado o seu propósito.

Tendo em vista os muitos personagens introduzidos nesses escritos, o gráfico da relação que acompanha pode simplificar as dificuldades em seguir a narrativa:

Hilda Louisa Messel Gibbes - A minha cunhada - Nascida a 1878 falecida Janeiro de 1941.
Arthur Montagu Gibbes - O meu irmão, marido dela - falecido em Junho de 1941.

Nigel Gibbes - O filho deles - morreu de ferimentos na Líbia, em Maio de 1942.
Harold George Messel - O irmão favorito da Hilda - nascido 1877, (cometeu suicídio em 1920, sem ter recobrado a saúde e o ânimo após a morte da mulher.)
Muriel Emilie Messel - A irmã mais nova da Hilda - nascida em 1889 e falecida em 1918 vitimada pela gripe Espanhola.
"Govy" Leonard Messel - O pai da Hilda - falecido em 1915.
Ruth Parker - A irmã mais velha da Hilda (esposa de Eric Parker) - falecido em 1933.
Frank Gibbes - O meu segundo irmão - falecido em 1932.
A mãe da Hilda, que faleceu em 1920, aparece apenas ocasionalmente nas comunicações que se seguem. Tony, o mais novo dos dois filhos da Hilda, ainda está nesta vida e é frequentemente mencionado pela mãe.

Escritos anteriores de membros da família Messel, recebidos antes da morte de Hilda, são colocados na Parte II deste volume. Quase todas as pessoas mencionadas nestas páginas eram conhecidas na família por apelidos, fornecidos com precisão infalível em cada escrito. Para facilitar a leitura, esses apelidos são omitidos, com exceção apenas do "Govy."

Quando digo "precisão infalível," enfatizo o facto de que teria sido fácil para a escritora psíquica (a Srta. Cummins) confundir esses nomes caso a sua mente tivesse intervindo de forma considerável. Para dar um exemplo: Muriel era o único membro da família Messel que tinha um apelido especial para o Nigel. Ele sempre foi usado por ela durante a sua vida terrena, e somente por ela quando escrevia sobre ele por meio da Geraldine Cummins. Assim, o facto era inteiramente desconhecido para a automatista.

Alguns eruditos afirmam que factos correctos transmitidos através de uma médium sobre uma pessoa falecida que não são do conhecimento dessa médium são devidos à PES (percepção extra sensorial), clarividência, pelo que não são evidência da sobrevivência da personalidade humana. Mas a sobrevivência deve, principalmente, significar a sobrevivência de toda a personalidade, isto é, dos defeitos, das virtudes, do modo de expressão, etc. Este livro não apresenta apenas esses "factos," mas, na minha opinião, evidências conclusivas da sobrevivência humana através da transmissão de caracteres claramente reconhecíveis em estilos variados — estilos que são mantidos com precisão ao longo dos escritos.

Quando esses comunicadores viviam na Terra, o Sr. Eric Parker, o conhecido autor e falecido editor do *The Field* — e eu conhecíamo-los intimamente e testemunhamos esta notável reprodução de caráter e estilo. O mesmo acontece com outros amigos deles. A Geraldine Cummins é tão conhecida pelos seus livros psíquicos que será desnecessário fazer mais do que acrescentar que nela possuímos sem dúvida um dos Maiores, se não a Maior, médium de escrita do nosso tempo. É profundamente lamentável que graves problemas de saúde e uma grande operação lhe tenham, além de outro trabalho exigente durante os últimos sete anos, dificultado o trabalho psíquico. Este volume não é, pois, tão cheio de detalhes sobre a Outra Vida como poderia ser de outra forma.

Gostaria aqui de expressar o meu profundo agradecimento a Geraldine Cummins pela ajuda que ela me deu na compilação deste e de outros livros relacionados com as minhas pesquisas sobre fenómenos psíquicos. Além disso, gostaria de lhe agradecer por se ter colocado de forma tão abnegada à disposição destes e de outros comunicadores e permitido que escrevessem através dela em vários momentos críticos.

Uma dessas comunicadoras (Hilda Gibbes) descreve o propósito deste livro da seguinte forma:

"Estamos tão ansiosos por que notícias da verdadeira sobrevivência sejam disseminadas pela Terra. É por percebermos com mais clareza do que vós, os grandes perigos a que homens e mulheres estão expostos através deste materialismo em expansão. Atenua todas as luzes da alma. Gradualmente, mas de forma segura, destrói toda a felicidade. E nesta vida Maior percebemos as forças inferiores do

mal, todas a focar a sua atenção nas pessoas da terra — no momento presente a procurar induzir um mal muito mais terrível através da falta de fé, de conhecimento de uma vida futura. . . A vida é eterna. A bondade, a verdade e a beleza devem prevalecer, caso contrário o mundo perecerá."

Parte I

"Morte, a primeira experiência humana de uma paz que ultrapassa o entendimento."

(H. L. Gibbes, "Hilda)

5 de Fevereiro de 1944

Nota: O "Prólogo" que se segue foi comunicado pela minha falecida cunhada Hilda. Na verdade, foi escrito em Janeiro de 1945. Como explica de maneira muito simples algumas das coisas que muita gente deseja agora saber sobre a Outra Vida, foi decidido colocá-lo no início deste livro. Pode ajudar os leitores a entender mais facilmente o que é expresso nos diversos escritos que se seguem.

PRÓLOGO

Comunicado por Hilda

Quero que o que tenho a dizer seja compreendido por quase todos. Gente esperta e instruída não acreditará em nada disto. Não conheço o significado das longas palavras que os eruditos, professores e filósofos usam, pelo que não devo, pois, usá-las. Quando, em algumas ocasiões, tentei ler os livros que eles escreveram sobre o enigma da vida e da morte, as palavras deles sempre me provocaram indigestão mental.

Portanto, não prossiga com a sua leitura e envie este livro ao comerciante de celulose, se quiser uma resposta convincente, respeitavelmente envolta numa terminologia adequada, para o enigma mais antigo da história.

Mas se quiser ouvir sobre a Alice no País das Maravilhas sobrenatural, pode prosseguir com certa confiança. Por outras palavras, as minhas experiências pós-morte - à excepção de alguns breves períodos — foram surpreendentemente inesperadas e, em geral, encantadoras.

Poderá parecer quase uma blasfémia da minha parte usar a palavra "encantador" sobre uma vida que geralmente é usada em frases graves e solenes. Mas tentarei seguir o exemplo de George Washington e não hesitarei em dizer a verdade, por mais intragável que seja. Existem tantas associações sombrias sobre a morte e o sofrimento que a precede que muitas pessoas não ousam acreditar que possa haver um momento bom ou feliz que a sigam. Assim, para dissimular os receios que sentem de uma Outra Vida, eles envolvem o assunto em palavras solenes, vagas ou sagradas. Mas para o ladrão na cruz, Cristo falou dela como o Paraíso.

Não designo a vida imediata que sucede após a morte por nenhuma palavra do Latim de seis sílabas — é o Novo Mundo, que Cristóvão Colombo não descobriu mas a Hilda sim.

O meu pai, mãe, irmão e irmãs vieram ao meu encontro nos Portões da Morte. Por estarmos unidos pelo Amor, que é a única coisa que importa, tive essa alegria inefável. Foi um acolhimento ao Lar depois de muitos anos de separação daqueles amados viajantes que fizeram a Travessia do Canal muito antes de mim. Se você for inclinado a acreditar no que eu lhe digo, por favor, trate a Morte por este nome — uma "Travessia do Canal." Sempre tive pavor da inevitável experiência da morte. Acontece que eu estava inteiramente enganada. Ele não era nenhum bicho-papão, nenhuma criatura de

horror como Adolf Hitler. A experiência da passagem foi, para mim, exactamente como uma travessia de um canal agitado — bastante assustadora no começo, mas realmente não mais desagradável nem desconfortável do que essa experiência. Mas tudo foi compensado pelo imenso alívio de ver a minha família na outra margem.

Assim como a travessia do canal (ou seja, a morte) representa a experiência de todos, assim também é o "Dia do Juízo." Pelo que sei, isso não ocorre logo que chegamos aqui. A palavra "dia" é incorrecta, pois o julgamento não se limita a vinte e quatro horas. Não é possível falar disso em termos de tempo terreno. Mas há um período especial em que entremos na Galeria da Memória e as imagens da nossa vida terrena passam diante de nós, uma a uma. Então, o nosso próprio espírito é o nosso juiz. Enfrentamos esse período quando estamos aptos para ele, quando as feridas recebidas durante a nossa jornada na terra tiverem sido curadas. Eu ainda não me senti apta para esse juízo.

Relatos deste mundo são obrigados em alguns aspectos a contradizer-se porquanto não há duas pessoas que tenham exactamente as mesmas experiências, por as almas de duas pessoas não serem exactamente iguais, não seguirem o mesmo padrão. Cada indivíduo vê o mundo através de um par de olhos diferente. Em segundo lugar, cada alma tem um passado que lhe é próprio e que em si é único. E o passado cria o nosso presente aqui. Assim, os muitos imigrantes da terra que se aglomeram no novo mundo entram em diferentes mansões e deparam-se com experiências amplamente diferentes.

"Na casa do meu Pai há muitas moradas." Cada mansão é feita da própria textura de um passado terreno. Apelei a um "mestre" para redigir as partes difíceis deste "Guia da Criança para o Além." Ele autodenomina-se "Senhor João Ninguém."

O Senhor João Ninguém diz que os Americanos ergueram uma estátua da Liberdade à entrada do seu Novo Mundo. Não sei se foi um impedimento eficaz que impedisse que gente gananciosa furtasse a liberdade aos outros. Mas aquela estátua simboliza as condições que prevalecem no Novo Mundo, que estou prestes a descrever.

O Sr. Senhor João Ninguém diz: Os peregrinos que aqui se vêm amontoar vindos do mundo encontram o que é, para aqueles que percebem isso, uma medida de liberdade muito embaraçosa. Via de regra na terra, o seu corpo, os seus apetites, os seus instintos parecem controlá-los em considerável medida. No Novo Mundo, eles têm o poder de controlar os seus corpos. Consciente ou inconscientemente, as suas mentes moldam esses corpos. A princípio, eles mal percebem esse poder criativo e não sabem como usá-lo. Aliás, é um absurdo chamar-nos de "espíritos desencarnados." Não somos nada disso. Cada um dos recém-falecidos tem uma aparência visível que é a expressão das suas memórias e da sua alma. Muitas vezes há uma meia verdade numa declaração incrível. Esse facto poderá explicar o pronunciamento aparentemente impossível no Livro de Oração sobre a ressurreição do corpo físico.

Você perguntará: "De que será o Novo Mundo feito?" O mestre meu colaborador está a dar-me a seguinte resposta: O Senhor João Ninguém diz:

O mundo que se segue imediatamente à morte é da natureza da matéria, mas consiste em ondas que vibram com Maior rapidez do que as ondas conhecidas pelos seres humanos. Para diferenciá-lo da matéria, vou chamá-lo de "substância" ou "éter."

Quando saem da crisálida da morte, os recém-falecidos ficam, via de regra, muito aliviados ao perceber que possuem corpos que são exteriormente semelhantes aos que habitavam na Terra. Mas sendo uma substância não material, esse corpo viaja ou vibra mais rápido que o corpo físico. Portanto, o olho humano não pode percebê-lo. A morte significa simplesmente uma mudança de velocidade para a forma ou expressão da alma do homem. Ele é incapaz de viver num corpo de matéria. Assume em seu lugar um corpo de substância. Chega a este novo mundo com a sua personalidade bastante inalterada. Mas esta mente possui poderes muito ampliados. Só lentamente ele percebe isso — percebe que deu um salto na evolução da sua alma.

O Novo Mundo pode de facto ser chamado de “o mundo da vida criativa.” Alguns de nós chegam a chamar o ser humano de “homem mecânico” e a nós próprios, quando aprendemos a usar os nossos poderes mentais ampliados, de “homem criativo.” Com efeito, parece que chegamos à própria presença da Estátua da Liberdade quando percebemos tal facto. Mas todo homem e toda mulher só pode criar de acordo com os limites da sua natureza. A morte não lhe confere um aumento real do conhecimento. Ele tem apenas as memórias da terra e a sua própria personalidade e perspectiva. A morte proporciona-lhe uma liberdade Maior. Mas se um homem for subdesenvolvido e pervertido pelo mal que cometeu durante a sua vida terrena, poderá ser, por muito tempo, incapaz de usar essa liberdade.

A unidade familiar torna-se a unidade de grupo para o indivíduo médio na Outra Vida. Na Maioria dos casos, gravitamos em torno daqueles em relação aos quais somos fundamentalmente semelhantes. Eles perfazem o nosso círculo, o nosso ambiente. O Novo Mundo é apenas um passo à frente. O estudante é incentivado a formar-se. Existem mais mundos, outros estados de existência que variam amplamente em carácter diante do viajante na eternidade. Mas ele não pode avançar para eles até que a sua alma se tenha desenvolvido através das suas experiências no mundo imediatamente pós-morte — no Mundo Número Um. Chamarei o planeta Terra de “Mundo Zero.” Zero significa o ponto a partir do qual o termómetro é graduado.*

**Certamente era “Mundo Zero” no inverno de 1947, quando, dois anos depois de ter sido escrito, este livro estava a ser elaborado! (Uma observação feita por Geraldine Cummins).*

“Somos do mesmo material de que são feitos os sonhos.” Criamos o Mundo Número Um a partir dos sonhos ou pesadelos da terra. Sonhem bem na terra e vocês terão experiências felizes na Vida Futura. Sonhem mal e vocês entrarão num pesadelo, um verdadeiro universo de pavor. Mas, após o período de ajuste no Hades, o homem (ou mulher) médio que faz o seu pequeno “melhor” passa para um ambiente com o qual está familiarizado na terra. Esses ambientes são criados a partir da memória dos membros do seu Grupo, por almas afins. Com o tempo, aprende a desempenhar o seu papel na criação de localidade e ambiente, com as armas aguçadas da sua mente. Mas a princípio ele é um bebé, ou seja, depende dos outros para tudo.

No caso de morte súbita ou violenta, especialmente se o termo completo de vida terrena não tiver sido cumprido, ele poderá entrar no Novo Mundo e não encontrar, durante um tempo as suas almas afins. Muitos de nós empregamos as nossas aptidões no socorro e acolhimento a esses viajantes solitários até que eles encontrem os seus.

Os principais factos a perceber são:

(1) Que a mente individual obtém um controlo muito Maior e directo da forma. Chegamos gradualmente a perceber que nos encontramos num universo mental e não num universo mecânico material.

(2) No Além, todo homem cria com base na memória e personalidade em conjunto com o seu Grupo - ou mesmo durante um tempo individualmente - a cidade ou país ou o vazio em que ele irá viver.

(3) O período passado no Mundo Número Um é designado para a digestão e assimilação de experiências obtidas numa longa ou curta vida passada na terra.

(4) Numa escala mais refinada, os nossos ambientes geralmente reflectem como que num espelho as localidades que habitamos quando éramos seres humanos. A Maioria dos peregrinos experimentou a lenta decadência das suas faculdades ou o aumento da doença até atingir um auge, ou pelo menos o terror e a solidão antes da última travessia. A sua alma é abalada até à raiz, por mais fácil e simples que seja a libertação final do corpo material. Qualquer médico ou enfermeira inteligente terá observado alguns desses factos repetidas vezes. A alma não está, pois, apta a enfrentar condições de vida completamente alteradas. Isso haveria de levar à desintegração da mente e de toda a constituição do homem, se ele se tornasse de imediato um espírito desencarnado.

Na verdade, ele é bastante incapaz de um salto tão imenso. A evolução, material e fisicamente, é lenta e criteriosa, completa. O bebé é gradualmente desmamado da mãe-terra. A pessoa comum precisa desesperadamente, após essa travessia agitada do canal, da cidade familiar, do campo, das ruas ou das paisagens a que está acostumada. A lei da evolução concede-lhe isso em Maior ou menor medida se ele for um indivíduo normal, se ele tiver feito o seu pequeno "melhor." Assim, o mundo que há de vir é muitas vezes um reflexo num espelho do mundo deixado para trás.

(5) Mas o espírito, a parte superior da nossa natureza, o supraconsciente, é o nosso juiz. Pessoas anormalmente egoístas ou más, brutais e cruéis deparam-se com experiências de carácter diferente. As consequências dos seus próprios actos voltam-se sobre eles qual bumerangue.

O Senhor João Ninguém disse-lhe o que não consigo explicar. Eu quero destruir o fantasma da Morte. Conforme diz o Senhor João Ninguém, não é verdade dizer que o último inimigo seja a Morte. Em vez disso, escreva:

"O último Amigo é a Morte," e essa afirmação será verdadeira com relação à experiência final do ser humano. Apelei ao Senhor João Ninguém porque, como eu lhe disse, ele escreverá com sentido onde eu posso escrever disparates. Ele diz que cada Grupo cria a sua própria localidade, cada indivíduo acrescenta-lhe algo de acordo com o seu desejo ou fantasia. Há certas memórias que são comuns a todos. Entre eles estão o sol, a lua e as estrelas, o solo da terra, as estações, a chuva. Todas essas coisas com que estamos familiares nós encontramos. Imaginamos o sol, a lua e as estrelas, as luzes e as cores a que estamos acostumados, pelo que as percebemos nessas localidades. Na Maioria dos casos, permanecemos nessa condição familiar até que sejamos capazes de perceber coisas que não fazem parte do material das nossas memórias terrenas."

O Senhor João Ninguém diz:

"A Maior parte das almas permanece no reflexo da memória da terra até que aqueles seres humanos de quem eles foram íntimos tenham entrado na Vida Futura e esteja a viver com elas no Mundo Número Um. Mas quando o círculo de contemporâneos se completa, é o começo de outro êxodo para o Mundo Número Dois, onde as aparências externas são diferentes de qualquer das que eles tenham conhecido na terra.

Cada localidade no Novo Mundo possui o seu próprio tempo. Mas os recém-falecidos apegam-se ao que é familiar, pelo que a Maioria afere o tempo de acordo com aquilo a que estão acostumados a aferir, pelas estações, pela noite e pelo dia. Assim, à medida que se tornam mais sábios e experientes, eles fazem excursões a um tempo diferente. Emancipam-se das suas memórias e tornam-se capazes de perceber o que nenhum ser humano jamais viu."

Eu gosto de usar palavras simples. Na igreja Vitoriana da minha infância, as pessoas falavam da vida futura como céu, inferno ou purgatório. Assim, vou usar esses termos antiquados no seu sentido literal. Quase todo homem e mulher quer ir para o céu. É a ânsia do seu coração. Alguns, de facto, arranjam grandes somas de dinheiro para serem gastas em obras de caridade ou em missas e orações para que o alcançarem. Curiosamente, Deus não se interessa por transações comerciais. Todas essas orações, louvores e homenagens compradas são um desperdício completo de dinheiro. O Reino dos Céus tem lugar dentro, não fora. Jamais foram proferidas palavras mais verdadeiras. A condição de felicidade celestial depende de vós e também depende em parte do vosso Grupo - daqueles íntimos que viajam convosco pela Eternidade e são orientados por um espírito guardião.

Mas preciso voltar ao meu assunto: a Maioria das pessoas deseja ir directo para o Céu assim que se recuperar dos efeitos da última travessia do canal. Mas, por estranho que pareça, eles geralmente vão para o céu que desejam para si próprias sem grande esforço. Mas se elas não estiverem no estado de graça adequado, isso torna-se num purgatório ou num inferno para elas. É-lhes satisfeito o desejo mais íntimo e por vezes consideram-no extremamente indesejável. Isso geralmente é culpa delas.

Mas o Senhor João Ninguém disse-me que o homem e a mulher médios se sentem durante muito tempo, com algumas excepções, muito felizes no Novo Mundo. A liberdade da dor física, das preocupações com o dinheiro, o prazer com o trabalho ou construção ou auxílio na construção das suas habitações e ambientes, tudo isso cria para elas o que Cristo chamou de "Paraíso."

Para algumas delas, um dos seus Maiores prazeres centrou-se no comer e beber. Se elas aplicarem a mente com suficiente diligência, poderão fazer as suas três ou quatro refeições por dia por meio dos próprios esforços mentais individuais, individual ou separadamente. Conheço um certo general que deixou a terra há muitos anos. Ele ainda rumina as suas nozes e toma o seu porto e alterna entre o abuso e o êxtase com o sabor. Mas, tal como o garotinho não se diverte mais com o seu cavalo de balanço e os seus soldados de chumbo quando se torna jovem, passado um tempo os prazeres da mesa deixam de satisfazer.

As pessoas gradualmente percebem que vivem num mundo de Luz e que são nutridas pela luz. Mais e mais, à medida que sua alma se desenvolve, eles entram e saem do Paraíso. Cansam-se dos velhos prazeres. O céu dos seus desejos não é mais o céu, pois elas o terem superado.

Eu ainda não superei o meu. Mas depois, para mim é a criação de uma bela casa para os outros, e um jardim ainda mais bonito. Eu não aperfeiçoei nenhum deles de forma alguma — longe disso — e você poderá chegar a saber o porquê quando ler as minhas cartas. O céu, conforme descrito por um judeu há muito tempo, foi ridicularizado por muita gente. Era uma cidade construída com pedras preciosas, em que ele passava a Maior parte do tempo a entoar hinos e salmos.

No século XX, não há muitos que acreditem que tal paraíso alguma vez tenha existido. Mas existiu, e ainda existe. Porquanto corresponde ao desejo do coração de alguns emigrantes da terra. Não é um paraíso ignóbil como o do General epicurista de que falei. O erro estava em acreditar que fosse o destino de todos. Convencidos de que estavam condenados a tal paraíso, milhões de devotos preferiram afastar completamente do pensamento a desagradável ideia de uma vida futura. A Vida Futura tornou-se um tabu enquanto tema de conversa. Foi um erro desses. Pois existem inúmeros céus, e é o tema de mais fácil conversa do mundo.

Não tenha medo da outra vida, especialmente se uma filha ou filho amado seu tiver sido morto nesta guerra. Pense no carácter dele, nos gostos e personalidade dele. E se ele tiver sido um menino comum, sem traços de carácter horríveis, se não tiver tido a alma deformada, você será capaz de imaginar (uma vez que ele tenha saído do Hades), com algum grau de precisão, a sua vida actual e a sua vida normal e condições afortunadas. Por favor, não imagine nem por um momento sequer que todos nós, gente comum, vivamos num país de deleite e gastemos o nosso tempo a satisfazer os nossos gostos e fantasias. Homens e mulheres destemidos, ou que possuem uma consciência desperta, chegam a considerar o seu paraíso como faziam com a sua casa de campo, ou Margate ou Brighton — um lugar para passar os fins de semana. É o seu refúgio de repouso e felicidade após um trabalho árduo e por vezes angustiante. Eles vêm a ele e voltam.

Particularmente na actualidade, homens e mulheres desencarnados recordam que o inferno reina na terra. Eles enfrentam dificuldades e até mesmo sofrimento, e voltam para as sombras para ajudar a libertar os seus companheiros moribundos dos seus corpos físicos, ou aguardam até mesmo na escuridão por viajantes atordoados ou solitários e, aquando estes se libertam da experiência de ferimentos e horrores, eles conduzem-nos para o mundo da Luz, ou encontram os amigos do seu círculo para eles.

A esperteza, a astúcia para ganhar mais dinheiro que os vizinhos, de nada serve aqui. A vida depende do estado de graça ou desgraça em que se encontrarem. A esperteza mesquinha, a falsidade, a astúcia e absorção egoísta, são obstáculos ao bem-estar e à verdadeira felicidade. O vosso entorno, o vosso ambiente, são criação directa de vós próprios e do vosso círculo íntimo. Escravos ou servos nada poderão fazer para lhes melhorar as coisas, por vós. Aprendemos aqui, muitas vezes com grande

dificuldade, o que fomos, na Maioria das vezes, incapazes de aprender na terra — que somos membros uns dos outros.

CAPÍTULO UM

1941

"A CURVA NO CAMINHO"

Primeiro preciso explicar que tem sido meu costume, por muitos anos, quando a Srta. Cummins estava na Irlanda, remeter-lhe cartas ocasionais endereçadas a diversos amigos ou parentes falecidos, a pedir-lhe, por meio da escrita automática dela, para entrar em contacto com eles e para obter respostas da sua parte. Esta prática foi adoptada nas comunicações que se seguem.

* * *

Quando a minha cunhada, Hilda, morreu repentinamente na sua casa no Sussex, em 16 de Julho de 1941, a Geraldine Cummins encontrava-se na sua casa na Irlanda. Ela não fazia ideia de que a morte da Hilda havia ocorrido. O facto de a sua irmã se ter juntado à família no Além foi-me transmitido de maneira velada por Muriel M. No final de outra comunicação ela escreveu:

"Diga apenas à Bea" (a mim) "por favor, que a Hilda está finalmente a repousar — que ela não deve preocupar-se. Está tudo bem com ela. Em breve ela irá desfrutar das suas flores de novo.

A Geraldine supos que essa observação inferisse que a Hilda tinha, até certo ponto, recuperado das preocupações e ansiedades decorrentes da morte do marido, que sucedera a 20 de Junho de 1941, após uma longa doença, e da partida do filho mais velho, Nigel, quatro dias depois, para o Médio Oriente. Mas para mim foi uma evidência conclusiva da chegada segura da minha cunhada ao outro mundo. Concluí acertadamente o motivo dessa observação obscura. A mente da Geraldine não estava preparada para o choque de receber tal notícia no estado psíquico em que ela entra para obter estes escritos. Ela era muito apegada à minha cunhada.

A 4 de Agosto de 1941, o Astor, dirigindo-se a Geraldine, explicou esse incidente. Astor é o controlador ou espírito-guia de Miss Cummins. Ele começa por escrever o sempre o nome dele e depois apresenta o comunicador que está a aguardar. Ele escreveu o seguinte:

> Eis que vem o Astor: Quero lhe dizer que, naquele primeiro escrito, quando lhe contei sobre o Arthur, a sua própria mente estava firmemente decidida contra a ideia da morte de Hilda. E isso por você a amar. A ideia, pois, da sua morte, que teria sido fácil de transmitir caso ela não passasse de um mero conhecido, foi inteiramente dolorosa para o seu subconsciente e, por conseguinte, inteiramente inaceitável. Com a minha ajuda, Muriel forçou-a no final da escrita — mas apenas na forma que o subconsciente aceitaria — uma que pudesse aplicar-se à vida terrena. Então, quando o seu subconsciente soube e precisou aceitá-lo, transmitiu medo a respeito à sua consciência, o que representou uma condição inadequada para a escrita. . . Tratou-se de uma situação psíquica de delicadeza, que teve de ser tratada com cuidado, pela reacção de tristeza e choque que lhe provocou.

Numa carta suplementar, Geraldine contou-me como eu lhe dera a impressão de que Hilda estava viva e de que se comportava com coragem — como de facto ela estava quando escrevi antes da sua morte. Ela acrescentou que tentou fazer com que Muriel ou "Govy" escrevessem de novo, mas que a escrita automática revelou que eles não puderam vir naquele momento.

Em resposta a uma carta minha endereçada à Muriel sobre a passagem de Hilda para a sua nova vida, Muriel escreveu que Govy estava a cuidar da sua filha, que estava a "descansar após a exaustão da sua vida na terra." Ela disse que, quando a Hilda despertasse, eles combinaram que Harold a iria "levar

até o jardim e suscitar-lhe as memórias joviais e terapêuticas de 1900." Como esse escrito foi publicado na íntegra em *They Survive*, basta apenas esboçar essa comunicação para dar continuidade a esta história. . .*

**(Nota do tradutor: A referida passagem, ou capítulo, é publicada no fim do capítulo.)*

Deve-se notar que a família M. era composta por jardineiros entusiastas. Falecido há alguns anos, "Govy" já tinha criado, segundo comunicações anteriores, uma réplica no Além do belo jardim que criara em Sussex, juntamente com a casa em que vivera. Portanto, quando ela deixou o corpo, Hilda foi levada primeiro para a casa da sua juventude.

O relato que se segue do despertar de Hilda no mundo além da morte foi escrito por Muriel em 4 de Agosto de 1941:

Muriel:

Querida Bea,

Precisamos ser muito carinhosos, muito cuidadosos com a Hilda. Ela estava tão cansada, tão esgotada. Ela havia sofrido tanta dor. Além disso carregava tal ansiedade com respeito ao Nigel e por viver para ele e querer estar com o seu filhinho.** Por causa disso ela não queria deixar a terra. Ela deveria ter passado para nós alguns meses antes da morte de Arthur. Foi a imensa força do amor que sentia pelo Nigel que a impediu de se escapulir para o nosso lado. Ela esteve até (no vosso tempo) algumas horas atrás, a descansar num sono profundo, sem sonhos do mal da terra. Ela teve apenas visões oníricas do seu jardim e das suas flores. Isso amenizou o momento abrupto que ela teve de enfrentar quando despertou e soube que estava separada do Nigel por mais que quilómetros de terra e mar. Ela aceitou muito bem o sucedido. Pois nós combinamos que Harold deveria estar ao lado dela tal como na juventude, antes que qualquer um dos problemas ou tristezas sucedesse. Então ele trouxe consigo a lembrança do momento mais feliz das suas vidas, quando estiveram juntos há muito tempo, antes do casamento dela.

*** O Michael, então com cinco anos, de quem ela era devota. Ele estava a residir na casa no momento da morte de Hilda.*

Tornou-se mais do que uma lembrança, ela viveu aquilo de novo. Devias ter ouvido as encantadoras felicitações, a excitação dela, a graça e provocação divertida. Vê bem, o Harold aprendeu a esquecer completamente dele próprio, para poder ser para ela exactamente como fora quando nos divertíamos e fazíamos festas alegres juntos em Londres. Lembras-te deles agora na velha casa onde tu frequentemente fazias parte da festa? Na hora de despertar, Hilda viveu aqueles dias maravilhosos. E lentamente observei a crisálida de tristeza, os medos, as decepções opressivas, as agonias da mente que nos últimos dias alimentara com respeito ao Nigel, desaparecer dela.

O envoltório trágico das tristezas, os momentos que ela suportou corajosamente com o Arthur; tudo isso se foi, e a deixou. E então a velha, adorável e jovem Hilda saiu das ruínas daquela crisálida. O Harold pegou-a pelo braço e ajudou-a a dar os primeiros passos vacilantes. Por alguns instantes permaneceu a recordação da dor aguda que tais movimentos muitas vezes lhe provocavam. Mas de repente ela percebeu que não tinha o quadril artrítico, que era jovem e forte. Então, de braços dados, ela e Harold andaram pelo jardim que havíamos preparado para ela. Ela soltou pequenos gritos de alegria quando, um a um, descobriu os seus tesouros — flores que não tinham brotado para ela, plantas que não tinham crescido e outras que ela sempre amara. Acho que tudo por que ela passou valeu a pena pelo êxtase que sentiu naquele primeiro passeio pelo nosso jardim.

Lá estava o Harold a tagarelar, o Govy a olhar, a sorrir ligeiramente, e eu a fechar a retaguarda — o Govy, é claro, a repreender-me por intervalos por isto e mais aquilo. As brincadeiras dele levaram a Hilda a rir como ela não ria há muitos anos.

Eventualmente, o Harold levou-a a repousar e, quando ela repousou, ele disse-lhe gradualmente e de forma bastante amável que ela estava o que se chama de "morta." Claro que durante um pouco Hilda ficou muito aflita. "O meu querido Nigel e o meu pobre Tony, o que irão eles fazer?" chorou ela. Passado um tempo ela ficou mais calma e o Harold enxugou-lhe as lágrimas. Ele levou-a então de volta para o jardim e ela está muito melhor consigo própria. O Govy está perto dela mas está demasiado absorto, muito comovido para vir escrever hoje. A juventude e força recém-descobertas, e em especial o Harold, farão com que tudo dê certo para ela. Juntos, somos mais para ela do que mesmo o Nigel. Portanto, não deves preocupar-te com ela, pois ela contornou a curva do caminho e finalmente está a alcançar aos bons dias.

O Arthur está com a mãe e está a ser mantido à distância da Hilda. Não sei quando terão permissão para se encontrar. Ele não seria bom para ela agora. Deves sentir-te feliz e não triste, Bea, por a Hilda ter vindo para nós. Não precisas mais ter medo ou ansiedade por ela. Nós a faremos feliz, e ela está em casa connosco agora.

Amor de todos nós,

Muriel

O TRECHO PUBLICADO NO *'ELES COBREVIVEM'*

TENENTE N.A. ST. G. GIBBES, DO VIII DOS HUSSARDOS

Este caso é de natureza extremamente pessoal e não foi senão após alguma hesitação que decidi discuti-lo neste livro. Inclui alguma evidência de precognição ou previsão de eventos. Submeti a prova de precognição à London Society of Psychical Research. Oportunamente, um relatório da previsão foi publicado no seu *Journal*, que é distribuído apenas aos membros. Este registo é reproduzido com permissão da Sociedade. Fiz algumas pequenas alterações e acrescentei um parágrafo. É seguido neste capítulo por algumas evidências interessantes sobre a sobrevivência.

Journal da Society for Psychical Research, Maio/Junho de 1942.

Os trechos do registo que se seguem, extraídos de uma longa série de comunicações foram fornecidos pela Srta. E. Beatrice Gibbes. Os extractos são selecionados, por referirem de forma precognitiva um único episódio, o ferimento e a recuperação do sobrinho da Srta. Gibbes; de que a sua falecida mãe é supostamente a comunicadora em escritos obtidos pela Srta. Geraldine Cummins, que estava na Irlanda à época. O falecido tio dele é o comunicador de duas mensagens anteriores, uma obtida pela Srta. Cummins e outra pela Sra. Taylor.

A senhorita Gibbes explica os nomes de família e as relações sobre as quais o leitor precisará ser informado, no primeiro parágrafo a seguir; e regista subsequente eventos datados que se explicam.

A minha cunhada, que faleceu em 16 de Julho de 1941, era devota dos seus dois filhos, e estes trechos concluem com uma carta de um deles, Nigel, a confirmar o que ela escreveu por intermédio de Geraldine Cummins. Peggy é a sua jovem esposa. Harold foi o irmão favorito da Hilda, que morreu há alguns anos. Nigel é o filho em questão, e Hilda é o nome da minha cunhada. (1) Surgiram outras profecias relacionadas com a morte de Hilda, dadas por vários médiuns há alguns anos, que se

tornaram realidade. O meu irmão Frank foi tio de Nigel. O que se segue foi a primeira sugestão do que veio a provar-se ser um exemplo interessante de previsão.

1 Este, o nome real, é impresso no lugar de um apelido de família nos escritos que se seguem, para simplificar.

A 31 de Outubro de 1941, ao escrever por intermédio da Geraldine, Harold comenta que a Hilda teve o que ele "só poderia chamar de pesadelo — a convicção de que algo ruim havia acontecido ao Nigel...."

A 7 de Novembro, ao escrever por intermédio da Geraldine, a Hilda comentou:

"Eles não param de me dizer que o Nigel está bem, mas eu tinha tanto receio com respeito a ele. . ."

(Este escrito foi recebido por mim a 13 de Novembro.)

No dia 14 de Novembro, para acalmá-la, enviei a Geraldine um telegrama a dizer:

"Por favor, tranquilize a Hilda imediatamente. O Nigel telegrafa todas as semanas a dizer que ele está bem....." (A Peggy escreveu a dizer que recebeu vários telegramas a dar conta de notícias nesse sentido.)

A 14 de Novembro, a Geraldine preparou-se para a escrita automática e, depois de ler em voz alta o meu telegrama, escreveu o seguinte trecho, supostamente proveniente da Hilda:

"Diga à Bea (2) que lhe estou muito grata pelo telegrama que enviou. Significa muito para mim que o Nigel esteja bem. Tive pesadelos com ele. Sonhei que ele estava ferido, que estava deitado num campo de batalha e a sofrer muita dor; que a Peggy disse que ele estava desaparecido, que perdera um braço ou uma perna. Mal consigo suportar pensar nisso e agora dizes-me que é tudo fantasia, que o meu querido está bem....."

2 Abreviação de Beatrice - nome pelo qual eu era conhecida na família. - E.B.G.

A 2 de Dezembro de 1941, Hilda supostamente escreveu as seguintes linhas, por intermédio da Geraldine.

"Hilda: Quer fazer o favor de dizer à Bea que eu estava acertada e ela cometeu um erro? - O meu pobre querido Ni, ele foi ferido ou eu estive a sonhar? Não. Não, foi real. Mas diga à Bea que fico feliz por ele, por não ter sido ou não ter parecido tão ruim quanto eu pensava. . ."

A 4 de Dezembro, a Peggy escreveu: "Acabei de receber este telegrama do Nigel: 'Ferido na perna, nada de grave. Agora no hospital da base. . .'"

Em 20 de Dezembro, a Peggy escreveu: "Recebi cartas do Nigel a dizer que ele quebrou a perna, rompeu o tímpano de um ouvido e passou por duas operações para remover estilhaços das pernas e que sofreu queimaduras no rosto. . ."

Pode-se observar que a Hilda parecia ter tido essa visão de Nigel em, ou, antes de 31 de Outubro de 1941. Que é novamente referido a 7 de Novembro. Em 14 de Novembro, o Harold escreveu a dizer que o Nigel estava caído num campo de batalha ferido na perna ou num braço. De acordo com os jornais e a carta de comprovação do Nigel, a campanha na Líbia começara a 18 de Novembro.

A 21 de Novembro, o Nigel foi ferido aparentemente nas seguintes circunstâncias:

Extracto de uma carta de Nigel recebida a 19 de Fevereiro de 1942.
(Escrito para a Srta. Gibbes do hospital e datado de 5 de Janeiro de 1942.)

"Acabei de receber os teus dois telegramas aéreos, datados de 5 e 11 de Dezembro. Muito obrigado, as informações recebidas da Mãe via Geraldine são muito interessantes. Acho que agora não pode haver nenhum mal em dar-te as informações e datas, já que foi há tanto tempo. Saímos de Metropolis e mudámo-nos para o deserto a 8 de Outubro. A batalha começou a 18 de Novembro e fui ferido a 21 de Novembro por volta das 5 horas da tarde. Fiquei deitado a noite toda perto do meu tanque, que estava em chamas, e fui recolhido por volta das 7 horas da manhã seguinte, 22 de Novembro. A minha perna foi operada num posto de curativo avançado na mesma noite e finalmente cheguei aqui por volta das 19h do dia 29 de Novembro. Fui operado pela segunda vez no dia 1 de Dezembro, quando retiraram um pedaço bastante grande de estilhaço da minha perna, e acho que essa é toda a história. Estou de novo a pé agora, mas o andar é lento e um tanto doloroso ainda, pois a ferida ainda não cicatrizou. . .

É interessante notar que, embora a Srta. Cummins estivesse sozinha e não tivesse tido uma sessão expressamente para ela, a Hilda escreveu com a mente aliviada, no dia seguinte à segunda operação do Nigel (1º de Dezembro). Ele estava aparentemente a progredir de modo satisfactorio. Também será de observar que a Hilda escreveu por meio de Geraldine dois dias antes da Peggy ou de qualquer outra pessoa na Inglaterra receber a informação de que Nigel tinha sido ferido. Além disso, ela declarou um facto que contraria as informações que eu lhe havia enviado. Até onde eu sei, não havia dúvida de que o Nigel havia sido dado como desaparecido.

Em Março de 1940, numa sessão com a Sra. Taylor na London Spiritualist Alliance, o meu irmão Frank indicou que iriamos passar um período de ansiedade com respeito ao Nigel, mas que ele iria voltar. Aliás, a Sra. Taylor também disse que a mãe do Nigel teria falecido antes de ele regressar.

A 17 de Maio de 1940, escrevendo por intermédio da Geraldine Cummins, o meu irmão Frank disse: . . . "Vamos sofrer grandes perdas na vida. Acho que o Nigel está ferido, mas ele recupera. . .

Agora dou conta de como a notícia da morte da Hilda foi escrita por Geraldine Cummins na Irlanda, quando ela nada sabia que ela havia ocorrido na Inglaterra. (1) O meu irmão Arthur falecera em Junho de 1941, a a esposa dele, Hilda, faleceu repentinamente quatro semanas depois. Nigel, o filho mais velho, partiu para o Médio Oriente quatro dias após a morte do pai e não pôde comparecer ao funeral nem ver a mãe de novo após a recente licença para embarque. De modo que a minha cunhada, de certa forma, perdeu os dois em poucos dias de diferença um do outro. Numa carta endereçada à Geraldine, eu tinha-lhe contado sobre a morte do Arthur, que era inevitável e que todos nós havíamos antecipado. Expliquei que a Hilda tinha sido maravilhosamente valente e corajosa em meio a toda aquela preocupação e ansiedade, além da própria dor praticamente incessante - ela sofria, entre outras coisas, de artrite havia vários anos. Quando a Hilda morreu, não informei a Geraldine do facto, apenas lhe pedi que entrasse em contacto com o meu irmão Frank, falecido em 1932, ou com o pai da Hilda, apelidado de "Govy" pela família, ou com a irmã mais nova dela, a Muriel. Esta última falecera vítima da gripe no outono de 1918. O pai falecera antes, durante a última guerra.

De tempos a tempos eu recebia comunicações de todos eles. Na minha carta, eu apenas disse:
"Como não tive notícias ultimamente, gostaria de saber como eles têm passado."

1 Como as minhas notas enviadas ao Editor da Revista S.P.R. foram redigidas de forma bastante apressada e empreguei nomes Cristãos, continuo ao longo deste escrito, da mesma maneira um tanto íntima.

Extracto da carta de Geraldine Cummins, datada de 22 de Julho de 1941.

(Será de lembrar que a Hilda faleceu no dia 16. As cartas remetidas de, e para a Irlanda, demoravam de oito a dez dias em cada um dos sentidos.)

"Acabei de receber a sua carta no segundo correio. Vou dedicar a manhã de amanhã a uma sessão. . . Fiquei muito feliz por saber que a Hilda tem passado bem. . . Espero que ela continue bem."

(Referindo-se, é claro, à minha carta anterior.)

A 23 de Julho, o meu irmão Frank, relatou através da escrita automática, como havia visto o meu irmão Arthur. Isso foi seguido por mais detalhes do pai da Hilda e algumas linhas da Muriel, tudo sobre o mesmo assunto, a garantir-me que o Arthur estava com eles e que passava muito bem.

Fiquei extremamente surpreendida e nem um pouco preocupada ou chateada ao receber estes escritos cerca de oito dias depois, pois em nenhum deles a Hilda foi mencionada. No entanto, o mistério foi resolvido com a chegada de outra carta de Geraldine a dizer que ela havia omitido, com a carta anterior, algumas linhas de escrita da Muriel que foram dadas depois que as outras três comunicações tinham sido feitas. Depois de as completar, a Geraldine aparentemente achou que deveria escrever de novo, e as seguintes linhas foram inscritas noutra folha de papel:

Astor: A Muriel quer dizer algo mais.

Muriel: Diga apenas à Bea, se faz favor, que a Hilda está finalmente a repousar, e que não deve preocupar-se com ela. Está tudo bem com ela. Ela vai, em breve, desfrutar das suas flores.

Isso deu-me a pista. Tornou-se óbvio para mim que o comunicador só poderia transmitir com essas palavras o facto de que a Hilda estava com eles. Estava claro que a Geraldine acreditara inteiramente no comentário, que constava nas minhas cartas anteriores, de que a Hilda estava bem, apesar da perda do marido e da partida do filho mais velho. Assim, a declaração da sua morte teria encontrado uma barreira quase intransponível na mente da médium, e só poderia ser expressa dessa forma indirecta. O Astor explicou espontaneamente mais tarde que, de uma maneira remota, a Geraldine gostava muito da minha cunhada, e se tivessem forçado a notícia à mente dela na época, o choque teria sido tão grande que a teria perturbado seriamente, estando como estava então, na condição sensitiva necessária para as comunicações psíquicas.

Extracto da carta de Geraldine Cummins, datada de 28 de Julho de 1941 (depois de explicar como ela havia extraviado a página que faltava, ela escreveu):

Diga-me se será correcto, se ela realmente consegue repousar. . . É uma ótima notícia que ela esteja a aguentar tão bem quanto você disse na sua última carta (escrita antes da morte de Hilda). Espero que durante o verão a Hilda apanhe e aprecie bastante as suas flores. . . De qualquer forma, é um grande conforto para mim saber que ela passa bem. . . Por favor, Deus, ela ainda vai ser poupada por algum tempo ainda e vai ter o Nigel de volta mais tarde.

Cito esses trechos para mostrar como a Geraldine havia interpretado mal as últimas linhas da escrita da Muriel. Posteriormente, a 3 de Agosto, escrevi à Muriel por meio de Geraldine, a perguntar se ela

poderia dar-me detalhes sobre o falecimento da minha cunhada; dizendo que gostaria de saber sobre os últimos dias da Hilda e como ela saiu daqui. Na verdade, queria saber "o que acontecera." Eu mal havia escrito a contar à Geraldine de forma resumida e ligeira sobre o que havia acontecido. Não lhe dei detalhes sobre as circunstâncias da morte da Hilda. Toda a correspondência acima é, necessariamente, abreviada. Mas agora apresento um escrito inteiro.

A 9 de Agosto de 1941, a Geraldine escreveu:

O Astor está aqui. Sim, já perguntei à Muriel sobre os últimos dias da Hilda. Parece ter havido uma grande ansiedade com relação ao filho mais velho - um grande receio de que ele estivesse a sofrer em meio à violência, ou mesmo morto. Não consigo que o Govy venha falar, pois ele está a dedicar-se por inteiro ao trabalho curativo da delicada psique da Hilda. Ele está a usar todos os seus poderes para eliminar o terror pela dor do filho dela. Está de vigia lá como um demónio de assombração. Assim permanece a vigiá-la. E durante os longos períodos de descanso para ela, ele concentra-se nisso, impedindo que isso entre novamente na alma dela. Pois, se o fizesse, seria difícil desalojá-lo.

Da Muriel para a Bea: "*Minha querida, queres que eu te fale sobre os últimos dias da Hilda. Eu estive atenta a todas as oportunidades de estar com ela e perto dela. O Govy ausentou-se para o trabalho na luta contra o gigantesco mal que afluía à terra e ainda a deixa obcecada, mas com menos força do que na primeira metade do passado mês.*

"Vi a Hilda a tentar seguir em frente após a morte do Arthur, a escrever cartas, e a cansar ainda mais o cérebro fatigado. Depois, foi acometida de repente por uma grande perturbação mental. Eu senti como se tudo tivesse ficado negro ao seu redor. Pude ver a Bea com uma cara trágica. Era uma cara de perda, como se ela tivesse tido conhecimento de algo muito ruim. Ela e a Hilda estavam juntas. Era tudo uma confusão de imagens em mudança que iam e vinham. Era difícil entender o seu significado. Concluí que tinham ouvido dizer que o Nigel estava em combate ou em alguma situação de violência em que se tenham dado explosões. Um pouco antes disso, eu tinha-o visto bem, embora muito triste com o pai, mas preparado com coragem imprudente para enfrentar o próprio futuro."

"Então eu assisti a um verdadeiro pavor na mente da Hilda com respeito ao Nigel, como se ela tivesse tido conhecimento de algo muito sério sobre ele. Então eu deixei-a e tentei penetrar nas brumas e alcançar aquele mar quente e azul onde eu vira o Nigel pela última vez. Mas não consegui alcançá-lo. Era como se o barulho, o trovão e o barulho naquela parte impossibilitassem qualquer conexão com ele, qualquer penetração junto dele."

"Lutei para voltar para a Hilda e percebi que a Bea estava com ela e que aquele era o pior momento de todos na vida da Hilda — houve um súbito aperto no coração, um terror atróz, e então pude perceber o sangue a correr-lhe pelas veias quebradiças até à cabeça. Tive consciência dela sentir uma dor violenta na cabeça. Então cessou e tudo ficou escuro para ela. Eu podia sentir rigidez, rigidez corporal, principalmente no lado esquerdo. Parecia frio, muito frio. Mas a mente da Hilda lutava a tentar romper a escuridão, a tentar mover o que não podia ser movido; tentava falar e não conseguia falar. Havia figuras ao redor ela, sussurros, uma mulher baixa e forte presente. A Bea de novo. Uma jovem que parecia ser igualmente prestativa, a pensar e a agir rápido. Depois um homem de meia-idade; acho que era o médico.

Sobre o que aconteceu, só posso dizer que, se a Hilda não recebeu más notícias sobre o Nigel, ela evocou na sua mente algum pesadelo de horror relativo a ele em que eu vi igualmente que e a Bea se encontrava por perto. Era como se tivesse sucedido um problema atrás doutro e essa tivesse sido a gota d'água. De qualquer forma, o horror destroçou a Hilda. O corpo dela oi arrasado, provavelmente

por um derrame, pois houve um rebentamento das veias e houve uma paragem cardíaca, mais tarde — creio eu.

Eu não queria falar sobre isto, mas tu insististe que eu contasse o que vi, de modo que estou apenas a transmitir as impressões com que fiquei. Elas podem ter sido forçadas, distorcidas, pois tu deves saber que as coisas estão muito ruins psiquicamente na Terra. Tremendas forças do mal foram mobilizadas das profundezas pela alma negra do povo Alemão e por parte do homem que convocou o princípio do mal, o pai da mentira, e estabeleceu o seu pacto com esse povo. Quase toda a nossa geração e a geração anterior estiveram envolvidas de alguma forma neste conflito. De momento é um pouco mais fácil, mas nas primeiras semanas, quando o leste da Europa irrompeu em chamas, a atmosfera em que entramos ao redor da Terra era um caos. (1) É bem diferente dos dias de paz, em que podíamos ircircularcom facilidade.

Lamento não poder contar mais agora, sinto a mão a afrouxar. O meu amor para a Bea. Diga a ela para não se preocupar, pois Govy está a observar fielmente a Hilda e esperamos que o Harold, quando ela acordar de novo, seja capaz de levá-la ao jardim e suscitar-lhe as memórias juvenis e curativas de 1900.

Sua sempre,
MURIEL

1 "O leste da Europa irrompeu em chamas." A Alemanha atacou a Rússia no Domingo 22 de Junho de 1941. A.M.G. (Arthur) faleceu a 20 de Junho de 1941. H.L.G. (Hilda) faleceu a 16 de Julho de 1941.

P.S. — A Ruth não pôde ficar com a Hilda por ela estar a lutando para ficar perto de Eric e dos seus próprios filhos - isso é o que é tão difícil, ficar perto deles neste momento. (1)

Na segunda-feira, 11 de Agosto de 1941, em resposta a outra carta minha, foi feita a seguinte comunicação:

Astor está aqui. Sim, posso chamar o Govy agora.

Govy: Perguntas sobre os últimos dias da minha Hilda. O falecimento dela foi tranquilo e rápido. (A Geraldine referiu-se à morte da Hilda e atribuiu-a a algum infortúnio ocorrido com o Nigel.)

Não, se a Muriel te disse isso, ela está errada. Mas vejo onde foi que o erro ocorreu. A Hilda não recebeu más notícias sobre o Nigel. Mas ela imaginou que estava a chegar. Ela ouviu na mente dela todos os ruídos horríveis de guerra ao redor ele, o ruído, o barulho, as explosões. A Muriel provavelmente viu essas imagens sombrias que, por terem sido imaginadas pela Hilda antes da sua morte, eram reais, nítidas e definidas, moldadas pelo medo, e essas a Muriel viu e contou-te a respeito.

Dos dois meninos, o Tony é o mais atingido. Ele precisa mais de conforto. Mas ele vai superar isso em pouco tempo. A minha Hilda ficou exausta com a tensão da doença do marido e a separação do Nigel. Assim, ela deixou o corpo sem grande dor nem esforço. Está tudo bem com a minha filha. Não te preocupes com ela. Vamos curá-la da doença e da tristeza rapidamente. A sua mão hoje é chumbo, não posso continuar a escrever. (A Geraldine estava terrivelmente sobrecarregada, apressada e preocupada naquele momento.)

Naquela altura, o Nigel estava estava em segurança e ainda não tinha visto nenhum combate - tinha experimentado apenas a longa viagem marítima através do Cabo para o Egipto. Torna-se-me evidente que, conforme o "Govy" explicou, a Muriel captou as minhas ideias e os receios da Hilda com respeito

ao Nigel após a sua partida para o Médio Oriente. Lembro-me bem de como, certa vez, quando os dias se passavam e, é claro, nenhuma palavra dele chegava até nós, tentei animá-la com alguma observação sobre a segurança em que ele se encontraria: que provavelmente estava a divertir-se no mar. Ela respondeu: "Sim, mas ele pode ser torpedeado." Durante todas aquelas quatro semanas, ela deve ter sofrido uma verdadeira agonia mental, embora falasse pouco sobre isso e sempre se esforçasse por estar alegre. Mas sei que a perda do marido e a partida do filho mais velho, quatro dias depois, quase lhe destroçaram o coração.

1 Ruth é uma irmã mais velha que falecera em 1933. Eric é o marido dela, ainda vivo.

A primeira parte da comunicação de Muriel de 9 de Agosto refere-se às duas ou três semanas anteriores à morte da Hilda, quando ela teve inúmeras cartas a escrever e tinha o cérebro estava inteiramente fatigado. Mas não consigo situar a primeira descrição feita de quando a Hilda e eu estivemos juntas. Isto pode ser confundido com o que aconteceu mais tarde à Hilda e deve-se "às imagens cambiáveis que iam e vinham."

A descrição que a Muriel fez da morte da Hilda é notavelmente precisa. A Hilda, conforme descrito, de repente reclamou de uma dor violenta de cabeça; ficou inconsciente quase imediatamente e morreu três horas depois. Foi incapaz de se mover durante essas últimas horas. O sangue ter-lhe-á subido à cabeça conforme descrito no escrito. Também terá sido correcto, segundo creio, que o lado esquerdo tenha sido o mais afectado. A companheira dela - a velha governanta dos meninos — Mademoiselle, é "de baixa estatura e corpulenta." Ela e eu, conforme indicado, estivemos com a Hilda enquanto ela esteve inconsciente.

A nora dela, Peggy, esposa do Nigel, chegou por volta da uma da tarde, tendo estado no bosque a manhã toda, e mostrou-se "prestativa," e pensou e agiu rapidamente, conforme declarado. Ela imediatamente se meteu no carro para ir chamar um médico na cidade mais próxima. Ele era *"de meia-idade"* (o próprio médico da minha cunhada estava ausente e não foi possível localizá-lo imediatamente por telefone). Quando a morte chegou, foi devido a uma súbita "insuficiência cardíaca."

Deve ser recordado que a Geraldine ignorava completamente as circunstâncias do falecimento da minha cunhada. Poderão ter estado dois ou três médicos, uma enfermeira do hospital e outros presentes, incluindo o segundo filho que estava na Inglaterra na época. No entanto, ninguém foi mencionado no escrito, excepto aqueles que estavam com a Hilda no momento da morte.

* * *

Devo agora marrar a trágica sequela da reportagem publicada no *Journal of the Society of Psychical Research* citada atrás.

Durante a primavera de 1942, sofri um ataque de gripe com complicações que me deixaram um tanto abatida durante algum tempo. Geraldine Cummins veio da Irlanda e alojou-se em minha casa em Londres durante cerca de dez dias. Enquanto estava sentada ao lado da minha cama, ela obteve escrita automática endereçada a mim em três ocasiões (26 de Maio, 1 e 4 de Junho de 1942). Eu mantive contacto com a Hilda durante todo o inverno e a primavera por meio desse método de enviar cartas ocasionais à Geraldine, que ela colocava sobre a mesa e, quando os vários comunicadores anunciavam a sua presença por escrito, as lia em voz alta para eles. (Como alternativa, os comunicadores por vezes usam os olhos dela e lêem as cartas por intermédio dela.)

A 26 de Maio de 1942, Hilda tagarelava no seu costumeiro modo comprobatório e jovial, falava dos filhos e zombava de mim, mas não demonstrava nenhuma ansiedade especial em relação ao Nigel.

A 1 de Junho de 1942, após uma outra conversa, ela repentinamente escreveu:

Eu estive no meu jardim e realmente tive algumas lindas rosas feitas pelas minhas próprias mãos. Fiquei tão contente que ia escolher uma vermelho para o Tony, uma creme para o Nigel, quando veio uma nuvem de fumo e o ruído de armas de fogo e vi aqueles tanques horríveis a disparar por aquele canto do meu novo jardim. De um deles Ni pareceu tão branco, tão exausto e aparecia no seu uniforme de batalha. Eu senti uma grande dor na minha cabeça tão quente e sufocante. Havia nuvens de poeira ao nosso redor. Tentei alcançar o Ni entre aqueles monstros terríveis e soube que a minha dor de cabeça era a dor de cabeça dele e o meu cheque se devia a que ele não conseguisse respirar direito. Assim que cheguei ao lado do tanque dele e os meus braços se estenderam para o meu querido, deu-se uma explosão. Não vi mais nada. Encontrei-me de volta entre as rosas, com as abelhas a zumbir entre elas e mais nenhum ruído. Importas-te que eu te diga isto, Bea querida? Eles por aqui não entendem. Eles estão distantes de tudo isso. Mas tu e eu passamos por um bom bocado disso, pelo que sabes o que eu sinto. O meu Ni está correrá grande perigo?

Estas observações chocaram-me consideravelmente, pois a visão anterior que tinha tido do ferimento de Nigel havia sido muito precisa. Mas, esperando que esta segunda visão se devesse a algum truque da sua imaginação, tentei consolá-la dizendo que talvez ela tivesse captado da terra os pensamentos de outras pessoas e os tivesse confundido com os seus. Por fim, consegui tranqüilizá-la dizendo que, pelo que sabíamos, o regimento de Nigel poderia estar a alguma distância da frente de conbate, no Cáucaso, ou à espera em algum lugar seguro para apoiar a Rússia via Pérsia mais tarde. Eu sabia que não era assim. Mas enquanto Hilda estava na terra eu tinha-me tanta vez esforçado (com outros) para lhe acalmar os receios por tantas maneiras, que me senti justificada em fazer o mesmo neste caso. Parecia-me estranho que aqueles com quem ela estava agora não pudessem ajudá-la na sua ansiedade. No entanto, eles explicaram mais tarde que, devido ao estado de espírito preocupado e conturbado em que ela havia deixado esta terra, muito cuidado ainda era necessário para não prejudicar a delicada "psique" que agora se tornara o seu corpo. Assim ela era mantida em grande parte na ignorância em relação aos acontecimentos da Terra.

A 4 de Junho de 1942, Hilda relatou algumas das experiências por que passara no "Além" e de repente ela acrescentou:

"O Govy tem-me ensinado coisas. Eu não deveria mais ter receio, quero dizer, com respeito ao Nigel, e é estranho, sinto-me muito calma e feliz, como se ele estivesse a salvo de uma dor real." A seguir, ela brincou com o seu jeito espirituoso e característico e nada mais foi dito sobre a preocupação que sentia com relação ao Nigel. A Geraldine voltou para a Irlanda no dia seguinte *(5 de Junho).*

Na tarde de terça-feira, 9 de Junho de 1942, a mãe da Peggy telefonou e disse-me que naquele dia eles haviam recebido informações do Ministério da Guerra de que Nigel havia sido abatido - morrera devido a ferimentos que sofrera - em 21 de Maio. Parecia incrível. A confirmação posterior dos eventos descritos no escrito do 1º de Junho veio do grande amigo do Nigel; quem foi capaz de chegar até ele pouco antes de morrer, a quem ele reconheceu e com quem ele conseguiu falar. À excepção de um outro ferido ligeiro, Nigel foi o único ferido por um golpe directo na lateral do seu tanque. Ele viveu por duas ou três horas antes de passar para se juntar aos pais que haviam partido antes dele dez e onze meses antes, respectivamente.

Será de observar que a Hilda não mencionou nada de trágico na sessão de 26 de Maio, um dia antes da morte do Nigel. A 1 de Junho, ela estava terrivelmente perturbada com o que havia experimentado. A 4 de Junho, ela disse que se sentia calma e feliz com repeito a ele "como se ele estivesse a salvo de uma dor real." Ela aparentemente não conheceu o verdadeiro motivo disso na época. Admitindo a

sobrevivência, condições que terão cercado o Nigel imediatamente após a morte no campo de batalha, sem dúvida terão tornado impossível um encontro entre eles.

Neste caso, foram descritas umas circunstâncias de morte que eram desconhecidas na altura de qualquer amigo ou conhecido da automatista. Eles poderiam ser conhecidas apenas daqueles que as haviam testemunhado na distante Líbia. Terá, pois, a senhorita Cummins recebido telepaticamente do pensamento de estranhos essa vívida descrição de eventos que aparentemente ocorreram? Parece mais fácil acreditar que essa mãe devotada foi atraída, por meio do seu amor, para estar com o filho naquele último momento crítico da sua vida. Possivelmente algum pensamento meio inconsciente terá emanado dele em direcção a ela e assim ela terá tido uma visão momentânea do Nigel e experimentado alguns dos seus sofrimentos finais. Ele era devotado à mãe. (1)

Há mais material de interesse considerável nesta série de escritos automaticos. Mas, devido a limitações de espaço, apenas um extracto adicional dos escritos desses comunicadores é registado. A previsão da morte de Nigel é novamente indicada. Quando ela estava na terra, Hilda criou um lindo jardim que era de grande interesse para ela.

1 Depois que este livro foi datilografado, aconteceu de eu ler alguns dos primeiros escritos de transe supostamente vindos da minha irmã mais velha. Em um deles, escrevendo por meio de Geraldine ela disse; que ela "queria falar sobre o Nigel," que "ela ficara surpreendida quando ele saiu de repente da névoa que sempre encontramos sobre a terra." Nigel tinha vindo ver-me um dia antes de ela escrever e a Geraldine estava presente. Ele estava então com 15 anos. Pedi à minha irmã para explicar como foi que ela viu o Nigel. Ela respondeu: "Foi algo nele que me levou a vê-lo. Acho que ele tinha um tipo de poder que ajudou a atrair-me para ele e a limpar a névoa. Não o poder comum, mas eu acho, por ele ser um Gibbes. . ." Isso parece confirmar a minha sugestão sobre Hilda ser atraída por Nigel, conforme descrito acima.

A 25 de Janeiro de 1942, quatro meses antes da morte de Nigel, escrevendo sozinha na Irlanda, Geraldine enviou-me uma comunicação do Harold, irmão da Hilda. Começou com estas palavras:

"Temos feito um estudo exaustivo das azáleas. A Hilda agora imagina que Nigel voltará para casa em Maio, pelo que comecei a ensinar-lhe o nosso método de jardinagem. . ."

Seguiu-se um relato desse processo no seu mundo. Depois ele prosseguiu:

"Ela adoptou a ideia de pintar um quadro das azáleas de Wickenden aqui, para estar pronto nojardim dela por altura da volta de Nigel. . . A Hilda imagina, aliás, que ele voltará para Wickenden em Maio, pelo que ela está determinada a ver aqui o que ele está a ver - as azáleas. . ."

Na época, não dei a entender o que poderia acontecer, embora a esposa do meu irmão Frank me tenha chamado a atenção para isso quando lho li algum tempo depois. Mas como o Nigel havia sido ferido recentemente, concluí que a Hilda quisera dizer que achava que ele seria mandado para casa em Wickenden — a sua casa no Sussex; de facto, a última observação indicou isso. Pela primeira frase citada acima, parece que Harold estava a par da verdade e alterara as palavras para não me preocupar. Pois os chamados mortos parecem ainda simpatizar muito com os nossos cuidados e sentimentos terrenos. Estando naquela época muito ocupado com o trabalho de guerra, não examinei cuidadosamente esses escritos nem lhes dei a atenção que deveria ter dado. Agora vejo o que foi indicado.

Em conclusão, é necessário fazer alguns comentários sobre as observações sobre previsões feitas pela Sra. Taylor, supostamente provenientes do meu irmão Frank, publicadas no S.P.R. Journal e

delineadas anteriormente neste caso. Deve-se notar que foi dito que Nigel voltaria. Nisso, a Sra. Taylor (ou o comunicador) estava errado, embora tenha sido correctamente insinuado que a mãe do Nigel teria falecido antes de ele retornar. Isso pode ter sido uma indicação de que ela logo faleceria. Ao escrever directamente para a Geraldine Cummins, pode-se observar que o meu irmão Frank se limita a dizer: "Acho que o Nigel está ferido, mas ele recupera."

Obviamente, ele referia-se à primeira vez que o sobrinho fora ferido. Talvez ele não tenha visto mais, ou, se o fez, não tenha desejado transmitir o que previu.

A confusão na sessão da Sr. Taylor pode ter ficado a dever-se a uma má interpretação por parte do controlador. Por outro lado, omeu irmão Frank, por meio da Sra. Taylor, deu detalhes precisos sobre a morte da minha cunhada, entre os quais, que ela passaria em "sono profundo" no verão. A Sra. Taylor também insinuou que a vida de Nigel estava a ser "talhada. . . há alteração e mudança" "para o interessado em planos."

Os leitores que julgam que o registo acima talvez represente certas condições no Além, poderão ficar satisfeitos em saber que, embora a Hilda tenha escrito com frequência sobre a felicidade que vivera antes da morte do Nigel, o deleite que sente por não estar mais separada dele é ilimitado. Eles estão juntos. E o que era para nós uma tragédia terminou de modo tão perfeito em alegria suprema naquela outra vida.

Não excluí desses escritos alguns pequenos toques pessoais. É minha esperança que, neste registo humano e trágico, os que sofrem com as perdas recentes possam extrair dele a crença de que há uma vida por vir e que, como parece óbvio, a morte não nos altera.

CAPÍTULO DOIS

1941

"RISO NO CÉU"

Ciente do estado de espírito perturbado com que Hilda falecera, evitei durante algum tempo escrever-lhe directamente por intermédio de Geraldine Cummins. Eu não queria lembrar-lhe com demasiada vivacidade as suas últimas semanas na terra, que o contacto comigo inevitavelmente recordaria. Achei melhor deixá-la entregue à felicidade, confiante de que aqueles por quem ela agora estava cercada a manteriam entretida e satisfeita. Eu estava certa nas minhas conjecturas, mas errada em não querer entrar em contacto antes por Geraldine Cummins. Como este capítulo mostra, Hilda estava ansiosa por obter notícias dos seus dois filhos. Pelas cartas dela, parece que a família dela evitava as perguntas com respeito a eles que lhes dirigia, sabendo talvez que Nigel seria ferido e que esse facto a perturbaria. Poderá parecer estranho a alguns leitores que assim seja, mas todos aqueles que passam obviamente variam na sua composição mental. O delicado estado da "psique" de Hilda exigia cautela no trato. Os escritos que se seguem indicam isso.

Em face das comunicações que se seguiram, devo mencionar que nos escritos de Geraldine Cummins alguns anos antes da morte de Hilda, afirmara-se que ela e Harold haviam sido extremamente felizes em uma vida vivida juntos no Egipto muitos séculos atrás. Se essa afirmação for aceite, poderá explicar o amor extremo que Hilda sentia por aquele país, tantas vezes demonstrado por ela na terra.

Geraldine andara muito apressada com muito trabalho e a prestar assistência às necessidades de uma mãe inválida antes e depois da morte de Hilda. Eu tinha ficado em Wickenden (a casa de Hilda em Sussex) durante o mês de Agosto. No entanto, a 4 de Setembro de 1941, Geraldine recebeu a seguinte comunicação:

Astor está aqui. (Geraldine perguntou por Muriel.)

Sim, vou chamá-la.

Muriel: Meu posso escrever à Bea? Obrigado.

Minha querida.

As notícias em geral são boas. Vais ficar surpreendido ao saberes que Harold fez maravilhas. Recorda-lo tão deprimido que poderia imaginar que ele fosse a pior pessoa de todas para a Hilda. Mas é antes ao contrário. Ele vê-se nela, a mesma forma de se preocupar, excepto o pior, de modo que ele sabe como curá-lo agora. Ele é muito mais compreensivo do que Govy, e Ruth não consegue ficar muito com a Hilda, por estar ocupada com a própria família, a olhar e a cuidar deles.

Claro que, como poderás imaginar, Hilda estava preocupada com os meninos — até mesmo o lindo jardim que fizemos para ela, após o júbilo inicial e admiração, afastou-lhe os medos e pensamentos neles. Então Harold veio até ela e disse que devia entregar-se à misericórdia dela. Ele queria um lugar que fosse só dele. Eu estava muito ocupada com o Govy. Ele disse que estava sozinho e que precisava muito de ajuda, que ele estava sem ideias e que ela tinha muitas ideias e deveria começar a trabalhar imediatamente a planear uma casa e um jardim perto de um grande rio. Ele próprio poderia cuidar de uma casa e jardim Ingleses, pois tinha todas as suas memórias em que trabalhar. Mas faltava-lhe aquilo que ela tinha — as lembranças vívidas com as quais ela agora está em contacto da sua longa vida perdida no Egipto.

Sabes, de todas as vidas que ela teve na terra, aquela foi a mais maravilhosa — aquela em que ela teve as Maiores alegrias e prazeres. Assim Harold ensinou-lhe a entrar em contacto com aquela vida antiga e vívida. Gradualmente, as memórias imersas na noite daquele passado distante foram-se acendendo para ela. Mas ela teve que fazer um esforço por se concentrar, e isso distraiu-a por completo do Nigel e do Tony. Então a surpresa, as descobertas surpreendentes de uma cena após a outra, de um tesouro após o outro, no antigo Egipto, tornaram-se absorventes.

O vosso mundo triste e brutal de 1941 foi obliterado para ela por esse mundo antigo, tão remoto, tão diferente. Havia cura para ela naquele brilho do sol Egípcio, nas flores da senhora dos jardins do Egipto, nas maravilhas do palácio e do Grande Rio. Ela regressa desse mundo-memória alegre cheia de alegria. Ela tem muito a contar, a explicar ao Harold. E depois ela ensina-o como se ele fosse um garotinho, e mostra-lhe como ele pode reconstruir aqui aquelas grandezas do Egipto, aquela beleza que para ela tem associações tão profundas e felizes, por pertencer à melhor parte da sua história terrena.

O resultado é que ela não costuma ser puxada de volta para o clima sombrio de ansiedade pelos filhos. Não penses que Hilda esteja numa espécie de coma, a dormir o todo tempo. Isso é impossível com o espírito ágil e vivo que ela tem, e mais os intensos sentimentos. Mas, de momento, Harold e o antigo Egipto estão a dar-lhe a beleza e a felicidade de que ela tanto precisa para receber nela o espírito da juventude e da alegria. O Arthur claro, não está com ela. Ela não está preparada para o ver. Ele haveria de lhe recordar os dias sombrios de sofrimento e, assim,

involuntariamente, atraí-la para o nível da terra e a sua escuridão. Um dia destes, quando a psique dela estiver mais forte, ela poderá fazer a viagem de volta para ver os seus entes queridos. Enquanto isso, podes ficar perfeitamente satisfeita com ela.

Com amor, da

Muriel

Respondi à Muriel por meio da Geraldine, a pedir-lhe, se ela achasse desejável, que passasse alguns detalhes alegres e encorajadores, que enumerei, a respeito do Nigel e do Tony.

Em 18 de Setembro de 1941, Muriel respondeu o seguinte:

Astor está aqui. Sim, direi à Muriel que tem uma carta a ler-lhe.

Muriel:

Por favor, dê-me quaisquer notícias. Mas, antes de mais, quero que a Bea saiba que houve um encontro entre o Arthur e a Hilda. Quando a velha e estranha vida Egípcia lhe acorreu à alma e a fortaleceu e refrescou com o seu poder de cura, ela sentiu que não a incomodaria muito despertar memórias terrenas recentes para ela ao ver aquela que as havia partilhado com ela. Além disso, ela havia perguntado pelo Arthur. Então a tua mãe trouxe-o a nós, com o Frank, é claro.

Sabes, o Frank tem sido muito bom para o Arthur. Ele pô-lo no seu próprio lugar. "Bem" - algo, que ele convocou — tirou-lhe todo o medo do desconhecido e fez com que tudo parecesse natural para ele. Mas ele estava continuamente a perguntar pela Hilda, mesmo quando Frank o levou ao que é chamado de "o Paraíso dos Pescadores" aqui — um Rio Dee que perfaz o sonho de todo o pescador. Recém-saído desse lugar, Arthur estava no seu melhor e mais brilhante *eu* quando conheceu a Hilda. Assim, a reunião trouxe de volta para eles dias mais felizes, quando andavam juntos. E a Hilda, ao ouvir da expedição que fez com o Frank e do sucesso que teve no nosso Rio Dee, troçou dele, e recordou-lhe uma infeliz expedição que fizeram à Noruega, quando ele não pescou nenhum peixe, e caçoou dele sobre o fracasso que teve como pescador na época. Eles estavam tão alegres juntos, a Hilda toda efervescente. Não se deve permitir que o Arthur fique muito convencido só porque pescou um salmão prodigioso! Estávamos ansiosos com esse encontro, mas deu tudo certo e no final eles puderam conversar sobre os meninos, e Arthur realmente tentou confortar Hilda com respeito ao Nigel. Mas fico feliz por teres esta mensagem para ela, porque, é claro, o medo está sempre persente no espírito dela à espreita das dificuldades e sofrimento, choque e, pior ainda, ferimentos que possam incapacitá-lo para sempre.

(A esta altura a Gareraldine leu a minha carta)

A Muriel prosseguiu:

Ah, isso é tudo o que a Hilda tanto quer saber. Ela confia em mim, sabe que lhe vou contar a verdade, pois prometi-lhe, quando ela falou sobre o Tony, que tentaria descobrir a respeito dele.

Aqui está um exemplo de uma comunicadora que nunca tinha visto na terra uma casa chamada "Wellsyke," que não conseguia recordar o seu nome completo quando dado a ela por outro no Além. No entanto, o subconsciente de Geraldine poderia facilmente ter completado a palavra. Ela havia ficado lá comigo alguns anos antes numa estadia. O meu irmão Frank também reproduziu esse lar terreno no outro mundo, deixando-o pronto para o momento em que a sua esposa passasse para ele.

A alusão à pesca do salmão na Noruega é interessante. É verdade que em certa ocasião fora um ano ruim para os peixes e, para sua grande decepção, o meu irmão, creio bem, não pescou nada. A expedição e o seu fracasso — no que diz respeito à pesca — eram completamente desconhecidos da Geraldine.

Mas essa referência ao meu irmão ter pescado "um salmão prodigioso" enquanto pescava no Rio Dee do outro mundo é interessante, pois uma certa médium amadora (Dorothy K.) também referira "um peixe." Isso ocorreu numa sessão em 24 de Setembro de 1941, enquanto eu estava em Lincolnshire. Hilda supostamente falou e disse espontaneamente que o Arthur estava com o meu irmão Frank — a pescando, e que "o Arthur havia pescado um peixe grande." Diante disso, a médium (em transe) estendeu os braços e riu hilariante, acrescentando: "só um, mas um peixe grande. Tanto trabalho, e apenas pescou um," e continuou a rir. Tentando sacar dela, perguntei se ela estaria a referir-se a um grande rio no Egipto (vide comunicação de Muriel de 4 de Setembro) ou ao Rio Dee? A médium respondeu entusiasmada: "Dee — Rio Dee — um peixe grande. Tanto calor, sentados entre as flores, e eles só pescaram um."

Eu havia recebido o escrito de 18 de Setembro da Geraldine naquela manhã ou no dia anterior, pelo que esse incidente descrito me era conhecido. Mas o assunto surgiu novamente numa sessão que tive com a Sra. Methven (igualmente uma médium de transe). Aconteceu no dia 1 de Outubro de 1941. A título de experiência, eu mesma apresentei o assunto. Hilda supostamente falava por intermedio do controlador e, a meio da sessão perguntei se ela poderia dizer-me algo sobre um peixe grande — "ou talvez o marido dela pudesse dizer algo sobre isso?" O controlador então insinuou a presença do meu irmão Arthur e comentou: "'Conseguirias imaginar um peixe tão grande quanto um salmão?' Isso indica ao que te estás a referir,' diz ele. É um salmão e ele pega nele assim. . ." (Aqui a médium estendeu os braços como no caso da Dorothy K.) O controlador da Sra. Methven prosseguiu dizendo: "Ele tem muito orgulho nisso. Mas ele só pescou esse. O meu irmão foi descrito como "a rir de modo efusivo."

Devo observar que a Sra. Methven imediatamente se referiu ao peixe em questão como um salmão. Assim, ela confirmou a espécie registada no escrito da Cummins.

Evidentemente, o episódio dos peixes foi uma enorme brincadeira e motivo de muita diversão entre esses comunicadores do Além. Ao recordar como a minha cunhada ria diante das situações um tanto ridículas que surgiam, consigo imaginar as brincadeiras que ocorreram quando o meu irmão mais uma vez se tornou um pescador bem-sucedido.

Dorothy K. fora a governanta do meu falecido irmão Frank. Ela esteve ao serviço dele e da esposa desde os 14 anos de idade. Enquanto eu estava hospedada com a viúva dele (Maud), em Setembro de 1941, ela desenvolveu notáveis capacidades psíquicas. Tivemos sete sessões com ela. Ao retornar à consciência após a primeira sessão, ela disse ter "visto o Coronel e a Sra. Arthur Gibbes tão bonitos, a andar por ali, sem nenhum sinal de capacidade. Eu vi-os a todos, o Coronel no meio e a Sra. Arthur Gibbes e o Major Gibbes um de cada lado dele." Deposi de ela entrar em transe profundo e falar em voz alta, ela não tinha consciência de nada do que havia dito. É possível que referências subsequentes feitas por Hilda nestes escritos também refiram essas sessões.

Retomando os escritos de Cummins:

A 31 de Outubro de 1941, a Geraldine obteve o seguinte escrito:

> "Astor está aqui. . . Sim, eles pediram-me para avisar quando eles podem enviar uma mensagem. Espere."
>
> Govy:
>
> Estamos a proteger ao máximo possível a Hilda das recordações da Terra. Há apenas uma falha na sua felicidade, que é o pensamento no Tony e no Nigel. Dissemos-lhe que está tudo bem com respeito ao Tony. Mas não podemos negar que o Nigel está num lugar perigoso e está destinado a lutar e a fazer frente a cenas horríveis, pois ela trouxe esse conhecimento da Terra. Mas, ao lhe ministrarmos uma multiplicidade de ocupações e distrações, conseguimos manter-lhe a mente, em grande medida, longe do Nigel. Quando estou livre do meu trabalho, levo-a para minha casa, e passamos momentos agradáveis no jardim - horas ocasionais de encanto para nós os dois — quando

ela se torna criança e eu tento derrubar uma certa barreira que existiu entre nós na vida. Acho que ela sempre teve um pouco de medo de mim. Eu era o pai um tanto austero e extremamente melancólico. Culpo-me muito por isso, pois isso ajudou a desenvolver medos na sua mente infantil. Ela sempre ansiava por sol e alegria e detestava a melancolia.

É todo um aprendizado para mim dissipar e destruir aquele bicho-papão chamado "Velha Melancolia" quando estou com ela, e ela, por sua vez, tenta, tal como eu lhe pedi, não me ver como um pai, mas como o amigo mais carinhoso. Mas quando sinto ter tido educação pessoal suficiente dessa, remeto-a de volta para a mãe, que lhe mostra coisas bonitas, e elas brincam juntas felizes. Quanto mais ela superar a ansiedade e o medo qye sente com respeito aos meninos e a sua própria tendência para a depressão profunda, que ela herdou de mim, mais ela irá libertar-se. Mas o Harold é o melhor tônico para ela. Aqui vem ele.

(Mudança na caligrafia)

Harold: Sinto muito por não poder falar directamente com a Bea. É tanto mais fácil. Mas suponho que você possa transmitir-lhe uma mensagem. Não deixes que o Govy te leve a pensar que a Hilda está infeliz. Por vezes, ela fica um pouco abatida quando pensa no Nigel. Mas enquanto estou com ela, consigo tirá-la quase que de imediato desse estado de espírito. É quando ela vai ver o Arthur que tende a captar o estado de ânimo terreno de ansiedade e medo pelo Nigel, no qual ela morreu. Ele é animado e tenta manter as coisas animadas com ela, mas é inevitavel que a sua presença traga de volta os tempos difíceis que partilharam juntos — os bombardeios noturnos e todas as preocupações que teve com os meninos. Assim, mantemos os dois separados o máximo possível, com uma desculpa ou outra.

Mas a Hilda e eu passamos momentos gloriosos juntos. Ambos estamos animados com a nossa aventura Egípcia. É extraordinária a paz de espírito que aqueles gloriosos dias de esplendor Egípcio nos proporcionam. Deliciamo-nos com os encantos e com a visão que vem com a beleza que encontramos neles — ao planearmos construções, jardins à beira do rio e até mesmo um pequeno templo para a veneração de todos os crentes na Verdade. Ficamos realmente embriagados de prazer e felicidade. Não acho que faça mal algum à Hilda escrever-te umas palavras em algum momento. Poderias abrir caminho se escrevesses uma carta agradável e cheia de novidades para ela, que a Geraldine poderia ler-me a mim, já que suponho que tu não possas estar presente. Acho que mais tarde ela gostaria de saber sobre ass suas coisas em Wickenden e como tudo está ser gerido para os meninos. Isso não vai deixá-la magoada. Mas ultimamente ela teve o que só posso chamar de pesadelo — uma convicção de que algo ruim aconteceu ao Nigel. Levei um certo tempo a tirá-la desse estado de espírito, mas logo a deixei a sorrir e alegre de novo. Eu disse-lhe que tínhamos correio que chegava a hora incerta e que eu iria escrever-te por ela. "Então," murmurou ela, "fico a imaginar se poderia enviar uma carta à Bea que a leve a saber como estou feliz, e como os contos de fadas que ela me contava parecem estar a começar a tornar-se realidade afinal." Bem, é isso, minha querida.

Amor da Hilda e da miinha parte, e mantem a velha bandeira hasteada.

Do Harold

Encontrei esta última frase por acaso no final de uma velha carta escrita pelo Harold à sua irmã alguns anos antes da sua morte; não é expressão que a Geraldine Cummins alguma vez tenha usado. Pelo exposto temos o primeiro indício de que Nigel estaria ferido — "uma convicção de que algo ruim havia acontecido com Nigel." É interessante notar que este incidente, que é novamente referido antes de ocorrer três semanas ou mais depois, já é mencionado como *tendo ocorrido*.

CAPÍTULO TRÊS

1941

"UM SONHOS PROFÉTICO"

O meu sobrinho Nigel foi ferido pela primeira vez em Novembro de 1941, quatro meses após a morte da sua mãe e cinco meses após deixar a Inglaterra. Ele recuperou desse ferimento e, embora esperássemos que ele voltasse para casa, ele foi enviado de volta para a frente e morto em Maio do ano seguinte. Será de observar que esses dois eventos foram previstos pela família de M., mas os factos foram ocultados da inquietante mãe. Contudo, ela tinha obviamente alguma sensação instintiva de que nem tudo ia bem com o Nigel. As condições terrenas de temor foram superadas pela mãe na sua nova vida.

A 7 de Novembro de 1941, foi recebida a seguinte comunicação por Geraldine durante uma visita a Dublin. Ver-se-á que a Hilda, ao escrever por uma primeira vez, se refere de forma espontânea ao "temor" que o Harold mencionou na sua carta de 31 de Outubro.

Muriel: Uma mensagem para a Bea.

Sabes, minha querida, eu tenho vindo a iniciar a Hilda nos caminhos e meios de te alcançar. Não faz muito tempo acendeste uma vela para iluminar o nosso caminho até ti. Trouxe a pequena Hilda comigo. Mas não foi muito satisfatório, na verdade (os meus esforços) realmente não resultaram no caso dela.* Mas acho que, apesar desse fracasso em te alcançar, uma caneta e uma hora de silêncio aqui farão com que isso aconteça facilmente. Sabes como a Hilda gostava de redigir cartas. Ela vai entender melhor esse meio. O venerável Grego antigo (Astor) irá ajudá-la. Agora espera, e ela vai tentar.

(Apareceram muito serpenteado no papel, e as palavras "pateta, pateta" surgiram escritas, seguidas de mais serpenteado.)

É a Geraldine? Estou a aprender o manual de novo. Uma carta, diz você? A Muriel prometeu-me. Precisa tentar mais.

(Aqui, aparentemente a Geraldine trocou a caneta por uma mais grossa.)

**Durante o outono de 1941, tive três sessões com médiuns de transe nas quais a Hilda, a Muriel e outras pretenderam falar. Isso não chegou ao conhecimento da Srta. Cummins. Elas foram adicionadas às registadas acima com a Dorothy K. A última sessão antes do escrito acima foi com a Sra. Nash (4 de Novembro). Eu também tive uma reunião com a Sra. Dowden (6 de Novembro).*

Caneta nova. . .

Nada sai excepto botões, mas vou tentar e fazer com que isto saia. Ah, querida Bea. Quero saber mais - por favor, mais notícias sobre o Nigel e o Tony. É como se eu estivesse na Arábia, com tudo o que sei sobre eles. Aqui a família é tão amável, tão boa para mim. Mas mal eu falo no Nigel eles mudam logo de assunto. Não entendem. Experimentam novas diversões quando falo dele, e não percebem que são como um livro para mim. Envia uma carta à Geraldine endereçada a mim. Esta (A Geraldine) é uma luz brilhante. Eu posso ler sem óculos e com os dois olhos agora; não é maravilhoso? É um milagre eu poder ver todas as coisas belas aqui.

Eu não acreditei em ti, mas muito do que disseste era verdade. Mesmo em relação à minha filhinha. Eu tive um vislumbre dela. Mais tarde eu vou tê-la mais comigo, e aprenderei a fazer vestidos bonitos para ela e vou vesti-la e torná-la em tudo o que eu queria que ela fosse. Eu vou usufruir disso. E quanto à Zellie, à Wick e à Peggy? Pobre Wick, era apenas um pavio a apagar-se, receio bem. Mas sobre o *Nigel,* por favor, escreve sobre o Nigel. Eles continuam a dizer-me que ele está bem. Mas eu tinha tanto receio por ele. Estou a achar difícil completar o meu manual

hoje. Por favor, professora, posso retirar-me? Escreve Bea. Eles contam-me tão pouco, e têm tanto a dizer. Todo meu amor.

Hilda

(Rabiscado no papel.)

As observações anteriores precisam de uma certa explicação. "Nada sai excepto botões" era uma expressão frequente da minha cunhada quando as coisas davam para o torto! Cerca de dois anos antes de falecer, a Hilda acordou uma certa manhã e descobriu que só podia ver de um olho, um pequeno vaso sanguíneo aparentemente rebentara no outro olho durante a noite. Com a sua sagacidade e coragem habituais, ela imediatamente falou do olho como tendo "escurecido." Ela nunca recuperou a visão completa do olho. Quando — o que não era frequente — eu lhe podia falar sobre as comunicações que eu recebia provenientes da família dela, eu dizia-lhe que um belo dia ela iria ter a sua filhinha pela qual ela ansiava na terra.

No início da sua vida de casada, ela teve um aborto espontâneo. Essa criança que não nasceu dela estava, segundo me disseram, à espera dela no outro mundo. Ela apenas sorriu quando, um dia em que ela estava bastante deprimida, eu mencionei isso. Eu tinha certeza de que ela não acreditava em mim. É claro que não havia nenhuma prova da sua existência, apenas a garantia de um comunicador em Junho de 1934, de que era um facto. (Consultar a parte II.) Além disso, em algumas sessões de médiuns de transe que tive antes do falecimento da Hilda, a Muriel foi frequentemente descrita como tendo uma criança com ela.

"Zellie" é a velha governanta Francesa que criou os dois meninos. "Wick" é a abreviatura afectuosa que usava para "Wickenden," o nome da casa que foi construída para a Hilda no Sussex. A referência à casa como "um pavio a apagar-se" é uma observação típica que ela poderia ter feito na terra, ao pensar que os seus melhores dias haviam terminado. Tinha sido recentemente requisitada pelo Ministério da Guerra. A Peggy foi a esposa do Nigel.

"Por favor, professora, posso retirar-me?" é outra das observações jocosas da Hilda. Quando ela ficava entediada com algo que estava a fazer, por vezes usava essa frase. Originalmente, foi-lhe dita quando ela presidia a uma festa da escola Dominical local, por uma criança que havia partilhado com demasiado entusiasmo da abundância de bolos espalhados diante dele.

Era costume do Nigel telegrafar semanalmente à Peggy a informar que estava bem. Mas concluí que nada se ouvira falar dele durante cerca de três semanas, embora soubéssemos que ele não estava mais no Cairo. Pode ter havido, pois, algum motivo para a ansiedade da mãe e a evasiva da referência ao Nigel por parte da família M. No entanto, ao receber esta mensagem de ansiedade da Hilda, a 13 de Novembro, telegrafei à Geraldine na Irlanda, a pedir-lhe que entrasse em contacto com a Hilda, de modo a tranquilizá-la imediatamente e dizer-lhe que o Nigel telegrafava todas as semanas a dizer que estava bem. Acrescentei uma mensagem jovial sobre o Tony.

Numa sessão de escrita automática em 14 de Novembro de 1941, a Geraldine Cummins escreveu o seguinte:

Astor está aqui. Sim, a Muriel vem com Hilda.

Muriel:

Hilda está ansiosa por ouvir o telegrama. Por favor, leia-lho quando ela vier.

Hilda Gibbes:

Agora, isto não será demais? Eu consigo escrever o meu próprio nome tão claramente quanto o Michael. Leia-me o telegrama.

(A Geraldine leu o telegrama.)

Obrigado, minha querida. Vai ler sobre o Nigel de novo?

(Releia a mensagem.)

Diga à Bea que lhe fico muito grata pelo telegrama. Significa muito para mim que o meu querido Ni esteja bem. Eu tive pesadelos com ele. Sonhei que ele estava ferido, que jazia num campo de batalha com muita dor. Que a Peggy dissera que ele estava desaparecido. Que ele perdeu um braço ou uma perna. Ah, mal posso suportar pensar nisso. E agora você diz-me que tudo isso não passa de tolice. Isso, minha querida, é óptimo. Ah, é maravilhoso. Não vou acreditar nesses sonhos se eles sucederem de novo. Mas gostaria que o Nigel estivesse de volta a Wickenden. Claro que eu não devia resmungar. É óptimo saber que o Tony filmou lá no fim de semana. . . Pode transmitir à Bea o quão gentil eu acho que ela foi em enviar-me o telegrama? Espero que você a veja em breve. Eu posso ver na sua mente o quanto você sente falta dela. Não é estranho que alguém possa espreitar a mente das pessoas? Às vezes é como uma página impressa e outras vezes é uma imagem. . . Escreverei mais da próxima - agora torna-se difícil continuar. Muito — muito amor para a Bea e o meu Tony e — ah querida — não posso. . .

Hilda

Ao me enviar este escrito dois dias depois, a Geraldine escreveu o seguinte:

"Consegui chegar à Hilda no sossego. Tive uma sensação de felicidade e excitação quando li o telegrama em voz alta. Ela pareceu escrever com mais facilidade do que da primeira vez, só que de repente ela desapareceu.

Esta carta de Hilda foi considerada mais longa. Onde ocorrem lacunas nestes escritos, são indicadas observações sobre o Tony ou assuntos familiares. Por razões óbvias, essas são omitidas.

CAPÍTULO QUATRO

1941

A HILDA DESCREVE COMO ELA VIU IMAGENS NA MENTE DA ASSISTENTE

Algumas observações curiosas registadas neste capítulo indicam que o controlador ou comunicador por vezes é capaz de obter informações de quadros de pensamentos na mente do assistente ou consulente. O controlador passa esses pensamentos ao comunicador, que responde adequadamente ou assume responsabilidade pessoal e responde segundo o seu próprio parecer. Por exemplo, a minha família e eu falávamos constantemente sobre o retorno do Nigel da guerra. Eu estava muito ansiosa para saber que seria isso que aconteceria aos meus dois sobrinhos. Através de duas médiuns de transe distintas, o controlador garantiu-me que "eles seriam protegidos" e que regressariam. Com relação ao Nigel, essas observações mostraram-se bastante incorretas. O Tony não foi para a frente. Ele passou algumas semanas num hospital no norte da África e voltou a casa inválido.

No entanto, essa forma de leitura da mente nem sempre ocorre. A informação é ocasionalmente exigida pela entidade comunicante quando o conhecimento requerido poderia ter sido obtido por

"olhar dentro da mente" da médium ou assistente presente no momento. Um exemplo disso é relatado na página (...). Inúmeros casos são registados quando factos desconhecidos dos que se encontravam ao redor foram relatados numa sessão e verificados posteriormente. A Miss Cummins e eu tivemos uma vasta experiência com esse fenómeno.

Além disso, para evitar que o assistente fique infeliz, parece que o controlador por vezes pode tentar encobrir certos eventos relacionados com aqueles que passam para o outro lado e a maneira pela qual essa passagem ocorre. Esta afirmação parece ser confirmada por uma experiência relatada pelo Rev. C. Drayton Thomas, no seu livro From Life to Life.

Esse volume foi revisto no jornal *Light* (Junho de 1945), e a seguinte passagem foi extraída dele. Uma sessão foi realizada com a Sra. Osborne Leonard, e o controlador, "Feda", apenas relatou que o homem havia "morrido rapidamente." Mas numa certa conversa ocorrida entre o controlador e o comunicador foi ouvida pelo presente. A conversa gravada é a seguinte: "Capte-o corretamente; você está fazê-lo diferente do que eu quero dizer. Diga que o homem foi ferido e depois se recuperou, mas depois ficou numa posição muito difícil, em que ninguém conseguia alcançá-lo.

As curiosas observações a que se faz referência no início deste capítulo referem-se a uma sessão de escrita automática que obtive com a Sra. Dowden a 6 de Novembro de 1941 um *facto do qual a Srta. Cummins desconhecia completamente.* Não tive nenhuma comunicação por outros meios entre essa data e *22 de Novembro* de 1941, quando o seguinte foi escrito foi obtido da Geraldine Cummins. (Através deste último escrevi à Hilda a confirmar a informação dada no meu telegrama subordinado ao Nigel.)

Muriel:

A Hilda está comigo. Ela é contente por ouvir dizer que há uma carta. Ela diz que só acreditará quando a ler com os próprios olhos na tua caligrafia (presumivelmente querendo dizer a minha). Ela usará a da Geraldine, é claro.

Hida Gibbes:

A Muriel disse que a Bea me tinha escrito uma carta. Sim, leia e então, se eu ainda me mostrar quieta mentalmente, segundo a diz Muriel, eu a verei.

(A Geraldine lê a carta.)

Sim, sim, posso dizer que ela rabiscou em qualquer lugar. Com que então é verdade. Não consigo entender o porquê. Mas, minha querida Bea, por que estavas num nevoeiro Londrino e eu tive que falar com aquela pessoa engraçada? Claro que eu entendo agora, mas é difícil explica-to. Eu vi-te, Bea, com mais duas pessoas. Uma era como nós. Mas tu Bea e aquela pessoa encurvada estavam numa nuvem. O estranho contou-me tudo sobre Wickenden, o Nigel e o Tony, e tu também disseste coisas. Só que no momento eu acreditei, como se acredita, que não passava de um sonho. Depois tive a certeza de que o havia inventado, pois não conseguia acreditar que as coisas dariam certo, porque estarem a dar errado há tanto tempo. E, afinal de contas, querida Bea, se tu visses dois estranhos e uma cunhada numa névoa de sopa de ervilha como a de Londres e eles conversassem tão rápido, tu haverias de ficar na dúvida. Mas eu não posso duvidar dos meus olhos. Agora não padeço de apagões, sabes. Eu tenho dois olhos bastante prestáveis. . . Ah, preciso copiar: "O Nigel telegrafa todas as semanas a dizer que está bem." Mas sabes, Bea, tu estavas sempre a prometer-me coisas maravilhosas que não aconteciam e quando tu me mostraste, como num cinema, fotos de Wickenden naquele nevoeiro, eu simplesmente pensei que tu estavas a fazer isso de novo. Tinha fotos da Marion, da Peggy, da Zellie e do Tony a andar pela fazenda e pela floresta, todos a dançar ao redor da tua cabeça. Isso deixou-me divertida e feliz, mas não acreditei, não pude acreditar; não era real. Mas eu reconheceria a tua escrita em qualquer lugar. Por favor, Geraldine, deixe-me ler tudo de novo.

Na minha carta, eu disse que tentara falar com ela por outros canais e que o governo havia requisitado Wickenden e os jardins. "Outros canais!" escreveu ela: "Só me lembro da travessia do canal." (uma observação típica de Hilda).

> Não acredito que nenhum governo cuide de nada - nem os jardineiros do governo! Tenho certeza de que eles deixarão tudo em filas. Precisa haver disciplina militar nos jardins, sabes. Espero que sejam carinhosos com os meus queridos cíclames. Eles não querem caber numa formatura a quatro. Mas vou contar tudo ao Arthur. Ele com certeza vai ficar encantado. De qualquer forma, não haverá aquelas ervas daninhas horríveis. Sim, estou muito satisfeita. O meu querido Ni vai encontrar o seu Wickenden em algum tipo de ordem terrível de qualquer modo quando ele voltar a casa.

A Sra. Dowden, a 24 de Novembro, apenas dois dias antes. Além disso — um aspecto interessante — a Hilda ao escrever por meio da Sra. Dowden naquela ocasião, disse: "O Arthur virá agora, acho eu, e fará perguntas a vocês e voltará para mim e dirá que foi apenas como um sonho e inteiramente *irreal.*" *(O itálico é da minha autoria.)*

O que foi dito acima é registado não apenas para ilustrar a semelhança desta observação através das duas médiuns, mas para mostrar que alguns indivíduos que falecem podem não estar dispostos a acreditar na comunicação entre os dois estados de existência. Há muito nas sessões de Dowden que confirmam várias outras observações feitas por Geraldine Cummins. Estas são omitidas, uma vez que este livro trata principalmente da vida no outro mundo, conforme apresentado por meio desta última.

Prosseguindo a sua carta através de Geraldine a 26 de Novembro, a Hilda disse que todos eles tinham corpos leves como o ar e que não tinham qualquer sofrimento nem dor neles. "Na verdade," acrescentou ela, "todos estamos a melhorar aqui. É só por sermos felizes. Não há nada tão bom para a moral de uma pessoa quanto a felicidade." Ela terminou com a seguinte observação: "Gostei da nossa última conversazione, mas não vou deixar-me apressar."

Este pós-escrito é uma referência directa à sessão de Dowden de dois dias antes, em que a Sra. Dowden a encerrou abruptamente quando Hilda mal havia terminado uma frase (um facto que Geraldine não conhecia). Esse súbito corte certamente deixou a Hilda um tanto irritada, pois não houve nenhuma das despedidas usuais. Na sua vida na terrena, ela claramente não gostava de ser "apressada."

CAPÍTULO CINCO

1941

O "SONHO" CONFIRMA-SE

Chegamos agora à confirmação das declarações feitas a 31 de Outubro, 7 e 14 de Novembro de 1941 feita tanto pela Hilda quanto pelo Harold, de que "algo ruim havia acontecido ao Nigel."

As poucas palavras que se seguem foram escritas a 2 de Dezembro de 1941 e incluídas num outro escrito que a Geraldine me enviou alguns dias depois. Geraldine estava a dar uma sessão para um certo investigador em Dublin.

> Astor chega. Embora você tenha conversado com Donald X., precisa permitir que a Hilda escreva umas linhas.
>
> (Escrita alterada.)
>
> Hilda:
>
> Pode dizer à Bea que eu tinha razão e que ela cometeu um erro — o meu pobre querido Ni — ele foi ferido ou eu estava a sonhar? Não, não, foi real. Mas diga à Bea que fico feliz com ele porque

não foi ou não pareceu tão ruim quanto eu pensava. Uma parte do sonho constava de uma conversa com a Bea numa sala engraçada em algum lugar. É difícil escrever. Você está cansada, minha querida, por isso adeus.

No dia 5 de Dezembro recebi uma carta da Peggy datada de 4 de Dezembro a dizer que acabara de receber um telegrama do Nigel a informar que ele havia sido "ferido na perna, mas que não era nada de grave. Agora estava no hospital da base. . ." Portanto, antes que a notícia chegasse a qualquer um de nós na Inglaterra, a Hilda soube que os seus temores se tinham concretizado. *Nigel havia sido ferido a 21 de Novembro* de 1941.

Em confirmação da comunicação de Hilda a 14 de Novembro de 1941, a seguinte carta escrita para mim é inserida aqui. Foi escrita no hospital a 5 de Janeiro de 1942.

"Acabei de receber os seus dois aerógrafos (Microfilme), datados de 5 e 11 de Dezembro. Muito obrigado. As informações recebidas da mãe por meio da Geraldine são muito interessantes. Acho que agora não pode haver mal nenhum em dar-lhe as informações e datas, já que faz tanto tempo. Deixamos a Metrópole e mudamo-nos para o Deserto a 8 de Outubro. A batalha começou a 18 de Novembro e fui ferido a 21 de Novembro por volta das cinco horas da tarde. Passei a noite toda deitado ao lado do meu tanque, que estava a arder, e fui recolhido por volta das sete horas da manhã do dia 22 de Novembro. A minha perna foi operada num posto avançado de curativos na mesma noite, e finalmente cheguei aqui por volta das sete da noite do dia 29 de Novembro. Fui operado por uma segunda vez no dia 1º de Dezembro quando me retiraram um novo estilhaço bastante grande da perna, e acho, tia Bea, que é toda a história. Estou de novo a pé agora, mas andar é lento e um tanto doloroso ainda, pois a ferida ainda não cicatrizou. . ."

Será interessante notar que esta informação, dada pela Geraldine a 2 de *Dezembro*, sobre o ferimento que o Nigel recebera, era contrária ao que eu vinha a garantir à Hilda por meio dela. Neste caso, a teoria da intervenção da mente da médium não se aplica. Nem pode ser explicado pela telepatia de mais nenhuma pessoa na Inglaterra associada ao Nigel à época, já que o facto não era conhecido aqui.

Chama-se a atenção para um ponto curioso nas poucas linhas da Hilda escritas a 2 de Dezembro. Ela escreveu: "Uma parte do sonho constou da conversa com a Bea numa sala engraçada situada em algum lugar."

Isso parece referir-se a uma sessão que tive com a Sra. Bedford na *Spiritualist Alliance* de Londres. Ocorreu no dia 1 de Dezembro, *um dia antes de a Hilda escrever as poucas linhas* que redigiu por meio da Geraldine em Dublin. A sala em que ocorreu a sessão deve ter parecido estranha à Hilda, e é curioso que ela tenha mencionado isso como parte do seu "sonho." *Pois nesse mesmo dia* o Nigel na sua carta afirma que foi operado pela segunda vez para remoção de estilhaços de uma perna. Gostaria de saber se a Hilda estivera presente de alguma forma junto do Nigel no momento da operação e também falara comigo por meio da Sra. Bedford; pois ambos os incidentes são descritos como próprios da natureza de um sonho.

Teria sido extremamente interessante verificar a que horas o Nigel foi operado, mas agora isso é impossível. A sessão que tive com a Sra. Bedford começou às 14h45. Mais ou menos pela metade, o controlador disse: "Ela" (Hilda) "diz que você está preocupada com a possibilidade de alguém voltar para si. Não se preocupe, ele está de volta mais cedo do que você pensa. Isto podia ser um exemplo de "pensamento positivo," ou, ao dizer "mais cedo do que você pensa, a Hilda ou o controlador tentaram transmitir-me a ideia de que o Nigel seria enviado em segurança para casa. Conforme já foi dito, eu não sabia que ele tinha sido ferido.

Ao receber informações da Peggy acerca do Nigel, telefonei à Geraldine naquela noite (5 de Dezembro) e disse que, se ela tivesse mais alguma indicação de que a Hilda queria perguntar sobre o

Nigel, para lhe dizer que ele havia telegrafado a dizer que estava "em segurança num hospital com um ferimento na perna, porém sem gravidade." Acrescentei que foi a melhor coisa que poderia ter acontecido, pois esperávamos que ele logo voltasse para casa.

O escrito seguinte da Geraldine Cummins, datado de 7 de Dezembro de 1941, foi recebido por mim a 15 de Dezembro. Sendo censurada naqueles tempos de guerra, a carta demorava entre uma a duas semanas em trânsito tanto de como para a Irlanda.

> Muriel: A Hilda está comigo. Ela tem estado preocupada com a questão (da possibilidade do) Nigel perder a perna. Mas eu disse-lhe que NÃO, claro que não, e acho que ela aceitou tudo muito melhor do que esperávamos. Mas é claro que ela sofre altos e baixos com respeito a isso. Tem as suas horas sombrias e de claridade no que diz respeito ao Nigel.
>
> Agora ela quer escrever.
>
> Hilda: Sim, por favor, leia-me o que a Bea disse.
>
> (A Geraldine leu a minha mensagem telefónica)
>
> É bastante o que eu já colhi dela. Deixe-me reler. Sim, o meu pobre Ni. É a melhor coisa que poderia acontecer-te ser ferido e com dor (disse ironicamente). Apenas umas linhas dirigidas à Bea.
>
> É mais lento aqui e muito mais tão fácil para mim compreender as coisas a esta luz. Muito obrigado, minha querida, por falares com a Geraldine. Não penses que estou preocupada ou infeliz com o pobre Ni. É estranho que toda a minha infelicidade por esse ferimento do Nigel tenha ocorrido antes de acontecer. Eu tenho isso tudo acabado. Vê bem, o Harold e o Govy têm explicado as coisas — têm-se esforçado por me fazer ver que, sendo-me o Nigel tão próximo e querido, o facto de eu estar infeliz com relação a ele só vai magoá-lo e prejudicá-lo. O Harold fez-me sentar no jardim entre as flores da primavera e falar sobre o Ni quando ele era bebé e quando era um pouco mais velho. De todas as horas adoráveis que passei com ele quando ele era um garotinho. E sabes, passado um tempo aquela conversa trouxe-me uma paz profunda e deliciosa, e ao sentir aquela paz em mim, o Harold disse: "Estás radiante. Bem, fixa o teu pensamento num desejo longo e carinhoso e envia-lhe todo esse esplendor, que isso ajudará a aliviar a dor, e ele não se arrependerá de ter sido nocauteado.
>
> Eu fiz isso e vou continuar a fazê-lo de modo intercalado. Porquanto ao fim de pensar nele dessa maneira, vi-lhe o rosto, e ele dormia pacificamente, com um sorriso de menino. Então o Govy disse-me que essa experiência havia de fazer dele um bom homem, e foi assim que eu soube que era a vontade de Deus e tudo pelo melhor.
>
> Assim, estás a ver, Bea, não precisas preocupar-te comigo. Eu sei que, de momento, a felicidade de Nigel depende de eu continuar feliz. Então, vou tentar o meu melhor para manter todos os inimigos afastados.
>
> Tudo está bem comigo. Tenta ser tão alegre quanto eu, querida Bea, e serás um sucesso social.
>
> Amor, da sempre tua
>
> Hilda.

O comentário de abertura da Hilda na sua carta de 7 de Dezembro (retomando as minhas palavras), de que "é a melhor coisa que poderia ter acontecido ao Ni, não se magoar e estar em sofrimento," é exactamente a maneira como ela aceitaria alguma observação minha feita quando, num esforço frenético por a animar em relação a alguma coisa, só conseguia dizer a coisa errada! Nesse caso, *os pensamentos da Hilda* acerca do Nigel parecem ter sido involuntariamente impressos no papel por meio da Geraldine.

Curiosamente, em carta a mim dirigida datada de *29* de Dezembro de 1941, o Nigel escreveu: ". . .De certa forma, estou muito agradecido pelo facto de a mãe não estar connosco quando fui ferido, pois sei o quanto ela se deve ter preocupado, embora não tenha havido necessidade de se preocupar *e eu tenha me sentido bem após a primeira quinzena. . ." (Itálico da minha autoria).*

A 20 de Dezembro, a Peggy tinha-me escrito o seguinte: "Recebi cartas do Nigel a dizer que ele quebrou uma perna, tem um tímpano avariado e foi submetido a duas operações para remover estilhaços das pernas, e que foi ferido no rosto. *Mas ele parece muito alegre no hospital e não sente qualquer dor.* Recebi vários telegramas sobre coisas diferentes, *mas ele não fala muito sobre os ferimentos agora, pelo que presumo que esteja bem. . ." (Itálicos da minha autoria.)*

Devemos ter presente que o Nigel foi ferido a 21 de Novembro. A Hilda escreveu à Geraldine duas semanas e dois dias depois (7 de Dezembro) a dizer que estava a tentar aliviar a dor do Nigel. Os extratos acima de cartas recebidas por mim, são, pois, de interesse.

CAPÍTULO SEIS

1941

HILDA VÊ NOVAMENTE O FUTURO DO NIGEL

Quando se percebe o aparente facto de que, durante um tempo, a próxima vida se assemelha a esta vida, parece que não há razão para que as árvores de Natal, as festas de Natal e assim por diante não continuem a fazer parte da nossa vida, como fazem parte de nossa existência terrena. Os trechos que se seguem das experiências da Hilda dessa época festiva podem, pois, ser interessantes.

No dia de Natal de 1941, Muriel foi a primeira a escrever:

> Muriel: Por favor, remeta à Bea o nosso amor e votos de felicidades para o Ano Novo. Diga-lhe que temos uma árvore de Natal maravilhosa para a Hilda. Ela não foi autorizada a chegar perto dela. A Ruth e eu combinamos tudo. Há todos os tipos de presentes do tipo mais bonito e absurdo nela. A Babá e todos os antigos servidores vão estar presentes. A Hilda será a Rainha da festa de Natal, e o Govy, o bobo da corte. A Ruth e eu, as damas de companhia da Hilda, o Harold o seu ajudante e escravo assistente. Acho que podemos garantir uma tarde para a Hilda que compensará todas as suas tristezas e doenças nos últimos dez anos. Um momento antes que ela chegue.

A seguir veio:

> Hilda Gibbes: Bom dia, boa tarde ou será boa noite? — para si, minha querida Geraldine. Não sei o que os seus relógios lhe indicam. Sei que nos nossos são dez horas da manhã de Natal. Que seja feliz e tranquilo para si. Sim, por favor, gostaria de escrever uma carta à Bea. Você diz que tem uma mensagem dela. Leia-a, ou deixe-me lê-la de imediato.

Infelizmente, a Geraldine a esta altura foi perturbada pela entrada da mãe no seu quarto e mais tarde ela teve que ir à igreja. Interrupções ocorriam com muita frequência durante estes escritos naqueles dias de trabalho agitado, ansiedade e responsabilidade. No entanto, a sessão continuou na noite do mesmo dia.

É particularmente digno de nota observar no escrito que se segue um exemplo adicional de conhecimento prévio sobre o destino que aguardava Nigel e recordar que foi escrito quando ele ainda se encontrava no hospital, a recuperar do seu primeiro ferimento que recebeu. Na verdade o comunicador afirma ter visto "a data" de um evento ocorrido *cinco meses depois.*

Hilda pediu a minha carta, escrevendo que "A caneta foi-me arrancada da mão. . ."

Que bela mensagem de boas-novas! Talvez seja a coisa mais maravilhosa que me aconteceu desde que eu supostamente morri — poder enviar cartas à Bea e a Bea dar-me notícias dos meus queridos. É preciso uma sessão dada a separar deles, entende. Uma perna quebrada! (O Nigel sofreu uma lesão.) Isso não é muito, eu gostaria que fosse mais, porque eles não vão mandá-lo para casa. Eles vão curá-lo e mandá-lo para *a frente* de novo. Mas vou rezar e rezar para que os Russos derrotem os Alemães antes da data em que vejo o Nigel ser enviado de novo para a luta. Pobre querido, as imagens dizem-me que o com bate ainda não terminou para ele. Sim, eu sei que ele volta a ele, e pode ser numa outra frente, mas ele vai ser ferido de novo e talvez perder-se durante um tempo.

Isso foi o que eu vi na minha tela ultimamente. Mas quando comecei a preocupar-me, o Govy disse que as imagens eram o reflexo dos meus medos espelhados de volta. Então, não vou mais olhar para a minha tela Egípcia. Essas imagens surgiram num trabalho Egípcio belamente esculpido. O Harold disse que essa tela foi minha quando vivi no Egipto, há muito tempo atrás, e eu olhava para ela ou comtemplava-a todas as manhãs, tal como as pessoas consultam os jornais em Londres todas as manhãs. Mas como os jornais, só trazem más notícias, mandei que a levassem. Não penses que estou preocupada, pois realmente acredito que é tão bom a mentir quanto *o The Daily Rag.*

Obrigado pelas tuas lembranças de hoje, elas significaram mais para mim do que qualquer um dos lindos presentes que recebi neste Natal aqui. Claro que o melhor de tudo foram os pensamentos do Ni. Eles foram como o primeiro buquê de flores da primavera e emocionaram-me como nunca antes. Eram tudo o que eu queria para me proporcionar um Natal perfeito. . .

A nossa árvore de Natal foi uma grande surpresa. Vê bem, era exactamente como nos velhos tempos, só que com uma diferença. Dirás que não poderia ser diferente e igual. Bem, era a mesma velha árvore — como costumava ser há muito tempo em Nymans. Mas a diferença estava em que a Ruth trouxe todas as criancinhas que haviam sido expulsas do mundo pelos ataques — Cockneys engraçados, Poloneses absurdamente pequenos e Franceses precoces, todos a tagarelar juntos, com Holandeses, Belgas, Escoceses e Noruegueses. Estávamos numa Torre de Babel. Só que a Torre não ruiu, como na Bíblia. . .

Ah, não te escrevi tão bem naquele quarto com flores — muito mais bonito do que o outro lugar onde havia tanta conversa. Mas, apesar de toda a sua beleza, aquela sala de escrever comportava coisas demais. Olhei através de três janelas para a rua de Londres. Acho que nunca estive naquela rua. Mas era bonito e tranquilo, e tu eras mais real para mim lá do que no outro lugar. Vocês pareciam conhecer-se muito bem. . . Mas agora estou a perder o controlo e ainda não te dei as mensagens do Govy, da Ruth, do Harold e da Muriel, nem te contei nada sobre a minha festa de Natal ou as canções de Natal e a caminhada com Govy pela manhã no jardim, e a Babá e todos os velhos — a maravilhosa acolhida que serviram à "Senhorita Hilda." Imagina eu como "Senhorita" e o Arthur lá! Ele disse que deveríamos ter outro dia de casamento. Mas eu disse que o primeiro significou uma proposta, e que talvez desta vez eu não a aceitasse. Mas os casamentos não são feitos no céu, e eu estou no céu agora. É realmente verdade que existe um lugar assim. Eu estive nele por completo hoje.

Muito amor sempre,

Hilda.

A caneta não prossegue. . .

A carta é característica da maneira como a mente de Hilda saltava de um assunto para outro — muitas vezes esquecendo coisas que queria dizer. É igualmente característico da Ruth trazer numerosos filhos com ela. Deste facto a Geraldine não teria conhecimento.

A referência à sala bonita com as flores, etc., obviamente descreve a sala de estar da Sra. Dowden e à sessão que tive com ela em 24 de Novembro· Embora numa carta para a Hilda eu tivesse mencionado ter falado com ela através de "outros canais" *(ver p. 40)*, a *Geraldine não sabia que eu tivesse tido qualquer sessão com a Sra. Dowden.* A referência ao "outro lugar onde havia tanta conversa" é provavelmente uma alusão a uma sessão que tive com a Sra. Taylor, uma médium de transe, na Aliança Espiritualista de Londres. Nessa sessão, que ocorreu a 17 de Dezembro de 1941, o controlador referiu-se ao "menino mais velho no Oriente," acrescentando que ele havia "passado por um túnel escuro, mas ela sentia que ele saíra dessa escuridão." Ela disse: "Há doenças ao redor dele. . . Ela pensou que ele estava fora de perigo agora. Ela não o vê a chegar a casa durante algum tempo.

Em todos esses escritos psíquicos, o nome do lar terreno da família M. foi redigido foneticamente, isto é, "Niemands," em vez de Nymans.

CAPÍTULO SETE

1942

"O NIGEL VOLTARÁ PARA CASA EM MAIO"

No início do ano novo, enviei uma carta a Hilda, dando-lhe notícias da família. Eu disse que não tinha mais detalhes sobre o Nigel, mas que evidentemente os pensamentos sobre ele estavam a fazer bem.

A 7 de Janeiro de 1942, Hilda escreveu por meio da Geraldine o seguinte:

> Eis que chega o Astor. A senhora do Egipto está perto. Ela veio e usou os seus olhos durante alguns minutos e sentiu-se divertida.
>
> Hilda Gibes: Quanta gentileza da sua parte, Geraldine, estar em casa para a viajante que é! Em que casa engraçada você vive! Eu não conseguiria viver nela por uma hora — de tão desarrumada. Mas adoro a vista da sua janela. Faz-me lembrar a visão do panorama de Wickenden — o vale e as colinas distantes. Mas você tem o rio. Como brilha hoje entre as árvores! Estou ansiosa por ouvir, ler e sentir a carta da Bea. Sim, eu sinto tudo isso, e isso faz-me bem. A escrita é bastante clara. Não há mais apagões para mim agora.
>
> É gentil da tua parte, Bea, lembrares-te a bebé no início do primeiro ano dela. Quando Govy quer ser esmagador, ele recorda-me que tenho apenas cerca de seis meses de idade, pelo menos se contarmos pelos tiquetaques do Big Ben. Mas nós não contamos, pois todos os relógios pararam aqui. Essa é uma das bênçãos que tem. . . Os melhores votos que te posso enviar é que, antes que o próximo inverno chegue, a Geraldine seja a tua ocupação; e o livro, que só poderão concluir em tempo de paz, será o trabalho de cada dia. Eu não o esqueci, estás a ver. Mas agora sei porque não foi permitido terminá-lo antes. Até que as pessoas aprendessem por experiência própria o significado da Crucificação, elas não poderiam lê-lo de modo que lhes parecesse real a elas. E toda a vida anterior que o livro dela narrará, terá significado agora no tempo vindouro para os construtores da linha nova e mais refinada. Vê bem, tenho pensado em ti e planeado o teu futuro tão bem, sem a tua licença ou com a tua permissão. Prefiro pensar em ti nessa paz inquieta lá para a frente e não agora. . .
>
> Que carta encantadora tu me escreveste! De outro modo só consigo pedaços e retalhos. Este tipo de carta eu posso passar e repassar. O meu querido Ni! Sim, dei duro cá com os meus pensamentos e sei que o ajudei, pois tive uma recompensa maravilhosa. Mas o trabalho era pior do que ir para a escola de novo no começo, e tu sabes como eu detestava escolas. Era tão difícil tentar manter os meus pensamentos no bolso e a mente numa estrela no deserto. Mas finalmente pude arranjar e reter essa estrela pelo que pareceram séculos. Então, quando eu estava em silêncio, realmente em silêncio, o Harold disse-me que eu podia esquecer, e emiti todo o amor do meu coração, todo o meu

desejo de ajudar o meu filho. Mas, sabes, a minha ida à escola valeu bem a pena — ganhei um presente de Natal do Nigel. O amor dele trouxe-a até mim. Ele veio no que São Paulo chamou de "corpo celestial" e portanto, isso não tinha nada de errado nem de estranho. Ele era apenas o menino que foi, enquanto permaneceu nos meus braços por alguns minutos celestiais. Eu vivo nessa memória maravilhosa. . .

Estou a perder o poder e ainda não te dei conta de metade do que te queria dizer. Tudo está bem comigo agora. O Harold diz que preciso dizer-te que sou a pequena Hilda que tu conheceste há muito tempo — talvez eu seja e talvez não — um pouco de ambas. Porque eu tenho a família e todas as coisas adoráveis do passado, e o Harold, a Muriel e a Ruth estão a transformar-me numa incorrigível egoísta, segundo o que o Govy diz. Mas não tenho dor nem preocupação e estou feliz. Assim, boa noite e todos os meus agradecimentos e carinhos,

da Hilda.

O livro a que a Hilda faz alusão é *The Manhood of Jesus* (a ser publicado em breve). Ela leu-o até o momento em que foi escrito, em 1939. É uma continuação de *A Infância de Jesus*.

O trecho que se segue foi retirado de um escrito redigido pelo meu irmão Frank, por meio da Geraldine Cummins, para a esposa Maud. Ele contém uma referência espontânea — a primeira desta série de escritos - à "Galeria da Memória" à qual todo recém-chegado ao estado futuro é aparentemente apresentado mais cedo ou mais tarde. É incluído aqui por dar continuidade a esta história. É datado de 20 de Janeiro de 1942.

A Hilda encontrou o meu irmão e eles entenderam-se muito bem. . . O Arthur passa muito tempo com a Mater, que o colocou na Biblioteca da Família, o que me deixou muito intrigado. É um lugar estranho do teu ponto de vista, difícil de descrever — uma série de retratos de cenas passadas na Terra nos quais os nossos diversos ancestrais desempenharam o seu papel, "um filme de memória" pode ser uma boa descrição. Mas deixou o Arthur encantado. Ele passa muito tempo a pesquisar nele — acha que é uma brincadeira de valor inestimável. Mas espera até que o seu próprio filme de memória lhe seja apresentado. Aí acho que ele vai ficar tão assustado e perturbado quanto eu.

Sempre interessado por história, o meu irmão Arthur lia com avidez uma vasta quantidade de literatura histórica. Esta e outras alusões espontâneas que faz à atenção contínua que vota à questão são, pois, evidências dele.

O escrito que se segue redigido pela Geraldine indica mais uma vez que, tal como nos escritos do dia de Natal de 1941, a Hilda sabia do "regresso a casa" do Nigel no mês de Maio seguinte. Foi comunicado a 25 de Janeiro de 1942.

Astor está aqui. Harold vem com o espírito jovem hoje.

Harold: Diga a Bea que estamos a fazer um estudo exaustivo das azáleas. A Hilda agora imagina que o Nigel voltará para casa em Maio, de modo que comecei a ensinar-lhe o nosso método de jardinagem. Como com o nosso pensamento pintamos imagens dos nossos desejos no éter e eis que eles apareceram se tivermos amor suficiente e imaginação criativa para sustentá-los e mantê-los. Ela disse que "éter" era uma palavra tão desagradável, por estar sempre associada na sua mente a dor de dente e às operações dos meninos. Então eu designei-o pela palavra de Shelley, o Empíreo. Ela achou isso igualmente um pouco pesado. Mas ela captou a ideia de retratar um quadro das azáleas de Wickenden aqui, para estar pronto no jardim dela por altura da volta do Nigel. Agora devo dar lugar à minha pequena sacerdotisa Egípcia, conforme eu lhe chamo quando quero provocá-la. A Hilda imagina, por falar nisso, que o Nigel estará de volta a Wickenden em Maio, pelo que determinou que aqui ela vai olhar para o que ele está a olhar — as azáleas. . .

Pela última observação do Harold, parece que, percebendo o que havia indicado, ele tentou ocultar de mim o que queria dizer, representando que se referia à Wickenden terrena.

> Hilda: Eu posso ver que você tem uma carta da Bea.
>
> Bea querida,
>
> Vais ficar surpreendida ao saberes que tenho estado tão ocupada que não sei para onde me voltar. Hás de dizer que os mortos não têm com que se ocupar. Mas nós temos, por estarmos muito mais vivos do que vocês. Tenho tanta gente a ver, tantas coisas lindas a fazer. E geralmente ajo mal. O Arthur diz que agora é o marido supérfluo — que me casei com toda a família da M. Mas ele não tem ciúmes, por incrível que pareça. Porque, como eu lhe disse, ele está casado com a cana de pesca dele e encontrou uma amante indesejável — uma mulher tão simples e tão sem graça — na biblioteca dele nos registos da família Gibbes. Ele ou está grudado nessa amante ou a deixar-se seduzir por um enorme salmão na ponta da linha da cana de pesca. Assim, vais ficar escandalizada ao saberes que não vivemos mais juntos. Embora sejamos um casal dedicado, concordamos mutuamente em nos separarmos e nos encontrarmos ocasionalmente, é claro, para trocarmos notícias sobre o Ni e o Tony. O Harold diz que é isso que os casamentos feitos no céu significam. Conhecemos e vemos as pessoas que amamos apenas quando temos algo que amamos em comum a fazer. Assim o Arthur e eu somos os melhores companheiros um do outro. Ele tem toda a pesca de que abdicou por minha causa, e eu tenho todas as coisas de que suponho que abdiquei por causa dele — aqui, é claro, elas são extraordinariamente diversificadas.
>
> O Harold é uma espécie de mago com um tapete mágico. Ele me transporta-me num instante para os lugares mais estranhos e encantadores. Um dia destes vou-tos descrever. Mas depois, para que eu não seja inteiramente egoísta, a querida Ruth mostra-me os seus pobres filhinhos que foram torturados ou assassinados pelos Alemães. Ela trata tantos deles. Mas não tenho permissão para ficar muito tempo com eles, pois dizem que as suas tristes lembranças podem ser como uma doença infecciosa que eu poderia facilmente contrair. Assim, o Govy arrebata-me e leva-me a passear pelo jardim. Despois disse que eu deveria aprender a trabalhar, pelo que o Harold começou a dar-me aulas de pintura.
>
> Mas não é pintura com pincel. É tirar teias coloridas da nossa mente e depois, com o que o Harold chama de "os dedos da imaginação," moldamo-las e contornámo-las em pedaços de paisagem, flores, árvores, plantas, colinas, pôr-do-sol, tudo o que melhor recordarmos. É um trabalho maravilhoso e extraordinário. Sou muito estúpida nisso porque, dizem, tenho uma mente de borboleta. Deixo-me como uma borboleta, de flor em flor a provar um perfume após outro. Tão logo tenho um pedaço de paisagem organizada, corro para outro pedaço. E então de repente, e de modo insuportável, tudo desmorona como um castelo de cartas. . .

Após mais algumas referências às observações que fiz na carta que lhe dirigira, a Hilda terminou com:

> Beijos para o Tony e para todos que compreendem que estou viva, e, Bea, sinto-me tão incrivelmente feliz que por vezes fico com receio. Parece bom demais para durar.
>
> Sempre tua, minha querida,
>
> Hilda.

Ao me enviar o escrito acima, a Geraldine escreveu: "Desculpe, o anexo foi adiado. Tive uma sensação de verdadeira felicidade da parte da Hilda, como se todas as preocupações do mundo tivessem desaparecido."

Em resposta a uma carta minha, a Geraldine obteve o seguinte a 17 de Março de 1942:

Astor está aqui. Sim, Hilda gosta de escrever uma carta através de si. Ela diz que é um velho hábito e sente que pode dizer as coisas dessa maneira que não gostaria de dizer de outras maneiras. Mas ela quer que a Bea perceba que sempre há "omissões," porque ela está empolgada e a caneta corre com ela. Agora espere.

Hilda Gibbes:

Minha querida Geraldine, sozinha no seu quartinho azul. Ah, e com a minha fotografia ao seu lado. Como é engraçado ver essa velha inquieta! Eu sou uma nova mulher agora — não do tipo sabichona, nem a garota de uniforme feio, mas alguém que viveu por volta de 1906. Tenho examinado outros aspectos meus muito diferentes, entende. É como ir a um baú de brinquedos e tirar um monte de bonecas velhas e recordar a importância que cada uma tinha quando era nova. Há a Hilda do Natal de 1900, e há a pequena e engraçada Hilda de 1888, e há a triste Hilda de 1919. Dei uma olhada em todas elas como você está a olhar para a minha fotografia.

Mas o Harold diz que estou em 1906 e que estou a ficar mais jovem a cada dia. Em breve terei a idade em que conhecemos a Bea. Pergunte a ela, se ela se lembra das festas que fazíamos em Londres, quando o Govy e a mãe estavam no campo, quando o Arthur era apenas irmão da Bea? E depois sobre aquela vez em que ficamos em Malta com a O. — toda a emoção quando o bebé dela nasceu. Não gostei de Malta, com demasiados quartéis ao redor. Mas aquelas lindas festas Londrinas com o Harold e a Bea — as idas ao teatro, e as piadas tolas que fazíamos. Mas foi nessa época que a Bea foi a dama da festa. Quem pensava então nas roupas horríveis que ela viria a usar dentro de trinta anos?

Bem estou a dizer coisas indelicadas. Mas veja, acabei de conversar com a mãe dela sobre isso e descrevi alguns dos vestidos e chapéus de Bea — aqueles que ela usava na época de mil e novecentos, ou nos adoráveis anos noventa, quando éramos todos tão felizes e passávamos tão bons momentos. A Sr.ª Gibbes ficou muito satisfeita por eu me lembrar deles. Isso porque eu estive olhar para a boneca de 1899 ou de 1900 que era a Hilda daqueles dias. Ela evocou em mim essas recordações.

Não se deve inferir destes escritos que a Hilda fosse velha decrépita. Mentalmente e na aparência ela era extremamente jovem e era muito activa até ser impedida pela artrite.

Uma precisão extraordinária é mostrada na menção das datas — 1899-1900. A minha mãe morreu em 1898, e foi só depois disso que a Hilda e eu nos tornamos grandes amigas.

Tudo quanto a Hilda diz na primeira parte desta carta é característico dela. Ela adorava brincar com bonecas em criança, e a alusão que faz à sua tristeza em 1919 não é sem fundamento. Devido à guerra de 1914, Wickenden foi apenas parcialmente construída e teve que ser deixada inacabada, com as dificuldades decorrentes, até o final de 1919, quando os trabalhos foram reiniciados. A Muriel, que havia arranjado a viver lá e se encarregara de construir o jardim, morreu de gripe em Dezembro de 1918, e a Hilda ficou muito doente passado pouco tempo. A esposa do Harold morreu repentinamente em 1918, e a saúde dele provocou uma ansiedade constante na Hilda nos anos seguintes. O meu irmão havia voltado para o exército; O Tony era um bebé pequeno e delicado. O "Govy" havia morrido em 1915, e a mãe da Hilda estava acamada, e requeria muita atenção e cuidados da parte dela e da família. Problemas de vários tipos e ansiedade pareceram acometer vários membros da família M. naquele período. Por isso, não é de admirar que, com a sua natureza inquieta, ela visse "a triste Hilda" de 1919 ao olhar no "baú de brinquedos" dela.

A carta de Hilda de 17 de Março de 1942 continua assim:

> O quê? Você diz que tem uma carta sobre o Ni e o Tony? Ah, por favor, deixe-me vê-la imediatamente. Sabes, Bea, ultimamente a minha mente tem descansado com respeito ao Ni, e acho que em parte porque ele não se sente triste por minha causa. Ele sabe que estou perto dele e, o que é melhor ainda, quando ele estava a dormir, ele encontrou-me duas vezes num lugar

estranho e nublado. Mas o lugar não importava. Eu fiz com que entendesse que não sofria mais dor e estava feliz, como só nos meus melhores momentos. Tenho sido feliz na terra com o Nigel. E embora o Harold me tenha dito que ele não recordaria a nossa conversa quando acordasse, pelo menos ele levaria de volta a fragrância da minha felicidade — tal como alguém recorda a fragrância de uma flor. . .

Ah Bea, querida, fico feliz por teres resgatado alguns dos meus cíclames daqueles terríveis soldados. Não importa se eles são indecentes em Londres. Eu sei o cuidado que lhes dispensarás. Vais sentir como eu quando as flores chegarem, que elas são pessoas pequeninas requintadas, muito mais simpáticas do que muitos seres humanos. Espero que eles ergam as suas cabecinhas no teu jardim e não tenham o espírito destruído com apagões, nevoeiros e fuligem. Não me apraz de vivas sozinha em tempos de guerra e naquela casinha solitária. Por que não consegues que a Geraldine venha até ti?. . .

É muito amável da tua parte ter essa opinião do meu falecimento — ter sofrido por mim porque eu estava doente e em sofrimento — e teres deixado de sofrer por mim quando soubeste que eu estava bem. Nunca pensei que fosses tão sábia e sensata. Mas ter-me-ia deixado muito angustiada se tivesses continuado a sofrer por mim — porque, quais ecos, captamos esses sentimentos tristes das pessoas que amamos na terra. Se ao menos as pessoas não chorassem os seus mortos, se acreditassem na doutrina da Igreja — que não existem mortos — isso nos ajudaria muito! A Ruth disse-me que a coisa mais maravilhosa que lhe aconteceu após a sua morte foi a mudança repentina que se operou no Eric. A princípio ela sentiu terrivelmente a dor dele de partir o coração, mas depois, quando ela deixou que ele soubesse que ela estava presente, toda aquela tristeza o abandonou. O que respondeu por uma grande diferença para ela. Pois ela jamais poderia ser feliz quando ele se sentia profundamente infeliz por ela. Ela trabalha tanto entre as crianças pequenas que foram e estão a ser subitamente mortas nesta terrível guerra, que não estou com ela tanto quanto gostaria. Mas ela nunca permite que o seu trabalho interfira na sua comunhão com o Eric. Ela quer que ele e a Mary saibam que ela está sempre com eles, mesmo nas horas mais movimentadas, quando eles nem imaginam que ela está presente. É para mim maravilhoso que a vida deles ainda possa fazer parte da vida dela. Quem dera que me fosse permitido ficar tão perto do Nigel e do Tony. Mas não tenho permissão para ficar com eles assim. . .

A Mary é a filha mais nova da Ruth e do Eric Parker. Depois de algumas observações mais, a Geraldine foi, como sempre, interrompida. Ela voltou a fazer uma sessão para a Hilda no dia seguinte, 18 de Março de 1942.

Hilda:

Posso continuar com a carta da Bea? Mas primeiro você vai pedir-lhe que se desculpe junto do Eric. Eu costumava pensar que ele estava um pouco enganado e estúpido com relação às conversas que tem com a Ruth. Mas agora eu entendo. Eu sei que ele tinha razão. Conte-lhe sobre o Bird Paradise que a Ruth está a preparar para ele. Ah, eu não acredito que o referi isso antes. Como sou estúpida! Há tanto para contar, e tão pouco tempo. A Ruth criou um jardim especial com piscinas e um riacho, árvores frutíferas, flores e um bosque próximo. É realmente um jardim de flores silvestres — um pequeno paraíso para todos os pássaros — e o estorninho comum, os pássaros mais raros com nomes compridos e impossíveis de soletrar, vivem nele. Todos os amiguinhos de penas do Eric lá se encontram, e muitos mais. Ele ouvirá todas as canções que já conheceu, assim como muitas estranhas melodias de pássaros que o surpreenderão. Tivesse a Ruth conseguido prosseguir com o seu Mundo dos Pássaros, e ele ter-se-ia tornado num aviário tão completo quanto o da Arca de Noé.

Mas quando a guerra estourou e as pobres crianças Polonesas e Francesas torturadas vieram amontoar-se no nosso mundo, a Ruth obviamente deixou o seu paraíso e desistiu de tudo para trabalhar entre eles. Somente alguém tão verdadeiro, terno e forte quanto a Ruth pode ajudar

essas pobres almas e trabalhar entre elas. O Harold e eu haveríamos de deixaríamos tudo em pedaços, diz o Govy, se tentássemos ajudar esses pobres meninos e meninas que vêm para esta vida confusos com pesadelos de terror. Seja qual for o idioma, ela pode levá-los a entender. As criancinhas Russas que ela está a ajudar agora chamam-lhe Mãe Santíssima, e uma delas até perguntou se poderia fazer uma pequena estátua dela à qual ele pudesse rezar quando ela tivesse que deixá-la. Pois, apesar dos ditadores, muitos desses pequenos Russos têm as suas religiões ensinadas secretamente pelas mães. Imagino como o Eric se sentiria tão orgulhoso da Ruth e da sua coragem de enfrentar as horríveis cenas de horror que acompanham esses pequenos ácaros — as últimas coisas de que recordam da Terra, que são como retratos pintados ao seu redor — pintados pela sua imaginação.

A primeira tarefa da Ruth e de outros trabalhadores consiste em levá-los a desvanecer e atrair as crianças para longe da terrível teia de crueldade e ódio tecida ao redor deles pelos seus assassinos. Pedi para ser informado sobre estas coisas, porque queria tentar curar-me de um defeito grave. Fiquei a saber que tinha esse defeito ao examinar para aquelas bonecas na minha galeria da memória. Desde pequena que não suportava ouvir falar de crueldade atroz e brutalidade; até mesmo de coisas desagradáveis eu tinha medo. Identifico agora a minha fraqueza e procuro tomar uma dose desse remédio amargo de vez em quando. A Zellie, por ordem do médico, nunca me deu nada de tão desagradável.

Oh, as minhas azáleas ainda caem e quebram-se ou desaparecem da maneira mais absurda! Mas pelo menos tenho um cantinho lindo, bastante perfeito, que acho que vai ser permanente. Eu sopro sobre elas, eu irradio para elas. Eu sou o seu sol, chuva, vento e estrelas, a sua pequena Providência; e à noite, quando visito o cantinho das azáleas, todas abaixam as suas cabecinhas e dizem "obrigado," de uma forma tão linda.

A Muriel, o Govy e o Harold vêm e brincam comigo com respeito aos esforços de jardinagem que envido. A Ruth é a única que os leva a sério e profetiza que dia destes eu posso realmente deixar o jardim digno de nota.

A Geraldine regista de novo "interrupção aqui," mas continuou a sessão mais tarde. Após assinar, a Hilda escreveu: —

P.S.: Tenho até autorização para fazer um Postscriptum! Não entendo esta escrita de cartas. É apenas para te dizer que esta felicidade maravilhosa continua — pode tornar-se um hábito do qual nunca me livrarei, segundo diz o Harold. Imagina o Harold dizer isso!

É interessante notar que, nesta comunicação, a Geraldine descreve grosso modo o jardim de Eric Parker perto de Godalming, que ela nunca tinha visto. Ele e a Ruth construíram-no alguns anos antes de ela morrer, com um riacho e pequenas reservas, cercado por um bosque que acabou sendo absorvido pelo jardim. Todos os pássaros são encorajados a fazer ninhos nele. Mais uma observação: pelas recordações que tenho da Ruth, ela é a única da família que levaria a sério os esforços da Hilda no jardim, e a encorajaria e, embora divertida, não a teria zombado impiedosamente por causa dos seus fracassos. Este é um pequeno toque característico que pode não interessar ao leitor em geral, mas que me faculta uma prova adicional da identidade deste e dos outros comunicadores.

CAPÍTULO OITO

1942

A EXPERIÊNCIA DA HILDA NO MOMENTO DA MORTE DO NIGEL

Na primavera de 1942, tive um forte ataque de gripe e bronquite que, em menor medida, me afectou o coração. A Geraldine C. veio da Irlanda ao meu encontro em Londres e ficou durante duas semanas. Durante esse período, tivemos três sessões; nos dias 26 de Maio, 1 e 4 de Junho.

Sentada ao lado da minha cama na terça-feira, 26 de Maio de 1942, a Geraldine escreveu o seguinte:

> Astor: Há um redemoinho curioso do éter aqui. Vejo perto de vós dois grupos; um da sua própria família, o outro da sua família adoptiva. A Muriel avança e perto dela está a Hilda — as três irmãs, pois atrás delas está a Ruth. O Frank também está aqui.

Pedi ao Astor que deixasse a Muriel falar primeiro e a Hilda a seguir. Após uma conversa preliminar, a Muriel escreveu:

> A Hilda ainda está muito ocupada com seu jardim Wickenden. Sabes, o Govy e eu cometemos erros terríveis nele, e ela tem feito todos os tipos de mudanças e até ousou discutir com o Govy por causa disso — não uma discussão de verdade, uma discussão de amor. . .

Então a minha cunhada escreveu por meio da Geraldine pela primeira vez na minha presença. Ela fez alusão à minha doença, expressou prazer em ver a Geraldine e eu juntas e comentou que tinha visto que o Eric não estava muito bem: "Pode ter sido uma daquelas fotos estúpidas que às vezes vemos ao redor das pessoas aqui," disse ela. Com a observação que fiz, de que como ela se referiu a ter visto fotos do Eric, perguntei-lhe se poderia falar-me mais sobre como ela viu corretamente que o Nigel tinha sido, ou ia ser, ferido.

A Hilda deu a seguinte resposta:

> Veio a mim quando eu estava a descansar e a enviar-lhe os meus pensamentos. Lentamente surgiu uma luz, e vi que era realmente um espelho com curiosas figuras Egípcias esculpidas na sua moldura de ouro. E eu soube então que já tinha vivido com ele antes. Sabes, Bea querida — ou talvez tu não saibas — nós já vivemos antes. Foi uma grande surpresa para mim, mas falarei sobre isso em outra ocasião. Eu vi o meu pobre Ni naquele espelho, ferido e com tanta dor. Ele estava todo curvado, e tinha o rosto muito branco. Parecia ser na perna ou no braço. Só eu senti a sua dor como se fosse minha enquanto olhei. Isso me deixou muito infeliz até que o Govy me disse que os espelhos apenas reflectem imagens dos nossos medos. Fiquei feliz por ouvir isso porque, mais tarde, vi outra foto em que ele parecia ser um prisioneiro ou estar isolado dos seus próprios homens, e em que ele era novamente ferido. Eu não segui essa imagem. Virei costas para aquele espelho e desejei que o Egipto estivesse — em qualquer lugar, mas não ligado a mim. Porquanto sabes, Bea, a moldura daquele espelho era a coisa mais linda — eu adorei-o e soube que era o meu tesouro quando fui muito feliz certa vez junto ao Grande Rio. O espelho levou-me de volta para quando o Harold era o meu príncipe, como eles o designavam, e, estranhamente tu eras um homem alto, meu escravo. Mas tinhas uma pele morena. Uma coisa tão engraçada — eu disse ao Harold no meu sonho: "Bea foi para Elizabeth Arden."
>
> *(Desato na gargalhada.)*
>
> Ele disse: "Podes acreditar em qualquer coisa da Bea. Talvez seja o novo Regulamento de Guerra, para assustar os Hunos."
>
> *(Mais gargalhada da minha parte.)*

Seguiram-se outras observações e foram transmitidas mensagens do Tony. "Os anos não vão nos separar", escreveu ela. Eu serei o mesmo quando, já velho, ele vier para o nosso lado." Com uma observação jocosa adicional de que eu deveria maquilhar o rosto todos os dias, a sessão terminou.

Um delicioso toque de humor é transmitido nas observações de que eu poderia ter procurado a Elizabeth Arden, a especialista em beleza, para me bronzear o rosto a fim de cumprir possíveis

regulamentos de guerra para assustar os Alemães. É típico tanto da Hilda como do Harold. Com o seu humor e prontidão de resposta em anos anteriores, eles conseguiam manter uma sala cheia de pessoas a balançar de tanto rir.

Chegamos agora a uma nova visão a respeito de Nigel, descrita pela minha cunhada na sessão seguinte, na tarde de segunda-feira, 1º de Junho de 1942, indicada na sessão anterior e no dia de Natal de 1941. A Geraldine sentou-se novamente ao lado da minha cama.

> Astor está aqui. Vejo que hoje a Ruth e a Muriel vêm com a Hilda. A Ruth tem conversado com ela, a tranquiliza-la, mas a Hilda deseja particularmente escrever hoje, embora talvez não lhe conte o que a preocupa.
>
> B. Gibbes: Você sabe o que é?
>
> Astor: Sei. Ela dir-lho-á, se quiser. Espere.
>
> Após alguma conversa preliminar sobre um assunto de família, Hilda escreveu o seguinte:
>
> Eu estive no meu jardim, Bea querida, e eu realmente tinha umas rosas lindas, feitas pelas minhas próprias mãos e mente. Fiquei tão satisfeita. Eu ia escolher uma vermelha para o Tony* e uma creme para o Ni, quando surgiu uma nuvem de fumaça e depois ruídos como armas, e eu vi aqueles tanques horríveis a correr pelo canto do meu novo jardim. Num deles, o Ni parecia tão branco, tão exausto, e no seu uniforme de combate. Senti uma dor lancinante na cabeça, e muito quente, muito sufocada. Havia nuvens de poeira ao meu redor.
>
> Tentei alcançar o Ni entre aqueles monstros terríveis, e sabia que a minha dor de cabeça era a dor de cabeça dele, e a sensação de choque se devia a que ele não conseguisse respirar direito. Assim que cheguei ao lado de tanque dele e estendi os meus braços para o meu querido, houve uma explosão. Não vi mais nada. Encontrei-me de volta entre as rosas, as abelhas a zumbir entre elas, sem nenhum outro ruído. Importas-te que eu te conte isto, Bea, querida? Eles não entendem aqui. Eles estão tão longe de tudo isso. Mas tu e eu passamos por um bom bocado de coisas dessas, pelo que sabes o que sinto. O meu Ni correrá perigo?

**Recentemente descobri com o Tony que, quando possível, ele sempre usava uma rosa vermelha ou um cravo na lapela. Eu não sabia que essa cor era a sua escolha especial.*

Recordando a precisão com que a Hilda descreveu o primeiro ferimento do Nigel, cerca de três semanas antes de o evento se dar, fiquei perturbada com a descrição acima do que parecia ser outra visão — ou melhor, neste caso, uma experiência real. Obviamente, ela apelou a mim para poder descansar a mente e, como tantas vezes me esforcei por fazer durante a sua vida, evitei uma resposta direta, dizendo que não sabíamos realmente onde Nigel estava, que ele poderia estar perto de qualquer batalha, e que ela poderia inconscientemente ter captado os pensamentos de outras pessoas que tinham filhos e maridos na linha de combate e confundi-los com os seus.

> Hilda: Ah, foi isso, eu espero. Então não preciso mais me preocupar com o que vi?
>
> BG: Não, embora todos nós, é claro, pensemos nele.
>
> Hilda: "Bem, nunca mais pense nele assim, por favor."

(escrito rapidamente)

> BG: Não, não quis dizer que estava pensando nele assim, porque não pensei. Ele pode estar no Cáucaso — justamente longe dos combates.

Hilda: Sim. Vou acreditar nisso. Se eu pudesse fazer com que o Nigel viesse até mim sem dor, eu ficaria muito feliz, embora seja egoísta da minha parte. Tenho medo da dor por ele; mas como ele está no Cáucaso, ele está bem.

BG: Possivelmente ele está por lá. Espero que sim.

Hilda: Gostaria que ele estivesse longe do deserto e visse a Rússia. É a Rússia, não é? Montanhas e mar. Pensarei nele nas montanhas a ver lindas paisagens. Sim, ele vai gostar de conhecer a Rússia. Acho que posso continuar com aquele canto do meu jardim agora. Antes eu não conseguia. Eu estava a fazer um jardim de ervas, todo aquele perfume lindo, alecrim e arruda, e aí, no momento em que estava a obter êxito com elas, o perfume deu errado, e o alecrim apresentava aroma de alho, por exemplo.

BG: (Ri) Ah, estás a zombar.

Hilda: Não, é verdade. O Harold disse que eu pensei em alho na hora errada; que entrou na construção da imagem disso. Pensei: "Não devo ter nenhuma coisa desagradável como alho perto do meu jardim de ervas" e então, é claro, veio o perfume dele. Tão cansativo que tive que começar tudo de novo.

Simpatizei devidamente com as suas dificuldades e, após mais alguma conversa sobre a possibilidade do Nigel estar na Rússia, ela perguntou sobre o seu segundo filho, Tony. Ela perguntou se ele não se sentia demasiado infeliz na sua vida de soldado. Respondi que, embora ele odiasse ser soldado, ele era o melhor em tudo. Ela respondeu:

Fico feliz por ele se sentir assim. Não me preocupo com o Tony, sinto que ele está bastante seguro, e agora pensarei no meu Ni nas montanhas e a beber vodca nas estalagens Russas. . . Espero que a Zellie esteja a passar bem. Eu vi-a por um momento no outro dia. Ela estava a falar muito sobre comida — muito chateada por não ter recebido uma ração qualquer. Tão parecida com a velha Zellie, para me fazer uma visita e apenas resmungar das rações ou algo assim. Fiquei tão satisfeita por não ter que fazer nada a respeito. Eu disse-lhe: "No céu não temos rações." Mas ela não pareceu ouvir-me.

BG: Não, espero que não. Agora deixas a Ruth escrever um pouco?

Hilda: Deixo, sim. Tenho outras coisas na minha lista, mas perdi a lista (um toque familiar). Não importa.

Amor, minha querida,

Tua, Hilda.

(Pausa e uma ligeira mudança na escrita.)

Ruth Parker: Gosto do lápis. A Hilda está de novo muito feliz desde que te escreveu. Ela estava preocupada e tu tranquilizaste-a.

BG: Sim, mas receio que o Ni *esteja* no meio deste combate. Contudo, tentei tranquilizá-la dizendo que ele poderia estar no Cáucaso. . .

Infelizmente o telefone tocou neste momento e a escrita parou.

A informação de que o Nigel havia morrido vitimado por ferimentos na quarta-feira, 27 de Maio de 1942, foi dada pelo Ministério da Guerra à esposa dele, Peggy, na terça-feira, 9 de Junho. A sessão

acima registada (1 de Junho) indica que a mãe dele ignorava por completo a sua morte efectiva, que já havia ocorrido quatro dias antes e treze dias antes da notificação ser recebida pelos parentes do Nigel.

Não podemos dizer se a Ruth já sabia do sucedido, mas é provável que sim. Evidentemente, a ser assim, eles não queriam que a Hilda soubesse disso. Mas aconteceu uma coisa curiosa: liguei para Mary Parker, prima do Nigel, na noite de segunda-feira, 1 de Junho, e falei dessa visão que a Hilda afirmara ter tido além da anterior em que descrevera os ferimentos. Mary não fez qualquer comentário. Foi só quando, ao lhe telefonar de novo na noite de terça-feira, 9 de Junho, para lhe falar sobre a morte do Nigel, ela disse que ela e o pai estavam a conduzir o seu experimento semanal com o tabuleiro Ouija no domingo, 31 e nessa ocasião, o tabuleiro havia escrito "Nigel, Nigel. O Nigel está aqui. O Nigel está aqui," e alguma referência foi feita ao irmão Christopher. Ela disse que tudo era muito angustiante e, como não conseguiam mais nada, interromperam a sessão.

Será interessante notar que essa visão do Nigel ocorreu num momento em que a mãe estava a pensar particularmente nele e a colher uma rosa branca, como ela descreve. Se se pode especular, parecia que a mente subconsciente de Nigel sabia, alguns momentos antes de ser atingido, que ele ia morrer e enviou um pensamento implorante que a atraiu para ele. Pois ela escreveu: "No momento em que cheguei ao lado do tanque dele e estendi os meus braços para o meu querido, houve uma explosão." Essa explosão causou-lhe ferimentos mortais.

O Nigel, é claro, tinha estado presente em todos os nossos pensamentos, pois conhecíamos o Oitavo Exército, mas uma imagem dele ou de tal incidente não me veio à mente nem à da automatista.

No que diz respeito à preocupação da Mademoiselle com as suas rações; é característico da maneira como ela se comportava quando estava com a Hilda na terra. Além disso, recebi uma carta da Mademoiselle no dia 2 de Junho a dar conhecimento do facto de que ela não tinha rações para as galinhas ou para os cães, e muito pouco para si própria.

A terceira sessão que tive com a Geraldine ocorreu na tarde de quinta-feira, 14 de Junho de 1942, com Geraldine ao lado da minha cama, como antes.

> Astor está aqui. Vejo perto de si os seus próprios amigos e a Frank. Agora a família M. está próxima. Deixarei que a Hilda escreva e, se houver tempo, o Harold poderá escrever mais tarde.
>
> Hilda Gibbes:
>
> Diverte-me riscar o meu nome neste vidro — um lápis tão grande. Bea querida, tenho tantas coisas para te contar. O Govy tem-me punido. Eu gostei bastante. Ele disse que eu estava a pensar demais nos meus dois filhos comuns! (Ah!!!) Fiquei furiosa. "O Ni é diferente de todo mundo," disse eu. "Ele é," disse Govy, "mas o facto é que ele não é suficientemente notável para te prender toda a tua atenção. Estás a desperdiçar vida aqui."
>
> Vê bem, Bea, nós não perdemos tempo aqui, todos os relógios pararam. Mas podemos desperdiçar a vida. Então o Govy disse: "Vou-te colocar de volta no último lugar da turma, nos teus anos de infância, quando tu nem sonhavas com o Nigel nem o Tony." E aqui está o extraordinário, Bea: ele me mandou de volta para a infância. Vi o Harold em menino, e lá estava eu (com a velha Nannie, que parecia muito jovem), ainda menina. E eu vi a O---* com rabo-de-cavalo, a dedilhar o piano. Era uma garota crescida, e o Harold e eu não gostávamos dela naquela época. Achávamo-la muito mandona e um dia ela provocou-me e fez-me chorar. Então o Harold bateu-lhe, e alguém, uma governanta, veio e bateu neles, e o Harold e eu retiramo-nos e choramos juntos. Assim, estás a ver, aqui estava eu, a avó idosa, a ver o pequeno Harold e a mim própria como eu era - e a "avó" também chorava. Foi tudo tão comovente! Depois houve a casa de bonecas da Rainha Vitória que me foi dada no Natal — foi uma época maravilhosa.

A "avó" era ela própria e a menininha que brincava com aquela casa maravilhosa, com todas as cadeiras e mesas que ela tinha. Eu tirava-as todos os dias e espanava-as. Acho que é por isso que sempre adorei móveis antigos, pois os momentos mais felizes que já tive foram quando brinquei com a minha casa de boneca. Eu vejo isso agora. Eu comigo própria simplesmente cantava de alegria com aquele antiquado brinquedo Vitoriano. Eu e eu própria somos a Hilda, a avó, e a Hilda de sete anos.

Eu vi-a, a crescer, a andar pelo jardim de mãos dadas com o Govy. Ele disse-me os nomes das flores e depois repreendeu-me por eu nunca conseguir lembrar-me deles — uma borboleta ou um pássaro captavam-me a atenção e eu não conseguia pensar em mais nada. Foi por isso que fiquei com um pouco de medo de Govy. Eu era uma garota travessa e não assistia às aulas de flores dele. E quando ele explicou isso, me senti-me muito mais próxima dele. Agora não tenho medo de Govy, Bea. Os dias maravilhosos passados no jardim e as brincadeiras de infância. Fiquei tão feliz com o desfrute do castigo, até que me vi na escola. Lá eu odeio todas as donas (professoras), todas as meninas, e todas as noites eu tinha medo e chorava até adormecer. Essa parte deixou-me triste, mas foi bom, segundo o Govy, eu ver isso, porque vai-me ajudar a não ter medo. Mas tudo isso já passou e acabou. Por isso agora posso ver o quão tola eu era. O Govy disse que, depois que eu voltasse do jardim de infância e da escola, eu não deveria mais sentir-me assustada do que a estudante — quero dizer, com relação ao Ni, e é estranho, mas sinto-me bastante calma e feliz, como se ele estivesse bastante protegido do sofrimento real. . .

Com base nesta última observação, pareceria que a Hilda estava ciente de que o Nigel estava seguro e livre de todo sofrimento, e ainda assim aparentemente inconsciente do facto de que, de acordo com o conhecimento médico actual, ele já havia passado para o Além.

A seguir a Hilda referiu-se à minha saúde. Eu disse-lhe que aquela era a última vez que poderíamos escrever juntas, uma vez que a Geraldine ia partir para a Irlanda no dia seguinte.

Hilda: Diz-lhe para me ligar, número 2070, na esquina do Paradise. Esse é o número do Harold. Tem que ver com o Egipto, diz o Harold, algo associado a um encontro que tivemos no Egipto. Mas tem um significado enquanto número para nós aqui. Acho que deve ter sido o ano em que estivemos no Egipto," disse o Harold aC., "Nós vivemos dC., antes de aC., segundo disse. Portanto, estamos muito à frente das pessoas que nunca tiveram as iniciais bC. Estamos em dois grupos, as pessoas que não tiveram bC., e as pessoas que tiveram. Mas eu precisaria explicar muito mais para te mostrar o que tudo isso significa em relação ao Céu. Ah, encontrei recentemente o Sr. Gardner, o Reitor; ele enviou-te saudações.

Mais tarde, ao ler este escrito, ocorreu-me que a Hilda se referia ao Sr. Gardner, o falecido reitor de West Hoathly, no Sussex. Ele conhecera bem a minha cunhada e estava profundamente interessado nos Escritos de Cléofas. A introdução do seu nome foi uma perfeita surpresa para mim.

Não li esses três escritos à Geraldine, nem ela pareceu ter ideia do que havia escrito. Ela partiu para a Irlanda no dia seguinte (5 de Junho).

Referindo-se à experiência da Hilda com a morte do Nigel, pode ser interessante introduzir aqui a comunicação que se segue.

Escrevendo através de Geraldine Cummins há muitos anos (12 de Julho de 1927), o Harold descreveu um certo incidente relacionado com o filho. Foi o seguinte:

Ultimamente tive um sonho estranho que me preocupou bastante. Senti um som no meu ouvido — tenho que usar os teus termos — quero dizer, é claro, escutei um pensamento que veio da terra, assim como ouvi o teu pensamento repetidas vezes quando pretendias estender-me uma possibilidade de falar contigo. Mas esse chamado era algo bastante novo e, ao mesmo tempo, muito antigo e familiar. Isso deixou-me muito emocionado. Era como uma canção antiga que

amamos, ou melhor, a emoção que envolvia era desse tipo. O chamado foi repetido e desta vez havia algo horrível nele. Eu coloquei-me muito rapidamente no estado especial necessário quando alguém tenta ver o vosso povo fantasmagórico e falar convosco. Como sempre, a névoa envolveu-me e, como é habitual, esperei que ela se dissipasse — esperei até ver a luz. Passado um tempo, tomei consciência de uma rua de aparência um tanto sombria, do que pareceu ser o crepúsculo, e então, à medida que caí cada vez mais no estado de sonolência necessário para perceber homens e mulheres, vi dois homens. . .

O Harold passou a descrever um incidente que acontecera ao filho na Terra. Ele havia fora deixado inconsciente e roubado algumas semanas antes. O Harold continuou:

> Eu estava indefeso. Aí eu ouvi-o falar — quer dizer, ouvi o pensamento dele: "Está tudo bem, estou aqui. Ajudem-me."

O Harold contou então como conseguiu ajudar o filho naquela ocasião. Este episódio é registado porque parece ilustrar o facto de que foi a mente subconsciente do Nigel que chamou a mãe para ele, conforme sugerido no caso citado.

Como, na última sessão que tive em Londres com a Geraldine, no dia 4 de Junho a Ruth foi interrompida pelo toque da campainha do telefone, escrevi à Geraldine, na Irlanda, a pedir-lhe que fizesse uma sessão para a Ruth assim que dispusesse de tempo. Mas nem mesmo então lhe contei as notícias que de que tivera conhecimento acerca do Nigel.

A 16 de Junho de 1942, a Ruth escreveu o seguinte:

> Astor: Aqui está a senhora serena, como lhe chamamos, pois a Ruth já conquistou aquela calma que está muito além do alcance dos seus contemporâneos deste lado — a paz calma do Espírito Eterno.
>
> Ruth Parker: O seu amigo aqui (Astor) disse-me que você remeterá uma carta à Beatrice Gibbes da minha parte.
>
> Bea querida,
>
> Eu sei que tu queres notícias acerca da própria Hilda — todas as coisas que ela não entende, pelo que não te contar pode falar. Este é um momento bastante crítico para ela aqui. É importante que ela ouça notícias de seus filhos ocasionalmente desta forma. Mas era igualmente importante que ela fosse impedida de se encontrar com eles quando eles estivessem fora do corpo, durante o sono, ou em qualquer estado de inconsciência em que ela pudesse encontrá-los através da força do grande amor que tem por eles. E o Govy e eu sabemos que estes vão ser meses formidáveis e críticos para o Tony e o Nigel. Nunca seria bom para ela ter encontros diretos com eles, pois então ela captaria todas as suas emoções, os seus medos, agitação e outras coisas que eles podem suportar, mas que para ela seriam insuportáveis.
>
> Assim, deslizamos para o mundo da sua infância na Terra, em que o Nigel e o Tony não existiam para ela. Ela está a aprender e a avançar, e isso mantém a sua pequena mente ocupada e feliz. Deves enviar-lhe quaisquer notícias sobre os filhos e sobre o mundo. Se forem más, será melhor que lhe contes. Ela pode facilmente suportar más notícias sobre eles, desde que ela própria não os encontre no mundo intermediário. É isso que estamos a tentar evitar, embora ainda não possamos ter a certeza do sucesso total. Tudo o que sabemos é que o Tony será enviado para o exterior, mas vai ficar bem, sobreviver e viver a sua vida. Mas há uma nuvem a pairar sobre o Nigel. Ele pode eventualmente voltar para a família, mas é incerto como o vemos daqui. Isso é tudo que posso dizer. Tem cuidado contigo própria, Bea querida. Remete o meu amor ao Eric e à Mary, se vocês estiverem a escrever-se, embora eles recebam notícias minhas de outras maneiras; e para ti amor igualmente.
>
> Ruth Parker

Duas questões emergem do escrito acima e parecem interessantes: (1) A Ruth diz que ela e o Govy sabem que o Tony e o Nigel vão enfrentar meses formidáveis e críticos. Para este último, o outro lado da morte pode ser inferido. (2) Que há uma nuvem a pairar sobre Nigel e que ele pode eventualmente voltar para a família, "mas é incerto como vemos daqui." Parece, pois, que neste momento eles não sabiam que o Nigel já havia, até onde nos é dado entender aqui, passado para o outro lado. "Meses críticos" para o Tony certamente ocorreram. Além da perda dos pais, do irmão e da sua casa em onze meses; após muita preocupação e ansiedade, ele também perdeu a jovem esposa. Uma possível razão para a sugestão velada da Ruth, registada acima, é discutida no final deste capítulo.

A 17 de Junho de 1942, a Geraldine obteve o seguinte escrito da parte da Hilda:

> Hilda Gibbes: Com que então você está de volta ao seu quarto azul, Geraldine. Eu gostaria que você tivesse ficado com a Bea.
>
> *(Uma observação da senhorita Cummins, omitida.)*
>
> Entendo, você tem que ficar com sua a mãe. Bem, você precisa voltar para a Bea assim que puder. Agora vou-lhe escrever um bilhete e você vai fazer de carteiro.
>
> A nossa vida, Bea querida, é tão diferente de tudo quanto eu esperava. Não é um sono longo, não é o céu nem o inferno, mas é praticamente tudo felicidade, e por isso sinto que devo informar-te disso. É exactamente o contrário de um sono prolongado — muitas coisas acontecem nela. Não consigo lembrar metade delas para te poder contar. Ando a correr de um lugar para o outro — não porque precise; é que há tanta coisa para ver e fazer que não me canso. Essa é uma das coisas adoráveis aqui — ausência de cansaço, ausência de dores, ausência de fadiga; embora eu repouse ocasionalmente, apenas para organizar as minhas ideias e impressões. O Harold diz que é o momento para reunir impressões, que é um grande erro eu pensar. Que devo apenas divertir-me. Eu disse que achava que era errado — que neste mundo não nos devemos apenas divertir, motivo porque estou a ter o que a Ruth chama 'minhas aulas'. Eles colocaram-me de volta no último lugar da classe. Ano após ano estou a ver-me como costumava ser. Primeira infância — Ah, eu era um bebezinho tão furioso — e feio também! O Michael e o David* eram lindos comparados comigo. Este ver-nos a nós próprios é extraordinário e por vezes bastante doloroso, por eu ser em parte o bebé e em parte eu mesma. A bebé Hilda acordou no escuro e estava um cachorro grande no quarto que se aproximou do berço. Ah, o bebé ficou tão assustado, assustado demais até para gritar, e eu fiquei tão assustada quanto o bebé. Como odeio essa parte das minhas aulas! Foi um terror medonho. A Ruth explicou-me desde então que o susto daquele bebé, em criança sempre, me fez ter medo de dormir sozinha, sem ninguém por perto. Um dia destes, mas não em pouco tempo, terei que aprender a ficar sozinha.
>
> Ah, sabes que estou a acertar com estes perfumes no meu jardim de ervas. Pelo menos afastei todos os odores desagradáveis. Estava tão orgulhosa antes de começar a escrever que fiz com que a lavanda realmente cheirasse a lavanda. A pimenta-da-jamaica também me deu a sua fragrância natural. Eu gostaria que o Michael e o David estivessem aqui, seria tão divertido se eles conhecessem a pequena Hilda — de cinco anos. Nós Temos vindo a conduzi-la ano após ano e agora chegamos aos cinco anos de idade.
>
> Ah, eu tentei ver o Ni com os camponeses Russos e nas montanhas da Rússia. Mas foi tudo um fracasso. Não vi nada. Não consigo encontrar o Ni agora. Fartei-me de tentar. Essa é minha única preocupação. Eu disse-te que nos encontramos ou que o tinha visto diversas vezes antes. Agora tenho a sensação de que ele me deseja muito e não consigo chegar até ele. O Govy diz que é por ele estar seguro e muito feliz que eu não o encontro nem mesmo sinto os pensamentos de carinho dele. Acha que o Govy realmente sabe? Mas embora eu não encontre o Tony, de vez em quando os pensamentos dele chegam até mim. É como se ele estivesse a falar ao telefone a longa distância.

Quando estou a repousar, de repente recebo um chamado e ouço a voz dele por um breve instante, como se ele estivesse a telefonar do Norte para Wickenden** é tudo muito rápido e difícil de ouvir, mas é adorável receber fragmentos dele assim. Algumas coisas são bastante absurdas sobre seus cães, a Zellie, a Marion, o David. Chega-me tudo numa confusão de amor a mim, e se ao menos eu estivesse lá! Depois, subitamente tudo desaparece. Mas não obtenho absolutamente nada do meu Ni, por isso, Bea querida, envia-me qualquer notícia que puderes quando tiveres tempo, e talvez a Geraldine mo conte.

Agora o Harold vai mostrar-me o palácio Egípcio dele como recompensa pelo tempo que passei as aulas. Muito amor para o Tony, se tu lhe escreveres, e diz-lhe que recebo pensamentos amorosos e que estou muito bem e feliz nesta vida maravilhosa. . .

** Neto bebé (filho do Tony.)*

*** Nos meses anteriores à morte da Hilda, o Tony telefonava constantemente do Norte, para onde fora designado, para a mãe em Wickenden. Na verdade, ele ligava-lhe quase todas as noites. Isso não era do conhecimento da Geraldine Cummins.*

É patético, embora não desprovido de interesse, observar na comunicação acima que, apesar dos seus esforços, a Hilda afirma que não conseguiu mais encontrar o Nigel. Ela agora também não recebe pensamentos dele — deste mundo — como afirma ser o caso com o Tony.

Os dois escritos precedentes foram recebidos por mim no dia 25 de Junho. Através da Geraldine, a Hilda parecia não saber o que acontecera ao Nigel. Portanto, conforme a Ruth sugeriu que eu lhe dissesse, liguei para a Geraldine naquela noite e pedi-lhe que passasse a seguinte mensagem à Hilda: que eu queria prepará-la (à Hilda) para a Maior felicidade da sua nova vida, por ter motivos para acreditar que o Nigel seria encontrado no seu mundo. Embora ele ainda pudesse estar inconsciente, talvez o Govy ou a Ruth a ajudassem a encontrá-lo e, se o fizessem, ela não precisaria mais se preocupar com ele. Parecia cruel deixar a Hilda nesta aparente incerteza, quando ela estava obviamente consciente de que algo tinha acontecido ao seu filho e que ele precisava dela.

A Geraldine respondeu ao telefone que estava muito angustiada com relação ao Nigel; que só podia concluir o que havia sucedido, pois *já havia recebido novos escritos de carácter bastante angustiante* que enviaria no dia seguinte. Precisa ser enfatizado que a última carta da Hilda escrita através da Geraldine foi escrita em 17 de Junho recebida por mim a 25 e nesse *ínterim* eu havia contado à Hilda através da Sra. Dowden (a 20 de Junho) que o Nigel já havia falecido. O relato feito na sessão da Sra. Dowden confirma a ansiedade da Hilda neste momento em relação ao Nigel. (*Ver o Apêndice*).

A breve comunicação que se segue enviada pela Geraldine foi posteriormente recebida por mim. Está datado *do mesmo dia da sessão que tive com a Sra. Dowden. Nem a Sra. Dowden nem a Geraldine sabiam que a outra estava em sessão de escrita automática naquele dia;* nem eu tampouco sabia quando a Geraldine ia receber uma comunicação da Família M..

20 de Junho de 1942.

Astor está aqui. Sim, espere, vou chamar a Muriel. *(Pausa prolongada.)*

Nenhum delas pode vir esta noite, mas enviaram alguém que falou antes.

(A caligrafia mudou por completo, para uma caligrafia grande e arredondada.)

Annie M.: Faz favor de dar uma nota minha à Beatrice Gibbes?

(Sim.) Obrigado.

Minha querida,

A Muriel pediu-me para te escrever; ela não pode vir. Disseram-me que há trevas sobre a terra e eu fico preocupada por ti e pelo O. . . e pelo L. . . * Não consigo chegar até eles. Eles vedaram-me. Vais ler isto, segundo me disseram, pelo que quero que saibas que a Hilda está a ser cuidada e está feliz enquanto criança, ocupada apenas com o que vê e ouve. E a mensagem que te endereço é que a luz surge repentinamente após esta grande escuridão. E que não precisas ter medo do mundo que está por vir.

Meu amor, minha querida,

Annie M. **

Astor acrescentou: A Muriel enviou uma mensagem a informar que eles estão a tentar ajudar o Nigel. Ele está inconsciente. Não lhe posso contar mais nada. Não sei se é vida ou morte para ele.

Seus dois últimos filhos sobreviventes.

***Mãe da Hilda.*

Com referência às breves mensagens referidas acima, será possível que, em resultado da informação que passei à Hilda sobre o Nigel através da Sra. Dowden, tenha sido criada uma situação que impediu qualquer um dos membros habituais da família M. de escrever através de Geraldine nessa noite? A Muriel não pôde comparecer, mas enviou uma mensagem que se referia directamente ao Nigel, a dar conta do ocorrido. Ao mesmo tempo, preciso será notar que, ao escrever no dia 4 de Junho (alguns dias após a morte do Nigel), a Hilda explicou que o pai a havia colocado de volta nos dias da creche naquele período muito crítico. Ela escreveu como se já tivesse revivido alguns daqueles tempos anteriores. Disto se poderá concluir que a família M. estava plenamente consciente da morte do Nigel, apesar da estranha incerteza do Astor a 20 de Junho e das observações inconclusivas feitas nos escritos de 22 de Junho que se seguem; embora a indicação seja definitiva.

Essa maneira duvidosa de relatar a morte do Nigel por meio da Geraldine pode dever-se ao desejo de não conduzir a mente consciente dela a um choque com a mente inconsciente. Pela maneira como a informação é transmitida nestes escritos, esta pode muito bem ser a verdadeira explicação. É análoga ao incidente registado na abertura deste livro. Neste contexto, é interessante a declaração do Govy no final da sua carta de 26 de Junho, que se segue, é de interesse. O pronunciamento da morte efectiva do Nigel só seria feito por meio da Geraldine, *depois que* ela fosse informada do ocorrido. Esta notícia eu dei-lha na noite de 25 de Junho, conforme relatado.

CAPÍTULO NOVE

1942

"LIVRA-NOS DA MORTE SÚBITA"

Se estou ou não certa ao publicar estes registos do falecimento do meu sobrinho, Nigel, no campo de batalha na Líbia, não sei dizer. Alguns gostariam de saber o que é aparentemente a verdade — outros podem preferir permanecer na ignorância de detalhes que não podem deixar de ser angustiantes para aqueles que sofreram perdas semelhantes. Tenho a opção, é claro, de omitir certas passagens e de inferir que a morte em circunstâncias terríveis resulta em paz e felicidade imediatas. No entanto, nas páginas que se seguem tornar-se-á evidente que nem sempre é esse o caso. Conforme salientei (p.39) o controlo ou comunicação pode configurar que tudo está, e estava, bem com aqueles que passaram por algum choque repentino; e é seu desejo natural que a participante não fique indevidamente angustiada. Aqueles que estão no Além são muito humanos nos sentimentos que têm

por nós que estamos aqui à espera. Quão pouco percebemos a potência das palavras: "Livra-nos da morte súbita"!

Os leitores deviam lembrar-se que cada caso deve variar de acordo com a natureza e o temperamento daquele que passa repentinamente desta vida. As circunstâncias da morte e o ambiente do indivíduo naquele momento criam em grande parte a atmosfera em que o espírito que parte se encontra após deixar o corpo físico. Além disso, O TEMPO, tal como o concebemos aqui, aparentemente não existe na vida futura. No caso do Nigel, parece que se passaram três ou quatro semanas antes que ele fosse inteiramente libertado do corpo. Mas para aqueles que estavam naquela outra vida, pode ter sido apenas uma questão de algumas horas. Assim, se os leitores ficarem perturbados com as revelações aqui registadas, o facto exposto deve ser lembrado.

Quanto à automatista: Geraldine Cummins é um dos seres humanos mais delicados e atenciosos. Conscientemente, ela seria inteiramente avessa a escrever qualquer coisa que me pudesse angustiar ou a qualquer outra pessoa. Portanto, não temos outra alternativa senão acreditar que esses detalhes foram dados de boa-fé através da sua mediunidade. Se os seus outros escritos forem aceites como relatos verídicos, na medida em que possam ser obtidos, da existência continuada de certos indivíduos na vida após a morte, os seguintes dificilmente poderão ser descartados como um exagero ou uma invenção da mente subconsciente.

Numa redação escrita em 1944, o estado em que os chamados mortos (que vivem plenamente o seu quinhão de vida) permanecem durante um tempo após a morte é descrito como:

Um ambiente agradável e sem dor — em que sonham e dormem. A duração desse sono não é governada pelo nosso tempo. Por vezes, se tiverem ficado gravemente magoados com a perda de alguém que amam, que era tudo para eles na terra, então têm que continuar dormir e a sonhar durante muito tempo de modo a evitar a tortura da perda. . .

Na segunda-feira, 22 de Junho de 1942, a Geraldinne tentou novamente obter uma comunicação da família M..

> Astor chega. Sim, acho que o Harold vai falar.
>
> Harold: Receio não ter recebido o que Bea acharia ser boas notícias. As coisas têm estado muito ruins para o Nigel. Ele passou por momentos terríveis — poeira, sede, barulho incessante e estridente; visões que abalariam o mais corajoso. É tudo parcialmente na mente dele, e nem tudo é visual. É o vale da sombra da morte. Misericordiosamente, ele está a dormir agora, mas é assombrado por sonhos do campo de batalha. O Govy e a Ruth estão a tentar romper as cenas do campo de batalha que se interpõem entre ele e eles. Acho que o Govy cometeu um erro ao conduzir a Hilda de volta ao mundo infantil, pois ela poderia alcançar o Nigel e afastar aquelas imagens da batalha que tanto o perturbam e o abalam e destruir aquele sono. É verdade que o amor é mais forte que a morte. Mas só o amor dela seria suficientemente forte para o libertar de modo que ele pudesse descansar. Na terra, esse sempre foi o erro do Govy. Ele tentou proteger-nos, fornecendo-nos riqueza, mas não conseguiu afastar de nós a infelicidade, pois não há felicidade excepto no cultivo do esquecimento de nós próprios, da coragem e do amor. Foi isso que aprendi, Bea, desde a última vez que nos vimos. Passei por um inferno para aprender, mas valeu a pena. Entretanto, só posso dizer-te que o Nigel perdeu a consciência e não tenho permissão para dizer mais nada.
>
> Com amor, Harold
>
> Astor: Aqui está a Muriel. É melhor não chamar a Hilda esta noite, uma vez que você está cansada.
>
> Muriel: Escreverei apenas uma linha, pois o guia diz-me que preciso ser breve.
>
> Minha querida Bea,

Não deves prestar atenção ao que Harold diz, o Govy sabe o que é melhor. Existem formas e pensamentos terríveis em torno daquele lugar deserto, onde centenas de pessoas estão a morrer. A Hilda ainda é tão jovem, tão recentemente veio a este mundo, eles iriam deixá-la destroçada. O Nigel foi gravemente ferido, mas agora está fora do corpo e em repouso, pelo que sabemos. Lamento, minha querida, ter que tee contar isto, mas tenha a certeza de uma coisa: A Hilda não se vai sentir magoada. Ela sofreu o suficiente na terra, nós cuidaremos dela. E agora preciso encerrar.

Amor da Muriel

Observar-se-á que não é feita nenhuma alusão direta ao facto de eu ter dado a notícia da morte do Nigel à Hilda através da Sra. Dowden. Antes pelo contrário, a Muriel escreve como se pensasse estar a informar-me do falecimento do Nigel, apesar de ter afirmado estar presente na sessão de Dowden dois dias antes. Naquela sessão, todos, excepto a Hilda, pareceram estar cientes da morte do Nigel.

Na sua carta, o Harold afirma que considerava que a Hilda deveria ter sido informada antes da morte do filho, pois só ela poderia afastar-lhe os pesadelos. A 17 de Junho, a Hilda escreve que não conseguira encontrar o Nigel, *mas estava consciente de que ele precisava dela e não conseguia chegar até ele.* (Itálicos meus.)

Incluída nos escritos dos dias 20 e 22 de Junho, Geraldine enviou a seguinte nota:

Lamento muito e estou muito preocupada consigo assim como com o Tony. Apesar de tudo, sempre tive esperança e acreditei que a nuvem de que falavam significava simplesmente que o Nigel seria feito prisioneiro. Talvez por isso, quando tentei escrever no sábado e na segunda, eu tenha conseguido tão pouco. Mas foi tão deprimente a conclusão tirada disso. Não me atrevi a enviar-lha, pois estava errada e o Nigel estava desaparecido e feito prisioneiro. Teria sido cruel para si recebê-la. De qualquer forma, senti a felicidade da Hilda esta manhã (26 de Junho) enquanto ela escrevia. Não tentei ontem à noite porque estava bastante cansada. De terça à tarde até quinta estive muito ocupada. . .

Geraldine

Na mesma carta ela encaminhou outra comunicação que recebera *depois que* eu lhe telefonei, conforme relatado a 25 de Junho.

Os seguintes escritos são datados de 26 de Junho de 1942:

Astor: Sim, o Govy falará hoje e a seguir virá a Hilda.

Govy: O seu amigo deste lado diz que posso ditar uma carta para a Beatrice Gibbes.

Minha querida,

Em primeiro lugar, você podes ficar tranquila com respeito ao Nigel. Conseguimos libertá-lo completamente do corpo e ele está agora connosco em Nymans e em paz. Embora ele tenha saído rapidamente do corpo físico, por ser jovem e vigoroso, ainda esteve ligado a ele durante um tempo pelos fios etéricos. Permaneceu, pois, durante um tempo no inferno do deserto. Não podíamos alcançá-lo de uma forma que acabasse com os pesadelos daquela época. Mas outros que têm Maior conhecimento do que nós, tiraram-no daquele mundo intermediário que não é nem vida nem morte. Eles levaram-no para o que ele acreditava ser um hospital e, mais tarde, os teus irmãos Frank e Arthur tiveram permissão para o visitar. A visão que ele teve deles levou-o a perceber que estava morto. É sempre um choque para os jovens e abala-lhes a alma saber que foram afastados da vida e do amor — da única vida que conhecem. A Muriel e depois a Ruth conversaram com ele e prometeram-lhe a mãe. Ela acabou de estar com ele na minha casa e agora ele está a dormir profundamente enquanto o seu novo corpo está a unir-se à sua alma. A Hilda vai escrever agora.

Gostaria que entendesses que não nos foi permitido pronunciar a sentença de morte antes que ela ocorresse. Poderíamos apenas avisar-te e, ao contar-te sobre os cuidados que estamos a ter com a Hilda, indirectamente, coisa que poderá parecer inteiramente cruel para todos vós na terra, mas é o melhor para o Nigel.

Govy

Hilda:

Bea querida,

Estou muito emocionada com a tua mensagem e os teus pensamentos amáveis. Sim, é para mim a Maior felicidade. Vi o Ni por um instante, conforme me pareceu. Mas foi o suficiente. Pois estou conhecer agora uma paz que nunca tive antes, mesmo nesta vida maravilhosa. Ah, tenho-me me divertido e sentido feliz aqui, mas sempre houve por trás disso toda a dor, a saudade do meu querido. Sei que foi errado desejar que ele se separasse da pobre Peggy e do Michael, mas mesmo assim não consegui evitar. Fiquei muito angustiada quando despertei daquele mundo estranho da minha infância, e me disseram que por si só o pobre Ni teve que fazer a viagem até nós. Se ele estava para vir, eu queria estar perto dele e com ele naquele momento terrível. Mas o Govy explicou-me as coisas, e assim eu perdoei-lhes. . . Darás ao Tony o meu querido amor. Diz-lhe que ele não deve sofrer por mim. Quero que ele sinta que tem com o Nigel uma parte igual do meu amor. Disseram-me que ele terá uma vida longa e plena pela frente, e sei que será corajoso e terei orgulho dele. E, acima de tudo, ele precisa lembrar-se, pelo bem da mãe, que era melhor que o Ni viesse até mim.

Sempre duvidei, Bea, e sempre acreditei que ia suceder o pior. Agora estou curada disso, agora finalmente acredito na infinita misericórdia de Deus. Eu sempre deveria ter temido por Ni enquanto ele estava na terra. Agora, juntos, construiremos aqui um verdadeiro Wickenden. Afinal, ele vai ver as minhas azáleas! Sabes, pensei que tinha fracassado com elas aqui, mas acabei de as ver e todos estão a florescer. Assim, quando o Ni estiver bem, construiremos uma casa para todos vocês aqui. Sê feliz com a minha felicidade; a Hilda inquietante que tu conheceste acabou.

A 28 de Junho de 1942 foi escrita a seguinte breve comunicação:

Muriel: Tudo está bem agora e a Hilda em êxtase com tanta felicidade. Sabes que tivemos grandes dificuldades em relação ao querido Nigel, pois embora ele estivesse fisicamente morto, devido à rapidez e ao ambiente horrível, ele ainda esteve, durante um tempo, ligado ao corpo físico. Não esquecerei facilmente o entorno daquele campo de batalha. Fiz diversas tentativas por alcançar o Nigel e perdi-me na nuvem e tive dificuldade em sair daquele ambiente sufocante. Mas aqui está a Hilda. Eu disse-lhe que ela poderia enviar uma escrita.

O texto acima foi escrito em letra pequena. Então a Hilda, aparentemente muito entusiasmada, escreveu com letra grande as seguintes palavras:

Hilda: Só para dizer que agora sou enfermeira do Ni. Posso ficar com ele o quanto quiser. É uma felicidade tão maravilhosa. . .

A 8 de Julho de 1942, a Geraldine Cummins recebeu a seguinte comunicação (estava na Irlanda, como sempre):

Muriel: Minha querida. . . o Harold viu, como todos nós, apenas uma nuvem escura ao redor de Nigel enquanto ele esteve na Terra. Agora todas as notícias são boas, como poderás imaginar. Mas ainda é preciso ter muito cuidado com o Nigel. Por vezes permitimos que a Hilda se sente ao pé dele, mas até que ele rompa a crisálida ela não poderá ficar com ele o tempo todo. Ela está bastante satisfeita com a partilha dele. A crisálida é tudo o que pertence à terra e atrai as memórias da terra. Ele ocasionalmente capta imagens dessas últimas cenas. Eles são como

pesadelos para quem dorme. Ele falou de um assalto de bombardeio ou de ordens de contra-ataque. Ele disse que o que era tão difícil era pensar e agir, o barulho era tão impressionante que o calor terrível lhe fazia a cabeça doer sem parar. Pelo que posso perceber das palavras entrecortadas dele, ele estava num ataque. Diante do fogo terrível, eles tiveram que atacar. Ele avançou no seu tanque, ciente de que a morte era praticamente certa. Ele disse que não sentia medo, só que o que mais nos deixou desanimados foi a visão de outros companheiros feridos e a morrer. Então chegou a sua vez. Foi realmente um enorme alívio entrar em ação. A espera prévia foi um inferno absoluto. Ele estava com outras pessoas e, pelo que pude perceber, foi ferido em vários sítios. Tinha uma sensação doentia de desamparo, incapaz que estava de se mexer. No início não sentiu dor, depois uma dor intensa. Posso estar errada, mas pela conversa fragmentada que tive concluí que eles conseguiram movê-lo de volta e obter ajuda médica. Acho que então ele devia estar inconsciente, mas enquanto inconsciente ele ainda estava a pensar — meio dentro, meio fora do corpo. Ele não ficou ferido durante muito tempo, acho que foi apenas uma questão de horas entre o momento em que foi ferido e o momento em que foi dado como morto. Podem ter sido quatro ou cinco. Ainda não podemos dizer, pois estamos apenas a basear-nos no discurso incoerente dele, o discurso de alguém que está a sonhar com as experiências por que passou. . .

O Govy disse que o que a Hilda viu no seu espelho foi uma impressão geral do sofrimento dele naquele curto e agudo período em que esteve no vale das sombras da morte. Ele teve que lhe dizer que era mentira, pois ela estava bastante emocionalmente abalada com aquilo. *(Ver pp. 49, 61.)* Ela ama tanto o Nigel que ele percebeu que seria cortejar o desastre, arrastá-la para o inferno, se ela não fosse apartada de tudo aquilo e levada a um estado imediatamente distante da terra. A psique dela ainda está frágil; a capacidade dela de um imenso medo ainda existe. Ela não poderia ter suportado os dias da morte do Nigel e da ressurreição gradual subsequente da terra. Poderia ter representado a loucura para ela. Então ela foi levada para outro estado de tempo — o mundo da infância onde o Nigel não existia. Estas coisas são difíceis de explicar, mas ela estava demasiado perto da terra, demasiado perto dos horrores do presente, para acompanhar o Nigel quando ele estava em peregrinação até nós. O Govy disse à Hilda no momento certo que o filho estava connosco, mas ele só poderia fazer isso quando ela pudesse vê-lo. Porque é claro que seria uma demanda instantânea e desejo da parte dela ir até ele. Agora ela vai escrever. O meu amor, querida Bea, e lembra-te de que não há mais nada a lamentar. A história terrena da Hilda teve um final feliz, pois não terminou, não poderia terminar, até que o Nigel estivesse com ela. Se ele não tivesse vindo, ela teria voltado para ele e ter-se-ia perdido para nós na escuridão da terra.

Estou a ser brutalmente franco contigo. O Astor permite-me dizer aquilo que sei. Outros guias, ao tentarem ser amáveis, muitas vezes, diz ele, não passam tais detalhes, quando contam o que dizemos aos vivos. Mas acho que tu haverias de preferir a verdade. De qualquer forma, minha querida, agora está tudo bem com os dois, graças a Deus.

Muito amor da

Muriel

PS: Eu juntei a conversa dos sonhos do Nigel apenas para ti. Pode ser precisa, assim como eu posso ter entendido mal as frases e pensamentos resumidas dele.

O grande amigo de Nigel, que conseguiu chegar até ele pouco antes de ele morrer, escreveu à Peggy a dizer que o Nigel foi o único ferido por um golpe direto na lateral de tanque dele. Ele ficou tão gravemente ferido que, se estivesse vivo, as pernas teriam de ser amputadas acima dos joelhos. Ele foi um dos primeiros a ser ferido. Eles conseguiram arrastá-lo do tanque para fora e aplicar-lhe uma transfusão de sangue. Mas, embora consciente e capaz de falar, ele morreu de choque uma ou duas horas depois.

Após receber a comunicação da Muriel referia acima, a Geraldine perguntou se a Hilda quereria escrever. A seguir está a resposta que deu à sugestão. (8 de Julho de 1942, continuação):

Hilda Gibbes: Sim, envie um bilhete à Bea.

Bea querida,

Gosto de te escrever por teres partilhado todas as minhas mágoas, de modo que gosto que partilhes das minhas alegrias agora. Para começar, o Ni ainda é mantido bastante na cama. Isso pode parecer-te estranho. Dirás: "O céu não é assim." Mas o Govy diz que tudo deve ser natural, parecido com o que o Nigel deixou na terra, até que ele se acostume às coisas daqui. Porquanto o meu querido não se deve assustar com nada muito estranho. Portanto, ele vive actualmente como se fosse um convalescente que recupera de uma doença na terra. Passamos as manhãs juntos, quando me sento ao lado da sua cama e lhe conto tudo sobre este mundo maravilhoso. E ele olha para mim e esboça-me aquele sorriso adorável dele, e ilumina-se, ri e faz piadas. Só que de vez em quando ele fica triste e diz: "O que fará a pobre Peggy?" Não tem pai para o Michael agora. . ."

Eu disse-lhe que ele poderia mandar mensagens à tia Bea, e ele manda lembranças para ti e o Tony, e quer que o Tony saiba que ele vai cuidar de mim quando estiver mais forte, e que diga ao 'velho' para 'passar um bom bocado' que for capaz, e não se arrepender porque ele, Ni, não está presente. Que ele devia estar feliz, por o meu querido Ni odiar a luta, embora fosse tão corajoso. Sabes que ter-lhe-ia quebrado o espírito feliz e jovial se ele sofresse muito mais (com a guerra), se ele fosse aleijado. Eu tive medo disso o tempo todo e orei e rezei para que ele escapasse, e Deus respondeu maravilhosamente às minhas orações. Nunca estive tão feliz, é tudo incrível — bom demais para ser verdade, o Ni e eu em segurança em Nymans, capazes de caminhar juntos no seu jardim, longe da preocupação, da dor e da morte. . .

Felicidade, segurança e o meu Ni foram os remédios que me curaram. Vais encontrar uma Hilda renovada quando vieres para nós. Vais gostar muito mais dela do que da antiga, e ela não é mais velha. Todo o meu amor para o Tony e para ti.

Hilda.

Por uma curiosa coincidência, enquanto lia este livro datilografado, eu também estava rasgar algumas cartas antigas. Entre estes encontrei uma da Nannie do Michael, datada de 2 de Novembro de 1943, e endereçada a mim. Nessa carta ela diz; "No geral, fico feliz por a querida Grandie do Michael não estar aqui. Ela teria ficado muito triste com a perda do seu 'querido Ni.'" (Aspas do escritor).

Menciono isso para mostrar que, embora a Hilda possa parecer bastante possessiva a alguns leitores, se eu tivesse excluído essas palavras caracteristicamente carinhosas dirigidas ao filho, a sua personalidade poderia ter sido menos reconhecida por quaisquer amigos que pudessem ler estas páginas. Teria representado um contraste total a minha cunhada fazer alusão ao Nigel de qualquer outro modo.

Em resposta a uma carta que enviara à Hilda, a Geraldine recebeu a seguinte comunicação a 24 de Julho de 1942. Ela encontrava-se hospedada em Drishane com o Dr. E. CE. Somerville, sentada no estúdio onde ela e a prima, Violet Martin (Martin Ross), escreveram alguns dos seus livros mais conhecidos.

Hilda Gibbes: Tem uma mulher tão charmosa que se autodenomina "Violeta" aqui. Ela esteve a conversar comigo enquanto eu esperava.

Deixe-me ver a carta. Eu estou a escutar.

Bea, tu tens razão, eu fingi para o Govy e o Harold, e até para mim própria, que estava maravilhosamente feliz. Parecia tão ingrato não estar, especialmente por o Harold estar a

trabalhar tanto para deixar tudo encantador. Mas tinha o tempo todo uma dor no meu coração e eu não podia desabafar com ninguém. Magoou muito falar sobre isso, pelo que eles não me deixaram sair da sua beira para ir à procura do Nigel, e admito que me diverti com todas as coisas maravilhosas que eles me mostraram. Mas que importância têm as coisas? Essa é a única bênção, acho eu, que aprendi aqui. As coisas não têm importância — belas obras de arte, belos jardins e paisagens, tesouros de todo tipo, são feiosos e sem vida quando se sabe que um ente querido está a passar por dificuldades, privações e quase certamente a viver cenas de horror e sofrimento. Quando tentava fazer o meu jardim aqui, dava tudo errado, como tu sabes. Os perfumes não combinavam com as ervas, as azáleas não se aguentavam, as cores não combinavam com as flores. Isso por ter a minha mente apenas parcialmente presente, e a melhor metade estava fora, à procura do meu querido.

Agora, desde que o meu Ni chegou, nos momentos em que não tenho permissão para ficar com ele, eu trabalho no meu jardim de ervas, e as ervas estão a começar a crescer onde antes não havia crescimento; e os perfumes estão a sair direitinho. Um cheiro tão adorável de alecrim e pimenta da Jamaica da minha última criação. Mas é claro que vejo que levará algum tempo a construir o meu jardim em Wickenden, e estou apenas a começar em pequena escala com as ervas. Estou de entrada e saída para o Ni. Temos tanto a dizer um ao outro, tanto a contar. . . Ele é meu bebé de novo, ao depender inteiramente de mim. . . O Nigel por vezes sente tristeza em relação à Peggy e ao Michael, e de todas as alegrias que poderia ter tido mais tarde. Mas esses estados de espírito visitam-no cada vez menos, e no resto do tempo ficamos incrível e maravilhosamente felizes, e partilhamos todos os pensamentos como costumávamos fazer nos velhos tempos.

O Ni e eu só estamos preocupados com uma questão: O Tony. . . Eu nunca poderia, nem nem em sonhos, ter planeado algo tão adorável quanto o Ni e eu juntas aqui. Pois o Ni agora conhece uma mãe jovem, forte e alegre. Em vez de ele ter que animá-la, ela anima-o a ele, mas isso só é necessário em certos momentos ruins. Fora isso, ele está muito feliz, contente por deixar o tempo passar na minha companhia enquanto gradualmente recupera as suas forças e poderes e se livra dos pesares e memórias da terra. . .

Em resposta a uma pergunta minha, a Muriel escreveu o seguinte:

Sim, recebemos informações de que o Nigel havia falecido, estava fora do corpo, antes de contares qualquer coisa à Geraldine. Sabíamos disso há algum tempo, embora pouco. Estávamos todos a tentar contactá-lo, mas não queríamos escrever sobre isso até que pudéssemos dar-te uma garantia de que estávamos com ele e de que tudo estava bem. Vê bem, era uma situação muito crítica e angustiante, pois ele estar tão ligado psiquicamente à Hilda. . .

Eu havia feito essa pergunta à Muriel por meio da Geraldine, na tentativa de obter alguma alusão directa à sessão que tive com a Sra. Dowden a 20 de Junho. Mas, conforme será visto, o meu objetivo falhou. A censura estrita às cartas transmitidas entre a Inglaterra e a Irlanda durante a guerra causou alguma confusão irritnte e atraso na obtenção de respostas satisfatórias.

CAPÍTULO DEZ

1942

"NATAL NO ALÉM"

Ciente de que Geraldine esteve muito sobrecarregada durante esses meses, não escrevia com frequência à Hilda. Ela e o Nigel eram felizes juntos; isso era tudo o que eu precisava saber na época.

No final de Agosto de 1942, porém, escrevi à Hilda *via* Geraldine, a dar-lhe algumas notícias do Tony. Perguntei se ela e o Nigel ainda estavam em "Nymans," a casa do pai dela, e perguntei sobre casas e roupas — de que eram feitas, e por quem, etc.

No dia 9 de Setembro de 1942, Geraldine obteve a seguinte resposta:

> Hilda Gibbes: Uma carta da Bea. Fico muito feliz Por ouvir o que diz.
>
> *(A carta foi lida.)*
>
> Esta é uma carta adorável. Sim, o Ni e eu estamos a divertir-nos muito juntos. Mas anseio por ter notícias do Tony. . .

Comentando a minha carta, Hilda continuou:

> Sim, ainda estamos em Nymans. É muito bom para o Ni ter a família ao seu lado. Eles vêm e vão e são tão alegres e amáveis com ele que estão rapidamente a curá-lo da tristeza de deixar a terra, o Michael e a Peggy, enquanto ele ainda tinha os melhores anos de vida pela frente. Mas, sabes, o Govy, o Harold e a Muriel tratam-nos como se fôssemos crianças pequenas. Eles ainda não nos permitirão ir muito além de Nymans. Não serão ridículos? O Govy passou-me uma repreensão quando o Ni e eu quisemos tirar uma licença Francesa recentemente (Sair sem despedida). Ele disse que mal eu tentasse aproximar-me do Tony me envolveria numa confusão de obstrução, já que actualmente existe tanto pensamento violento ao redor do mundo. O Ni à procura da Peggy e do Michael, e eu à procura do Tony, perder-nos-íamos na escuridão. O Govy deixou-me de mau humor com ele, porque é claro que ele tem razão. Só que foi ideia do Nigel "desmontar o acampamento," como ele dizia, e partir. E eu odeio recusar-lhe qualquer coisa. Teria reinado uma verdadeira rebelião e tumulto em Nymans se a Muriel não tivesse resolvido a nossa disputa com um plano tão sensato. Ela disse que ele devia construir uma casa para a sua mãe. Que ele devia construir o verdadeiro Wickenden como deveria ser, e não o improvisado que era na terra. Ele ficou encantado com a ideia. Mas isso significa muito treino e trabalho duro. Pois construir aqui é muito diferente de construir na terra. É difícil explicar, mas ajudará a responder às tuas perguntas.
>
> Temos corpos parecidos com os que tínhamos na terra e as roupas de que gostamos. Mas agora pareço ter vinte e oito anos e Ni tem vinte e um. Ele diz que sou a mãe mais jovem que já existiu. Mas como na minha felicidade me sinto com vinte e oito anos, tenho vinte e oito. E o Ni, finalmente livre de toda dor e ansiedade em relação à vida, sente, diz ele, como se fosse o seu vigésimo primeiro aniversário. Assim, ele é o menino adorável que era naqueles dias. Vê bem, é como um conto de fadas, realizamos o nosso Maior desejo com respeito à nossa pessoa. Somos o que sempre quisemos ser, vinte e um e vinte e oito anos, com a aparência e as vestes que achávamos encantadoras. Sempre me angustiava ser muito mais velha que o Ni. Eu ansiava por fazer parte da geração dele — durante anos e anos eu desejei isso.
>
> Assim, como que por milagre, tornei-me mãe de um filho adulto aos 28 anos! Isso parece complicado. Mas significa que estou muito mais próxima do Nigel. E durante anos ele quis voltar aos 21 anos, quando não tinha nenhuma preocupação na vida. Ah, eu realmente comecei a falar sobre o treino que precisávamos para construir Wickenden. Embora esse seja o desejo do coração, não será fácil. Realizamos o nosso Maior desejo com relação a nós próprios, pois somos o que imaginamos ser aqui. Mas o X., quando para aqui vier, com a imaginação tão feia que tem continuará a ser a pessoa velha e feia de aspecto que tinha na terra. Vê bem, ele não tem poder para amar na sua natureza, razão porque não tem poder para se tornar jovem e bonito na sua imaginação. O Ni e eu, apesar de todos os nossos defeitos, amamos tanto as pessoas e a vida que nos tornamos nos jovens seres terrestres que eramos sem esforço, e acho que somos bastante agradáveis de se olhar — certamente não somos uma mancha na paisagem como o X. há de vir a ser. . .

> Agora a tua pergunta: “De que são feitas as nossas roupas?” Da substância plástica deste mundo. Só que as minhas são feitas de todos os materiais que eu não poderia ter na terra. Já respondi à pergunta de por quem elas são feitas. Por mim, é claro, pelo que finalmente elas ajustam-se-me na perfeição. Certamente que raramente tiveram existência na terra. E o Ni é um modelo de alfaiate imaculado — o que em parte é para me agradar. Mas ele não é rígido quanto a isso. Quando ele quer usar roupas velhas, ele usa, mas sempre fica bem com elas. Mas quando o X. vier para aqui, tenho certeza, ele usará roupas urbanas horríveis, muito mal talhadas.
>
> Fazemos as nossas três refeições por dia porque gostamos de as fazer. Mas nós comemo-las de uma maneira diferente da Terra. Retiramos a nossa comida em determinados momentos do vento e do sol; colocámo-la ao ar livre nos intervalos habituais.
>
> Comecei a contar-te sobre o treino que recebemos para a construção. Bem, eu e o Ni ainda não começamos, e vou deixar isso para a próxima.

A escrita terminou logo depois com a observação de que ela tinha muito mais a dizer, mas que não conseguia mais segurar a caneta. É bem verdade que a Hilda nunca ficava muito satisfeita com as suas roupas na terra. Devido ao seu quadril artrítico ultimamente, isso muitas vezes lhe causava algum aborrecimento. Acontece que a Geraldine tinha bastante admiração pela maneira como se vestia e não tinha consciência dos sentimentos dela a esse respeito. Sempre que possível, em Wickenden, as refeições eram servidas ao ar livre, na “loggia.” Este costume aparentemente continua.

No dia 14 de Outubro de 1942, a Hilda escreveu de novo. A parte inicial do escrito não contém nada de particular interesse. Perto do final, a Geraldine foi novamente interrompida, mas continuou a escrever mais tarde. Referindo-se a esse incidente, a Hilda disse:

> Não, a interrupção não me afecta. Era como se estivesse em casa. Isso lembrou-me de quando me sentei a escrever e o velho Todd apareceu pela quinta vez perguntar a mesma coisa. Ah, diz ao Tony que pintei um lindo quadro do David a brincar com o cachorro dele. Aqui não temos pincéis — pintar é pensar, ver e ordenar nas gavetas da memória. E que grandes despensas e armários não temos nessa memória! E quando o Nigel está fora (às vezes digo-lhe para se ir divertir), vou vasculhar um armário muito grande onde estão todos os brinquedos do Tony. Bem, vais perguntar quais serão os tesouros dele. . . São pequenos pedaços de memória que se encaixam como blocos infantis que fazem mapas; Tenho jogos adoráveis juntando as peças — do Tony em bebé, do Tony irritado, do Tony todo sorrisos. Lembro-me dele ano após ano, passo a passo na escada da vida dele. Dá-me muita felicidade brincar com os brinquedos do Tony. Pintar um quadro aqui exige muita reflexão, e ver e mergulhar os fios da nossa mente em todos os tipos de cores. Fiquei muito orgulhosa quando terminei o meu primeiro retrato do pequeno David e do “Capitão” (um spaniel) a brincar juntos.
>
> Assim, embora o meu doce Tony esteja ausente, ele está muito comigo, pois bastava ir até o meu armário de brinquedos e encontrá-lo, e passei horas lá. Vê bem, Bea, querida, estou a tentar ser sensata com relação ao Ni. Por o amar tanto, não vou mantê-lo preso a mim, embora eu deseje mantê-lo comigo, e ele anseie por ficar. Muitas vezes faço com que ele vá por iniciativa própria junto de outras pessoas — do Arthur e novos e velhos amigos. A maneira de manter o amor é encontrarmo-nos e nos separarmo-nos de novo; nunca amarrar aquele que amamos ao nosso lado. Dessa forma, espero ser sempre nova e fresca para o meu querido. Claro que ele nunca fica muito longe, e sempre insiste em voltar logo para a mãe. Então o facto de eu estar separado dele transforma-se em uma alegria maravilhosa. Pobre Peggy, como é terrível a perda que ela sofreu! É simplesmente o dia mais ensolarado de todo o ano quando o meu Ni volta para mim passado um tempo longe, com o seu sorriso brilhante e o seu riso. . . Por mais que gostássemos de te ter aqui, tu tens a Geraldine para cuidar. Além disso, estou determinada a que termines esse livro. Não podes deixar o mundo até que essa Vida maravilhosa seja concluída.

O acima mencionado é interessante por registar uma pequena evidência que não era do conhecimento da Geraldine. Refiro-me ao incidente da interrupção. Todd, o velho mordomo, estava continuamente a dirigir perguntas à minha cunhada quando ela tentava escrever cartas.

Os detalhes referidos acima relativos ao Tony foram registados, pois podem ser interessantes para ilustrar o facto de que os nossos "armários de memória" na Outra Vida parecem reter todos os incidentes relativos a nós próprios e àqueles que estão associados a nós. Estes escritos lembram muito a maneira como Hilda falava do Nigel e do Tony. Dos nossos inúmeros comunicadores ao longo de mais de vinte e cinco anos, nenhum outro se expressou em termos tão afectuosos.

A 14 de Dezembro de 1942, Hilda escreveu através de Geraldine Cummins na Irlanda, sem ter notícias minhas:

Hilda:

Bea querida,

Mesmo quando tu não vieste para o Natal, sempre fazes parte dele. Queria que tu estivesse comigo agora, e poderia ajudar muito no planeamento. Lembraste-te de todas, ou de pelo menos de algumas, das coisas que esqueci! Mas como não te tenho como recordação para mim, terei que passar sem ti. Tenho muito receio de que o Ni venha a sentir muita saudade do antigo Natal de Wickenden — do Michael e da Peggy este ano. Por isso, a Muriel e eu estamos a planear algo muito alegre e adorável para ele em Nymans. Tem que ser aí, pois ainda nem comecei a construir o outro Wickenden.* Teremos a minha árvore de Natal especial, é claro, e toda a família e amigos, por mais ocupados que estejam, virão até ela, e é claro, os idosos e as crianças que a Ruth reuniu, que vêm até aqui, coitados, tão de repente mortos nos terríveis ataques aéreos. Mas isso não é inteiramente correto. A Muriel terá uma árvore especial para eles, e a nossa será só para nós. Até o Arthur prometeu vir. Sabes, não o vemos com frequência, ele está muito envolvido em história. Existem tantas milhas de história — como imagens em movimento neste mundo, e o Arthur está tão feliz a descobrir a verdade com relação a tudo e a descobrir todos os erros que os generais cometeram, que ele nem quer sair com o Nigel — estúpido da parte dele, não é?

No entanto, ele vai se sair bem no Natal. Vamos à Igreja juntos e o Sr. Gardner vai participar do culto. Organizamos as mais lindas surpresas para o Ni naquela árvore, e o Ni tem estado bastante ocupado comigo a pensar em presentes para todos. Ele e eu estamos a divertir-nos muito a consegui-los. Isso é uma novidade para ele. Ele sempre esteve preso naquele escritório horrível antes e, no final das contas, foi tudo uma perda de tempo. Mas aqui nós não perdemos tempo. O Harold levou o Ni e a mim a uma linda cidade Egípcia, onde comprei todo tipo de coisas bonitas. Eu não paguei por eles em espécie, paguei por elas trabalhando duro a desejar. É muito difícil explicar. Mas é assim que conseguimos as coisas que queremos, aqui. O Nigel estava um pouco entediado com a minha cidade encantada, pelo que a Muriel expulsou o Harold e assumiu o nosso comando, e de volta estávamos a Londres, mas o tipo de Londres que o Ni conheceu quando era menino. Isso deixou-o muito divertido — toda a gente com vestimentas antiquadas, como um festival de moda, e todos estavam muito mais felizes do que naqueles últimos Natais antes da guerra.

Perto da época do Natal, este mundo novo e estranho está um pouco assustado para ele, pelo que ele se tornou, embora continue a ser ele próprio, o garotinho que era, e a desejar-me o tempo todo. Acho que ele quer evitar o Natal da terra e as lembranças que o Tony, a Peggy e o Michael estão a ter do Natal que recordam com ele. Assim, vê bem, vamos viver um Natal bem distante no tempo, em que o Michael e a Peggy não existiam para ele, e em que o Tony era pequeno e eu era a

mãe do Ni e representava tudo, ou quase tudo, para ele. É claro que sentimos falta da Zellie, pois ela contava bastante na época — e ele também fala da tia Bea, e de como ela era desportista, vestida com o uniforme do Arthur num Natal! É tudo divertido com o Ni a pensar naqueles velhos tempos. Vê bem, estamos a divertir-nos muito ao pesquisá-los na longa galeria de memórias aqui. É o teatro mais encantador para nós, ver aqueles Natais de há tanto tempo atrás. . .

Estou perder o controlo agora.

Hilda

**(NT: A propósito da origem do nome, provém da designação biológica de Euchryphia cordifolia, uma árvore de folha perene e profusa originária do Chile, conhecida entre nós como Ulmeiro. Quanto à família M. tanta vez mencionada nos textos, penso referir-se a Leonard Messel e descendência.)*

Redigi algumas linhas para a Hilda a tempo do Natal, a dar-lhe notícias do Tony e assim por diante. A 19 de Dezembro de 1942, ela respondeu por meio da Geraldine. Após alguma conversa sobre o Tony, ela continuou:

O Arthur estará connosco no Natal, mas, conforme eu disse, ele anda tão absorto com a galeria de imagens da história e com a captura de salmões monstruosos que não o vemos muito. O Ni por vezes vai pescar com ele. Mas ele diz que acha um tanto chato ser um pescador de sucesso, embora isso para o Arthur nunca seja um problema. . .

No dia 27 de Dezembro de 1942, surgiu mais uma referência ao meu irmão e à festa de Natal.

O Arthur está a ficar entediado com o nosso Natal, ele quer voltar à sua absurda história militar em imagens. Ele estava justo a tentar discutir sobre o Júlio César — ou seria Napoleão? — erros de campanha , e o Govy pô-lo no seu lugar, dizendo que tais assuntos não têm a menor consequência. . . Além do Ni, tivemos, sabes, uma adição à nossa festa de Natal — libertos, como disse Govy, da prisão do mundo, e todos ficaram muito felizes. Mesmo quando os jovens vêm até nós, todos ficam felizes. Aquilo que para vós é tristeza é a nossa alegria.

"Se ao menos," disse o Govy no seu discurso de Natal, "o povo da Terra percebesse que somos os vivos e que eles são os enfermos e os semimortos." Pois mesmo que estejam saudáveis e fortes, estão enfermos com alguma apreensão, algum medo. Estou a perder muitos dos meus medos — mas ainda não todos. É como largar uma porção de fardos pesados. É claro que o meu principal medo, pelo sofrimento do Nigel naquela guerra terrível, desapareceu para sempre. Ele era a vida e a alma da festa aqui. Mas às vezes o rosto dele ficava muito triste, e eu sabia que ele estava a pensar no Michael e na Peggy.

O "acréscimo à nossa festa de Natal" refere-se sem dúvida a John Parker, segundo filho de Eric e Ruth Parker. Ele perdeu-se no hidroavião "Clare" ao largo da África Ocidental em Setembro de 1942, quando retornava de algum trabalho especial em que estava envolvido. A Geraldine desconhecia a sua morte — na verdade, ela não sabia nada sobre ele.

CAPÍTULO ONZE

1943

"DIFICULDADES DE CONSTRUÇÃO DE CASAS NO ALÉM"

Enviei algumas linhas à Muriel, a pedir notícias sobre diversos assuntos familiares e outras questões. Os seguintes trechos da sua resposta, datados de 4 de Janeiro de 1943, dão continuidade à história da Hilda e do Nigel no Além.

Muriel: Sim, por favor envie uma carta à Bea Gibbes.

Minha querida, que gentileza a tua em conceder-me uma audiência especial agora que a Hilda está aqui. O Harold ainda tem uma pequena parte dela, e aumentará mais tarde, quando o Nigel precisar menos dela e começar a trilhar o seu próprio caminho nesta vida. Actualmente o Harold tem um trabalho bastante importante — talvez o último que ele terá em associação com a Terra. Ele está a trabalhar nas mentes de certas autoridades Britânicas no que diz respeito ao futuro pós-guerra da Inglaterra. Será uma situação difícil para a Grã-Bretanha, diz ele. . . Assim o Harold está a ajudar-me num grande plano que salvaria a Inglaterra de ser absorvida por qualquer uma das duas grandes potências — o que manteria a Inglaterra como o centro do Império Britânico e ainda uma grande potência. Ele pediu-me para te contar isto, de modo que o passo adiante. Ele está muito feliz, profundamente absorto neste trabalho e apenas a ter vislumbres da Hilda quando o Nigel não está com ela. . .

Perguntas pela filhinha da Hilda. Ela preencheu uma lacuna durante um curto período na carreira da Hilda. Ela foi particularmente útil quando o Nigel estava a passar pelas sombras. Lembras-te que precisamos manter a Hilda longe dele, pois ela estava a começar a ver e a sentir muito das experiências do filho. Mas assim que o Nigel chegou, a ligação que tinha com a Hilda não se mostrou mais necessária no desígnio do Destino, e a sua hora de nascer havia chegado. Então ela foi levada para a esfera da Juventude, onde está a ser preparada para uma reentrada na vida terrena.

Perguntas-me sobre o conhecimento que tenho acerca do Tony. Bem, isso pode situar-se no futuro, assim como pode situar-se no presente, mas estou na confusão com respeito à esposa dele. Tenho estado tão ocupada que realmente não tentei descobrir ou penetrar essa confusão — não consigo entrar em sintonia com o vosso tempo. É mais provável que seja no futuro do que no presente.

(Essa "confusão" é interessante. Ela faleceu um ano depois. — EBG.)

A Hilda só tem permissão para receber notícias da Terra através das tuas cartas. Elas são considerados boas para ela, pelo que são permitidos. Mas não seria bom para a sua alma sensível poder ir à procura da terra e entrar em contacto directo com a influência que rodeia o Tony. Todo tipo de coisas estranhas e desagradáveis da terra se haveriam de apresentar a ela, pois ela não sabe como mantê-las afastadas. Foi quase desastroso quando ela começou a perceber o que iria acontecer ao Nigel, pois ela estava a receber todas as influências do campo de batalha que o rodeavam na época. Assim, ela não sabe nada sobre o Tony além do que tu contas, ela está afortunadamente absorta no Nigel. Ela nem percebe o choque nervoso que o Tony sofreu. Eu poderia contar mais sobre o que vi, associado à esposa, mas não gosto de passar por Cassandra — que é uma profetisa que vê coisas problemáticas no futuro. . .

Outras cartas da família M. durante esses meses diziam respeito a assuntos familiares. Em uma delas, a Hilda escreveu que ela e o Nigel andavam a "mapear os jardins de Wick."

A 11 de Março de 1943, surgiu o seguinte através da Muriel:

Minha querida Bea.

Graças ao Nigel e a Wickenden as coisas estão a decorrer bem com a Hilda. Ela ficou angustiada com o que Govy lhe disse. Ele criticou severamente as tentativas da Hilda de cultivar rododendros na sua nova casa. Mas eles se tornaram os melhores amigos, ao discutirem sobre alguns dos erros divertidos e absurdos que o Nigel e ela estão a cometer ao criar Wickenden a partir das memória e imaginação. . . O Govy fez, como se fosse um baralho de cartas, com que demolissem a casa que estavam a construir e começassem tudo de novo. . . Só o Govy tem a longa paciência que pode ensinar Hilda a treinar a mente fantasiosa para não pular tanto de uma coisa para outra, o que a

levou a ela e ao Nigel a colocar declives nas chaminés e nos lugares errados em todos os cômodos. Ele remeteu os dois construtores ao ABC, encarregou-os primeiro de fazer uma miniatura de Wickenden, mais ou menos do tamanho de uma grande casa de bonecas, que deve ser perfeita em todas as suas proporções antes de começarem a tarefa de construir a casa grande. Toda essa diversão sobre os seus erros como arquitecta e construtora quebrou a barreira do antigo medo que tinha do Govy e a deixou muito mais feliz. Ela deleita-se com as críticas adversas que ele faz aos seus esforços de construção e aceita dele o que ela não aceitaria de qualquer outra pessoa nesse aspecto.

Agora vou falar sobre a tua carta. Ela tem perguntado com frequência se há alguma notícia tua.

A Hilda então escreveu longamente sobre Tony, terminando com:

Mas a vida ainda é maravilhosa para mim aqui. Agora a mão da Geraldine está a ficar pesada, pelo que vou encerrar. Ah, o Ni e eu voltamos à escola e o Govy nos colocou-nos no último lugar da turma. Estamos muito felizes nessa posição vergonhosa!

No dia 25 de Abril, a Hilda respondeu a uma carta minha:

Com que então lembraste-te do meu aniversário. Foi amável da tua parte. Aqui todo dia é praticamente aniversário, pois traz uma surpresa fresca e muitas vezes linda. . . Eu jamais poderia sentir indiferença a aniversários. Actualmente sinto-me como que no meu vigésimo primeiro aniversário. . . O Ni e eu trabalhamos em Wickenden. Estamos sempre a conversar sobre o que o Tony gostaria na casa que estamos a construir lentamente aqui. O Ni começou a construir um lago de patos especial para ele. É claro que temos muitos fracassos. Pintei e plantei uma linda amendoeira, toda em flor, abaixo das quadras de ténis. Tudo desapareceu depois de eu ter estado ausente por algumas horas. Eu poderia ter chorado só de ver o vazio, e o Harold dizer que, até eu alcançar um pensamento permanente, a nossa nova Wickenden continuaria a ser como a dama oculta. Ele diz que ainda disperso a minha mente por todos os lados, assim como fazia quando tinha dez anos.

O Ni tem-me perguntando se ele poderia tentar rabiscar alguma coisa. Vou-lhe explicar a coisa, mas você não deve abrigar muitas esperanças.

Nigel Gibbes:

Isto é muito difícil. Não consigo soletrar, não consigo pensar em palavras. Sinto-me como que em marcha lenta. Ah, socorro! Gostaria que você pudesse passar uma mensagem à minha esposa. . .

O quê! Você quer saber sobre os últimos dias em que me despedi de tudo isso. Tudo começou maravilhosamente. Eu estava bastante cansado, mas a emoção era boa. De certa forma, todos sabíamos que éramos a favor. Mas de alguma forma não nos importávamos. Depois disso, fiquei muito preocupado, ao pensar na minha Peggy deixada para trás. Mas assim que começamos, ficamos muito loucos. Eu estava ótimo até ser atingido. Mas tentei aguentar-me. O barulho, o ritmo, a poeira, o sangue, a dor — agora tudo se misturara como um pesadelo estranho e terrível. Meu Deus, eu estava com sede! Eu teria dado toda a Wickenden por um copo. . .

Umas mensagens endereçadas à Peggy encerraram essa comunicação, que veio com muita dificuldade e foi escrita numa caligrafia feita de rabiscos grandes.

CAPÍTULO DOZE

1943

"ONDE OS SONHOS SE REALIZAM"

A Geraldine voltou novamente da Irlanda por dez dias e, a 15 de Maio de 1943, fez uma sessão de escrita automática. O Astor anunciou que membros da minha família e da família M. estavam à espera para falar comigo. Ele acrescentou: "Até o seu irmão Arthur veio espreitar-te e disse que é surpreendente; é a mesma Bea que ele costumava conhecer. Mas ele não vai acreditar em si, embora a Hilda se apresente agora e diga que tem muito prazer em fazer a apresentação — a "Senhorita Gibbes e o Major Gibbes" — agora devo deixá-la escrever.

Hilda Gibbes:

Que bom ver-te no teu quartinho da casa que eu tanto detestava. Nunca pensei que pudesse sentir-me tão feliz por me ver nele de novo. Sabes que toda a minha presunção me foi retirada desde a última vez que escrevi. Eu meti-me em apuros. O Govy diz que o Ni tem todas as virtudes pagãs e eu tenho todos os vícios Cristãos. E eu bem que o mereci. Foi em relação ao Ni. Eu queria ficar com ele na nossa nova Wickenden — tanta coisa por fazer, com tudo a desmoronar justamente quando já estava reconstruído. Mas o Ni disse que sentiu "o Chamado" uma certa tarde. "É o Exército da Salvação?" perguntei. "Ah, não," disse ele, "é o nosso maldito Exército." Bem, nós discordamos. Ele queria ir com outro amigo, disse ele, ao encontro dos Aviadores da Vitória que vinham da África até nós. Eu disse: "Só te vais magoar de novo. Alguns deles virão com muita dor e infelicidade." O Ni disse que esse era mais um motivo para ele ir ao encontro deles. O Govy poderia ter evitado isso, mas tudo o que disse foi que estava muito satisfeito e orgulhoso do neto.

De qualquer forma, o Ni foi, e eu fiquei muito zangada e arranquei todos os meus novos rododendros que não se tinham desvanecido. Mas descobri que, afinal, o Ni tinha razão. . . Ele trouxe três meninos com ele. Eu chamei-lhes de Tom, Dick e Eric. Eles não conseguem lembrar o próprio nome e ficaram assustados e amedrontados de início. Mas o Ni contou-lhes todas as histórias perversas que conseguiu imaginar. Algumas chocaram-me bastante!

B. Gibbes: Vais ter que deixar que mas conte.

Hilda: Elas são irrepetíveis, mesmo para uma tia velha e endurecida. Mas agora estamos a divertir-nos muito com o Tom, o Dick e o Eric. Gosto do nome "Eric," pois tem ótimas associações com o E., sénior e júnior. Agora a paz do meu Wickenden está a curar esses pobres meninos, todos quantos me chamam "Mãe" e sentir tão provocada que simplesmente tenho que me manter longe de Nymans e dedicar-me cada vez mais a esses meninos. O Ni rebatizou Wickenden. Ele chama-lhe "A Creche para a Infantaria da Aviação." Neste mundo eles são bebés, percebes? Eles não sabem nada, e fico um pouco triste quando a primeira pessoa de quem falam é a sua própria mãe na terra. É uma coisa estranha. Poder-se-ia imaginar que fosse o nome de alguma garota. Acho que é porque eles vêm até mim bastante perdidos. Eles eram como pequenas crianças perdidas — estes homens grandes.

Após mais conversa sobre o segundo filho de Hilda, Tony, e outros assuntos, ela comentou:

"Tu e a Geraldine têm esse livro para terminar."

B. Gibbes: Sim. Infelizmente, foi suspenso por causa da guerra. Não podemos trabalhar nele agora.

Hilda: Perguntei a um Sábio aqui sobre ele, que é do Oriente e está perto de ti. Ele disse que não poderia ser escrito até que a paz sucedesse. A escuridão das coisas malignas do submundo há de envolve-los a todos vocês enquanto a guerra continuar. . .

Depois que a Ruth escreveu em 16 de Maio de 1943, ela foi seguida pelo Nigel. Esta comunicação mostra diferenças consideráveis no estilo da escrita e na escolha do idioma e é muito típica do meu sobrinho.

Começou por aparecer no papel muitos riscos e rabiscos.

Nigel Gibbes: Caramba, isto é difícil! Olá tia Bea, que bom vê-la.

(Seguiram-se aqui alguns comentários e perguntas sobre a esposa.)

É um pouco estranho estar completamente separado dela. . . Sabe, isso abalou-me bastante — a sensação de que eu nunca deveria vê-la nem ao Michael de novo. Ela não envia nenhuma chamada sem fios como você. Ela achou-me um tanto idiota quando certa vez disse que achava que havia algo nas fantasmagorias da velha Bea. É uma pena, mas não tem volta.

B. Gibbes: Talvez algum dia destes ela acredite, mas possivelmente poderás entrar em contacto com ela de alguma forma, se tentares.

Nigel: O quê? Tipo cair de pára-quedas sobre ela?

B. Gibbes: Bem, não exactamente! Pergunta como isso é feito.

Nigel: Você experimentou o jogo de paraquedas na pesquisa que fez?

B. Gibbes: Nem por isso!

Nigel: Curiosamente, um fulano aqui disse que era assim que fazia com a esposa. Bem, tomei uma injeção e só senti uma sensação nauseante de vazio — a sensação que um sujeito tem quando fica pendurado de cabeça para baixo num balancé. Foi uma sensação desagradável e não vou tentá-la de novo durante um tempo. É com o Michael que por vezes me preocupo. . . Vou procurar e ver se consigo alguma informação sobre como chegar até o Michael. O Govy é muito sagaz. Ele sabe como são as coisas. Tirando isso, tia Bea, a vida aqui é óptima - cheguei a um bom lugar.*

**Linguagem invulgar para descrever o Céu!*

Claro que estou um pouco vacilante, numa semiconvalescensa. Passar tão de repente deu-me um pouco de ressaca — a sensação da manhã seguinte, é difícil explicar. Mas tenho trabalhado nisso afincadamente. Sabe o que quero dizer? Provavelmente essa é a palavra errada para o descrever. Mas quero dizer que mergulhei no Norte da África, perto de onde fui para o oeste, em busca de alguns pobres mendigos como eu, que foram mortos repentinamente. No começo cometi alguns erros e quase fiquei inconsciente na escuridão. Mas tenho tido mais sucesso ultimamente — fisguei três heróis.

B. Gibbes: Mas, sabes, o nosso exército passou além dessa parte, directo para a Tunísia.

Nigel: Conseguimos isso tudo? Eu não sei de nada.

B. Gibbes: Sim, seguimos desde El Alamein, o lugar para onde fomos levados de volta, para perto de Alexandria, depois Tobruk (aqui a mão deu um salto no papel) para Benghazi, para Trípoli, e na semana passada uma vitória esmagadora — expulsámos os Alemães de Túnis. Não há Alemão no país, excepto prisioneiros. Fizemos milhares e milhares deles.

Nigel: Eu sei que você não é mentirosa. Mas é incrível! Caramba, eu não fazia ideia. Estes sujeitos que fisguei ainda estão atordoados demais para me contar muita coisa — disseram que íamos em frente, mas falar sobre isso pareceu deixá-los chateados. No início, acontece isso. Mas agora estou louco por saber mais. Pelos céus, isso é ótimo! Valeu a pena passar por toda aquela dor infernal. . .

Tia Bea, você fez-me bem. Senti-me tresloucado, com tanto ódio que senti pelos Boches por tudo que me fizeram. Mas agora, de alguma forma, o ódio está a desaparecer porque sinto que os porcos estão a ser abatidos. Você não sabe os brutos imundos que eles são.

V. — é isso por ora, com muita confiança. Posso desfrutar do nosso novo Wick agora. Muito obrigada, tia Bea. Deixe-me voltar. . .

Sempre seu,

Ni.

A escrita então mudou de um rabisco bastante grande para a escrita pequena habitual do meu irmão Frank, inclinada para o lado contrário. Depois de enviar algumas mensagens à esposa, minha cunhada Maud, perguntei se ele sabia alguma coisa sobre a vitória Africana. Ele respondeu:

Claro que sei. Mas a Hilda tem guardado zelosamente o Nigel, mantendo-o sob a sua protecção em Wickenden. Todos nós tínhamos ordens de não falar com ele sobre a guerra. Ela quer protegê-lo de tudo que é feio e terrível, disse ela. Então é claro que deixamos que ela fizesse o que queria. Acho que até agora tem sido sensato. O corpo etérico do Nigel foi ferido pela violência da morte que teve quando ele estava no auge. Foi como se um bebé nascesse danificado no mundo. O Nigel está praticamente curado agora, mas precisava de todo o cuidado e do amor da Hilda. Ele não poderia ter ouvido coisas que lhe trouxessem vantagem nos últimos seis meses. Mas a Hilda gostava de o manter no berço para sempre, se pudesse. Mas ele "levantou quartel" recentemente, sabes. Mas tem sido um sucesso, depois de muito barulho e incómodo. . .

A 19 de Maio de 1943, a Geraldine e eu tivemos outra sessão juntas.

O Astor anunciou que estava à espera de uma velha amiga que não comunicava há muitos anos. Foi bastante inesperado. Também referiu que a Hilda e o Nigel estavam presentes de novo.

O Astor continuou: "O Nigel está muito interessado na visão extraordinária da velha Bea. Ele diz que nunca pensou que você fosse uma operadora de telefonia móvel combinada com televisão. Agora a Hilda vai escrever primeiro. Vou deixá-la escrever, pois hoje há canto no coração dela."

Hilda: Achei que a felicidade tinha limites, mas é uma coisa ilimitada. Vim dizer-te que este é o mundo onde os sonhos se tornam realidade. Temos os nossos contratempos. Claro, mas estamos acertadas com relação a isso, e eu enganei-me quando pensava que nada daria certo, mesmo no céu. O problema desapareceu, entendes. Este é um mundo onde o não convencional é perfeitamente convencional — onde as esposas mantêm relações agradáveis com os maridos e, portanto, todos ficam satisfeitos. O Arthur ocupou uma casinha perto de um lago e de um rio na Escócia. Ele tem a visita ocasional do Ni lá sob o Lease-Lend Bill *(NT: Projecto de arrendamento de empréstimo),* e não sinto mais que seja terrivelmente egoísta por não ter optado por viver nas Terras Altas (Highlands). Ele visita-nos ocasionalmente e fica muito feliz em implicar connosco sobre a nossa construção em Wickenden. Vê bem, todo tipo de coisas estranhas acontecem nela — coisas que me teriam enfurecido quando eu estava na Terra, mas que só me dão vontade de rir agora. Por exemplo, o telhado voa nos momentos mais difíceis. . .

O Ni havia convidado duas garotas para o Tom, o Dick e o Eric, e estávamos todos a almoçar quando ele voou pelos ares, o teto da sala de jantar escorregou e caiu no relvado. Assim que paramos de rir, o Ni e eu, é claro, deixamos os outros no meio das ruínas e começamos a trabalhar. Implica ficar quieto mentalmente e ver o teto no lugar certo e os garfos sobre a mesa. Conseguimos tudo de volta na perfeição, tendo trabalhado muito, mas o Harold diz que amos ficar de folga de novo na próxima semana, já que o Ni e eu somos muito desmiolados *(feather-brained no original).* "O que as aves têm a ver com o nosso cérebro, eu não sei," disse eu. Mas deseja como for, alguns dos meus rododendros, admite o Harold, parecem ter arrendado o terreno por 99 anos, e o Govy contactou-me e ficou bastante satisfeito com a parte do mundo que é o meu jardim. A casa sempre foi uma preocupação para mim. Mas de alguma forma, enquanto pinto o meu jardim, todo o amor que eu tinha pelas cores parece jorrar e transbordar, e por vezes surpreendo a família com todas as minhas flores. A Muriel diz que, em certas coisas, eu a venci como jardineira.

Isso não será um triunfo? Mas, querida Bea, não estou a falar de nada além de minha adorável vida — quão egoísta. . .

Seguiram-se algumas observações *sobre o* Tony. Mais tarde, a amiga escreveu e a Muriel recebeu um pedido para as deixar falar de novo antes que a Geraldine voltasse para a Irlanda.

20 de Maio de 1943:

Astor está aqui. A Hilda e a Muriel trouxeram o Nigel e ele vai escrever primeiro.

Nigel Gibbes *(rabiscado na página)* :

Caneta maldita de tão ruim. Ah, tia Bea, tenho pensado muito em si e em mim, neste rádio e no Michael. Quando o Michael for um pouco mais velho, você poderia deixá-lo saber, não é mesmo, que estou vivo e bem, não sou um mártir de harpa e coroa a tocar numa banda que nunca para, nem sou um preguiçoso ensopado na cama em um sono pantanoso até o fim do mundo, seja quando for. Estou a falar muito sério sobre isso. Quero que o Michael pense em mim como um homem vivo — de momento estou de camisa e calças, e pouco mais; que eu pesco um pouco e arquitecto um pouco e faço o jardim e tudo o mais. Torne-me natural aos olhos do Michael.

B. Gibbes: Mais tarde poderemos conversar com o Michael, mas ele ainda é muito jovem.

Nigel: Ah, diga à tia Maud que o tio Frank me animou muito. Você sabe que o meu sonho secreto era ser aviador — quero dizer, profissionalmente. Mas, por vários motivos — a mãe e a Peggy, que não gostavam, entraram em acção quando a guerra começou, como eu deveria ter gostado. *(Antes da guerra ele obteve o certificado de piloto. — B. Gibbes.)* Bem, o Frank contou-me tudo sobre como voar aqui. É algo fantástico, se o que ele diz for verdade. Não posso, até que tenha desenvolvido muito mais, entrar em acção, presumo. Mas significa que é possível circular em torno de estrelas, planetas, viajar mundo após mundo, diz ele. Precisamos apenas de uma certa qualidade mais refinada no éter, disse-me ele, e das nossas asas que prendemos a nós próprios e então disparamos pelo espaço. Ele tem sido extremamente interessante e diz que explicará de novo mais tarde, quando eu puder acompanhar. Caramba, isso me deu um grande entusiasmo. Todos os tipos de aventuras que vejo diante de mim aqui. . .

B. Gibbes: Sabes, muitas vezes penso que tu simplesmente tinhas que te juntar à tua mãe como fizeste, pois ela não teria ficado realmente feliz e em paz sem ti, e nunca teria ficado livre de ansiedades.

Nigel: Sim, tia Bea, pensei em tudo isso. O meu primeiro trabalho é fazê-la feliz e mantê-la feliz. É por isso que passo a Maior parte do tempo em Wick com ela. Adoro estar com ela e ficarei o tempo que ela precisar de mim. Mas de vez em quando espero fazer uma pausa na aeronáutica do tio Frank, quando for mais velho, claro. Meu Deus, quem não estaria morto se soubesse a vida grandiosa isso significa?! Bem, preciso dar espaço a outros. Eu poderia escrever muito mais sobre este lugar incrível.

Sempre,

Nigel Gibbes.

A Hilda então escreveu o seguinte:

Estou a levar uma vida absurda com todos esses meninos e Wickenden para cuidar. Mas a verdade é que todos estão a cuidar de mim. Na verdade, o Eric e o Tom propuseram cuidar das contas. Mas eu disse que não havia nenhuma. Eles pensaram que era apenas uma invenção minha. De qualquer modo, estes jovens são todos muito queridos comigo, e eu tenho o meu Ni para ajudar nesta linda arte de fazer um lar para os jovens que vêm do mundo feridos. Acho que toda a minha vida passada foi uma preparação para isso — os anos de dor levaram-me a compreender a dor deles, e é

maravilhoso vê-los iluminarem-se e perderem aquele olhar perdido e miserável. Mas grande parte do meu tempo é gasto com o Ni no trabalho, pelo que não precisas preocupar-te comigo. . .

A sessão terminou quando eu disse a Hilda que esta seria a nossa última reunião, uma vez que a Geraldine ia partir para a Irlanda no dia seguinte. Ela respondeu: "Que estúpido da parte dela, não podes fazer com que perca o comboio?" Exclamei que ela precisava voltar para poder cuidar da mãe inválida e tratar de outros assuntos. A caneta foi então 'passada' á minha Muriel, que me garantiu que consideravam que a sua ansiedade com respeito á Hilda haviam chegado ao fim. Ela também me informou que o Tony iria para fora. "Ele vai, sabes, este ano," escreveu ela. "Mas não há morte." Esta foi a primeira vez que foi feita uma declaração definitiva sobre a partida do meu jovem sobrinho da Inglaterra. Naquela altura ele foi informado de que *não* seria mandado para fora da Inglaterra. Dois meses depois, porém, ele partiu para o Norte da África.

A Geraldine voltou para a Irlanda. O que se segue é um trecho de uma carta da Hilda em resposta a uma nota minha. Está datado de 27 de Agosto de 1943. Depois de dizer que as suas "paisagens não evaporaram como costumavam," ela prosseguiu:

O Ni trouxe para Wickenden alguns bons rapazes da Sicília. Portanto, estou muito ocupado com o que ele chama de 'nossa escola infantil'. Mas por vezes sinto muita falta das minhas duas meninas de recados, tu e a Zellie. Ninguém para fazer biscates para mim ou terminar o que não comecei adequadamente. Faz parte da minha educação aqui fazer biscates sozinha. Quando os nossos jovens soldados chegam para jantar com fome, o Ni e eu apenas pensamos em um, e ele surge. Limpar e tirar o pó é aqui exactamente como tu pensas. A nossa mente é como um espelho, e se mantivermos a luz dos nossos desejos nela de maneira suficientemente constante, a sala e a mesa de jantar ficarão imaculadas — e não será visto nem um grão de poeira. Mas precisamos pensar da maneira certa *(pois existe uma maneira errada),* ou tudo ficará empoeirado e em mau estado. Govy diz que é apenas um estado de espírito. O meu deve ter estado num estado terrível algumas vezes na terra. Mas aqui, pela graça de Deus, ter o Ni quase sempre me coloca no estado mental correto. Tudo isso te há de parecer um tanto complicado, imagino. Mas não sei explicar de outra forma.

No dia 11 de Outubro de 1943 a Geraldine recebeu a seguinte comunicação:

Hilda Gibbes:

Com que então aqui está você no seu quarto azul, Geraldine, querida. Eu tive uma ideia tão brilhante. Bea e você deveriam imprimir um livrinho sobre como vivemos aqui. Tenho pensado muito sobre isso. Posso ser seu correspondente estrangeiro e dar-lhe notícias da nossa Frente, o que pode ser enfadonho, pois não é uma frente de batalha e não sei minimamente como escrever para um jornal. Portanto, estando desqualificada em todos os sentidos para tal tarefa, começarei de imediato.

O Paraíso, o Purgatório e o Inferno de Dante, diz o Harold, têm todos lugar aqui, mas são muito diferentes do que as pessoas na Terra imaginam. Na terra, a posse é 'nove décimos da lei.'* *(NT: A posse é o que conta.)* Ninguém possui nada além de si próprio nesta vida. Essa é a primeira máxima do Govy. Isso me fez pensar que o pobre X., que tem um eu tão encarquilhado e mesquinho, se verá num estado de falência crónica neste mundo. Ele há de envergar as roupas feias de cidade que tem, porque só se sente um cidadão realmente respeitável e digno quando está vestido com elas. Nós parecemos o que imaginamos ser, entendes?** Assim ele usará o costume que tem o hábito de pensar. Ele só pode imaginar coisas desagradáveis, pelo que o seu aspecto será tão desagradável quanto era na terra quando ele fizer a sua estreia na recepção dispensada aos recém-chegados da terra. Ele não saberá como começar a construir uma casa bonita nem um lugar bonito, porque não ter nada nele com que o faça. Ele ficará num clube sujo e horrível com alguns dos velhos compinchas, homens da cidade, e ficará perfeitamente com eles, a abusar do Governo, por não haver títulos nem ações a acompanhar, nem dinheiro a ganhar. Os mercados monetários do mundo

estão tão mortos como o Dodo aqui. Tenho a sensação de que esse há de vir a ser o purgatório do X. e quase sinto pena dele.

A segunda máxima do Govy é que todos somos parte uns dos outros. Isso é uma passagem da Bíblia, embora tu talvez não o saibas, Bea, querida. Mas procurarei explicar o seu real significado. Por exemplo, nós, M., apesar de todos os nossos defeitos (e temos alguns), não éramos maus ou ressequidos mentalmente como o X. Assim, fomos todos capazes de combinarmos, entre nós, e de construir um Nymans muito bonito aqui, que é uma casa em todos os aspectos.

Um ou dois de nós não conseguiriam ter criado um lugar tão lindo. Mas por sermos membros uns dos outros, por trabalharmos juntos de forma afortunada e pacífica, construímos uma obra-prima. Digo "nós," mas tudo foi feito antes de eu chegar. E por a família não o ter construído só para si, mas igualmente como local de descanso para aqueles que recentemente vieram da terra, que ali passaram fome de vida e de beleza, foi, e é, um enorme sucesso. Até os críticos Muriel e Govy estão satisfeitos com ela.

O Ni e eu estamos a fazer o nosso melhor com Wickenden. Mas muitas vezes causa-nos muitos problemas ao cair por partes, em vez de se aguentar, ao se despedaçar nos lugares em que não devia. Acho que isso aconteceu por eu ser muito impaciente com qualquer coisa imperfeita na terra. Esses colapsos irritantes estão a levar-me a aprender a ter paciência, e tenho plena esperança de que, quando vieres, vai existir um Wickenden permanente e sólido que irá manter-te unido e satisfazer-te por completo. Não quero que sofras os efeitos de um pequeno terremoto quando estiveres a precisar muito de um repouso após a longa viagem para o lar.

Sobre as roupas, escreverei um artigo de moda da próxima vez. Mas quando mencionei o X., acho que expliquei que somos os nossos próprios alfaiates e costureiras. Pensamos e desejamos o tipo de roupa guardada nos guarda-fatos das nossas memórias, e elas aparecem. Nem sempre são exactamente como gostamos. Mas isso deve-se aos nossos próprios defeitos. Tirei das gavetas e dos guarda-fatos tantas coisas bonitas que pertencem à minha mente. O Ni contou-me que existe um clube de nudismo no nosso mundo, mas, nem preciso é que diga que não o frequentamos. O Ni diz que (certos) aspectos de fealdade que aparecem haveriam de assustar os mais corajosos. Em grande parte as pessoas vestem-se de acordo com a época. Contudo, por vezes, elas irrompem em grandes variedades de cores e materiais. Mas partilhamos memórias e os recém-falecidos trazem novas ideias sobre vestuário. Assim, mantemos a geração passada atualizada, e alguns deles ficam bastante fofos em roupas modernas, quando, é claro, sempre pensamos neles em roupas de uma época passada.

Estou a perder o controlo da caneta.

Muito mais a dizer.

O meu amor para ti,

Hilda.

**(NT: Expressão que mais se traduz por adágio, alusivo à lei, que significa grosso modo que a posse de algo é a prova mais cabal da propriedade desse algo, em falta de prova do contrário.)*

***(Verdade das mais válidas que traduz a base da força da imaginação alicerçada em princípios, autoestima, amor-próprio ou ausência desses factores, em que assenta a imagem que formamos de nós, que se reflecte literalmente no exterior.)*

O trecho que se segue vem de uma carta escrita pelo meu irmão Frank. Está datado de 2 de Novembro de 1943. Referindo-se á ménage *(NT: Agregado da casa)* de Wickenden, ele escreveu o seguinte:

O Arthur visita Wickenden, mas não vive lá. Ele acha-a muito aborrecida. A Hilda e o Nigel estão muito envolvidos um com o outro. Essa é a pura verdade. . . Não é que Hilda amarre o Nigel ao local. Mas ela fez tanto esforço por lhe agradar que o prende quase o tempo todo. O Arthur passa o seu tempo a pescar os salmões monstruosos dos seus sonhos ou a estudar a longa galeria de imagens de guerra e depois a instruir qualquer pessoa que encontre que se disponha a dar-lhe ouvidos. Muitas vezes é a Mater, que é muito paciente e boa com ele. A Hilda não é par para ele. Eles se verão cada vez menos porque não foram realmente destinados um para o outro no início. . .

Os leitores compreenderão por que registei esta observação quando lerem a Parte II.

CAPÍTULO TREZE

1944

"NATAL — FESTIVAL DOS ARTISTAS"

Ao escrever para a Hilda no Natal de 1943, perguntei como ela havia passado o dia. Eu disse que estava interessada na ideia dela de escrever um livro com notícias da "Frente" deles e que o "Correspondente Estrangeiro" poderia prosseguir quando quisesse.

A 1 de Janeiro de 1944, Hilda respondeu o seguinte:

Hilda Gibbes:

Minha querida Geraldina,

Pedi ao seu amigo de barba grisalha, Astor, que me chamasse na noite do dia de Natal, e agora ele diz-me que é manhã de Ano Novo, no seu mundo. Portanto, não enviei meus cumprimentos de Natal à Bea nem a mais ninguém. Eu deveria ter achado isso horrível há alguns anos atrás. Agora, nada importa minimamente. Essa é a coisa mais maravilhosa de estar morto. Alguém está realmente vivo pela primeira vez. Veja, ninguém está vivo quando está preocupado — pelo menos, tal como eu me costumava preocupar — porque não sermos nós próprios. O nosso verdadeiro eu não está presente; morreu de verdade, e o que existe é como um esquilo numa gaiola. Agora que me encontrei, nunca me preocupo. Claro que tenho alguns altos e baixos. Mas as pequenas coisas não têm mais importância para mim.

Ah, uma carta de Natal da Bea! Deixe-me sentir e ver. Bem, a tua primeira pergunta. Bom, tivemos um Natal misto, pois foi passado em três locais diferentes — em Wickenden, na Igreja e em Nymans. E foi o Natal mais feliz que passei aqui, logo o mais lindo que já conheci, e imagino que possas adivinhar porquê. É o primeiro Natal que o Ni passa neste mundo, no qual ele é ele próprio, sem mais pesares por estar separado do Michael, da Peggy e do Tony e ter perdido a vida que esperava viver. Durante muito tempo ele preocupou-se e interrogou-se como a Peggy conseguiria e como o Michael iria crescer sem pai, e se o Tony iria ter problemas. Mas por trás disso estava realmente o pesar por sentir saudades deles, de não os ter com ele. O Ni nunca costumara preocupar-se. Mas por ter tido a vida ceifada antes de ter vivido toda a sua vida, ele sentiu a ruptura com o mundo muito mais do que eu. É por isso que me diverti imenso.

Agora queres saber, como sou Correspondente Estrangeira, como é o Natal por aqui. Bem, só posso falar do que conheço e, conforme o Harold diz, sou uma ignorante desavergonhada. A grande diferença entre o Natal no meu mundo e no teu é que no Céu não há dinheiro. O céu está em estado de falência crónica. Isso significa que não passamos longas horas em lojas sobrelotadas, a claudicar aqui e ali, como eu costumava claudicar, sem nunca encontrar os presentes certos para as pessoas certas. Aqui, temos que fazer todos os nossos presentes, com a nossa imaginação e

com as nossas duas mãos. Duas mãos, uma mente: esses três têm que fazer tudo. É aí que entra a diversão.

Há um material plástico muito fino aqui. A nossa mente cria uma imagem do que queremos fazer — um brinquedo de criança, uma boneca, por exemplo. Aí insuflamos essa substância plástica e moldámo-la com as mãos. Aos poucos vai tomando forma e a nossa mente dá-lhe cor, e aos poucos a maravilha acontece: uma boneca grande com vestidos que aparecem e desaparecem, olhos que abrem e fecham, pernas e braços que se movem, e um espirro se nós espirrarmos. Fiz vários bonecos para a árvore de Natal de Wickenden que tinha, especialmente para as pobres crianças da Ruth que vieram em bando da terra, coisinhas pequenas assustadas, mortas em ataques ou pela fome. Fiz-lhes vários brinquedos lindos.

Por vezes, é claro, criamos o artigo errado. O Ni quis dar charutos a um colega e produziu uma fileira de alho-porro! A sua primeira tentativa de fazer uma cigarreira para um amigo foi o que se pareceu com uma nabiça. Não sei por que ele tinha a mente a pensar em vegetais. De qualquer forma, penduramos nossa árvore de Natal com os nossos erros e êxitos. E rimos sem parar dos velhos erros que demos uns aos outros. A árvore de Natal também foi para os jovens soldados que o Ni resgatou da terra de ninguém dos mortos. E é claro que eles, assim como o Ni, tentaram construir presentes, pelo que recebi da sua parte uma estranha coleção de presentes. Eu ri até às lágrimas. Era tão charmosa e tão patética. Esses jovens, que aqui são bebés, presentearam-me com uma massa de absurdos. Jantamos no Nymans e lá me deram lindos presentes. O amor que sentem pelo belo e por mim levaram-nos a produzir as coisas mais arrebatadoras. O Natal, diz o Harold, é o festival dos artistas. Mas um artista terreno inteligente pode ser um tolo e um trapalhão aqui. Pois nesta vida são necessários amor, paciência e fé, assim como outros poderes, para criar uma obra de arte. Ah, há tanta coisa a explicar, e é tão difícil explicar, e agora não há tempo, pois quero falar da tua carta.

Após vários comentários sobre a família, a Hilda finalizou com as seguintes palavras:

Agora preciso interromper. Estou a ajudar a Ruth no que ela chama de "longa vigília." Devemos vigiar e orar neste primeiro dia do ano pela vitória da paz na terra nos próximos meses. Enviarei mais notícias mais tarde, sempre que me derem uma caneta.

Hilda.

Em resposta a uma carta minha, de 29 de Janeiro de 1944, o Nigel escreveu que ele e a mãe estavam

a divertir-me muito. Essa é uma das poucas coisas em que ela mostra a sua idade, a sua escolha de linguagem. Ela não fala como algumas das minhas colegas contemporâneas. Oh, tia Bea, gostaria que você pudesse vê-la agora! Você haveria de apreciar o seu eu mais jovem. Ela é simplesmente gloriosa, quase nunca está sombria ou preocupada, e tão divertida quanto costumava ser. . .

Essas observações levantam um aspecto interessante: embora nos digam que envelhecemos até atingirmos o auge do nosso aspecto terreno, de acordo com esta comunicação a nossa memória da linguagem aparentemente permanece a mesma que a falada no momento da nossa morte.

Os leitores interessados em *'They Survive'* podem ter interesse em saber que o pós-escrito que encerra esse livro (p. 138) foi escrito por Hilda em 5 de Fevereiro de 1944. A bela "nova definição de morte" do leitor é citada na abertura da Parte I. deste presente volume.

Em 14 de Março de 1944, após algumas observações preliminares, Hilda fez a seguinte comunicação:

Se eu te contar como vivemos após a morte, deverei deixar todos os homens inteligentes e instruídos chocados — para não mencionar os sacerdotes. Vê bem, a vida é tão simples — pelo

menos para mim — aqui. Conforme o Govy diz, não é nem uma condição de misticismo nebuloso (sem vento leste ou nevoeiros), nem é o inferno de Dante, nem o Céu das Revelações. É — pelo menos para mim — como Cristo lhe chamou, e a Sua palavra o descreve melhor do que legiões de palavras — Paraíso. Poderás perguntar o que significa essa palavra. Bem, só posso contar a experiência que faço dele:

(1) O trabalho, a tentativa e o fracasso para alcançar, e até mesmo a dor do coração, desempenham o seu papel na nossa experiência do Paraíso. Mas quando sofremos dor, sofremo-la de bom grado, em prol da alegria e da profunda tranquilidade da existência quotidiana no Paraíso. A minha felicidade, a minha bênção aqui reside em elaborar e construir uma linda casa, um jardim e um bosque que sejam um verdadeiro lar para o meu Ni e os seus amigos. Eu retiro das minhas memórias o que havia de belo na terra e concebo imagens na minha imaginação como um artista, e então dou vida, moldo e crio como um escultor, usando o meu corpo celestial para esse fim; e então a minha imaginação, como diz o Harold, "insufla o sopro de vida" na minha criação, e eis que ela passa a existir!

É claro que tenho os meus fracassos e, por vezes, em vez de um canteiro de lírios do vale, ou, digamos, rosas, produzo uma grande quantidade de arbustos e outras ervas daninhas horríveis. Isso porque não ter trabalhado o suficiente e permitido que alguma lembrança irritante das ervas daninhas de Wickenden preenchesse o espelho da minha mente. Então preciso começar tudo de novo, e é preciso muita luta e esforço para produzir lindas flores aqui. Mas quão orgulhosa e deliciosamente feliz fico quando pelo menos aparecem rosas e lírios-do-vale e as ervas daninhas desaparecem! Então a pessoa sente, em toda a sua alegria, o Poder Divino da Criação, de que recebemos uma pequena parte do Criador.

(2) Perguntarás acerca da minha experiência de dor no Paraíso. Ajudo a Ruth de forma intermitente no trabalho que desempenha entre as crianças aterrorizadas e torturadas que morrem antes do tempo, durante esta guerra terrível. Elas choram pelas mães e não conseguem encontrá-las. Frequentemente, as suas pequenas almas ficam lesadas e elas ficam inteiramente indefesas e num estado deplorável. Por vezes deixa-me de coração destroçadas vê-las. Então a Ruth dá-me coragem e eu ajudo-as em tudo que posso. Mas a dor que sinto nesse trabalho — de que tenho pavor — deixa-me ainda mais feliz quando volto para o Nigel e para nossa casa em Wickenden. Ah, tenho longos períodos de paz que ultrapassam o entendimento aí. Pois aprendi a ficar quieta, a viver em comunhão com a natureza, os pássaros, o coração profundo da vida.

Talvez digas que tudo é tão parecido com a vida na terra, que não pode ser verdade. Mas há uma grande diferença. Não precisamos de alimento, pelo que não é necessário dinheiro no Paraíso. Reabastecemos os nossos corpos e energias com a Grande Luz. Viver aqui é depender inteiramente dos nossos próprios esforços. Se um homem for egoísta, ganancioso e cruel, quando morre a sua mente e imaginação são estéreis. Então é como se fossem cegos. Eles vêem apenas a noite e o crepúsculo sombrio — um lugar desolado e deserto ao seu redor. Uma mente estéril e uma imaginação não têm poder de criar. Assim, as pessoas inteiramente más que passaram pelo portal da morte, vivem aqui na escuridão das suas próprias mentes egoístas, ou num mundo cinzento e sombrio que, no caso de se tratar de homens cruéis e brutais, é povoado pelas suas vítimas. Eles sonham e voltam a sonhar com as torturas que infligiram às pessoas durante as suas vidas terrenas e experimentam a sua agonia.

Quando perguntei, depois de muito tempo de felicidade aqui: O Inferno existe? Disseram-me o que acabei de escrever. Quando perguntei: O Céu existe? Disseram-me: não as joalherias da Revelação, mas as jóias de Deus — pássaros, flores, luzes cambiantes, as cores mais maravilhosas que se possa imaginar, estão todas aqui para aqueles que têm coração e imaginação — por outras palavras, amor e visão, que é outra palavra para a fé.

Ajudamos uns aos outros na criação de um mundo. O meu irmão, as minhas irmãs, mãe e pai fortalecem e corrigem os defeitos no meu amor e visão que me levaram a cometer vários erros estúpidos.

Suponho que um cientista diria que os nossos corpos são alimentados pelos raios ultravioleta do sol. Prefiro chamar-lhe "a grande luz penetrante." Existe uma essência ligeiramente mais densa que o ar, a partir da qual todas as formas são criadas. Mas a diferença da terra é que, quando obtemos experiência, criamos as formas, a paisagem, etc., que nos rodeia. Tornamo-nos, na verdade, "pensamentos de Deus," pelo que somos todos pequenos criadores, como o Criador Uno de todos. Mas a pequenez ou grandeza da alma que nos caracteriza é demonstrada na beleza ou na fealdade do ambiente que criamos. Tudo, pois, depende de nós próprios no que diz respeito ao mundo externo, e nós não dependemos, como nessa terra grosseira e estúpida que deixei para trás, de outras pessoas em nenhuma medida para as condições que vemos ao nosso redor.

É claro que existem muitas pessoas subdesenvolvidas, mas não realmente más, para quem as almas mais avançadas criam estas condições; e é claro que as criamos para as crianças. Mas com o tempo todos eles se desenvolvem e aprendem como depender de si próprios para a vida em todos os aspectos.

Não sou uma autora inteligente, Bea. O que escrevi é em parte o que conheço e em parte o que me foi dito. Tem sido difícil escrever. Mas isso deu-me um grande prazer, pois estou tão ansiosa que as pessoas deponham o último fantasma, a Morte, e entendam que o que eles chamam de morte é a porta de entrada para a vida real aqui, em contraste com a vida falsa e simulada que tantos os seres humanos levam na terra.

A Correspondente Estrangeira precisa parar agora. Vou remeter-lhes a todos as tuas mensagens.

O meu amor para ti e o Tony,

Hilda.

A sessão em que o escrito anterior foi redigido, na verdade, não regista nenhuma interrupção.

A 20 de Abril de 1944, Nigel respondeu a uma carta minha com respeito à família. Ele começou com a observação de que esse era o tipo certo de carta que eu lhe devia escrever. Até então, eu geralmente mandava-o embora em busca de oficiais desaparecidos, irmãos de amigos, etc., e dava poucas notícias da família. Algo que mencionei, no entanto, desta vez suscitou o seguinte, que pode ser interessante:

Estou pronto para apostar nisso agora consigo. . . embora apostar ao quê me supere. Pois há bens imóveis aqui, excepto em nós próprios. Não podemos fazer nada desta vida, ou podemos fazer tudo com ela. É um pouco surpreendente, não é? Começamos do zero. Este mundo após a morte não é nem céu nem inferno, aparentemente. Simplesmente não existem títulos nem ações nele — estou a citar o Govy. Ele disse que passou por um período terrível quando veio para aqui inicialmente, porque a paixão secreta da sua vida eram os títulos e ações. Felizmente ele tinha uma paixão maior pela jardinagem. Ele disse que isso o salvou de passar por momentos muito difíceis, o amor que tinha pelo belo, como ele lhe chamava. Eu disse-lhe que o único tempo que considerei ter desperdiçado na minha vida foi no escritório do tio B. e na Bolsa de Valores. Talvez seja por isso que, embora tenha começado do zero aqui, tenha conseguido um resultado muito bom até agora. Dê ao jovem Tony um conselho de irmão mais velho. Diga-lhe para depois da guerra abandonar a Bolsa de Valores — para se dedicar à agricultura e eliminar as corridas de cavalos. As corrida de cavalos são outra forma de títulos e ações. . .

Credo, o Tony comandante de companhia! Que piada, imagino que venha a enfrentar muito gracejo na companhia dele! Direi ao pai e à mãe, e devemos fazer uma celebração. Suponho que acabaremos por ouvir que o Tony está o comandar o 150 do Exército, um veterano que, quando

colocar todas as condecorações, ficará inteiramente incapaz de andar por causa do peso delas. Tony vai sair-se bem. A mãe ficará triste por saber que ele é comandante de companhia. Ela ficou muito satisfeita com a ideia que inventou sobre ele: que ele está cultivar alimentos para todo o mundo na fazenda. Você deixou-a muito entusiasmada, tia Bea! Ela fez um drama disso. Ela viu a Tony carregar uma pá, não uma arma, a eliminar ervas daninhas em vez de homens. Pessoalmente, não vejo o Tony a fazer nada disso! Mas vou-lhe dizer que o Tony é um afecto que desenvolveu tal capacidade de organização que o Oficial de Guerra não suporta separar-se dele e mandá-lo para o exterior. É maravilhoso o que ela pode ser levada a acreditar com respeito a qualquer um de nós!

Em resposta a uma carta minha, a Hilda comunicou o seguinte a 19 de Maio de 1944:

> Poderá surpreender-te saber que ervas daninhas podem crescer nos jardins por aqui. Geralmente são o resultado de pensamentos desagradáveis; ou mesmo pensamentos preocupantes e ansiosos podem produzir terrenos, cardos, labaças, todas as coisas horríveis que não são desejadas num jardim. Geralmente faço a minha jardinagem enquanto o Nigel está fora, a guiar os seus da terra, a conduzi-los das trevas da morte para a luz. Mas agora sei que devo aquietar-me, suscitar uma grande serenidade. Então, quando a quietude de Deus é minha, começo a trabalhar e algumas flores lindas e maravilhosas surgem surpreendentemente, abrem-se nos seus queridos botões e florescem. . .
>
> Sim, "Ladra" era o nome que eu dava à morte. Sempre pensei na morte a chegar como um ladrão durante a noite. Eu não suportava a palavra "morte." Eu tinha perdido para ela os meus entes queridos, e todos vocês ter-me-iam tido na conta de mórbida, se eu tivesse dito que o ladrão era realmente a Sr.ª Morte. Vocês teriam dito coisas disparatadas e pensado que era reconfortante, quando eu estava a sofrer abominavelmente o tempo todo. Foi por isso que falei tão pouco quando tu me falaste sobre nós e as tuas comunicações. Quase berrei várias vezes: "Pára Bea, não aguento. Não ouso pensar na morte. Isso deixa-me tão solitária, tão assustada. Para mim ela era a ladra da vida, ladra de tudo que eu amava."
>
> E se eu tivesse berrado daquele jeito, tu ter-me-ias desprezado e considerado uma pobre covarde, o que era a exacta verdade.

(Na verdade, eu não deveria ter pensado nada disso.)

A Hilda sempre se apresentou como tendo medo de "ladrões" à noite. A explicação dada não me ocorrera. É verdade que muitos daqueles que ela amava lhe foram tirados ao longo de alguns anos. O pai e a mãe morreram em 1915 e 1920, respectivamente. As mortes da esposa do Harold (1928), da Muriel (1918), do Harold (1920) e da Ruth (1933) foram todas trágicas, repentinas e inesperadas, e antes do seu período normal de vida a vida ter terminado. A Ruth faleceu em poucas horas num hospital de Londres sem recobrar a consciência. Ela adoeceu repentinamente no comboio para Londres. Quando ela morreu eu sabia que a Hilda sentiu a morte dela, ela havia perdido a sua maior amiga e ajudante em todos os momentos de dificuldade. Como já foi dito, a Muriel iria morar em Wickenden e supervisionar o planeamento e o plantio do jardim. O Harold já tinha uma casa de campo na vizinhança. Assim, quando Wickenden foi concluído em 1921, os planos da Hilda de ter aqueles que ela amava perto dela já haviam sido frustrados por um destino cruel. Não admira que ela considerasse a morte uma "ladra"!

CAPÍTULO CATORZE

1944

"CONSCIÊNCIA NO MOMENTO DA MORTE"

Se alguma parte da mente de uma pessoa, sob o efeito de anestesia ou inconsciente antes da morte, tem consciência do que está a acontecer ao seu redor, é uma questão que muitas vezes surge em discussão. O consenso geral de opinião é, creio eu, que, para todos os efeitos, o paciente não tem consciência de nada. Em alguns casos, porém, ele pode estar plenamente consciente do que o rodeia e das pessoas que estão por perto. Neste contexto, é interessante notar que, em três ocasiões em que a Miss Cummins esteve sob anestesia durante mais de duas horas e meia durante três operações, ela não ficou com memória consciente de pessoas nem do seu entorno.

O seguinte extrato da comunicação da Hilda de 19 de Maio de 1944 é, pois, de considerável interesse. A Geraldine estava a escrever sozinha na Irlanda e desconhecia por completo os incidentes registados.

Respondendo a uma pergunta minha, ela disse:

> Sim, quando eu estava a morrer, escutei as vossas vozes, debilmente ao longe, de vez em quando. Vocês estavam terrivelmente preocupados por não conseguir um médico, e eu ansiava por dizer: "Não importa, é um adeus." Ouço o nome do Tony e alguma coisa sobre enviar-lhe um cabo ou telefonar-lhe. Não me lembro das palavras exactas. Acho que ouvi coisas que não poderia ter ouvido da maneira normal. Esforcei-me por dizer: "Não médicos, mas mandem chamar rápido o Tony, rápido." Mas esse esforço só fez com que vocês se afastassem e tornassem a escuridão mais profunda. Lembro-me claramente do teu rosto branco, Bea, e tive vontade de fazer uma pequena piada: "Se o meu corpo está paralisado, tu tens o teu cérebro paralisado." Eu poderia dizer-te que tu não estavas capaz de pensar da maneira clara e coerente de sempre. Pude ver um pouco na tua mente naquele momento estranho, pois suponho que estava parcialmente fora do meu corpo.
>
> Acho que a V. entrou com um frasco horrível que me machucou. Ela não estava sossegada como tu. Eu ansiava por dizer à Zellie: "Não te preocupes," embora ela não me preocupasse. Mas tu foste o meu grande conforto quando aquele medo terrível, "Estou a morrer," se abateu sobre mim. De alguma forma, senti que não poderia estar a morrer, assim que te percebi perto de mim. Foi estranho e maravilhoso e uma grande misericórdia para mim que fosses a única daqueles próximos e queridos que estava lá para se despedir de mim. Se eu tivesse visto o Tony, a dor que ele sentiu ter-me-ia machucado muito, depois que aquele primeiro desejo selvagem de ver o rosto dele tivesse passado. Quanto ao L., bem, teria sido muito cruel tê-lo ali. Então todos os medos e preocupações, os verdadeiros ladrões, fugiram quando vi o Govy, o Harold, a Muriel e a Ruth, e finalmente estava na Grande Paz. . .
>
> Agora estou perder a minha caneta. Por isso, boa noite, minha querida Bea, e não foi uma despedida, foi apenas *au revoir*, quando me viste naquela viagem final.

Amor,

Hilda

(A escrita diminuiu no final da página.)

Todos os detalhes dados pela Hilda com respeito às suas últimas lembranças de acontecimentos terrenos estão corretos. O episódio de "mandar cabo ou telefonar" ao Tony, entretanto, ocorreu quase imediatamente *após* o falecimento da Hilda. Eu havia dado instruções à pequena enfermeira do David para telefonar para o correio da aldeia e enviar um telegrama ou telefonar para o Tony, a contar-lhe o que havia sucedido. Para isso ela usou o telefone do quarto da minha cunhada. É provável que, ao fazer o relato acima, a Hilda tenha confundido de forma natural a sequência real dos eventos. De qualquer forma, ela deve ter estado "parcialmente fora do corpo" durante aquelas últimas três horas de inconsciência, pois diz ter ouvido coisas que "não poderia ter ouvido da maneira normal."

A referência à comparação do meu "cérebro paralisado" com a sua própria enfermidade mostra-se bastante de acordo com as piadas terrenas que por vezes fazia.

Talvez a coisa mais interessante que ilustra o quão consciente ou semiconsciente a Hilda estava durante o seu falecimento seja a afirmação que fez de que uma certa pessoa — de quem deu o nome correto — entrou ruidosamente no quarto onde ela estava deitada. Este incidente ocorreu cerca de uma hora depois que a Hilda adoeceu repentinamente. Ela teve um derrame e ficou imediatamente inconsciente, e faleceu três horas depois.

Como o médico foi obtido e outras evidências foram contadas em *They Survive*. Portanto, registarei aqui apenas que a Muriel descreveu essa cena do leito de morte com incrível precisão em um escrito redigido a 9 de Agosto de 1941, publicado no livro atrás referido. A Geraldine desconhecia inteiramente as circunstâncias em que a morte ocorreu.

CAPÍTULO QUINZE

1944

"SÓ O AMOR DÁ VIDA"

Durante os primeiros cinco ou seis meses de 1944, o Nigel recebeu detalhes de como, a meu pedido, ele localizou e encontrou três oficiais desaparecidos na Segunda Guerra Mundial. Um desses casos — o de Ian Maclean — foi registado em *They Survive*. Outro, não acompanhei. O terceiro, extraordinariamente interessante e probatório, dizia respeito a um oficial no corpo da Guarda -----. Escrevendo sozinha na Irlanda, a Geraldine deu os nomes de pessoas e lugares relacionados com ele e a família — inteiramente desconhecidos dela e de mim. Verifiquei isso mais tarde na Biblioteca de Referência de Chelsea. Quando, porém, abordei dois parentes do homem desaparecido, embora reconhecessem muitos dos detalhes pessoais, eles não admitiram nada. Eles disseram que "a senhorita Cummins devia ter tido conhecimento de tudo" e não demonstraram nenhum desejo de oferecer uma cooperação amável. Portanto, este caso muito interessante de sobrevivência comprovada não pode ser publicado. Lamento muito o tempo que o Nigel desperdiçou na busca do homem em questão, e lamento ainda mais o desperdício do valioso poder psíquico da Geraldine. Poderia ter sido gasto em algo mais valioso.

Outro caso que se desenvolveu durante estes meses foi incluído neste volume como Apêndice, mas devido à escassez de papel foi agora omitido. Um relatório abreviado foi impresso no S.P.R. Journal de Maio de 1945.*

**(Nota do transcritor: Para benefício do leitor interessado, decidi incluir esta passagem e outras passagens análogas das transcrições das fontes da Sociedade de Pesquisa Psíquica no final deste volume.)*

Esses factos e questões pessoais discutidas nessas cartas psíquicas explicam o facto de haver pouco registo a respeito das experiências posteriores da Hilda durante esses poucos meses.

A 10 de Junho de 1944, porém, a Geraldine escreveu à Hilda o seguinte:

> O Astor está aqui. A pequena Hilda está por perto.
>
> Hilda Gibbes.
>
> Sim, Geraldine, minha querida, ouvi o teu digno amigo, Astor, a chamar-me "Pequena Hilda" — bastante apropriado — ele é tão alto. É como olhar para uma pedra no topo de uma árvore quando falo com ele. Só que ele é uma rocha branca, com uma longa barba branca e uma túnica branca. Os

guias ou espíritos guardiães usam vestes brancas que brilham ou escurecem de acordo com o humor e o carácter do homem, mulher ou criança que vigiam. Ah, uma carta da Bea. Deixe-me ver…

Ian Maclean está hospedado em Wickenden há alguns dias a meu convite especial. Ele está a começar a juntar as peças da memória. Essa é uma das dificuldades com que estes pobres jovens têm de lidar quando sofrem uma morte súbita e violenta. Durante um tempo, eles só se lembram de pedaços do passado. Eles geralmente têm uma memória clara daqueles que amam profundamente e daqueles que odeiam. Mas os factos da sua vida passada que não foram tocados por fortes emoções são geralmente esquecidos, ou apenas parcialmente lembrados, por eles. Alguns indivíduos chegaram até a esquecer o próprio nome. O Ni pediu-me para te contar isso, pois é uma das dificuldades de localizar pessoas por aqui a pedido dos parentes. O Govy diz que uma razão pela qual eles esquecem os próprios nomes é que, quando estão altamente tensos e no horror sombrio da morte que os envolve, eles ficam interiormente tão assustados — embora se sintam externamente destemidos — o puro pânico de poderem deixar os camaradas mal faz com que desejem escapar para o nada, e então eles fazem essa fuga esquecendo os seus próprios nomes.

Lembras-te da memória curta de que eu padecia quando estava na terra. Isso acontecia por causa dos meus muitos medos, e esses eu costumava tentar esconder, e então costumava brincar de esconde-esconde comigo própria e perder pedaços de mim própria. Porquanto a memória faz parte de nós próprios.

Uma parte do trabalho que faço para os jovens soldados consiste em pescar memórias com eles quando permanecem em Wickenden. Tal como construímos uma casa destruída aí, se constrói um ser humano aqui. Pois as fundações estão sempre presentes. Eu sei que tu queres saber de nós, por que eu te conto estas coisas.

O Nigel está na França, e o Arthur vai ficar comigo para comemorar o seu aniversário — o dia em que nasceu aqui. Ele vem ocasionalmente, mas fica pouco tempo. O Frank também está aqui por alguns dias. Ele envia lembranças queridas à Maud. Ele quer que ela saiba que ele está mais ocupado do que nunca num novo emprego — um emprego muito delicado, diz ele. Ele está a vigiar certos oficiais superiores — coronéis — durante esta invasão. Ele faz parte de uma corrente de mentes que se esforçam por impressionar esses homens nos momentos cruciais para tomarem as decisões corretas nos combates na costa. . .

. . .E isso faz-me recordar para lhes dizer a vós que as nossas mensagens nem sempre são certas ou corretas, entendes. Ainda somos aqueles que éramos. O Harold diz que homens e mulheres muitas vezes imaginam que os mortos são todos Papas, que tudo o que escrevem sobre a terra deve ser verdade porque, tal como os Papas, eles se tornaram infalíveis.

E agora o Arthur está a resmungar. Ele precisa de mim e diz que a Bea é um incómodo danado, que me mantém longe dele. Assim, é melhor, minha querida, dizer "Au revoir."

Entrega ao meu querido Tony o meu querido amor na próxima vez que lhe escreveres. Embora não me seja permitido estar perto dele, as minhas orações e os meus pensamentos de carinho estão sempre com ele neste momento cruel para ele na terra.

Hilda

Em resposta a uma carta minha, de 9 de Julho de 1944, o Astor escreveu como sempre, seguido da Hilda:

Astor chega: Sim, vou chamá-la à caneta. Escrever diverte-a muito. Ela gosta de trazer novidades do mundo para o Nigel. Ela se autodenomina *The Sunday Times*. Mas o Nigel diz que ela é apenas a coluna de mexericos do *Sunday Graphic*, por não lhe trazer notícias da guerra mundial. Aqui está ela, agora.

Hilda Gibes: Bom dia, minha querida Geraldine. Você diz que é o dia do casamento da sua mãe. Sessenta anos casados. E você diz que eles ainda estão casados nos seus corações após vinte e um anos de separação. Então eles são verdadeiros amantes. Diga-lhe da minha parte que ela terá outro casamento aqui logo depois de chegar. Pois, os verdadeiros amantes que resistiram ao teste do tempo, à cruel separação da Morte ao longo de muitos anos, são recompensados com um casamento não muito depois de chegarem a este mundo, e é com aquele a quem permaneceram fiéis. Mas este casamento no céu tem uma beleza e santidade especiais, um significado mais profundo do que qualquer casamento terreno. Os dois verdadeiros amantes partilham um êxtase naquele dia nupcial, não equiparável a qualquer experiência terrena correspondente. O nosso próximo casamento familiar será o da Eric e da Ruth. Pois o amor deles aumenta em vez de diminuir durante os longos e difíceis anos de separação. O pobre Eric está a enfrentar um desafio cruel. Deus o ajude e o guarde durante esse período!

Uma carta de Bea. Ah, por que não mencionou isso antes? Deixe-me ver. . .

Lamento que o encantador Ian da Gwen tenha deixado Wickenden. Diz-lhe que o Nigel o conduziu para outro lado. Por outras palavras, ele alistou-o na sua companhia, que vigia os campos de batalha da Normandia e o campo de batalha de Londres. O Nigel tenta esconder-me coisas, mas deixa escapar que Londres está a passar por outra provação. O meu filho e o filho da Gwen estão a ajudar os falecidos a sair da confusão e da escuridão da morte súbita para a luz. Portanto, os meus pensamentos estão contigo neste momento de tensão. *(Bombas voadoras tinham sido lançadas sobre Londres em Junho de 1944. - B. Gibbes)*

Agora entendo muitas coisas sobre as quais tive uma visão errada na Terra. Aqui, neste mundo de beleza e felicidade, se quisermos que as nossas almas cresçam, também deverá haver dor e arrependimento por erros da ignorância. Dediquei um pouco de tempo — não muito — à minha galeria de memórias. Acho que posso descrever a experiência como voltar à escola de novo. Conforme tu sabes, eu detestava a escola e não gostava das professoras porque elas me assustavam. Foi injusta com elas. Mas eu detestava a burocracia delas — pelo menos, isso causava-me tristeza. De qualquer forma, vamos passar para um capítulo posterior. . .

Encontrei o meu anjo da guarda e chamo-lhe "Matusalém!" Pois ele parece ser um octogenário triplo ou quádruplo no que diz respeito às suas experiências com homens e mulheres. Ele disse uma coisa bastante sábia quando saí da minha galeria de memórias, sentindo-me decididamente deprimida por não ter reconhecido tudo quanto a Joan fez por mim:

"A vida que vivemos nos outros é muito mais importante do que aquela que vivemos em nós próprios quando estamos na terra. Os grandes professores na vida dos seus alunos produzem um efeito muito além de qualquer coisa produzida neles próprios no crescimento do seu próprio eu. O mesmo pode ser dito de todos os grandes artistas, e especialmente dos grandes poetas."

Poderás dizer que não sou poeta nenhuma. Mas, em certo sentido, a Joan foi. Vi nas minhas lembranças que, por amor a mim, ela trabalhava dia após dia no meu jardim e assim fazia poesia, ou seja, fazia beleza para mim. O trabalho árduo e o excesso de trabalho da Joan influenciavam-me então e agora causam uma impressão muito mais profunda em mim. Por mais preocupada e atormentada que eu estivesse, tive vislumbres da adorável estirpe de altruísmo no seu caráter indisciplinado que a levou a trabalhar assim para mim.

Esses vislumbres do seu amor altruísta ajudaram-me mais do que ela ou tu imaginariam numa época em que eu estava sob forte pressão. O amor que dei aos meus filhos foi parcialmente egoísta, porque era possessivo. Afinal, eles eram os meus filhos. Mas a Joan possuía muito pouco de mim naquela época. Assim, o amor dela era mais altruísta que o meu. Vejo-o agora na minha galeria como um perfumado jardim de ervas. Acalma e muitas vezes alivia a dor que sinto ao ver os

múltiplos erros que cometi na Terra e o efeito que tiveram sobre os outros. Portanto, o pequeno poema que a Joan escreveu no jardim de Wickenden foi e é de real importância para mim.

Matusalém diz: "Só o amor dá vida. A vida mais verdadeira não é aquela que vivemos em nós próprios, mas aquela que vivemos nos outros."

Em vista destas observações de "Matusalém," pode ser interessante apresentar aqui as experiências de um homem egocêntrico que morreu recentemente, conforme descrito pelo meu irmão Frank e pelo Govy.

Frank Gibbes: Eu não sabia do falecimento do Peter. Em circunstâncias diferentes, é claro, eu deveria estar no ponto final para ir ao seu encontro. Mas um soldado continua a ser um soldado aqui, e eu estava sob disciplina militar. Podes achar isso estranho, mas eu, enquanto soldado que fui na última guerra (194-18), tive que estar nesta — embora aqui tenha sido numa escala estranha e gigantesca.

Mas recentemente vi o Peter e ele garantiu que está bem. O pobre amigo passou por momentos difíceis nos primeiros dias — dias de acordo com o vosso tempo — depois que ele deixou o corpo. Ele isolou-se dos demais na vida e foi muito egocêntrico, pelo que ficou, durante um tempo, isolado — num crepúsculo cinza, quando veio para cá. Nem mesmo a mãe dele conseguiu passar e saudá-lo. Sendo tão egocêntrico, ele foi incapaz de enviar o chamado urgente que ela sempre captava e atendia. Ele continuou a pensar na sua casa e a lutar desesperadamente para voltar para lá. Ele pairava sobre o lugar, segundo me disseram. Ele tentou acordar e alcançar a esposa. Depois, mais tarde, ele próprio me contou que viu a governanta, a seguiu, falou com ela, ordenou, implorou que o ouvisse, e ela não lhe prestou a menor atenção. Ele disse que nunca se sentiu tão exasperado na sua vida, que estava a arder de raiva. Ele até foi à caça da Ann. Ela era uma figura menos nebulosa do que qualquer outra pessoa. Ele gritou à Ann, mas embora em determinado momento parecesse haver algo parecido com um reconhecimento — porquanto ela se deteve e pareceu ouvir — ela ainda assim ignorou-o e continuou a pensar em outras coisas, sem prestar atenção. Mais tarde, as figuras na Terra tornaram-se um pouco mais claras. Ele disse que nada foi mais terrível do que o dia do seu funeral. Ele podia ouvir os enlutados e até mesmo o filho e a esposa a conversar; e todos diziam mais ou menos que ele estava a dormir e em paz, quando não estava nem a dormir nem em paz, mas terrivelmente vivo. Ele disse que era uma verdadeira tortura ouvir esse tipo de idiotice.

Foi a solidão que o deixou derrubado. Pois a alternativa de ser totalmente ignorado em sua própria casa era a de vagar por um crepúsculo cinzento. Não via nenhum sinal ou som ali, apenas uma quietude sobrenatural. Ele poderia viajar por tempo indefinido e ainda assim não encontrar nada. Ele não sabia o que a palavra "medo" significara antes. Mas, disse ele, passado um tempo ficou absolutamente aterrorizado, perdeu todos os nervos que tinha e desabou como nunca lhe tinha acontecido na sua vida antes. Então pediu ajuda à esposa (ele não conseguia orar) e, por incrível que pareça, esse grito foi a sua salvação. Foi o fim do seu egocentrismo, da sua férrea determinação e orgulho de não ceder nem um centímetro, de não fazer papel de tonto. Quando finalmente ele foi "o tonto fraco" que chorava como uma criança, a ajuda chegou, e o sofrimento dele acabou naquela solidão crepuscular que ele próprio criou.

Sempre teu

Frank

Govy:

Eu vi o Peter. Ele teve um despertar bastante difícil neste mundo. Mas por isso ele só poderá culpar-se a si próprio. Tivemos consciência do seu falecimento. Sabíamos que ele estava na "terra de ninguém," no único mundo da morte, ou seja, no mundo do completo isolamento. Peter sempre se

isolou das outras pessoas, por isso, embora soubéssemos o conforto que seria para a esposa encontra-lo, não podíamos fazê-lo, pois ele erguia barreiras intransponíveis. Ele ainda poderia estar naquele mundo nocturno se não fosse pela sua esposa. As orações dela e o amor que sentia por ele salvaram-no e derrubaram as barreiras. Podes não acreditar nisso, mas é verdade. Quando o Peter desmoronou, os pensamentos e as orações da esposa, ligaram-no a nós. Somente através deles conseguimos localizá-lo. Há uma oração e um amor — para o colocar em linguagem bíblica — que podem destruir as portas do inferno. Foi isso que a esposa do Peter fez por ele. Graças a ela as barreiras desmoronaram e a Muriel e eu procurámo-lo e encontrámo-lo. Coitado, ele estava em pedaços, mas logo o recuperamos. Provavelmente foi a única vez na sua vida que ele ficou derrubado. Foi absolutamente necessário ao seu crescimento — se é que ele realmente queria crescer.

À exceção da sua última doença, ele passou por momentos difíceis na terra. Ele teve que experimentar não apenas as dificuldades da dor física, ele teve que conhecer a dor e o terror espirituais. Numa palavra, ele teve que ser despedaçado (como todos os homens são em algum momento despedaçados), para poder ser refeito.

Conversamos com o Peter, tranquilizámo-lo e depois levámo-lo para um lugar de descanso. Lá o inválido recuperou, e encontrou o equilíbrio. A Muriel procurou a mãe e reuniu-os. Ele está a experimentar a felicidade de menino na companhia dela: é uma espécie de felicidade de confiança e segura que não lhe poderíamos dar. Ele foi até a casa dela e ficou com ela durante um tempo. Não posso dizer o que tem por diante, mas ele está em paz agora e recuperou o aspecto normal.

Continuando a sua carta de 9 de Julho de 1944, a Hilda escreveu o seguinte:

Ah, vejo que não respondi às tuas perguntas sobre o meu Y.M.C.A.* Sim, a minha nova casa é inspirada na minha antiga casa em quase todos os aspectos. Ela mantém-se direitinha e só começa a desfazer-se quando estou de mau humor. Na Terra, os maus pensamentos produzem uma guerra que destrói lares. Neste mundo, a substância é sensível às radiações mentais. Portanto, o pensamento destrutivo pode causar o desvanecimento ou a destruição da estrutura de uma casa. A minha adorável mobília Elisabetana, a mesa de jantar, os copos, as pratas e os pratos que havia nela, desapareceram um dia em que o Arthur aqui esteve e ficou de mau humor.

Foi realmente muito estranho. Sabes que o Frank e o Nigel gostam de desfrutar de um bom jantar, tal como faziam na terra. Na verdade, comer é desnecessário no sentido terreno e só é praticado por quem preza um hábito antigo que lhe dava prazer. Bem, quando o Frank e o Ni viram o seu jantar favorito e vinhos a desaparecer no ar, eles ficaram tão consternados e desapontados que o Arthur e eu caímos na gargalhada, esquecemos a causa de nosso desentendimento e assim evitamos uma destruição maior. Mas todos tiveram que passar sem o prazer de um bom jantar nesse dia. É fácil destruir, mas leva um pouco de tempo a construir. Vê bem, temos que ser muito mais cuidadosos do que vocês com os nossos pensamentos. Um monstro cruel e destrutivo como Hitler, por exemplo, viverá aqui num completo vazio. Os seus pensamentos devastadores mantê-lo-ão num vazio negro — aquela escuridão exterior da qual Cristo falou nos Evangelhos.

Mas vais ficar feliz por saber que há muito tempo que venho mantendo os meus bons propósitos. Assim, Wickenden, como uma bela casa Tudor, ergue-se na sua alta colina, com a sua sala de jantar, sala de estar, sala de visitas, biblioteca, quartos, cozinhas, tudo intacto e tal como costumava ser — só que melhor — sem nada desbotado nem gasto.

É claro que não te posso dizer quanto tempo este estado de coisas aprazível irá durar. Uma tempestade de pensamentos violentos e desagradáveis faria com que tudo desmoronasse até os próprios alicerces. Assim, a paz de espírito, se quisermos viver bem, é necessária aqui. Ao mesmo tempo, como diz o Harold, o temperamento pode ter a sua expressão adequada neste mundo

através de uma bela paixão criativa que, particularmente em termos de paisagens, pode produzir uma beleza que supera em muito qualquer coisa que já tenhas visto na terra.

O poder de escrever está a deixar-me.

Hilda

(NT: YMCA foi uma associação recreativa cristã para jovens que promovia um programa e actividades de desenvolvimento mental, físico e espiritual para a juventude.)

O escrito que se segue, redigido a 31 de Julho de 1944, pode ser interessante por ilustrar a ânsia que os ditos mortos têm por não serem esquecidos — pelo menos por parte dos filhos jovens que podem ter deixado para trás. Encaminhei para a Geraldine uma carta que recebi do Michael, o filho pequeno do Nigel. Quando o Nigel começou a escrever, ela tocou a carta com a mão, obtendo o seguinte resultado:

Nigel Gibbes:

Uma carta do filho e herdeiro! Por favor, passe-ma.

Que emoção estranha isto me dá! O pentelho vai ser um sujeito esperto. Não acha que está extraordinariamente bem escrito para a idade dele? Isso desperta todo o meu orgulho paterno. Gostaria de tê-lo comigo. Sabe, este pedaço de papel provoca-me cá um efeito. Tia Bea, você me poderia fazer um favor? Se calhasse ver o Michael mais tarde, fale-lhe sobre o pai dele — naturalmente, faça com que eu ganhe vida no pensamento dele. Eu gostaria de sentir que estava vivo para ele, não morto. Essa é a pior parte deste tipo de separação. É como se estivéssemos guardados numa gaveta, como um bom fato, com naftalina ou lavanda. Tudo com muito boa intenção. Mas dá uma impressão errada à criança. Assim, se algum dia você tiver oportunidade, tire-me daquela gaveta com o meu melhor fato e dê ao garotinho a ideia de que o pai dele está vivo, e mantém um olhar gentil e paternal sobre ele. Talvez quando o Michael for um pouco mais velho seja mais fácil para você falar com ele sobre mim, pois assim ele entenderá melhor. É muita amabilidade da sua parte enviar-me esta carta, tia Bea. É como receber um presente de aniversário na época errada do ano. . .

A mãe está tão feliz e a cada dia mais bonita de felicidade. Foi o único remédio que poderia curá-la, e certamente funcionou aqui.

Depois de relatar como encontrou um dos oficiais desaparecidos que lhe pedira que localizasse, o Nigel escreveu:

Ele ficou tão aliviado por sair daquela escuridão e não sentiu aflição nem dor. Isso foi uma bênção depois de tudo por que ele passou. Ele estava a receber cuidados especiais, por ter feito uma transição bastante difícil para esta vida. Ele parecia um dos melhores. Eu gostaria de ter visto mais dele. Mas, tia Bea, há tantos que estão a transitar, e eu trabalho sob ordens. Posso entrar em contacto com os recém-falecidos com mais facilidade porque pertencer ao período deles, segundo o meu comandante diz, e também sei como me dar bem com o Tommy. Mas sempre que posso posso, gosto de voltar para a mãe e para Wickenden. É maravilhoso lá com ela. Ela é tão doce. Mas é por isso que, assim como na terra, não posso dizer que o tempo me pertence.

Aqui está a mãe.

Amor, sempre,

Nigel.

Hilda Gibbes:

O Ni ficou muito satisfeito e animado ao receber a sua primeira carta do Michael. Ele está frequentemente longe de mim no seu trabalho de resgate voador e é um trabalho tão esplêndido que não guardo nenhum rancor do comandante dele por o ter levado consigo. Mas quando ele volta traz consigo todo o sol. Enquanto isso, vejo bastante o Harold, e é como nos velhos tempos, quando éramos jovens e andávamos juntos. Acho que esses foram os melhores dias da minha vida. Bem, é como com o Harold agora. Ele é o mesmo de antes, só que não fica de mau humor como antes. O Arthur não ficou muito tempo aqui. Não é estranho o quanto ele e eu nos distanciamos? Eu devia sentir que ele é meu marido. Será muito errado da minha parte sentir que ele não é? O Harold goza comigo com relação a isso, chama isso de escândalo no céu. Ele diz que o O. e a L. haveriam de ficar chocados. Mas nem o Arthur nem eu podemos evitar. Ele e eu não gostamos da sua estadia aqui. Acho que a presença dele aqui trouxe de volta todas as velhas preocupações como uma nuvem incómoda de mosquitos. Neste mundo, muito natural e facilmente, as pessoas enquadram-se no conjunto que se adapta aos seus hábitos mentais, e a relação sanguínea conta pouco.

Acabei de ler a primeira página da tua carta. É verdade, querida Bea, nesses últimos anos eu estava apenas meio viva, ou como um nadador num mar agitado. Parecia surgir uma grande onda após a outra, e muitas vezes deixava-me de cabeça às voltas. Sentia o tempo todo a minha dor no coração pelo Ni e o meu terror secreto de ficar cega. Eu sabia que ficaria louca se essa noite chegasse. Mas eu não devia apresentar desculpas. Olhando para trás, para essa época em Wickenden, parece-me agora um pesadelo terrível, no qual eu não pude fazer nada, porquanto não podemos fazer nada num sonho, apenas somos levados por ele. Mas a pena que senti pelo Arthur na sua doença e os medos que abrigava costumavam obscurecer as coisas. Não será estranho poder falar de tudo isso agora sem sentir dor? Fartei-me de orar para que me fosse dada força para ver o Arthur através do Vale da Sombra da Morte, e Deus, na Sua misericórdia, satisfez a minha oração. Pois eu sabia que, embora tu pudesses ajudar o Tony e o Ni, não poderias fazer nada pelo Arthur se eu partisse antes dele. Disseram-me que, por ter tido a coragem de ver o Arthur naquela estrada escura, transmiti uma felicidade indescritível ao meu Nigel aqui. Portanto, há recompensas no céu. . .

A 3 de Outubro de 1944, após outras observações, a Hilda escreveu o seguinte:

O Harold está hospedado comigo em Wick. Enquanto o Ni está tão ocupado e ausente no seu trabalho de guerra, tenho desfrutado de um dueto com o Harold em casa. A última remessa de aviadores bebés que o Ni trouxe da Terra acabara de ser entregue aos seus parentes e amigos. Então aproveitei a oportunidade, antes que a minha "creche" fosse de novo preenchida por mais jovens conduzidos aqui pelo Nigel, para ter o Harold só para mim. Estamos a apreciar muito do meu novo jardim. O Harold brincou comigo sobre todos os arbustos e plantas dos quais eu me sentia particularmente orgulhosa, exactamente à maneira antiga e querida. Ah, passamos momentos maravilhosos juntos — a felicidade perfeita que pensei que nunca deveria conhecer com ele. Quando éramos jovens e ele estava de bom humor, ele conseguia fazer-me muito feliz — mais do que qualquer outra pessoa. Mas sempre houve esse medo nele, e os momentos alegres e espirituosos dele foram-se tornando cada vez menos. E então, por ter passado por momentos difíceis e sombrios quando foi ver o meu Wick terreno, ele nunca quis ficar no meu novo Wick aqui. Ele teve medo que a nuvem negra voltasse. Por fim eu insisti — e é claro que ele não esperava que isso acontecesse. Ele adorou a minha nova casa, e conhecemos uma felicidade tão profunda e tão cheia de paz que pudemos conversar e rir da tristeza dele dos velhos tempos. . .

Sabes, ou talvez não saibas, que a luz psíquica te sai da testa. Vejo essa luz na casa da Geraldine agora. Quando essa 'lâmpada' se apaga, as almas escaparam e o corpo está morto. Essa luz na testa explica, creio eu, a parábola das Virgens Néscias dos Evangelhos.* Não há tempo para dizer o porquê agora, mas se procurares a parábola entenderás que não cuidar adequadamente das suas lâmpadas equivalia a deixar de cuidar da sua vida espiritual. Sabes que existem almas praticamente mortas em corpos vivos na terra — quero dizer, espiritualmente. . .

O Ni é dedicado ao seu trabalho — sempre a pensar, à procura e a confortar os pobres jovens soldados que se aglomeram na nossa direção. Ele não descansará nem se divertirá até que a paz chegue à Europa. Estou muito orgulhoso do trabalho maravilhoso e corajoso que ele está a empreender. Ele mergulha no mar de escuridão dos campos de batalha e resgata os soldados que acabaram de deixar os seus corpos, daquela noite terrível. Espero que não creias em mim quando digo que não receio pela segurança dele. Deus deu-me a fé que nunca tive quando era uma peregrina terrena. Por um lado, sei que as minhas orações o protegem, por outro, ele é uma alma iluminada. Ele tem aquela luz radiante que foi emitida pelas lâmpadas das Virgens Prudentes da Parábola. Essa luz penetra nas mais densas trevas da guerra e é uma salvaguarda e proteção na noite perigosa dos campos de batalha.

Astor é o "Sr. Carteiro" para mim. Ele traz-me a notícia de que acaba de chegar uma carta de Bea para mim e avisa-se quando acha que a caneta está pronta para eu escrever. Normalmente fico à espera impacientemente que o sinal seja dado. E agora devo deixar a Alice tentar fazer a má escrita dela.

O meu amor. . .

Hilda

(NT: Parábola que aparece unicamente no Evangelho de Mateus e se reporta à escatologia, ou acontecimentos do fim dos tempos, isto é, ao porvir da alma e do seu mundo, em que Jesus evoca o preparo do fiel que deve anteceder a chegada da pós-vida, sem a qual não disporá de luz que a guie. Daí a simbologia da lâmpada e do azeite.)

É bastante correto que o Harold atravessou um período muito difícil quando ficou no Wickenden terreno, pouco antes de morrer, em 1920, e logo depois que parte da casa foi concluída. Isso era do desconhecimento da Geraldine. A Hilda pareceu ter uma compreensão perfeita dele e ser extremamente feliz com ele.

Os trechos que se seguem provêm de uma carta escrita pela Hilda a 22 de Outubro de 1944. O primeiro dá outro vislumbre do viver na Outra Vida. "Christopher" é o terceiro filho da Ruth e do Eric Parker e o segundo filho a ser morto na guerra, além de primo do Nigel.

Quando escreveres ao Eric e à Mary, diz-lhes que encontrei o Christopher e que ele é um menino muito querido e doce. Ele falou comigo sobre pássaros e borboletas e disse-me que estivera na sua aventura — uma visita à Terra das Borboletas. Um amigo chamado Patrick Chalmers foi o seu guia. Ele fez uma descrição tão encantadora disso. Ele ficou tão feliz e disse que todas as cores do mundo podem ser vistas na Terra das Borboletas. Parece ser um lugar extraordinário, e a partir dele os anjos-borboleta da guarda controlam a vida sazonal das borboletas na Terra. Quando tiver colhido mais informações sobre o assunto, ele vai escrever uma carta naturalista ao pai, que ele acha que será uma grande revelação para ele. . .

O Harold e eu estamos a inventar uma "super" azálea agora. Até agora não saiu propriamente bonita. Mas é muito interessante — nove flores de cores diferentes num arbusto. Tudo aconteceu primeiro através de um erro meu ao imaginar muitas cores enquanto criava a azálea — ao retratar a imagem dela como um artista a partir da minha memória de cores. E a minha mente pensou em tantas delas quase ao mesmo tempo que produzi essa estranha mistura de sombras no arbusto. Foi muito emocionante enquanto experimento. . .

Estou muito feliz com as notícias do E.S. Ele é um querido. E não imagina como é animador saber que sente minha falta. Quero manter o amor dos meus amigos — estar vivo nos seus corações, pois então, quando eles passarem para o nosso mundo, certamente nos encontraremos. Vê bem, pensamentos carinhosos enviam fios prateados como os raios da lua que penetram na escuridão

mais densa da morte, e esses raios guias atraem, tão certamente quanto a lua atrai as marés, o viajante para o lar, para os seus amigos.

Tendo em vista as aparentes dificuldades enfrentadas para libertar o Nigel do seu corpo físico, cito o seguinte trecho de uma mensagem escrita através da Geraldine ao seu marido Eric. Trata-se do falecimento — aos 24 anos — do filho deles, Christopher, em Setembro de 1944, e em contraste com o outro relato apresentado. Foi escrito no início de Outubro do mesmo ano.

Pouco tempo antes de acontecer, o Govy e eu soubemos que a Christopher estava a chegar. Mas não me foi permitido contar-te isso, só poderia dizer que iria cuidar dele, perto dele, no perigo em que incorria. Mas o verdadeiro perigo foi o choque da morte violenta para a sua alma delicada. Para alguns destes jovens soldados, isso significa uma noite solitária e aterrorizante no mundo intermediário durante um tempo. Com o Christopher não sucedeu isso. Ele acordou nesta vida nos braços da sua mãe. Ele conheceu apenas um curto período agudo de agonia antes de ser libertado do seu corpo terreno. Os fios que o prendiam a ela foram rapidamente rompidos e, desde então, ele tem estado a descansar. . .

CAPÍTULO DEZASSEIS

1944

"O NOVO MUNDO QUE CRISTÓVÃO COLOMBO NÃO DESCOBRIU"

No final de Outubro de 1944, a mãe de Geraldine Cummins morreu repentinamente, em circunstâncias trágicas e inesperadas. A Geraldine ficou terrivelmente perturbada com o sucedido. Escrevi à Hilda, porém, a tempo do Natal desse ano, e pedi à Geraldine que obtivesse uma resposta, caso quisesse dar-se ao trabalho.

A comunicação que ela recebeu apresenta um relato inteiramente espontâneo do sofrimento que Hitler, alegadamente, teria de suportar na vida após a morte, em resultado do sofrimento que infligiu a milhões de pessoas na Terra. Na carta que dirigi à Hilda, contei-lhe que pelo menos quatro pessoas (incluindo o Tony) me informaram frequentemente que ela — Hilda — estava, segundo eles tinham sentido, constantemente com eles. Isto explica o final deste escrito, datado de 30 de Dezembro de 1944.

Hilda Gibbes:

Uma carta da Bea! Eu estava tão ansiosa por lhe escrever uma carta de Natal. Mas devo primeiro dizer-lhe, Geraldine, que, como o seu pai sempre esteve perto de si quando escrevi, eu conheci-o, e assim fui posta a par, por ele, da sua grande tristeza, e posso ver como isso a fez sofrer. Minha querida, não lamente. Você não gostaria que a sua mãe voltasse por uma hora à Terra se tivesse algum conhecimento real da felicidade e da paz que aguarda os viajantes deste mundo que, como ela, deram o melhor de si e viveram uma vida plena na Terra.

Isso lembra-me o seguinte: quando, conforme o seu pai me disse, você vai até à Bea, ela deve preparar um livrinho — acho que poderíamos intitulá-lo de "O Portão da Vida," pois eu não sabia como viver nem o que significava viver até vir viver aqui. Deve ser muito simples, penso eu — um livro que as crianças pequenas possam entender — o ABC do Novo Mundo que Cristóvão Colombo não descobriu, e eu, Hilda Gibbes, descobri! Começarei com um prefácio e explicarei como não existem dois viajantes da Terra que tenham as mesmas experiências no mundo vindouro, pois não existem duas almas que sejam cópias exactas uma da outra. Cada indivíduo tem uma maneira diferente de ver as coisas, de sentir e de amar. Portanto, as minhas experiências sem dúvida

contradirão por completo as experiências sobre as quais outros viajantes escrevem. No entanto, eles concordarão pelo menos num facto: que é uma promoção, um grande passo subir para aqui. Certa vez eu disse que um amigo meu um tanto prosaico levara Tottenham Court Road com ela para o Egipto, pelo que ele não conseguiu ver nenhuma beleza nesse país maravilhoso, e sentiu-se infeliz nele — numa época do inverno em que todas as rosas tinham florido e a terra dos Faraós tinha o sorriso divino de um Junho perfeito. De modo similar, almas baratas introduzidas neste país pelo Guardião do Portal, a "Sr.ª" Morte, vê e experimenta apenas de acordo com as suas limitações. Eles fazem mais ou pior, a sua mente cria ambientes feios a partir da própria fealdade fundamental que os caracteriza. Eles unem-se às suas almas gémeas e residem em Tottenham Court Road aqui. Pois para eles é beleza, felicidade, o único lugar em que se sentem em casa.

A gente comum, através do poder acrescido da sua mente, é capazes de realizar rapidamente o desejo do seu coração, por mais feio que seja na vida após a morte. Pessoas extraordinárias como Hitler obtêm o desejo de um coração pervertido. Ele tem, por exemplo, uma paixão acentuada — um desejo de fazer outras pessoas sofrer — um deleite com a dor delas, ele próprio tem medo de sentir dor. Assim a dor será o seu quinhão aqui. Ela volta como um bumerangue. O que ele desejou para milhões, ele experimentará nesta condição da existência. Cada Judeu e Polaco torturado às suas ordens terá a sua conta acertada para que fique equilibrada. Por outras palavras, Hitler terá de experimentar toda a dor, a sua agonia, na vida após a morte. O Contabilista do Universo espera solvência dos viajantes da Eternidade. Para salvar a sua alma viva, Hitler terá que pagar todas as dívidas, dor por dor. Esta sentença só pode ser mitigada se servir as suas vítimas de alguma forma servil e elas decidirem ser misericordiosas. Sinto a pulsação das pessoas da Terra neste momento — essa pulsação mental levanta a questão: Para onde vai o Hitler? Esta é a resposta.

E agora a minha carta, se faz favor.

Após algumas observações sobre o Natal e outros assuntos, Hilda prosseguiu:

Darei a tua mensagem ao Ni sobre J.G. Nigel é maravilhoso na orientação e tratamento que dispensa aos jovens soldados que estão a aglomerar-se nos portões da morte. Passam-lhe pelas mãos tal quantidade e muitos esquecem os próprios nomes, e ele diz, se lhes perguntarmos: "Tu és Tom J. ou John G.?" e muitas vezes eles dirão "Sim" — apenas para serem agradáveis, conforme se poderá pensar. Mas não, é que estão simplesmente tão confusos, especialmente se tiverem morrido repentinamente, que aceitam o nome e o sobrenome que lhes são avançados. Com o tempo, as suas memórias retornam. "Mas tenha em mente," diz ele, "o facto dessa perda de memória," caso demos com o homem errado. Se um desses jovens soldados mortos de forma violenta for recebido pela sua própria família, eles lembrar-lhe-ão o seu nome correcto. Mas um grande número deles não é atendido por nenhum dos seus. . .

Diverte-me muito saber que G., Zellie e S. têm certeza de que estou constantemente com eles. Tive a mente um tanto fragmentada por vezes durante a minha jornada terrena, mas estaria positivamente fragmentada se andasse constantemente a espiar todos os três — a observar-lhes os movimentos e pensamentos. Poderás imaginar eu a definhar com o G., a partilhar continuamente os seus anelos relativos a questões passadas do coração, ou a observar a Zellie na sua rotina diária, e partilhar, coitada, as suas dores, e ficar perturbada com as suas explosões de temperamento, ou ouvir o tic-toc, tic-toc do fluxo incessante de palavras do S.? Gosto muito dos meus três velhos amigos e valorizo muito o amor deles por mim. Mas viver a maior parte do tempo com os três, como imaginam que eu viva, seria para mim bastante insuportável. Eu não vivo com nenhum deles. Somente uma medusa poderia viver com eles o dia todo e todos os dias e sobreviver. Usa o teu bom senso, querida Bea. Mas em outro sentido ou num outro tempo estou com eles — no passado. Muitas vezes penso neles nos seus melhores momentos, quando ficavam em Wickenden. Envio a cada um pensamento de amabilidade com bastante regularidade quando volto ao passado. Sem dúvida, eles recebem o pensamento e isso os leva a acreditar que estou

realmente presente. De vez em quando, quando repouso, sonho com eles — sonho que estou a falar deles ou com eles; então acordo com uma lembrança já meio esquecida de algo que me contaram. Mas, tal como os sonhos que tivemos durante o sono na nossa vida terrena, tudo isso escapa da mente no momento do despertar.

Quanto ao meu Tony, o meu amor está constantemente com ele, mas eu não. Quisera que fosse verdade que por vezes eu pudesse estar na companhia dele. Estou com ele da maneira que descrevi, em pensamento, continuamente — mas não de facto. Pois neste mundo cada alma tem a sua vida para viver; ela não pode, obviamente, fazer isso se estiver a viver várias vidas na Terra ao mesmo tempo. Ainda sou apenas uma Hilda, não quatro nem cinco Hildas. Sim, tive vários convalescentes em Wickenden. Isso me lembra que um deles era um jovem Escocês encantador, com cerca de vinte e seis ou vinte e sete anos de idade. Patrick Russell, eu acho, era o nome. Ele sabia o próprio nome. Acho que tinha que ver com os livros da Geraldine. Será ele um dos amigos que você procura?

Todo o nosso amor. Estou a perder poder.

Hilda.

Não havíamos perguntado por nenhum Patrick Russell. A alusão feita a ele foi bastante espontânea. Ao lê-lo não consegui a princípio pensar quem fora indicado. O pai dele é nosso amigo. As comunicações da Hilda sempre deixaram a Geraldine divertida, de modo que, para lhe distrair a mente das preocupações que ela estava a vivenciar após a morte devastadora da mãe, sugeri que ela poderia gostar de pedir à Hilda que começasse o seu livro. Portanto, a Geraldine teve duas ou três sessões no início de Janeiro de 1945, nas quais a Hilda escreveu seu "Prefácio." Isso pareceu explicar as condições iniciais da Outra Vida e foi agora colocado como uma espécie de "Prólogo" neste volume.

CAPÍTULO DEZASSETE

1945

"OS NARCISOS TOCAM VALSAS ANIMADAS"

A Geraldine retornou a Londres em Fevereiro de 1945. Ela parecia cansada e exausta depois de tudo o que havia passado, por isso anotou uma palestra que posteriormente apresentou na Sociedade de Pesquisa Psíquica. Só um mês depois da sua chegada a Londres é que tivemos nossa primeira sessão juntas desde 1943.

Há algum tempo, uma velha amiga da família M., que dependia muito deles, faleceu repentinamente. Ela tinha uma língua satírica e, por vezes, um modo de falar um tanto esmagador que, após alguns

minutos de conversa, muitas vezes deixava a pessoa com uma sensação de completo desânimo. Apesar dos aspectos positivos, ela era uma pessoa descontente e um tanto infeliz.

O relato que a Hilda fez sobre as primeiras experiências por que passou no outro mundo é interessante porque mostra o efeito devastador desse tipo de mente na criação da Hilda — o seu jardim.

Esta comunicação foi feita em 5 de Março de 1945.

Hilda:

Ah, Bea, eu tive a C. comigo. Sabias acerca dela — como ela teve uma transição tão terrível? Ela disse que esteve na escuridão e tão assustada por ninguém vir ajudá-la ou ao seu encontro. A Ruth foi a única que finalmente conseguiu alcançá-la. Parece que ela não conseguiu libertar-se do corpo durante algum tempo. Ela não tinha fé, razão por que a Ruth e o Govy não conseguiram encontrá-la. Ela veio para a minha nova Wickenden. Fiquei encantada em vê-la, mas ela revelou-se tão desanimadora. Eu tinha um lindo rododendro de fora e uma amendoeira em plena floração e narcisos a apanhar sol. Estava muito orgulhosa deles porque os ter criado. Bem, ela disse que achava que eu poderia fazer muito melhor e, de qualquer forma, não parou de falar sobre a sua doença, perda de dinheiro e todos os horrores da guerra que eu havia perdido. E então aconteceu uma coisa estranha: uma névoa espessa esmaeceu a luz do sol e cobriu-nos. Quando levantou, a C. e a Ruth tinham ido embora e as pétalas da amendoeira estavam todas espalhadas no chão, os narcisos tinham murchado e o meu rododendro parecia bastante enfermo.

B. Gibbes: Por que não a levaram para Nymans? Por que veio ela até ti?

Hilda: Implorei à Ruth que a trouxesse a mim, queria dar-lhe todo amor e alegria do meu coração, mas ela não aceitou nada. Ela deu-me apenas uma névoa amarela desagradável e a sensação sombria que alguém costumava ter quando estava a contrair gripe. O Govy disse que ela estava doente e que havia passado a doença às minhas flores. Ela não poderá ter permissão para me ver durante um tempo. Prefiro sentir-me um fracasso. Eu deveria ter sido capaz de ajudá-la. Mas então aquele rapaz simpático, o Pat Russell, chegou com o Ni, e o sol apareceu, e eu achei-o um jovem bastante invulgar. . .

Ainda em Março de 1945, chegaram os dois extratos seguintes sobre a C. — o primeiro da parte da Muriel *(19 de Março),* o segundo da Hilda *(25 de Março).* Depois disso ela desapareceu.

Muriel:

Minha querida, minha querida, quanta comoção com a chegada da C. Achei que gostarias de saber novidades dela. Ela chama-me de dragão por não a deixar sair de Nymans nem de perto da Hilda. Ela voltará ao nível da terra e à escuridão se eu desistir de cuidar dela. Ela está a causar alguns estragos ao jardim, e só isso a mantém sossegada. O Govy não tem certeza se a manterá lá. Mas eu tenho insistido. O Govy e a C. não se dão muito bem. Ela quer alguém que a intimidar, que discuta com ela e a assedie. O Govy naturalmente não aceitará isso neste lugar encantador. Tenho muito mais a contar. . .

Hilda:

Minha querida Bea,

Voltei de uma conferência de família — o que devemos fazer com a C.? Ela estava a murchar todas as flores dos arbustos primaveris do Govy, e até os narcisos acenderam as suas lanternas amarelas quando ela passou por eles. A Muriel foi enviada para a levar embora e está disposta a tentar ajudá-la. Mas a C. já está a opor-se — ao trata-la como uma criança. . .

Uma explicação simples do efeito exercido sobre os outros de um comportamento tão curioso como o da C. foi dada há alguns anos por uma criança que comunicou chamada "Elizabeth B." *(Ver: Eles sobrevivem.)* Ela escreveu:

> Não verá pessoas com asas a voar por aqui. Mas podemos ir pelo que as pessoas chamam de ar. É diferente: não podemos cair aqui. Não podemos levar sofrer uma contusão nem machucar-nos, mas mesmo assim podemos machucar-nos se não estivermos protegidos. Não sentimos dor com a contusão. Toda a luz e cor brilhantes desaparecem e as coisas ficam escuras e nós sentimo-nos solitários. Foi o que aconteceu a uma criança aqui. Temos mentes que parecem muitas cores bonitas, que mudam e vão e vêm. Às vezes, algo pode sugar toda a cor. É claro que vemos as nossas mentes quando estamos a descansar. Quando não estamos, rodeámo-la de formas que parecem corpos e colocamos todas as coisas que queremos ao seu redor. Temos que arranjar aquilo que queremos. Não creio que alguém por si só, a menos que fosse forte, pudesse fazer isso. Agora, se discutirmos sobre essas coisas, podemos lançar sonhos sombrios que obscurecem outras mentes, mas não somos tão tontos. Sabemos o que temos a perder se fizermos isso. Eu deveria achar mais difícil pensar. Eu deveria sentir-me pesada e triste. Eu perderia as minhas forças e não seria capaz de fazer coisas boas nem ajudar a fazê-las ao meu redor. . .

Prosseguindo com os seus comentários ao retornar da conferência em família, a 25 de Março de 1945, a Hilda escreveu o seguinte:

> Não temos nem podemos ter mal sem bem, nem felicidade sem alguma infelicidade, ou contentamento sem aborrecimentos ocasionais, mesmo neste Novo Mundo. Existem ritmos aqui como na terra. Podemos oscilar para cima e para baixo. Temos os ritmos das estações, e até tive que enfrentar dias de chuva aqui. Sabes como eu os detestava na terra. Mas acho que os dias de chuva são necessários. Não necessitamos de comida do tipo que comemos na terra. Mas os nossos corpos precisam de chuva e sol, e esses elementos alimentam-nos; assim como os raios brilhantes que chegam no final da tarde ou ao meio-dia. Nós banhamo-nos na sua luz e somos nutridos por eles como fomos pelo jantar tardio na Terra.
>
> Necessidades corporais desagradáveis não são necessárias para este corpo que temos aqui. O nosso corpo elimina, numa espécie de ar suave nesses raios, aquilo que é essencial à saúde corporal.
>
> Tudo isso parece muito prosaico. Mas as pessoas querem saber até mesmo sobre essas coisas quando estão a preparar-se para a viagem ao Novo Mundo. E o meu Ni diz que eu deveria contar-te tudo sobre os factos comuns da vida. Eu preferiria escrever sobre os incomuns, mas então, diz ele, ninguém acreditará neles. Quais são incomum? Quero dizer, do vosso ponto de vista, são todas as novas cores que não existem na Terra? Elas surpreenderam-me quando visitei o jardim do Govy. Lá vejo tantos tons de cores subtis e inimagináveis nas flores dele — maravilhas de beleza, e também tenho aprendido a ouvir a sua música, que é a fala das flores nos nossos jardins aqui. As cores, dizem, são sons, e é por isso e como ouço uma sinfonia de narcisos e prímulas, com pequenos refrões de relva, heras e outras folhas coloridas. *(Escrito com entusiasmo.)* É bastante emocionante ouvir atentamente numa noite de primavera. É muito débil, como música de fadas, essa linguagem das flores. Os sininhos do floco de neve e do açafrão compõem o que eu poderia chamar de música "religiosa." Os narcisos tocam valsas animadas. As rosas cantam baladas do tipo sentimental e romântico. É, claro está, necessário sintonizar os ouvidos para ouvirmos essa música. Quer dizer, quando não tento concentrar-me, não ouço. Como diz o Harold, é necessária uma técnica especial para captar a música das flores.
>
> Quando estou sozinha e a passear pelo meu jardim, não ouço nada desse tipo — apenas o vento, se houver vento, e o canto dos pássaros. Mas quando adopto o que chamo flores de "trombetas de orelha" (não adopto nada que se possa ver), isso exclui todos os pássaros, as conversas das

pessoas, e só consigo ouvir a música da flor e o seu canto. É tão difícil de explicar. Mas essa comunhão com as minhas flores é um dos factos incomuns da minha vida aqui.

A Hilda de repente terminou a sua descrição das flores à tarde e voltou a falar do Tony. Mais tarde perguntei sobre o Harold. Ela respondeu:

O Harold e eu visitamo-nos mutuamente. Ele agora vive no Egipto de há 5.000 aC., Ele escolheu para sua residência um belo e fresco palácio às margens do Nilo, no quente clima Egípcio. Ele usa as roupas Egípcias da época — pode ser de há 1000 ou 500 aC. atrás, não tenho a certeza. A roupa é bastante inadequada. Mas não há dúvida de que o Harold está extremamente feliz.

B. Gibbes: Bem, o que é que ele faz com as roupas quando vai ao teu jardim? Ele aparece com essa vestimenta estranha?

Hilda: Ele tem que vestir vestuário do século 20 quando me visita — eu insisto. Além disso, as vestimentas Egípcias antigas contrastam com a cor da minha casa e do meu jardim. Quero que coloques isso num Inglês adequado, e no meu livro.

(Com a assinatura dela, a escrita desapareceu.)

Na verdade, todas estas comunicações não necessitaram nem foram alvo praticamente de nenhuma edição. À excepção de algumas palavras aqui e ali, elas são reproduzidas exactamente como foram originalmente escritas.

Em Março de 1945, desenvolveu-se uma evidência extremamente interessante e notável espontaneamente. De forma abreviada este caso foi publicado no *Jornal S.P.R.* (Maio de 1947). Foi dedicado um tempo considerável ao acompanhamento deste caso durante as poucas sessões que tivemos em 1945.

A 14 de Abril de 1945, a Hilda referiu-se à morte de Hitler nos seguintes termos:

Minha querida Bea,

Há tanta emoção aqui: por que vocês não estão animados? O Ni voltou do seu trabalho difícil. Ele diz que tudo está bem: que o Hitler está na fronteira, prestes a ser derrubado pelos seus próprios amigos. "O nosso pessoal," diz ele, "não terá que desperdiçar uma bala com ele." Essas são palavras do próprio Ni, não minhas. Ele diz que há alguns Alemães aqui a aguardar sua chegada, que ocorrerá nos próximos dias. Mas você provavelmente não ouvirá falar disso algum tempo depois de acontecer. Ele será confrontado por estes Alemães com uma lista dos seus crimes cometidos com relação à Alemanha assim que sair da escuridão após a morte. O Nigel está tão animado com isso. . .

A Hilda então referiu-se às suas conquistas de sucesso de jardineira, terminando com:

Mas o velho Robinson ficou muito impressionado e isso fez com que eu me sentisse bastante presunçosa.

Presumivelmente, isto refere-se a William Robinson, a grande autoridade em horticultura. Ele era amigo da família M. — facto desconhecido da Srta. Cummins. Aliás, ele havia visitado os jardins terrenos de Wickenden quando eles estavam a ser planeados.

Uma outra comunicação chegou da Hilda a 26 de Abril de 1945. Depois de se referir ao jovem aviador que parecia estar permanentemente hospedado em Wickenden, perguntei o que Arthur disse sobre isso.

Hilda:

O Arthur apenas olha com superioridade e diz que lava as suas mãos com respeito a mim. Respondi que era agradável achar que eu estimulava hábitos de limpeza. Ele está de muito bom humor, por

finalmente se sentir muito importante. Ele tem um emprego! Ele tornou-se, por assim dizer, um Anjo do Livro da Vida. *(Riso!)* Eu disse isso, e ele ficou bastante irritado e disse: "Não digas disparates." O trabalho dele passa por estudar o passado de certos líderes nazistas que virão para cá em breve. Ele acha isso interessante. Pessoalmente, preferiria manter um talho a trabalhar em histórias tão horríveis. O estranho é que é a primeira vez desde a sua chegada a este mundo que vejo que o Arthur aparentemente aterrou no céu! Assim, ele está muito ocupado e nós chamamos-lhe Major-General. Ele adotou o ar de major-general — pelo menos aquela venturosa severidade de autoridade, ocasionalmente iluminada por um leve, mas gentil, sorriso. O problema é que não tenho a menor aptidão para ser uma Sra. Major-General. Aposentei-me temporariamente do cargo de esposa. Parece um pouco impróprio, mas o que realmente significa é que o Arthur raramente tem tempo para me ver; na verdade, só nos encontramos se ele sentir que há uma crise familiar que deva discutir. Ele fez-me uma visita especial com respeito ao Tony. . .

Essa descrição do meu irmão Arthur é muito característica dele e também de um certo tipo militar. Ele tinha, em muitos aspectos, uma personalidade muito atraente, e a inserção deste parágrafo não pretende qualquer desrespeito. É aqui registado por causa do seu humor. Na vida ele teve que suportar muita troça bem-humorada por parte da esposa, dos filhos e dos amigos.

CAPÍTULO DEZOITO

1945

"A NOSSA ÚNICA MOEDA SÃO OS NOSSOS PRÓPRIOS ESFORÇOS"

A nossa primeira sessão após o fim da guerra na Europa trouxe a seguinte comunicação da Hilda. Foi escrito em 16 de Maio de 1945. (A rendição final da Alemanha foi assinada a 7 de Maio.)

Hilda Gibbes:

Bea, querida, finalmente, finalmente aquela sombra que estava sobre vós foi-se. Sabes, justo quando comecei a escrever, apresentava-se muito opaca e sombria sobre vós. Agora há luz por toda a parte. É feita de todos os pensamentos, ações de graças e alívio. Estamos tão felizes e alegres quanto vocês. O Ni e eu comemoramos em Wickenden. Fomos à igreja e, depois disso, o Ni, eu e os jovens amigos do Ni que morreram em batalha estivemos todos em Wick. O Ni pendurou uma placa a dizer "Completo." Estava mais que cheio — a transbordar. Mas em vez de um discurso feito por um grande general fazer, temos o Govy! E posso garantir-te que ele não nos deixou com nenhum sentimento de vaidade nem de optimismo. Não quero dizer nada indelicado, mas ficamos bastante sóbrios com o seu discurso. Todos nós éramos umas coisas tresloucadas antes disso.

Referindo-se à igreja no próximo mundo, a Hilda escreveu:

Nós que nos interessávamos com a igreja e frequentamos a igreja na terra, ainda o fazemos aqui, e não oramos e veneramos somente. Uma parte do nosso serviço na Igreja é dedicada a entrar na quietude, num silêncio tão profundo que é diferente de tudo que já conheci na terra. Mantemos a nossa mente o tempo todo fixa no pensamento de Jesus ou do Espírito Santo. Alguns de nós, após longa meditação desta forma, vimos Jesus. Mas precisas perceber que é uma visão espiritual e que Jesus é como um Sol. É como se um raio desse Sol caísse sobre quem busca. O buscador não poderia, assim como um ser humano, aproximar-se demais dessa Luz Brilhante. . .

Na sessão de 25 de Maio de 1945 deu-se um acontecimento estranho e inesperado.

Mais tarde, "Silénio," o guia Cristão da Geraldine, escreveu alguns parágrafos sobre a conclusão do livro sobre Jesus. Isso foi seguido pela Hilda, que imediatamente se referiu ao presente volume, que ela me incentivou a compor.

Hilda:

Bem, Bea querida, já compuseste um mapa do meu livro? O meu erudito amigo diz que sempre se deve fazer um mapa de um livro antes de o escrever. Então eu disse: "A minha amiga Bea é uma autoridade em mapas. Ela deu a volta ao mundo, entende. "Isso não a ajudará a fazer um mapa deste mundo," respondeu ele. Assim, estou bastante confusa.

B. Gibbes: Imagino que ele quis dizer que deveríamos planear isso de antemão. A propósito, não me contaste quem é o teu erudito amigo.

Hilda: Ele não me dá o sobrenome. Ele disse que eu poderia trata-lo por "Frederic." Mas eu disse: "Não gosto do nome — lembra-me a Alemanha e Frederico, o Grande." No entanto, eu trato-o por "F.", e esse já parece um nome muito feio.

B. Gibbes: Prefiro supor de quem se trate, pelo que ele e tu escreveram.

Hilda: Ah, será ele é uma paixão da tua juventude?

B. Gibbes: Dificilmente! Mas acho que deve ter sido ele quem escreveu *"The Road to Immortality"* e *"Beyond Human Personality"* por intermédio da Geraldine.

Hilda: É muito provável, pois ele pareceu ter conhecimento de ti.

Então, de repente, ela mergulhou da seguinte forma — bem ao estilo do Frederic Myers, pelo menos no que diz respeito aos títulos:

GEOGRAFIA DO MUNDO QUE HÁ DE VIR

As pessoas vivem em dois grupos e não em países dotados de fronteiras no mundo além da morte. Elas são atraídas para o do seu próprio tipo, para aqueles que amam ou, por vezes, para aqueles que odeiam. Depende, em grande medida, da paixão que for mais forte na alma individual. Mas amor é uma palavra que pode abranger muitas coisas. Quero dizer com isso que um músico cuja paixão é a sua arte pode ser atraído por ela a viver entre pessoas que lhe são estranhas, mas que sentem a mesma devoção pela música. O âmbito da música é grandemente ampliado na vida imediata após a morte; pois o som tem qualidades curativas para os recém-falecidos. Os seus corpos etéricos, que cresceram durante a vida terrena, por vezes são danificados ou feridos quando as almas entram neles. Mas em vez de prescrever um frasco de remédio, uma canção, uma sinfonia, ou música de câmara, ou baladas — na verdade, qualquer forma de música considerada adequada — é prescrita pelo médico para o paciente. E por vezes as curas são realmente notáveis.

Vê bem, o som e o material refinado e viscoso do qual os nossos corpos sobrenaturais são feitos têm uma conexão estreita ou simpatia. Em parte, é igualmente o ritmo da música que possui propriedades curativas. Assim, não se vai a uma farmácia aqui se estivermos a sentir-nos indispostos. Vamos ao médico, é claro, e depois àqueles músicos cuja música é considerada adequada para a reclamação. Depois, há o que é chamado de "Piscinas de Serenidade." Alguns pacientes necessitam de uma total ausência de som para que os seus corpos e almas sejam adequadamente construídos após o choque da morte. Eles são levados para esses espaços amplos, que vocês chamariam de lagos ou piscinas. Eles não consistem em água. Mas o termo que lhes damos não significaria nada para vós. Os cansados e sofredores passam para esses poços de quietude e silêncio e, no repouso completo dessa quietude, são vivificados e revivificados, e tornam-se íntegros de novo.

Acho que é tudo o que posso escrever para o meu jornal ou livro por hoje.

B. Gibbes: Muito bom. O meu amigo F. está contigo agora?

Hilda: Está. Ele veio e disse-me para não perder tempo com fofocas e para escrever sobre a geografia destes mundos. Mas parece que escrevi principalmente sobre farmácias. Vais ter que arranjar isso. De alguma forma, não consigo ir directo à questão. Mas anseio por que as pessoas saibam que existe, após a morte, um tipo de mundo completamente ordenado e razoável, que é, para muitas almas, realmente adorável, e que não tem ligação com fantasmas nem espectros.

Numa sessão de 6 de Junho de 1945, depois de uma conversa geral com a Hilda, perguntei pelo "anjo do livro da vida."

Ele mudou-se para a Ásia — quero dizer, no sentido histórico. Eu disse-lhe que realmente não poderia juntar-me a ele em meio a todos aqueles rostos amarelos. Eles não combinavam com a minha aparência. Tu sabes o quão posso parecer pálida, e amarelo nunca foi a minha cor. O Arthur está envolvido com a Índia e o Japão. Ele ficou muito preocupado por causa do movimento clandestino Japonês na Índia. Ele diz que isso terá um efeito negativo quando a Índia conseguir a sua independência. Portanto, ele está agora a trabalhar com alguns militares e diplomatas Britânicos que estão aqui, a fim de enviar um aviso ao nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros. Penso que o Arthur tem toda a razão e que desta forma está realmente a fazer um trabalho importante e útil pela Grã-Bretanha.

Ele e eu ainda somos devotados um ao outro. Mas desenvolvemos gostos diferentes em relação ao local onde vivemos, como vivemos e ao trabalho que fazemos. O Arthur jamais poderia ser jardineiro.

Estou a divertir-me muito no meu jardim. As estações correspondem às do Sussex, e as minhas rosas são e têm sido bastante surpreendentes. Também optei por flores bastante vulgares — como Govy lhes chama — delfínios, sinos de canterbury, todos os sinos e troncos. A verdadeira razão para isso é que não sou uma artesã de flores muito inteligente. Só posso criar as flores comuns em profusão e não de forma seletiva e artística. Por outras palavras, ainda não consigo compor o retrato de um jardim.

B. Gibbes: Então crias apenas para uma temporada e depois elas desmaterializam-se?

Hilda: Sim, as flores desabrocham, florescem e murcham aqui, e dão lugar a outras. Usa o teu bom senso, minha querida Bea. Quão desinteressado eu ficaria pelas azáleas se elas florescessem para mim o ano todo! No final, eu deveria apenas ficar triste com elas. Jardineiros inteligentes podem resolver isso e tornar certas flores permanentes. Mas eles não se dão ao trabalho de o fazer, pois querem abrir espaço para novas criações. O meu jardim não é uma galeria repleta de naturezas mortas. O que está vivo precisa mudar e continuar. Eu, por exemplo, tenho uma mente cujos pensamentos mudam e variam, por isso as minhas flores mudam e alteram-se muito, por serem uma expressão da minha mente.

A Geraldine Cummins partiu para a Irlanda no dia 18 de Junho. Tivemos que acordar às 5 da manhã para esse fim. Ela não parecia bem durante os quatro meses em que esteve comigo em Londres e, por vezes, pareceu adoentada. Atribuí isso à exaustão física e nervosa, resultado dos extenuantes anos de guerra, e ao choque da morte da mãe, mais as preocupações que a acompanham. Achei que os meses de verão passados na Irlanda, na sua antiga casa, iriam restaurar-lhe a saúde melhor.

Em resposta a uma carta minha dirigida à Hilda, a Geraldine obteve a seguinte resposta a 8 de Julho de 1945:

Fico satisfeita com as tuas notícias. Vê bem, o Ni e eu trouxemos Wickenden connosco para este mundo. A morte ensinou-me uma coisa. São as pessoas, não o lugar, que importam. As pessoas

fazem o lugar. Wickenden sem um pequeno grupo que a ocupe não é mais Wickenden, pelo menos do teu ponto de vista e do do Tony. Uma família ou um pequeno grupo compõem a alma de um lar. Tira essa alma e ela não será o lar. Mas a velha casa, a nossa Wick, está aqui e agora faz muito mais parte de mim e do Ni do que a Wickenden terrena, porque teve de ser feita, em parte, com jardineiros cansativos, e com ajudantes de todos os tipos. Finalmente me tornei-me numa verdadeira criadora e isso leva-me a sentir como um mago com uma varinha mágica. Agora sei por que o Oliver *(sobrinho da Hilda)* sempre me pareceu tão alegre. Foi porque ele ser um artista que extraía das suas criações uma alegria especial que as pessoas comuns não experimentam.

Como eu desejaria mostrar-te o nosso Wickenden transplantado! É tão maravilhoso trabalhar nele quando, durante tantos anos, não pude fazer nada mais nele do que rastejar apenas. Criei um pequeno jardim de ervas. É um verdadeiro triunfo. Pareço mais inteligente com a criação de perfumes e plantas de cheiro do que com qualquer outra coisa. A casa ainda é bastante insatisfatória e não resiste muito bem às mudanças etéricas. Mas para o Ni e para mim é sempre uma piada quando um muro desaba. Sou muito mais inteligente na criação de objectos frágeis e sem substância, como plantas e as suas flores e fragrâncias subtis. Tenho a certeza que vais ficará entediada com tudo isto. Mas esta é a minha vida de momento, e uma vida bastante emocionante — pelo menos para mim. Ver plantinhas crescer e viver, brotar, rebentar e baixar sob os meus cuidados dá-me muitas emoções felizes, e a velha vida dos pássaros de Wick seguiu-me até aqui, em crescendo. Os rouxinóis cantam por amarem o jardim, os relvados e as árvores que criei para eles. Assim, tenho as minhas noites de Junho de música operística, sem ter que ficar sentada num teatro abafado.

O Nigel está há algum tempo ausente. Ele foi chamado de repente. Mas o Harold está comigo e somos maravilhosamente felizes juntos. Muito ocasionalmente ele ainda fica de mau humor, mas dificilmente, quando está comigo. Saberás, porventura, que a Nonie* foi para um mundo superior ao nosso. É como a ruptura entre a morte e a terra, e apenas alguns retornam para nós do que o meu professor chama de "Eidos."

Como crianças em idade escolar, o Harold e eu estudamos com um professor ou tutor. Somos considerados crianças aqui. O Harold e eu por vezes pregamos peças ao nosso tutor, por ele ser um pouco sério demais. Mas ele resiste corajosamente e perdeu a esperança de algum dia virmos realmente a saber alguma coisa sobre nós próprios e sobre as relações que temos com outras pessoas. . .

Temos um tempo de repouso que corresponde ao sono do homem na terra. Mas seria melhor descrito, diz o meu professor, como um período de quietude, porque não caímos nele e esquecemos tudo imediatamente, como as pessoas fazem durante o sono. . .

Sabes, quando pego na caneta para te escrever, não vejo nem ouço as tuas observações, eu apreendo-as. A apreensão é mais rápida do que ouvir ou ver e funciona muito bem quando as tuas luzes e as da Geraldine estão vivas. Na terra as pessoas geralmente não sabem como apreender. É uma faculdade que desenvolvemos aqui.

* *Leonora Gibson, Esposa do Harold — falecida em 1918 durante um parto de nado morto (ver Parte II).*

Em referência ao acima exposto, as seguintes observações adicionais de Elizabeth B. são de interesse. Ela escreveu:

Podemos ouvi-los a pensar. Se você pensar, muito, você emite um som, e se tudo o mais estiver bem — quero dizer, se os meus pensamentos estiverem a dirigir-se para os seus — então eu ouço.

Quanto ao método de escrever através da Geraldine Cummins "do outro lado," o mesmo comunicador comentou:

Vimos directamente à luz (ou seja, à luz psíquica da senhorita Cummins), e então vemos o espelho e os vossos rostos nele e as vossas mãos no papel. Penso o que quero escrever, e a mão coloca no papel o que penso. . .

Mais ou menos por essa altura, um dos Mensageiros de Cléofas insistiu em escrever através da Geraldine na Irlanda. Quando ela estava preparada para escrever automaticamente, e muitas vezes quando pegava apenas na caneta para redigir uma carta, a mão dela era detida e o livro inacabado sobre a vida de Jesus prosseguido. Os Cristãos eram estranhamente insistentes; a Geraldine achou, pois, aconselhável deixá-los prosseguir a narrativa de forma intercalada, a intervalos. A razão da sua ansiedade em continuar o livro logo tornou-se óbvia. Porém, a 1 de Agosto de1945, foi recebida a seguinte comunicação da parte da Hilda:

Astor chega. Lamento que Silénio tenha reivindicado o direito de falar e eu tenha tido que ceder. Aqui está a pequena Hilda à espera.

Hilda Gibbes:

Uma carta! Sim, por favor, deixe-me lê-la. Então já se passaram quatro anos desde que nos separamos, minha querida Bea. Que estranho! Para mim, parece que te deixei há apenas quatro semanas, em vez de anos. Isso porque quando alguém está feliz, o tempo passa rapidamente como uma estrela cadente. Também pode ser por não haver nada para apanhar aqui — nem comboios nem autocarros, nem colectores de impostos sobre o rendimento e demais incómodos. Aqui a nossa única moeda são os nossos próprios esforços. O amor que temos pela beleza, os pensamentos que temos pelos outros e a nossa disposição para trabalhar e criar são as nossas libras, xelins e centavos. Admito que tive minhas horas ruins, deprimentes e dolorosas desde que deixei a terra, mas delas floresceram flores de uma vida adorável, e estas deram-me uma alegria e um êxtase que nunca havia experimentado durante a minha jornada pelo mundo. Porquanto é uma jornada em que viajamos cada vez mais rápido com o passar dos anos. As nossas preocupações e ansiedades raramente nos permitem descansar no caminho e quase nunca nos permitem aqueles momentos maravilhosos que conhecemos aqui quando, após a contemplação, nos aproximamos de Deus e desfrutamos da paz eterna.

Se ao menos os homens pudessem perceber que é o crescimento da alma e não o crescimento da renda que na terra é de suprema importância para o seu bem-estar!

Para te dar um exemplo: encontro-me neste momento particularmente feliz quando deveria estar profundamente deprimida. Isso mostra que cresci. A causa da minha felicidade especial reside na paz, no alívio após os terrores que o meu jardim proporciona aos recém-chegados do mundo dos homens. . .

Sabes que o trabalho do Nigel é o que ele chama de "Mergulho em busca dos Mortos." Bem, ele tem exagerado nesse mergulho, a tentar encontrar um recém-chegado da Terra e não conseguiu. Ele ficou em casa durante um curto período de tempo, mas não quis me dizer de quem se tratava. . .

Referindo-se a uma observação minha em carta dirigida a ela, a Hilda continuou:

Existem ótimas cidades aqui para quem gosta de cidades. O Harold levou-me a uma breve visita ao Purgatório, que é uma outra Londres. Lá ele me levou a ouvir óperas onde as prima-donas da terra ainda triunfam. Mas foi uma experiência mais dolorosa do que prazenteira. Os meus sentidos ou percepções estão tão aguçados que senti algumas das paixões malignas e cruéis de algumas dessas almas que só recentemente chegaram ao seu purgatório. Mas esta Londres etérica não é toda um purgatório. Há algumas pessoas adoráveis que vivem contentes em pequenas casas em ruas um tanto sujas. Foram almas bondosas, mas essas ruas eram a sua ideia de paraíso, por isso encontraram-no.

"Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração." Eles serão gradualmente afastados dessa ideia miserável de paraíso quando aprenderem a se lançar mais para fora, quando usarem as asas da sua mente e visitarem os mundos de outras pessoas — lugares lindos, longe da sujeira e do barulho das grandes cidades. Mas é claro que para algumas pessoas a fealdade e o barulho são as condições de vida mais desejáveis. Portanto, eles realizam o seu desejo e residem durante um tempo após a morte num ambiente assim miserável.

Fico muito feliz por estares a compor o meu livro. "Como Eles Vivem Após a Morte" seria um bom título do Guia Baedeker para ele, mas bastante prosaico. Nunca pensei que pudesse ser tão difícil dar forma a um livro. Será capaz de juntar os meus pedaços? E agora, minha querida, vai faltar papel aqui se eu não parar.

O meu amor

Hilda.

Em 10 de Agosto de 1945 foi a última ocasião em que Geraldine obteve uma comunicação de Hilda para mim antes da operação a que foi submetida a 4 de Setembro. Os Cristãos continuaram a ter a palavra — ou melhor, a caneta — em todas as ocasiões possíveis durante aquelas poucas semanas.

Hilda Gibbes:

Fico encantada por ter notícias do Michael. . . O Nigel tem tentado ajudar a sair do canto mais escuro da terra-de-ninguém o povo Britânico que está nas mãos dos Japoneses e que está a morrer em condições de sofrimento e tortura indescritíveis. Alguns deles ficam loucos quando deixam os corpos, por isso requerem o máximo cuidado e atenção. Ele disse ao Harold que alguns dos casos são absolutamente comoventes; mais, que um homem que ele conhecia e que morreu daquela forma chamou por ele, e que ele não consegue encontrá-lo, e receia que ainda esteja na noite escura, sozinho, e ainda a repassar no seu espírito os horrores que sofreu com aqueles terríveis torturadores Japoneses.

Detesto pensar que o Nigel esteja a fazer esse tipo de trabalho devastador. Mas ao mesmo tempo fico muito orgulhoso por ele ter sido escolhido para isso. O Harold diz que tudo é pelo bem do Nigel. Ele escapou de meia vida de preocupações e experiências dolorosas na terra, então ele precisa ter o equivalente aqui, se quiser que a sua alma cresça. . .

O parágrafo seguinte é registado neste livro por mostrar um subtil toque de humor da parte da Hilda. Na minha carta eu referi um certo indivíduo por quem a Hilda não tivera consideração na terra — e aparentemente não desejara encontrar no além. Ela escreveu:

Quanto às notícias do X., isso não era do meu conhecimento. Bem, como diz a Bíblia, "os ímpios florescem." Fico muito feliz por saber que ele está a receber cuidados. Tenta mantê-lo o melhor que puderes, pelo tempo que puderes, Bea, querida, na terra. Isto é, se tu realmente me amas. Se ele viver até os cem anos, talvez eu já tenha crescido o suficiente para o enfrentar. Ninguém deseja mais sua saúde do que eu.

Mais tarde ela acrescentou as seguintes palavras:

Aos homens e mulheres de boa vontade de todas as raças e de todos os climas. Após um período de repouso, o conflito entre o bem e o mal continua no nosso mundo. Pode ser mais agudo e subtil. Os peregrinos vindos da Terra têm muitos erros de carácter a sanar antes de serem curados. Jesus de Nazaré é o Maior poeta de todos os tempos. Eles têm que aprender a tornar-se à Sua imagem. Mas quaisquer que sejam os defeitos nas suas almas, quaisquer que sejam as fraquezas ou fealdade daqueles que mais amam entre eles, a doutrina de Cristo sobre a bondade, a beleza e a verdade prevalece. As suas almas crescem. A morte abre para esses viajantes uma vida divina e criativa de amor, beleza e serviço.

Aqui precisamos chegar ao final da Parte I deste livro. Mas os breves detalhes que se seguem sobre a Geraldine Cummins precisavam ser registados.

No dia 30 de Agosto ela foi examinada por um médico e informada que deveria ser submetida imediatamente a uma operação gravíssima.

No entanto, no dia 1 de Setembro com a sua coragem destemida, ela fez uma sessão novamente para os comunicadores Christãos e completou mais um capítulo do livro que estavam a escrever através dela. Eles escreveram serenamente, terminando com as seguintes palavras:

> "Não fique perturbada, Escriba. O que tem diante de si é para testar a sua alma. É nosso propósito escrever o registro completo do falecimento de Nosso Senhor Jesus. . ."

Geraldine foi misericordiosamente poupada, embora não se esperasse que ela recuperasse. Ela completou 'A Maturidade de Jesus' em Fevereiro e Março de 1946, quando me juntei a ela na Irlanda para esse propósito. Embora incapaz de fazer trabalho psíquico, ela sentia o desejo e a urgência de terminar esse livro. Depois disso, ela precisou abster-se de fazer sessões durante muitos meses.

Um breve "Pós-escrito" e a carta final da Hilda na forma de um "Epílogo" serão encontrados no final da Parte II deste volume.

PARTE II

"NA CASA DO MEU PAI HÁ MUITOS JARDINS"

("MURIEL")

6 de Novembro de 1938

Observação

Os registos que se seguem foram retirados dos primeiros escritos redigidos pela Geraldine Cummins. Eles ainda dizem respeito à Hilda e à família M. e remetem aos acontecimentos e à vida para a qual, conforme já foi relatado, a Hilda foi chamada em 1941. Eles falam dos planos cuidadosamente traçados — por aqueles que a precederam — para a recepção no Além deste querido membro da família. A morte do Nigel também foi prevista anos antes de ocorrer.

Um novo personagem é apresentado. A Nonie, esposa do Harold, escreve sobre a preocupação que sentiu ao saber que deveria ir para um mundo superior, quando achava que não deveria abandonar aquele que fora seu marido na terra. Essa dificuldade é resolvida de uma forma bastante surpreendente.

Mas estas comunicações falam por si mesmas.

CAPÍTULO DEZANOVE

1934

"PROFECIA"

Quando esta série de comunicações começou, fiquei um tanto preocupada com a saúde de minha cunhada, Hilda, e com o facto de ela ter certas preocupações familiares. A Geraldine passou o inverno e a primavera comigo em Londres, como sempre, e voltou para casa no condado de Cork durante o verão. Em anos anteriores, eu recebera comunicações do Harold e da Muriel através da Sra. Dowden

e da Geraldine Cummins. Mas desde o desenvolvimento de "Cléofas" e outros escritos, excepto em certas ocasiões, limitamo-nos mais ou menos à produção dessas obras.

Contudo, tendo em conta os acontecimentos, escrevi ao Harold através da Geraldine a perguntar se ele ou outros membros da família M. poderiam fazer algo da sua parte para aliviar as preocupações da Hilda. A 3 de Agosto de 1934, ele respondeu dizendo que estava muito feliz por a Geraldine o ter chamado, já que a Ruth, a Muriel e ele estavam "apenas a discutir o assunto." Ele disse que não poderiam alterar certos acontecimentos, mas que a Ruth e a Muriel se esforçariam por trabalhar nas mentes da Hilda e de outros envolvidos. Deu vários detalhes sobre o método de tratamento e pediu à Geraldine que o chamasse mais tarde, quando pudesse dar mais informações.

Na mesma noite, a Geraldine recebeu mais um escrito do Harold. Depois de uma conversa sobre assuntos familiares, ele referiu-se à "garotinha da Hilda aqui" e disse que a Hilda iria ficar radiantemente feliz quando passasse para o lado deles. Ele continuou dizendo que, no seu coração, ela receava não viver muito. Ele acrescentou:

> Francamente, ela não tem uma vida longa pela frente. O tempo é bastante curto. Não quero dizer mais nada. Mas com cuidado, e sem choques repentinos, eu poderia calcular isso em cinco anos.

Ele implorou-me que não falasse sobre isso com ninguém, mas que sempre me mostrasse animada e alegre quando estivesse com ela. Ele afirmou que eu poderia ser útil a ela se seguisse as instruções dadas e continuou:

> E além disso, não pareças sentir-te preocupada com a saúde dela quando estiveres com ela. Tenta transmitir-lhe a ideia da vida. O Nigel transmite-lhe essa sensação de vida e então, instintivamente, aparte o tremendo carinho que tem por ele, ela recorre a ele em busca desse tipo de sugestão, dessa vitalidade e sentimento primaveril. . . Lamento se fui muito deprimente nesta carta. Mas tu ajudaste-me em alguns dos meus momentos ruins e preciso ser sincero contigo. E quando te digo que a Hilda verá tudo compensado aqui, não poderás dizer que sou um sujeito inteiramente pessimista. A Nonie pede-me para te dizer que estou completamente curado dos meus antigos acessos de melancolia. Eu acho que estou. . .

Respondendo a uma pergunta que fiz numa carta dirigida a ele sobre o que ele estava a fazer agora, o Harold escreveu o seguinte:

> Estou numa provação de momento e estou a fazer um trabalho que não acho nada agradável. Na verdade, eu não conseguiria nem encará-lo, não fosse pela Nonie. Tenho de passar grande parte do meu tempo na companhia de suicidas — a influenciá-los, a ajudá-los a progredir, como é no vosso mundo a enfermagem num hospital para doenças contagiosas. Mas escolhi o trabalho por vontade própria por ser um atalho para a minha verdadeira felicidade — que será passar uma vida longa, plena e, em geral, feliz com a Nonie na terra. Se eu conseguir ser bem-sucedido, isso acabará por me levar a juntar-me à Hilda e à Muriel e a ficar com a Nonie num mundo indescritivelmente excitante e maravilhoso que sinceramente não posso descrever, por nunca ter estado lá.
>
> Se eu falhar neste trabalho entre os suicidas, voltarei sozinho à terra e será por um longo tempo, cheio de dificuldades, antes de encontrar aqueles que amo. No entanto, disseram-me que não terei uma nova vida na terra, seja com a Nonie ou sem ela, até que toda a minha geração — tu, a Hilda e os outros, venham para cá e tenham reconstruído a velha imagem — Niemans *(Nymans)* de quando éramos crianças — até a Nannie vai aparecer. Al propósito, a Hilda vai tê-la como enfermeira da filhinha dela.
>
> Todos nós, no nosso coração, queremos manter o lar e o velho Natal, e faremos isso aqui antes de darmos qualquer grande passo antecipadamente. Mas todos estarão em volta da mesa e tu, enquanto membro da família, estarás lá também. . .

A Muriel virá e falará desta forma na próxima vez, ou escreverá, deverei dizer — embora na verdade não seja nem escrita nem fala do nosso ponto de vista. . . Agora uma palavra final. Não te preocupes tanto com a saúde da Hilda: ela será poupada por mais algum tempo. A Muriel verificou por mim os cinco anos que mencionei. Pode até, em certas circunstâncias, estender-se um pouco mais do que isso. Deixa-me escrever de novo, por favor.

Harold

Tendo em vista o que a própria Hilda escreveu através da Geraldine após a sua morte, e observações semelhantes feitas pela Muriel, a possibilidade de uma extensão da vida de Hilda ser concedida é interessante — escrita como foi assim muitos anos antes. O meu irmão Arthur, naquela época, era um homem saudável e forte. A sua morte antes da de Hilda parecia bastante improvável. Os cinco anos mencionados pelo Harold situam a data de sua morte em 1939. Como o leitor já sabe, isso ocorreu dois anos depois.

As preocupações familiares a que me referi levaram-me a escrever de novo ao Harold *via* Geraldine, a pedir-lhe que consultasse os registos do futuro e visse o que estava indicado em relação à trajetória do Nigel. O Harold respondeu que não conseguia fazer isso, mas que a Muriel seria capaz de o fazer.

Em *31 de Agosto de* 1934, a Geraldine obteve a seguinte comunicação:

Astor chega: Há perto de vós esta noite uma florista, com os braços cheios de flores. Mas vou chamá-la e deixar que fale por si. Disseram-lhe para vir, diz ela.

(Escrita alterada.)

O meu nome é Muriel. A Bea há de conhecê-lo. Você poderia enviar uma carta a ela, por favor?

Minha querida Bea,

Eu quis escrever-lhe antes, mas dá ao Harold tanto prazer que me contive e deixei que ele tivesse uma oportunidade. Ele está a passar por um momento bastante difícil por ora, e faz-lhe bem em deixar de pensar em si próprio e ocupar-se de si e da Hilda.

Ele pediu-me para consultar o Mapa da Vida aqui. É possível, sabes, embora seja necessária uma mente veloz para captar a história certa em relação a qualquer pessoa, e em raras ocasiões o Mapa da Vida é alterado, de modo que nem sempre é possível ter certeza. Captei a jornada de Nigel no mapa, mas fiquei francamente confuso. Embora eu pudesse ver muitas preocupações relacionadas com ele — no Mapa tudo parecia complicar-se e então vi o Nigel a seguir sozinho, sem aquela garota. *(Peggy, com quem se casou em* 1935.)

Tendo em conta o facto de o Nigel ter sido morto em 1942, a referência ao Nigel "seguir sozinho" é interessante. A guerra de 1939-45 estava então a cinco anos de distância, e um evento como a morte do Nigel não era de forma alguma previsível. Mas a partir de outras referências similares feitas pela Muriel nos escritos seguintes, parece que a sua morte já estava traçada no Mapa da Vida.

À época, emprestei uma outra interpretação à observação. Agora que reli estes primeiros escritos automáticos, é interessante notar que a Muriel pára neste ponto do exame que fez do Mapa. Ela aparentemente não viu mais nada no seu futuro terreno. Espontaneamente ela escreveu sobre o assunto que lhe era tão querido na terra:

O Govy e eu estamos muito juntos agora. Estamos a construir um jardim maravilhoso — a viver nele e a amar cada pedacinho dele. Como eu gostaria que a Hilda pudesse divertir-se connosco! Todos os meus planos para o jardim dela *(Wickenden)* são executados com perfeição aqui. . .

A 10 de Setembro de 1934, Muriel referiu-se muito acertadamente a certos assuntos financeiros e outros relacionados com a sua morte. Estes eram inteiramente desconhecidos da automatista, e é

preciso lembrar que eu nem estava sentado ao lado dela. Portanto, a menos que a Geraldine seja dotada de uma visão psíquica muito penetrante que possa ler assuntos há muito passados e meio esquecidos na minha mente e na mente de outros, ela não poderia ter escrito os factos que foram relatados com precisão na escrita automática que fez. A Muriel escreveu que se importava desesperadamente com a Hilda e queria, com cada fibra do seu ser, reparar o que poderia ter feito e não fez na terra pela irmã. Ela continuou:

> Mas nunca imaginei, nem por um instante sequer, que realmente iria morrer. Eu estava na idade do viver para sempre, quando simplesmente não conseguimos imaginar parar, abandonar o mundo*. . . O meu único pesar ao deixar a terra foi a sensação de ter decepcionado a Hilda. . . Eu ia construir um jardim maravilhoso para ela, depositar todo o meu amor nele por causa dela e, no final, falhei completamente com ela ao ser arrebatada. Mas agora vejo mais claramente que foi o destino e, num certo sentido, não sou realmente culpada, pois foi uma daquelas coisas inexoráveis que tinham de acontecer. Devíamos ter sido muito felizes juntas, a partilhar a criação do jardim de Wickenden. Dizem-me que era essencial para o seu carácter e para o seu progresso futuro que lhe fossem negados alguns dos seus sonhos relacionados com Wickenden, que era melhor, a longo prazo, ela ter cuidados e preocupações. . . A Ruth já é conhecida aqui como a "portadora da paz" e "pacificadora." Todo ou a maior parte do seu trabalho passa por transmitir essa paz aos recém-falecidos. É uma espécie de fulgor que ela é capaz de transmitir aos outros: apenas alguns têm esse dom. A pobre querida não tem certeza se a Igreja permite que te escrevamos desta forma. Mas acho que ela logo superará esse preconceito engraçado e então ela própria virá falar contigo. . .
>
> ** Ela tinha 28 anos e era muito jovem de mente e espírito.*

Ao longo de 1934, a Geraldine esteve empenhada na redação de *'Beyond Human Personality'*, comunicado por Frederic Myers. No seu regresso da Irlanda, em Outubro desse ano, continuámos este trabalho. Foi concluído na primavera seguinte, imediatamente aceite e publicado em Outubro de 1935. As nossas sessões com a família M. foram, pois, poucas e espaçadas. Mas no final de uma comunicação do Harold a *27 de Dezembro de* 1934, a Muriel escreveu que:

> Um dia destes a Hilda vai ter o seu jardim e o seu bebé — Hilda a segunda — uma adorável Hilda em miniatura — como um pássaro. Ainda vejo que o Nigel continua sozinho. Mal me atrevo a dizer o que imagino que seja. Nunca o devemos deitar pela boca fora. . .

Aqui interrompi com uma certa sugestão que foi aceite pela comunicadora como sendo a provável interpretação da observação que fizera. Possivelmente ela concordou por não ter ousado contar-me o verdadeiro significado do que viu no Mapa da Vida. Em todo o caso, tal informação não deveria ser transmitida aos que estão na Terra, especialmente neste caso, tendo em vista a ligação que eu tinha com a mãe do Nigel.

CAPÍTULO VINTE
1935

"EVIDÊNCIA DE SOBREVIVÊNCIA APÓS A MORTE"

Em Fevereiro e Março de 1935, a Geraldine Cummins e eu ficamos hospedadas em Wickenden. Estávamos a dar os últimos retoques no *'Beyond Human Personality'*, mas membros da família M. comunicaram de vez em quando. A *25 de Fevereiro de* 1935, a Muriel redigiu um longo escrito. O Nigel e a Peggy iam casar no dia 28. Após alguma conversa sobre assuntos familiares, a Muriel fez as seguintes observações:

Poderás descobrir no espaço cerca de um ano algum acontecimento inesperado que mudará as coisas com respeito ao Nigel e à garota. Mais uma vez falo do que vejo no Mapa. Não te posso dizer o que seja, porque o Govy não aprova — algo imprevisto, e tu jamais irás adivinhar. É lamentável num certo sentido, mas no final pode ser o melhor. Não direi mais nada.

Aqui perguntei se tinha alguma coisa que ver com a Hilda. A Muriel respondeu:

Não, apenas com a garota — não tem nada que ver com Hilda.

À luz dos acontecimentos futuros, é agora óbvio que a Muriel, sabendo o que estava indicado no Mapa, envolveu subtilmente a sua descoberta na linguagem acima. O erro quanto ao tempo pode ser devido a uma má interpretação na leitura das "imagens" — ou pode ter sido escrito intencionalmente.

A morte do Nigel teria afectado a esposa, Peggy, e não a mãe do Nigel, que a essa altura já se teria juntado à família M. na nova vida, e até então o seu destino pareceria "totalmente cruel para todos vocês na terra, mas é melhor para o Nigel".

Gostaria de registar aqui dois exemplos bastante notáveis de evidências de sobrevivência que ocorreram durante esta série de escritos. No seguimento da assinatura do Harold numa carta anterior escrita por Geraldine Cummins na Irlanda, vinha um rabisco estranho, grande e contorcido que se transformou em:

Minha querida filha,

Quero enviar-te uma nota. Caneta engraçada e desajeitada esta. . .

A escrita continuou nesse tipo de rabiscos a agradecer-me por ter ajudado a Hilda e acrescentou que a escritora ainda pensava em mim como uma das suas filhas. Esta comunicação terminou com a assinatura completa, mas irregular, da mãe da Hilda.

Ao me encaminhar o anterior, a Geraldine escreveu:

Sinto muito, algo parece ter dado errado na última página. Achei que não lhe ia enviar aquela página de escrita de forma estranha e desordenada, mas depois achei melhor não esconder algo que está obviamente errado. Você deve ver as falhas, bem como as porções coerentes. É evidente que a sua mãe estava a tentar passar, mas a página não faria sentido se fosse ela. . .

No entanto, fez sentido para mim e era uma evidência bastante inequívoca de identidade. A mãe da Hilda sempre se referia a mim, a brincar, como uma outra filha. Após a morte de minha mãe, eu estava frequentemente com a família M. — às vezes a preencher uma lacuna e a frequentar as festas chatas com a Sra. M. quando uma filha refratária não ia!

A partir do trecho citado da carta que a Geraldine me enviou a informar-me, pode-se observar que ela ignorava completamente o facto descrito e ficara perplexa quanto a quem seria a escritora.

Um segundo exemplo de evidência da identidade e um exemplo da sobrevivência de uma memória notavelmente precisa veio da mesma entidade a *3 de Março de* 1935, quando a Geraldine e eu estávamos hospedadas em Wickenden e a família estava em Londres.

O Astor disse que a "mulher das-flores" e o Harold estavam lá mais uma senhora idosa — "pelo menos ela era idosa quando faleceu." Não me ocorreu quem pudesse ser esta última, pelo que pedi o Harold. Mas a escrita estranha e irregular começou imediatamente — com a mesma saudação inicial da ocasião anterior. A escritora fez alusões similares e acrescentou:

A Muriel disse que a nossa antiga governanta, a Sra. A. — talvez não te lembres dela — ela ainda está viva — deve estar com 86 ou mais — de qualquer forma, a Muriel e eu vamos encontra-la em breve, pelo que eu queria que a Hilda soubesse. . .

Após mais alguns comentários, ela assinou o nome e o Harold assumiu o controlo.

Perguntei a idade da velha Sra. Anderson e fui informado de que ela estava com 86 anos. Eu sabia que ela ainda estava viva, mas não tinha conhecimento da idade exacta dela. A Geraldine não sabia da sua existência.

Depois que o Harold discutiu assuntos familiares, falei na Nonie e perguntei se ele estava com ela. Ele respondeu da seguinte forma:

> Sim, estou frequentemente com ela, mas nem sempre, pois ela foi mais longe do que eu. Mas ela dá-me tudo o que preciso nessas boas horas que passamos juntos. Estou com a família. A Muriel e eu vemo-nos muito quando não estou no trabalho. O Govy tem o jardim mais lindo. A Ruth e a Muriel acompanham-no lá diariamente como jardineiros assistentes. Entretanto, a Ruth esquiva-se um pouco. Ela gosta de brincar perto da terra, perto dos seus "queridinhos," como ela lhes chama. Além disso, a Ruth não aprova o Paraíso do Govy! Ela sente que ele e a Muriel estão um pouco absortos demais. O sentido de religião dela entra em acção. Ela sente que eles deveriam estar a fazer algo útil para outras pessoas. A Maior felicidade da Ruth é a comunhão que tem com o Eric — segundo ela me contou. O Govy tem trabalho, mas dedica-se principalmente à jardinagem. . . Vê bem, nenhum dos outros pensa em nós agora, e não poderemos alcançá-lo a menos que algum de vós pense em nós ou tenha aquela curiosa transparência que você chama de "psíquica." Essa tua amiga tem essa transparência. *(Referindo-se à luz psíquica do Geraldine C.)*

CAPÍTULO VINTE E UM
1935

"UM INCIDENTE CURIOSO"

Agora vou relatar um incidente curioso que ocorreu na sessão de 3 de Março de 1935, enquanto estava em Wickenden.

Antes de morrer em 1918, a Muriel quase havia concluído um livro sobre os arbustos de jardim de eleição que o pai plantou e cultivou com sucesso em Nymans. Esse livro, intitulado *'A Garden Flora'* (Biblioteca da Vida no Campo), foi publicado após a sua morte. Na sessão da data atrás citada mencionei esse facto e disse que o livro foi lindamente produzido e de grande interesse para jardineiros e especialistas entusiastas. Em resposta, a Muriel escreveu o seguinte:

> Muriel:

É bom saber isso. Sinto-me praticamente famosa! Será que algum dia eu o verei? Eu simplesmente adoraria vê-lo — por vaidade, talvez. Mas depositei todo o meu coração nele. Terias a amabilidade de mo mostrares um dia destes? Agora consigo ver através desta transparência lindamente. Eu queria tanto conhecê-lo.

Respondi que mais tarde lhe mostraria o livro em Londres, pois pensei que o exemplar da Hilda estaria trancado numa estante.

A 6 de Março de 1935, tivemos uma sessão com o Frederic Myers. Perto do final, ele cedeu caminho à Muriel, que escreveu o seguinte:

Aqui estou eu, de volta. Sabes que em parte foi vaidade da minha parte que me levou a aparecer e a intrometer esta noite. Tens o meu livro?

B. G: Não. Não o procurei por aqui porque não acho que exista. Mas prometo mostrar-te o meu exemplar em Londres.

Muriel: Contanto que tu me dês uma possibilidade de espiar, estou pronta para esperar meses. O Govy também gostaria de estar por perto. Sabes que agora somos loucos por jardinagem.

B. G: Estais a aperfeiçoar o céu, na verdade!

Muriel: Estou a encontrar o paraíso nesse aspecto. Vê bem, há uma alegria dupla nisso. Além do prazer de realizar todos os sonhos mais extravagantes, afastou a melancolia do Govy. Nunca acreditamos que isso fosse possível. Ele é bastante alegre agora. Dizemos que se isso aconteceu com o Govy, provavelmente vamos curar completamente a Hilda das preocupações e medos que alberga quando ela vier. Mas isso ainda não ocorrerá tão cedo. Ela ainda se vai manter de boa saúde por muito tempo, pelo que não precisas ficar ansiosa. . .

As anotações que fiz na altura foram as seguintes:

Não disse nada à Geraldine sobre o livro. Acho que nunca lhe mencionei a existência do livro da Muriel sobre o jardim dos Nymans. Estávamos muito ocupadas a preparar o *'Beyond Human Personality'* e eu não tinha pensado muito no assunto. Alguns dias mais tarde, porém, os meus olhos pousaram de repente sobre um livro de lombada branca que se encontrava sobre uma mesinha. Achei que era o volume que eu queria. Não contei nada à Geraldine e, quando nos reunimos, mantive o livro fora da vista. A Geraldine não percebeu então a minha intenção de o "mostrar à Muriel."

A 15 de Março de 1935, preparamo-nos para a escrita automática. A Geraldine contou-me depois que estava à espera dos comunicadores de Cléofas, pois eu havia dito durante o dia que estava ansiosa por continuar a cooperar com eles no trabalho que discutimos. No entanto, outros aparentemente estavam à espera.

Astor chega: Está aqui um homem velho e de olhos escuros, com uma mulher. Ah, a Dama das Flores. O homem é atraído por um pensamento seu e diz que tem vontade de ver a "Grande Obra." A "Nossa obra-prima," conforme ele lhe chama. Ele mostra-se irônico, é claro, mas a Florista está bastante séria e bastante animada. Deverei deixá-la falar? *(Sim.)* O idoso diz algo sobre Robinson para ela. Ele é de opinião que poderia ensinar muito ao Robinson agora. Aparentemente, o Robinson era uma autoridade em alguma matéria. Eu ouço um comentário sobre "acabar com a presunção do Robinson." Não sei do que se trata, mas esses dois mostram-se muito animados e ele parece estar a brincar com ela. Vou deixá-la falar.

(Esta conversa ouvida por parte do Astor obviamente refere-se a William Robinson, de Gravetye Manor, East Grinstead. Ele foi uma autoridade famosa em jardinagem. Era característico do Govy "provocar" a Muriel sobre o tema do livro dela.)

Muriel:

Minha querida. É verdade que estás com o meu livro? O Govy diz que é dele. Mas não vou permitir isso nem por um momento. Digo-lhe que fiz todo o trabalho de verdade.

B. G: Sim, de repente vi uma cópia aqui e pensei em ti, de modo que aqui está ele.

Muriel: Ah, mostra-mo.

Coloquei o livro sob os olhos da Geraldine, a mão dela na capa e na página de título, e comecei a virar algumas páginas à vez. No final ela escreveu de novo:

É como eu queria que o meu livro fosse. És uma querida por me deixares vê-lo, pois eu tinha um motivo especial. Queria reavivar a minha memória para realçar as cores das minhas imagens. Ah, mas tu não entendes. Os nomes dão-me as imagens de novo.

B. G: Então não terás podido ver muito.

Muriel: Mas vi vários nomes.

Repassamos o livro página a página de novo. Retirei-o então da vista da Geraldine e a Muriel escreveu o seguinte:

Quanta gentileza da tua parte. Era muito importante que víssemos isso algum dia. O Govy também está a examinar os nomes. Estamos a construir um jardim especial para a Hilda e vai demorar muito. E tem que ser muito parecido com o jardim de Nymans, por esta razão: quando a nossa querida Hilda o vir, ficará novamente presa nas suas memórias felizes e juvenis. E isso acontecerá se tivermos o jardim de Nymans pronto para ela, exactamente como ele era. Mas nem o Govy nem eu conseguimos imagens adequadas dele. Não conseguimos pescá-los da nossa memória. Agora todos esses nomes e listas nos darão o que precisamos. Já vejo o jardim que tanto amei a ficar cada vez mais claro. O Govy diz que também está a começar a pairar diante dele. Imagino que toda a minha conversa sobre imagens te soe demasiado misteriosa. . .

Fazemos as imagens da semente, depois a vemos enquanto ela cresce, brota e floresce, e extraímos cores de todos os milhares de raios de luz aqui com as nossas mãos e depois moldamo-las e modelamo-las. Às vezes, as plantas e os arbustos falham porque, tal como na Terra, não compreendemos a sua natureza e o que eles queriam. Mas se formos inteligentes e nos importarmos muito, com o tempo as flores e o jardim vão existir exactamente como os sonhamos. Mas já há algum tempo que o Govy tem vindo a inventar novas plantas, flores e arbustos, nada parecidos com nada na terra, pelo que Hilda terá que ser educada nisso. Não penses por isso que ela virá em breve. Ela tem anos de vida pela frente. Mas queríamos fixar a imagem de Nymans aqui de forma permanente, antes que ela chegasse. Precisamos trabalhar duro para acertar, pois sabes que ela irá notar imediatamente se alguma parte for deixada de fora ou se as flores parecerem diferentes. . .

Seguiram-se alguns comentários adicionais sobre o jardim, e a Muriel escreveu: "Por favor, não fales à Hilda sobre o jardim. Esta é a grande surpresa que temos para ela — um presente de Natal no meio do verão — é isso que vai ser."

Uma observação profética. A Hilda morreu em Julho de 1941, conforme registado.

O extrato que se segue foi retirado das minhas anotações. Foi escrito imediatamente após a sessão supracitada, em que a Muriel, usando os olhos da Geraldine, leu o livro dela:

Foi surpreendente ver a *intensa* excitação da Geraldine — ou da Muriel, deverei dizer — quando ela leu o livro.* Ela largou a caneta e a mão sentiu cada linha da página do título e então examinou algumas páginas enquanto eu as virava. Mais tarde, percorremos o livro inteiro, página a página (194 páginas). Demorou cerca de 20 minutos passa-las todas. Nunca vi a Geraldine com tal *intensidade*, com a mão a sublinhar, por assim dizer, cada nome de planta ou arbusto com ilustrações. Quando chegamos ao

"Nothofagus" os dedos bateram nele várias vezes e com a cabeça a assentir ela sorriu. Era como se isso fosse algo em que ela estivesse a tentar recordar e não conseguisse fazê-lo. A Geraldine foi então controlada fisicamente, pois foi feito uso gratuito da sua mão e rosto. Ao despertar ela murmurou algo sobre estar envolvida com muitas árvores, arbustos e nomes latinos. Levou muito a sair do transe. Perguntei que impressões tinha colhido. Ela respondeu que vira um lírio enorme — que parecia estar *em* uma das suas pétalas — mas a flor era "uma coisa enorme, com cerca de duas vezes a altura desta sala." Ela sentiu um cheiro muito forte e perfumado — muito agradável. Ela descreveu igualmente um lago com nenúfares ou um jardim aquático que viu, mas de dimensões comuns. Ela teve a noção de que se deitara e fora dormir num girassol e que as pétalas se fecharam sobre ela. Ela tinha a sensação de que esse era o costume onde ela estava. Ela registou o pensamento: "É muito mais agradável dormir assim do que num quarto abafado de uma casa." Ela disse que tinha uma personalidade muito encantadora — feliz e agradável. *(Isso descreve a Muriel, que a Geraldine nunca tinha conhecido.)* A Geraldine não se lembrava de nada do que havia escrito ou feito e ficou muito surpreendida quando lhe contei.

Será que a consciência da Geraldine, enquanto a Muriel escrevia, passou por parte do maravilhoso novo jardim que o Govy estava a criar? Ou será que essa aparente experiência foi o resultado de imagens da mente da Muriel que ela, sem saber, transmitiu ao cérebro da Geraldine no momento em que escrevia?

Afirma-se que o pensamento assume a forma de imagens no outro mundo e em comunicações provenientes dele. Se pararmos para considerar essa possibilidade, até certo ponto já pensamos em imagens quando falamos — sem dúvida quando descrevemos algum acontecimento ou recordação das nossas vidas aqui.

**(NT: O livro intitula-se 'A Garden Flora' e foi publicado em 1918.)*

CAPÍTULO VINTE E DOIS

1935

"CUIDADO ATENCIOSO DE UMA ALMA SENSÍVEL"

Depois de passar dez dias desanimada em Wickenden, a Geraldine retomou as sessões ocasionais. A 27 de Março de 1935, a Muriel escreveu a dizer que ela e o Govy já haviam começado a planear o jardim de Nymans. Em resposta a uma pergunta minha sobre a Nonie e o Harold, a Muriel escreveu o seguinte:

> Ela está ocasionalmente com ele, mas não tem permissão para viver com ele o tempo todo. . . Ela está num mundo superior ao nosso. Quero dizer com isso que ela alcançou um lugar onde tudo é muito diferente de tudo o que conhecemos ou já conhecemos. Ela volta ao nosso mundo para ver o Harold. Pessoas Sábias daqui conversaram com o Harold quando ele ficou infeliz novamente por só ver a Nonie muito ocasionalmente. Eles disseram-lhe que só havia uma maneira pela qual ele poderia juntar-se a ela e estar sempre com ela. Ele deve ter a coragem de enfrentar exactamente aquilo que mais temia. Se ele tiver sucesso, ele irá até ela e ficará com ela durante um tempo.

> Depois ele retorna à terra sem ela e a Hilda e terão outra vida juntos lá. Mas isso não vai acontecer durante algum tempo. Não lhe digas que ela vai voltar.
>
> O Harold vai fazer com que ela queira muito voltar. O amor há de atraí-la para a terra e da próxima vez ela terá uma vida muito mais feliz e produtiva. Eles serão marido e mulher, conforme eu vejo. Precisa existir esse relacionamento entre eles porque só isso fará com que o Harold reconheça que a Hilda é a mais próxima dele. Na verdade, não é com a Nonie que ele se importa, mas de momento ele acredita que sim. Ele terá que aprender isso. Não lhe digas isso a ele se ele falar; mas eu estava tão ansiosa por saber mais sobre os meus que conversei com os Sábios. Eles são como sacerdotes. Eles não nos mantêm na ordem. Eles só respondem se nós os contactarmos e eles estavam prontos a expor-nos os factos. Mas eles sempre insistem que precisamos julgar por nós próprios. . .

Os leitores verão mais tarde por que registei estas comunicações relativas à relação da Nonie e do Harold. Na terra, o Harold fora devotado à esposa e ficou inteiramente desolado com a morte dela. Mas ele também era dedicado à irmã. O que Nonie tinha a dizer sobre o assunto é relatado de forma bastante inesperada, conforme se verá.

A Geraldine e eu voltamos a Londres e, de Abril até Junho de 1935, estivemos ocupadas a escrever as últimas viagens de São Paulo (publicadas sob o título *'Quando Nero era Ditador').*

Mas a 4 de Junho de 1935, a Muriel escreveu o seguinte breve relato sobre o jardim e referiu-se ao Harold:

> O Govy sente que a Hilda não vai ter apenas o produto dos seus sonhos, mas também o cenário dos sonhos para ela neste jardim que estamos realmente a adiantar agora. Conterá apenas aquilo por que ela mais se interessou, em termos de flores, arbustos, etc., na terra. Nenhuma das plantas novas e estranhas que criamos aparecerá no Nymans da Hilda. Não vamos assustá-la com a nossa extraordinária coleção de árvores, arbustos e flores. Ela terá que crescer antes que possamos vê-los. . . O Harold quase terminou o seu aprendizado nos Lugares Sombrios. Ele saiu-se muito bem e nota-se uma mudança real nele. Ele não fica melancólico agora, pois está bastante seguro de si — certo de que superou o medo que tinha. Mas ele nem sempre será da Nonie, lembra-te. A Hilda e o Harold nunca encontrarão a felicidade completa e perfeita até que se unam e percebam que são um só. . .

Com o regresso da Geraldine da Irlanda, no Outono, recebemos diversas comunicações. A 2 de Outubro de 1935, a Muriel escreveu espontaneamente o seguinte relato sobre o novo jardim do Além.

> Sabes, o Govy e eu estamos muito absortos em preparar o jardim de Hilda aqui. Acho que agora é exactamente como o jardim de Nymans conforme costumava ser — nem uma planta fora do lugar. Não haverá uma única erva daninha que preocupe a Hilda quando ela o vir. Mas isso significa manter cuidadosamente a imagem completa na minha mente, mantê-la a intervalos por um curto período de tempo. Isso fixa as cores das folhas e flores. Impede que outras fantasias perdidas se insinuem e alterem a imagem. Por exemplo, se eu, ao imaginar desta forma o "jardim-do-outro-mundo-da-Hilda," por falta de atenção — pensar porventura, para num arbusto ou num espinheiro, ele poderá brotar no lugar errado naquele jardim perfeito. A simples imagem passageira de, digamos, dentes-de-leão, enquanto imagino o nosso jardim, pode levar a que brote uma colheita deles em um dos preciosos canteiros de flores da Hilda. Depois eu teria que me reorganizar e trabalhar bastante para me livrar deles.
>
> Portanto, um jardim nunca está terminado, mesmo aqui. Pois podemos, por desatenção, alterá-lo e estragá-lo bastante. E precisa estar perfeito para quando a querida Hilda chegar. Sabes, é extremamente importante então que ela seja desviada nos pensamentos que tem acerca do Nigel. Os primeiros meses da sua vida aqui serão bastante críticos. Não queremos que ela fique presa na teia da terra por causa de um desejo violento de voltar e estar com o Nigel. Isso haveria de

significar escuridão para ela, e a Hilda na escuridão! — bem, não vale a pena pensar nisso. De qualquer forma, esses são assuntos que ainda não serão abordados por muito tempo, embora muitas vezes fiques desnecessariamente alarmada com a saúde dela. Mas a Hilda está muito perto do meu coração e sinto que tu não te importarás que eu deixe escapar aquilo que penso — despeja-lo sobre ti desta maneira fácil. Tu entendes que ela é mais importante do que todas as outras porque, por um lado, ela se magoa facilmente. Quero dizer, a alma dela é muito sensível e ela sofreu muito por causa da afeição que tem pelo Nigel. . . Estou feliz que ela esteja a começar a entender. Isso irá ajudá-la quando ela se encontrar repentinamente isolada do Nigel e do Tony. Mas ainda assim, aqueles primeiros dois meses após a morte são extremamente importantes, por isso o Govy e eu tivemos o cuidado de fazer todos os preparativos para ela. . .

Não me ocorreu examinar esses primeiros escritos até que uma parte considerável da Parte I estivesse elaborada. E agora, ao ler essas comunicações antigas — guardadas e esquecidas durante anos, fico surpreendida com a maneira como elas se enquadram nos relatos da morte da Hilda e nas primeiras experiências depois dela, conforme descrito anteriormente neste livro. Os leitores observarão que a Muriel, pelo exposto acima, diz que "é terrivelmente importante que a Hilda seja desviada dos pensamentos com respeito ao Nigel" quando ela se juntou a eles; que "os primeiros meses de sua vida aqui serão críticos. Não queremos que ela fique presa na teia da terra por meio de um desejo violento de voltar e ficar com Nigel." Nenhuma menção é feita ao Tony no mesmo contexto, embora ela se refira à Hilda ao dizer que se encontrando "de repente desligada do Nigel e do Tony." O indício é de que a Muriel sabia quando iria ocorrer a morte do Nigel e que a sua mãe já teria falecido. Ela previu as prováveis reações da Hilda a isso no Além. Diante do exposto é interessante reler os roteiros de 4 de Agosto de 1941, 16 de Junho e 8 de Julho de 1942.

A 22 de Dezembro de 1935, a Muriel escreveu o seguinte:

O Harold apareceu e diz que devo dizer-te que ele não está mais submerso. Ele quer dizer que fez o seu trabalho com sucesso. Eu disse-te que ele teve que trabalhar nos Lugares das Sombras, entre pessoas terríveis. Ele tem sido muito corajoso. Ele teve que enfrentar o medo que abrigava, sabes, como a maioria de nós terá que o fazer, em algum momento, e ele supero-o. Tu provavelmente não percebes como isso é algo tremendo para ele. Isso significava que toda aquela estranheza na sua natureza desapareceu por completo. Ele manteve o lado animado e alegre e perdeu todos os humores estranhos e melancólicos. . .

CAPÍTULO VINTE E TRÊS
1936

"ANJOS DA GUARDA DAS FLORES TERRENAS"

De Janeiro a Junho de 1936, a Geraldine continuou as sessões "Cléofas." Mas em duas ocasiões durante esse período a Muriel e o Astor comunicaram. Em resposta a uma pergunta minha sobre o futuro do Nigel no "Mapa," a Muriel escreveu o seguinte (6 de Janeiro de 1936):

É a mesma coisa: uma curva fechada na estrada e Nigel a seguir sozinho; sobre isso há uma nuvem e algum sofrimento para ele. Mas ele se recupera com o tempo. Ainda está um pouco afastado. É simplesmente como uma imagem. O Nigel entra numa nuvem, sai dela sozinho e segue sozinho. Está bem claro para mim. Mas isso é tudo que vejo.

A 11 de Março de 1936, quando estávamos preparados para receber o "Mensageiro," o Astor forçou a entrada, por assim dizer. Ele insistiu em fazer uma determinada declaração. No final da sessão perguntei sobre a família M., e em especial sobre a Hilda. Sobre ela ele escreveu:

> Eu vejo a morte dela como bastante súbita. Ela parece estar abatida. Ela está ligada ao seu corpo apenas por alguns dias nessa doença final. . . Pode ser repentina no sentido de que, depois de ser atingida, ela não consegue falar nem comunicar com as pessoas. . . Um súbito silêncio e vazio. Ela poderá parecer consciente, mas na verdade não está, pois está principalmente no seu corpo etérico, bastante inerte, praticamente sem pensar.

O que foi dito acima foi um prognóstico muito preciso, porquanto o Astor "viu" as circunstâncias da morte da minha cunhada. Como os leitores notarão, foi avançado um período de cinco anos para o evento ocorrer. A Hilda morreu em consequência de um derrame repentino, após ter ficado inconsciente durante três horas. A palavra "dias" é substituída pela ocorrência efectiva de horas. Possivelmente esse será um deslize ou o Astor pode ter lido o Mapa de forma errada.

Questionado acerca do modo como o Astor via essas profecias, ele respondeu o seguinte:

> Vejo imagens a esvoaçar. É preciso ser rápido para lhes captar o significado. Quando as profecias dão errado, às vezes é porque a rapidez com que as imagens passam faz com que sejam percebidas de maneira imprecisa.

Antes de a Geraldine retornar à Irlanda para passar o verão, a Muriel comunicou as seguintes observações a 26 de Junho de 1936:

> Os nossos jardins estão a tornar-se prodigiosos — são demasiados para o nosso controlo, e ficam um pouco fora de controlo. É o caso da história do João e do Pé de Feijão — o Pé de Feijão está a ficar gigantesco!
>
> Sabes qual pode vir a ser a tarefa da Hilda e do Harold numa data distante? Cuidar da vida por trás de todas as flores que brotam, crescem e morrem na vossa terra — "Anjos da Guarda das Flores." Eles terão conquistado a posição através do seu verdadeiro amor e gosto por tudo que cresce. A Hilda tem mais uma vida na terra como grande artista. Ela precisa ganhar mais experiência antes de ser anjo da guarda das flores. O Govy diz que tem uma grande força criativa que não encontrou a expressão certa na vida atual dela. Mas a sua vida na terra é toda um preparo para novas conquistas no futuro.
>
> Actualmente, o Harold só tem permissão para ver a Nonie em ocasiões especiais. Isso tem um propósito: fazer com que o desejo da afinidade real que tem aumente e que os apegos que sente pela esposa enfraqueçam. Ele está a começar a abrir os olhos. Ele era como um cego antes. Ele está a começar a mergulhar no eu mais profundo e a descobrir memórias antigas e preciosas que o ligam por milhões de fios à Hilda. Mais tarde, eles serão guardiões das flores juntos e assim conquistarão a paz, que só pode advir, segundo me disseram, através dessa unidade. . . Claro que a pequena Hilda aqui ainda constitui o meu trabalho principal — muito requintado e um tanto doce e estranho. Talvez precises ver a confirmação dela quando chegares aqui. Eu chamo isso de confirmação. Significa a preparação para a vida terrena. . .

A Geraldine voltou da Irlanda em meados de Outubro. A primeira sessão desse outono que tivemos ocorreu a 2 de Novembro de 1936. Nessa ocasião, entre outras coisas, a Muriel fez as seguintes observações:

> Minha querida,
>
> Faz tanto tempo desde que te contactei. Eu estava perto de ti quando estiveste sozinha em Wick no verão. Lembras-te de quando fazias feno?

Seguiu-se aqui uma descrição correta de um incidente desconhecido da Geraldine. Perguntei o que andavam todos eles a fazer. Ela respondeu:

> Estamos todos muito ocupados com os nossos trabalhos muito diferentes. O Govy vem e vai para o jardim. E eu comecei, agora que os jardins estão quase perfeitos, o trabalho de reunir neles todas as pobres almas destroçadas que posso encontrar e que vêm em bandos da terra. Eles ficam um pouco nos jardins e aos poucos são curados neles de toda a amargura ou infelicidade. Alguns são pessoas pobres do East End que nunca estiveram num jardim e que praticamente nunca saíram de Londres — pessoas estranhas e incríveis que eu não conseguiria acreditar que existissem. E eu converso com eles e falo sobre as flores, então eles contam-me as suas histórias. Sou conhecida como Madre Confessora. Não será um nome curioso? Mas, vê tu, como eu não tive filhos, estou a ter todos esses infelizes por um tempinho como meus filhos. Eles partem da minha beira para o seu próprio tipo de casa, aquela que eles imaginaram. Mas pelo menos primeiro eles obtêm esse vislumbre de beleza, algo para ser lembrado e comentado, mesmo que depois escolham um ambiente bastante feio por só estarem familiarizados com esse tipo. São, por assim dizer, pessoal-fim-de-semana; eles só conseguem ficar por pouco tempo; depois prosseguem o seu próprio destino e abrem espaço para outros. . .

Neste período fiquei novamente muito preocupada com a saúde da minha cunhada. A artrite num quadril parecia estar a aumentar constantemente. Apelei à Muriel para que se esforçasse por fazer com que as pessoas do seu mundo aliviassem a dor, se isso fosse possível. Ela respondeu da seguinte forma:

> Falei recentemente com o Govy acerca disso. Ele diz que podemos chamar um grupo de pessoas aqui se alguém na terra nos pedir para o fazer. Mas eles só estão autorizados a trabalhar a pedido dos vivos. Posso dizer-lhes, então, que tu imploras que trabalhem na Hilda? Também irás pensar todas as noites, durante cerca de cinco minutos, na Ruth e no grupo de terapeutas, e pedir de todo o coração que eles vão até a Hilda e a ajudem? Pois é a Ruth quem já está em contacto com eles. Eles ajudaram o filho dela quando ele sofreu aquele acidente. Neste momento não posso dar o nome do Grupo, eles estão além de nós, num nível superior. Certos grupos — pessoas com poder e autoridade — podem, em certos casos, ajudar as pessoas na Terra. Mas é preciso que seja feito um pedido urgente — esse é o significado da oração. . . Se agora podemos fazer alguma coisa, só o tempo dirá. Eu não poderia pedir ao Grupo H.S., por meio da Ruth, que agisse até que tu estivesses suficientemente ansiosa e preocupada para me procurares, ou à Ruth, e fazer o pedido directo. . . Pobre Hilda, tu sabes que eu faria qualquer coisa ao meu alcance por ela. Mas não podemos alterar certos acontecimentos na vida humana. Resta saber se teremos permissão para interromper o curso desta doença do quadril dela. . .
>
> Ah! tu pergunta pela Ruth. Ela está tão doce e amável como sempre. Ela está muito serena agora, a superar a dor de não viver com o Eric. Pois ela vê que a sua morte precoce foi necessária para que ele conhecesse a realidade do mundo invisível. E existe agora entre esses dois a comunhão dos santos. Podes implicar comigo por usar termos religiosos, mas é assim que a Ruth encara as coisas. . . Sei que o estado da Hilda é grave; mas vejo um pouco além disso, pelo que não posso sentir o mesmo que tu em relação a isso. Vejo a felicidade final da Hilda. **É** uma coisa adorável e nostálgica. Tudo lhe será retribuído com alegria aqui.

O acidente referido acima ocorreu em Janeiro **de** 1935, quando **o** John perdeu a visão de um olho, mas felizmente não do outro, como se receava.

Em conexão com o Harold e a sua futura relação com a Hilda, o seguinte trecho de uma sessão de 17 de Novembro de 1936 pode ser interessante. Ele escreveu:

> Eu queria contar-te uma coisa estranha. É difícil explicar, mas a Hilda é importante para mim agora de uma forma que nunca teve importância antes. O engraçado é que quanto mais a Hilda

importa, menos isso acontece com a Nonie. Parece uma coisa horrível de se dizer, mas a Nonie não conta tanto agora. A Hilda é muito importante para mim. Vê bem, agora que tudo o que a terra significava — o meu corpo, o meu entorno, desapareceu de mim; agora que estou livre do medo que me assombrava, vejo a Hilda com clareza. Mas há uma coisa entre nós: o amor dela pelo Nigel. Não me consideres grosseiro, mas quero ser o primeiro agora para a Hilda. . .

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

1937

"A VIDA DE FRUSTRAÇÃO — A VIDA DE REALIZAÇÃO"

No domingo, 31 de Janeiro de 1937, Astor anunciou que a pequena florista estava pronta para conversar. Muriel começou imediatamente na seguinte maneira característica e zombeteira:

Minha querida,

Quanta amabilidade a tua falar comigo em vez de ires à Igreja! Sinto-me bastante lisonjeada. É maldade da minha parte troçar de ti sobre esse assunto. O que diria a Hilda? Mas sabes que, aqui, embora sejamos religiosos em certo sentido, sabemos como praticar melhor a verdadeira religião. Por exemplo, descubro isso quando algumas crianças de favelas vêem o meu jardim e ficam loucas de alegria ao ver as minhas flores — então sinto-me realmente religiosa. Sabes, consigo venerar a Deus de modo muito mais perfeito com e entre as flores do que nas grandes igrejas, frias e cinzentas, com as suas esculturas em pedra e o seu coro e clero profissionais. . .

O Harold está a mudar. Ele está muito ocupado com o seu trabalho e com outras pessoas, pelo que está a perder a preocupação consigo próprio. Recentemente, ele teve uma experiência que o surpreendeu e o ajudou a fazer a mudança. Ele visitou uma antiga vida dele. Ele viu-a cena por cena, a devoção que sentia pela Hilda — o amor apaixonado dela por ele há muitos séculos. Foi, segundo ele me disse, inteiramente surpreendente. E ele viu então como, até mesmo ao fim, eles se amaram, e ao se separarem na morte eles tinham apenas um receio — não se encontrar novamente, ou, na possibilidade de se encontrarem, terem esquecido e não se conhecerem como afinidades. Nesta vida aconteceu que, embora inconscientemente eles se conhecessem como afins, as suas mentes tiveram que suprimir severamente esse pensamento por causa do relacionamento, e isso, em parte, explicava o estranho nervosismo que eles sentiam. Porquanto se tivermos que suprimir um grande facto na nossa natureza, ele afectar-nos-á de alguma forma. Isso tornou-os vítimas dos seus nervos e enfraqueceu o Harold — deixando-o vulnerável a ataques de depressão.

Tudo foi preparado como um teste à resistência deles, mas foi cruel. Foi estabelecido para que suas almas crescessem rapidamente através do sofrimento, e eles cresceram mais do que tu imaginas, pois agora posso ver daqui que apenas uma pequena parte de nós próprios se mostra. Quando alguém vive na Terra, há muita coisa escondida — especialmente no caso das almas antigas. Mas foi a parte oculta da Hilda e do Harold que tanto cresceu. Deixa que tente explicar. Tu, a Hilda, ou qualquer pessoa com alma madura, são as flores da vida terrena. Falo daquela parte que se vê. Mas as raízes e muito mais encontram-se ocultas. Agora a Hilda, quando vier até nós e descobrir as suas raízes e também encontrar o Harold e chegar a saber o que ele realmente é para ela, perderá todo o seu humor melancólico e, claro, o seu nervosismo.

Então, quando ela e o Harold tiverem viajado juntos pelas cenas das suas vidas anteriores, serenamente felizes, eles estarão preparados para retornar juntos para a sua última vida na Terra, e essa será uma "vida de realização." A vida actual da Hilda é do tipo que chamamos de "vida frustrada" — negativa, na qual ela busca o amor e não encontra o amor verdadeiro. A vida de

realização é a vida positiva, e nela tudo dá certo. E é triunfo, realização no amor, na beleza — o tempo da colheita. Na verdade, a sua próxima vida na Terra será tão agradável que eles ficarão extremamente tentados a voltar depois dela de novo. Essa será certamente a sua dificuldade — a tentação do regresso. De qualquer forma, o Harold está agora sozinho, a tentar entender o que viu e a relacioná-lo com a Nonie. É isso que o intriga. Ele tem que resolver isso por si só. Não lhe dizemos nada. É claro que, quando existe um vínculo emocional forte, ele não pode ser rompido de imediato. . .

A 18 de Abril de 1937, depois de escrever sobre outras coisas, o Harold comentou que ia tornar-se sua ocupação especial manter a Hilda feliz. "Quando ela chegar, deixarei todo o resto para estar com ela."

CAPÍTULO VINTE E CINCO
1937

"OS FILHOS DA TERRA — OS FILHOS DO ESPÍRITO"

Aqui chegamos a uma comunicação que muito me surpreendeu. Isso explica por que registei as referências anteriores à ligação existente entre o Harold e a Nonie.

A Hilda, minha cunhada, adoeceu gravemente na noite de Domingo, 11 de Abril de 1937. Ela desmaiou e ficou inconsciente durante algum tempo. Eventualmente ela recuperou, embora tenha ficado doente durante algumas semanas posteriores. Fiquei muito perturbada com isso; mesmo assim, a Geraldine e eu continuamos as nossas sessões com o "Cléofas."

Porém, no Domingo, 25 de Abril de 1937, o Astor escreveu que um novo espírito estava à espera, e queria discutir algo comigo.

Uma Americana, acho eu — bastante charmosa, com um espírito bastante desenvolvido.

Eu desconhecia por completo a identidade dessa recém-chegada, mas pedi ao Astor que a deixasse escrever por um tempo. Para minha grande surpresa, o nome "Nonie" apareceu no papel. "Você certamente lembra-se de mim, não?"

B. G: Claro.

Nonie: Fazia algum tempo que queria conversar consigo — sobre duas coisas, as crianças e o Harold. Veja, eu conheço sua entourage — quero dizer, aqueles que vêm falar consigo, e o Grego de vestes brancas (Astor) disse-se que você sabe sobre mim e do Harold.

B. G: Sim — até certo ponto.

Nonie: Isso quererá dizer que você ouviu o que ele não sabe? Que devo prosseguir — deixá-lo para trás?

B. G: Sim, é que me foi dado entender.

Nonie: Minha querida, estou muito preocupada com tudo isso. Tenho um pouco de receio de o deixar. Mas eu devo ir para um mundo além deste mundo, onde mudamos e nos tornamos um ser mais profundo e pleno. É como se uma pequena flor silvestre se transformasse numa rosa de jardim. Nós próprios mudamos no mundo para onde vou, e o Harold não está apto para ir para lá. Claro que posso voltar de vez em quando, e agora, se eu for nesta primeira ocasião, será por pouco tempo. Mas quando voltar para o Harold não serei exactamente a mesma. Ter-me-ei alterado e serei um pouco estranha para ele. Deverei ir?

B. G: Como posso eu saber? Eu não sei o que dizer. Mas o Harold veio aqui recentemente e disse que agora a Hilda significava muito para ele; isso ele não soube explicar, mas que a amava muito.

Nonie: Ah! Ele nunca me disse isso. Você acha, pois, que a Hilda poderia ocupar o meu lugar com ele?

B. G: Não posso dizer. Só posso dizer que ele disse que a amava muito. Talvez você e ele estivessem aqui apenas para uma vida terrena e agora ele e ela signifiquem mais um para o outro.

Nonie: Então talvez ele consiga ficar sozinho por um tempo — suportar o que deverá realmente representar uma ruptura entre nós, pois não pertencemos um ao outro. Essa é a triste verdade que descobri — triste para ele se não houver ninguém que me substitua. Podemos encontrar-nos e sempre sentirei carinho por ele. Mas esta é a diferença essencial que existe entre nós: pertenço àqueles que não renascem. Ele deve voltar à Terra em algum momento no futuro. Existe um grande abismo entre aqueles conhecidos como os "Filhos da Terra" — isto é, aqueles que reencarnam, e nós, que já somos "Filhos do Espírito" e assim acabamos com (as experiências da) terra.

B. G: Que poderei eu fazer? Você gostaria que eu me esforçasse por lhe explicar isso algum dia?

Nonie: Sim, se pudesse explicar-lhe a razão por que deverá dar-se esse rompimento entre nós. . . Dois só pertencem permanentemente um ao outro se conseguirem manter o passo ao longo do caminho. Nós não podemos, porque vou muito mais rápido do que ele. Embora, é claro, eu o ame. Mas eu amo-o como se ama a um filho — não é o relacionamento íntimo de dois que podem ser um. Não posso falar com ele sobre isso.

B. G: A Muriel disse-me há algum tempo que no final das contas ele e a Hilda iam ficar juntos — que ele ainda não percebeu isso, e que se ele falasse comigo eu não deveria contar-lhe, de modo que nunca o fiz. Mas outro dia ele escreveu que quando a Hilda falecesse ele ia largar tudo e ia para junto dela. Ela tem estado terrivelmente doente ultimamente e quase passou para o vosso lado. Só posso dizer que o amor dele parece estar a mudar, por assim dizer. Ele disse que não sabia explicar, mas que queria compensar toda a infelicidade que lhe havia causado.

Nonie: Minha querida, você lançou uma nova luz sobre isso a mim. Eu só sabia que era necessário deixá-lo — que era o curso da natureza, e eu estava muito preocupada com a possibilidade de ele sentir a minha falta e não ter ninguém para amar. Mas agora fica muito mais claro para mim. Vejo que a Hilda deve ser sua verdadeira companheira e não eu. Você explicou-o. Você diz que a Hilda esteve muito doente? Sinto muito, mas isso também me explica as coisas. Ela ainda demorará um pouco a vir para aqui, mas será a primeira a partir antes de vós mesmos, que deverão ficar para trás— pelo que posso ver.*

B. G: Deverei falar brevemente com o Harold dentro de alguns dias — ou poderei falar primeiro com a Muriel sobre isso.

Nonie: Sim, por favor, dentro de alguns dias explique as coisas ao Harold. Você jurou segredo? Quero dizer, a Muriel importar-se-á que eu fale sobre isso com ela?

B. G: Não, claro que não. Se eu falar com a Muriel, ela poderá discutir o assunto consigo e falar com o Harold pessoalmente, se achar aconselhável.

Nonie: Essa é uma boa ideia. Eu vou fazer isso. Veja, tem sido difícil — enquanto membro da família — para mim falar com qualquer um deles. Mas você, que está por fora e ainda assim é tão íntima, senti que pudesse ser franca com você. . .

**Correto. Embora consideravelmente mais jovem que os dois últimos membros sobreviventes da família M., a Hilda morreu alguns anos antes de qualquer um deles.*

Após alguns comentários sobre o seu filho na terra, a Nonie cedeu lugar à Muriel. A Nonie, pelo que me lembro, tinha uma personalidade muito serena. Ela era tranquila, nunca se incomodava nem se preocupava com os acontecimentos e parecia possuir uma espécie de qualidade espiritual distante. Americana, pianista brilhante e uma companheira espirituosa e divertida, dotada de um charme delicado e tranquilo.

O desenvolvimento acima referido foi bastante inesperado. Alguém poderia supor que seria desnecessário consultar um indivíduo terreno em circunstâncias tão incomuns. Mas a Nonie havia escrito através da Geraldine na minha presença muitos anos antes *(por volta de 1924).* Nessa ocasião também ela veio "do nada," por assim dizer, e numa missão similar. Ela não conseguia chegar-se ao Harold a menos que entrasse em contato com ele perto da terra. Aparentemente, o contato através da Geraldine e de mim tornou isso possível.

Após alguma conversa sobre a doença da Hilda, falei com a Muriel sobre a visita da Nonie e o motivo dessa visita. Ela disse que a viu a "desaparecer à distância," mas que iria procurá-la e explicar a ligação existente entre a Hilda e o Harold. "Talvez tenha chegado o momento," escreveu ela, "em que ela terá que perceber o que inevitavelmente sucederá. É um pouco difícil alcançá-la, pois muitas vezes ela está num mundo superior ao nosso. . ."

A 28 de Abril de 5937, o Harold, numa carta longa e bastante bonita, assegurou-me da devoção que sentia pela Hilda e da compreensão que tinha de que a sua alma fazia parte da alma dela. Ele continuou:

> Vi que ela é a minha outra metade, arrancada pelas circunstâncias e por um destino cruel. . . A Nonie é muito doce — muito adorável, mas não pertencemos um ao outro nem nunca pertenceremos. Isso eu aprendi apenas nos últimos meses. . . A Hilda é o que mais importa para mim. Ela será cuidada — eu vou absorver-lhe a atenção e terei a sua filhinha à espera para a divertir, e depois há o jardim da Muriel — exactamente como ela gostaria — o jardim ideal que ela nunca teve na terra. E eu vou estar presente para a levar aos muitos países adoráveis e estranhos daqui. Vou olhar por ela, protege-la e curar-lhe todas as feridas — até mesmo a dor da separação, de estar separada do Tony e do Nigel, desaparecerá. . .

Numa sessão de 3 de Abril de 1937, a Muriel escreveu o seguinte:

> A Nonie e eu conversamos sobre a questão e tudo ficou bem claro para nós agora. Mas primeiro, preciso explicar-te o estranho facto de que ela pode deixar Harold. Ela quer que tu entendas.
>
> Neste mundo ela não pertence ao grupo familiar dele. Ela está sob a inspiração de outra luz que vocês podem chamar "espírito." Portanto, embora ela ame o Harold e ele cuide dela, ela terá que percorrer outro caminho. Além disso, ela não pode viver mais no nível dele. Ela deve deixá-lo um pouco antes de a Hilda chegar. Pois ela está mudada e agora pode entrar num estado mais próximo de Deus, conforme dizem aqui.
>
> O Govy, que olha pelos seus filhos, conversou com o Harold recentemente — escondendo apenas o facto de que o que é iminente é uma separação definitiva da Nonie. Tive uma breve conversa com o Harold agora há pouco e disse-lhe que a Nonie não era para ele. Ele recebeu a notícia de forma surpreendente. Ele disse que já há algum tempo sentia que não conseguia acompanhá-la, e o que, antes, teria sido uma desolação para ele, agora parecia necessário. Então, de repente, ele ficou muito agitado e disse que eu talvez não entendesse, mas que a Hilda agora significava tudo para ele. Ele tinha uma certa vergonha, porque, como tu bem sabes, acreditava que ele e a Nonie sempre seriam amantes e companheiros. Pobre Harold! Ele passou por um período desses, a tentar ver o que seria acertado fazer. Então expliquei-lhe tudo sobre a Hilda e o seu longo passado — todo ligado ao dele, e no final ele ficou muito feliz. Pois eu disse-lhe que toda a sua vida deveria agora ser dedicada à cura da Hilda — amá-la e dar-lhe toda a felicidade que ela não teve na terra…

E o motivo da filhinha da Hilda não ter nascido com vida deveu-se a que a alma do bebezinho não pudesse envergar as vestes físicas criada pela ação de um pai estranho. Era contrário às leis psíquicas. Pois a alma do bebé foi, em outra vida terrena, criação de Hilda e do Harold e a filhinha foi filha deles numa existência passada. Pode-te parecer fantástico; mas aqui, onde vemos com uma maior clareza, percebemos que as vidas de certas almas de um mesmo grupo familiar se entrelaçam num padrão. . .

Pobre querida Hilda, receio que ela tenha que suportar o rompimento gradual dos fios que unem a sua alma ao seu corpo. Pois só assim ela poderá perceber a maravilha desta felicidade que a aguarda aqui. Ela tem que deixar a terra com aversão pelas coisas materiais. Ela será, por essa dor, curada de todos os desejos terrenos e, embora tenha mais uma vida terrena pela frente, ela voltará mais pelos outros — para ser a artista suprema que deixa um legado de beleza espiritual no mundo. Será uma vida feliz e criativa, e que a qualificará então para aquela imortalidade à qual o seu raro espírito está vinculado. O Harold, que agora perdeu o humor melancólico, será o melhor e mais alegre dos companheiros quando ela vier para aqui. . .

Será interessante observar que, ao escrever a 3 de Agosto de 1934, o Harold tenha estado inteiramente sob a impressão de que iria estar com a Nonie numa outra vida na Terra. Três anos depois ele percebeu o seu erro e descobriu que a Hilda seria a sua companheira nessa jornada terrena.

CAPÍTULO VINTE E SEIS
1937

"EIDOS, O MUNDO SUPERIOR"

No início de Maio de 1937, a Muriel fez um breve esboço da vida da Hilda no Egipto, muitos séculos atrás. Essa descrição explicava várias coisas relacionadas com ela que eu havia notado nesta vida. Depois ela escreveu sobre outra vida, em que Hilda nasceu em Florença e morreu em 1301 ou por volta desse ano. Isto explica o amor que tinha pelos crucifixos, pelas imagens de Nossa Senhora e da Sagrada Família e por todas as coisas belas ligadas à Itália daquele período e que não foi desenvolvido em nenhum outro membro da família M. É claro que não há provas de que qualquer dessas histórias de vidas passadas seja mais do que uma elaboração da mente subconsciente de Geraldine Cummins. No entanto, conforme relatado, essas vidas encaixam em muitas coisas e pessoas ligadas à Hilda nesta vida, e explicaram-me muita coisa.

A 9 de Maio de 1937, a Muriel escreveu de novo. Eu ainda estava muito preocupada com a Hilda. Ela não estava apenas fisicamente doente, mas também a passar por um grave estresse mental e ansiedade. Falei à Muriel dos temores que abrigava com respeito à saúde da Hilda, que respondeu:

Há, no caso de alguém que está em transição, sempre a estranha oportunidade de que possa ser poupado por mais tempo do que está escrito no seu mapa do destino — isto é, se ainda for muito necessário na Terra. Pelo bem do Tony, pode ser decidido que a Hilda permaneça na Terra por mais tempo do que este ano. Por essa razão, o Govy pediu aos Poderes Guardiões que adiassem a sua vinda para cá além da data fixada — assim, agora a hora fica ao critério deles. . .

Na mesma sessão, a Nonie também escreveu. Referindo-se novamente ao Harold e ao relacionamento que existia entre eles, ela disse:

> Ah, devo dizer-lhe que o Harold e eu conversamos e examinamos os nossos registos e vimos que não estávamos destinados um ao outro. Ainda estamos apaixonados, mas de forma diferente — gostamos um do outro por causa de velhas lembranças de quando nos casamos. Mas o tipo de necessidade mútua, de atração magnética, desapareceu. Parece que ele e eu tínhamos outra necessidade mais forte agora — afastar-nos um do outro. Eu, talvez, sinto isso mais do que o Harold. Mas quero explicar-lhe que nos veremos de vez em quando até que a Hilda chegue. Então poderei definitivamente seguir o meu próprio caminho, sabendo que o Harold encontrou a sua necessidade. Para mim, então, este capítulo estará encerrado. Eu quero explicar porquê.
>
> Houve sempre, no meu amor pelo Harold, algo maternal. Ele apoiou-se em mim, entende? Bem, ele realmente não precisa mais daquele tipo de abrigo e refúgio materno que eu lhe dispensei. Além disso, considerando tudo, esse tipo de amor não é nem nunca poderá ser um amor perfeito. Pois significa que o amor materno tem que carregar um certo fardo. Precisa haver, para duas pessoas afins, partilha perfeita e igualdade. Será assim quando a Hilda e o Harold se encontrarem aqui. Eu ascenderei àquele esse estado chamado Eidos quando a Hilda vier para o nosso lado. Já lá vou de vez em quando, mas não posso ficar lá até que o meu lugar com o Harold seja ocupado. . .
>
> Tudo é maravilhoso em Eidos – tudo é diferente – a nossa concepção do belo muda. Vivemos num mundo em que a semelhança com o mundo moderno desapareceu. Estamos sob uma luz maravilhosa, entre flores, árvores, mares e países que se acham numa escala magnífica e aperfeiçoada. É o mundo dos artistas, onde a música, por exemplo, é tremenda no alcance e abrangência que tem, onde a forma é aperfeiçoada, onde cada objecto é tão vivo, muda, apresenta continuamente variedade, onde vivemos num ritmo muito mais agitado , onde, de facto, a miséria não é conhecida. A minha música ajudou-me muito. Sou necessária lá para o trabalho de harmonização e manutenção da regularidade dos processos vitais na Terra através da produção musical. . . Agora você vê que o Harold e eu estamos bastante satisfeitos e ainda somos bons amigos. Ele fez grandes avanços e tem um carácter muito mais forte, mais atencioso com os outros. Então pode-se-lhe confiar a Hilda quando ela vier. Você deve pensar nesta tragédia terrena dela como um preparo para esta felicidade e amor idílicos que a aguardam aqui. O Harold e ela são um, e eu fico feliz.
>
> O meu amor para si, da
>
> Nonie

Esta foi a nossa última sessão antes da Geraldine partir para a Irlanda e foi a última vez que a Nonie escreveu através dela. Pode ter sido notado que a Nonie é mencionada apenas uma vez na Parte I deste livro. É então afirmado casualmente que ela partiu para um mundo superior. (8 de Julho de 1945.)

A 10 de Julho de 1937, a Muriel escreveu que eles estavam a tentar melhorar a saúde da minha cunhada e continuou:

Agora, creio que graças a um fluido etérico que temos transmitido ao corpo invisível dela, sentimos que a sua vida será prolongada. Não precisas recear que ela te deixe neste outono ou inverno — não consigo ver além disso de momento. Mas não temas que ela fique acamada. *(Isso provou-se acertado.)* Posso parecer que te estou a dizer banalidades, mas a duração de uma vida nem sempre está registada no Registo (Livro da Vida) aqui. Quero dizer que o decreto original do destino com respeito à partida da terra é algumas vezes alterado. É permitido à alma permanecer mais um ou dois anos antes de estender as asas para voar. E creio que venha a ser assim no caso da Hilda, e a tua oração mais sincera para que ela possa viver para os filhos por mais algum tempo será atendida. . . '*A Infância de Jesus*' foi publicada em Setembro de 1937. Isso manteve-nos muito ocupadas. A Geraldine voltou da Irlanda e, a 16 de Outubro de 1937, tivemos a nossa primeira sessão daquele outono.

A Muriel então fez as seguintes observações com respeito ao seu jardim:

Tenho trabalhado arduamente para produzir um jardim que se sintetize com o seu homólogo terreno em todos os aspectos — as estações, o tempo, até a luz, têm de ser geridos para que a imagem da Terra, numa escala muito mais deslumbrante, seja reproduzida. É preciso muito tempo e paciência para obter o efeito perfeito. Não sou Próspero com a sua varinha mágica — não digo "jardim" e o jardim aparece. Tenho que trabalhar muito para isso — trabalhar de uma forma mais árdua, porém mais feliz, do que quando estava na Terra. Tenho que considerar cada folha, o seu formato e cor, como se fosse um artista. É emocionante — quando se consegue o efeito exacto que se deseja — talvez alguma lembrança antiga da infância, quando Junho parecia mais alegre, mais quente, as rosas muito mais lindas, muito mais requintadas do que antes. Sinto aqueles efeitos que recordo das melhores horas que tive com o Govy na terra. . .

CAPÍTULO VINTE E SETE

1938

"O PORTÃO DA VIDA"

Durante o outono de 1937, a Geraldine estivera muito doente e a minha cunhada muito preocupada com certos assuntos. A 17 de Janeiro de 1938, no entanto, depois de alguma discussão sobre acontecimentos pessoais, a Muriel voltou-se para a Hilda bebé, a quem ela afirmara estar a cuidar até que a sua própria mãe se juntasse a ela. E escreveu:

Minha querida! Ela tem todos os jeitos da Hilda e é tagarela como ela — ela é como uma borboleta a voar por aqui e por ali, por todos os lugares, e tem paixão por flores. Mas ela tem uma coisa que a Hilda não tem: um verdadeiro amor pela música. Ela fez as flores cantarem, diz ela — uma

orquestra de flores. É bem verdade. Ao brincar com as suas múltiplas cores, são produzidos sons, e até agora a minha pequena Hilda conseguiu fazê-las cantar canções infantis muito encantadoras do velho mundo. Eles são uma delícia. Assim, estou sempre a divertir-me e a surpreender-me com o meu bebé Mozart!

~ ~

O inverno e a primavera de 1938 foram fervilhantes de agitação. A Geraldine estava muito deprimida e incapaz de fazer muito trabalho psíquico. Contudo, no Domingo, 13 de Março de 1938, ela sentou-se para escrever automaticamente. Pelas anotações que fiz à época, registei que os jornais dominicais tinham saído com enormes manchetes a reportar sobre a marcha de Hitler sobre a Áustria. O ar devia estar cheio de pensamentos de guerra. Ambas tínhamos considerado que, naquele dia, seria interessante obter alguma comunicação de uma "autoridade" no Invisível que expusesse as suas opiniões sobre a situação. Para minha surpresa, um dos "Mensageiros" escreveu o nome e imediatamente começou o livro que posteriormente chamamos de *'A Maturidade de Jesus'*. Fazia algum tempo que não recebíamos comunicações deles.

Esse volume foi continuado a partir dessa data. Devido a isso e à súbita doença e operação do meu irmão Arthur, e às preocupações decorrentes da minha cunhada, tínhamos apenas sessões ocasionais, em que a Muriel e o Harold comunicavam.

A 13 de Abril de 1938, a Muriel procurou assegurar-me a recuperação do meu irmão e, do consequente resultado, do consolo da Hilda. É verdade que o meu irmão se recuperou — durante um tempo — e isso teve uma reação feliz na minha cunhada. Foi nessa sessão que pressionei a Muriel sobre o falecimento de Hilda e, com relutância, conforme pareceu, ela respondeu que hesitara em escrevê-lo, mas não houvera "muito antes da Hilda — nenhuma felicidade grandiosa na terra — não poderia haver." A Muriel garantiu-me que a Hilda não estava tão infeliz quanto eu imaginava, pois, curiosamente, ela se tinha tornado mais religiosa, e isso encorajou-a e habilitou-a a ser brilhante sem muito esforço. Muitas vezes era um mistério para mim compreender como, quando o meu irmão ficava tão doente, na presença dele e de outras pessoas, ela sempre parecia alegre. Na verdade, era como se ela fosse "impulsionada" por algum tipo de poder espiritual.

O Harold também escreveu na data acima no seguinte sentido:

> . . .Sei que parece horrível da minha parte, mas estou tão feliz — tão imensamente feliz só de pensar, depois de todos esses anos, que encontrei a Hilda e também me encontrei. É extraordinária a paz, a certeza que tenho ao saber que, mais tarde, a Hilda virá até mim. Não sinto que toda a miséria pela qual passei tenha importância. . . Eu vou levá-la ao seu amado deserto e vou viver com ela nos raios da luz cósmica — é muito melhor do que qualquer sol. Provoca tal euforia, tanta alegria. Nunca nos sentimos enfadados aqui. Vou-lhe mostrar lugares maravilhosos, flores exóticas e cores lindas, muitos delas bastante novas para ela e ela vai ficar maravilhada com os milhares de novas maravilhas aqui. Será para ela como uma história das Mil e Uma Noites — uma maravilha após a outra — e quando ela quiser voltar para casa, voltará novamente ao jardim de Nymans. . .
>
> Diz-lhe que vou cuidar dela quando ela vier para aqui. Depois que ela passar, eu serei o primeiro que ela vai ver. Será como se ela acordasse de um longo sono. Não haverá terror — nenhuma escuridão para ela nessa ascensão para fora do seu corpo cansado. Mas actualmente sei o quanto ela é necessária na Terra. Mesmo assim, anseio que ela venha para mim e possa confiar no meu amor. Eu não vou decepcioná-la. Pois eu nunca mais podei ficar infeliz ou triste se ela estiver comigo. Agora sei o quanto ela é infinitamente querida e preciosa para mim. Nada mais importa, desde que eu tenha o seu amor e a sua companhia quando ela tiver passado pelos Portões da Vida, pois isso não deveria ser chamado de morte, e são realmente os Portões da Vida. Diz-lhe para

pensar dessa forma e lembrar-se que, além desta suposta morte, estou à espera dela com todo o meu amor e devoção.

No dia 17 de Maio de 1938, a Astor anunciou a presença da Muriel, que escreveu o seguinte:

> Minha querida,
>
> Como tu estás triste. Não deves preocupar-te muito. Quero que saibas que a nossa querida Hilda está mais feliz do que nunca. Embora pareça tão cansada, quando regressa a Wickenden encontra uma certa felicidade, em parte por saber que tem este trabalho a realizar — o de proteger o Arthur e os rapazes dos medos e ansiedades que têm de suportar. Isso deu-lhe força e por vezes uma certa paz. Não tee deves preocupar com ela, porque ela está a realizar, através das tribulações, o que lhe irá trazer a recompensa de uma felicidade realmente perfeita aqui quando ela vier. Mas ela terá que ficar mais um pouco na terra, e as coisas gradualmente irão tornar-se um pouco mais fáceis. Ela deve ser levada a acreditar que o Arthur vai ficar bem de novo. É esse medo secreto que a perturba até certo ponto. Mas o que também a perturba é o medo ocasional de não conseguir continuar. Mas ela vai continuar. Ela não precisa duvidar disso. Ela será capaz de fazer com que as coisas corram bem para os seus entes queridos até que chegue a sua hora, pois essa hora deve chegar para todos. . .

De notar que a Muriel diz apenas que a Hilda "deve ser levada *a acreditar* que o meu irmão ia ficar bom de novo.

No final de uma sessão em 20 de Junho de 1938, o Harold transmitiu a seguinte informação:

> Quero que saibas que aos poucos me tenho vindo a descobrir — parece egoísta, mas tudo tem sido bastante emocionante. Há metros e metros de material que estou justo a descobrir agora — de mim próprio, parte dele com um padrão bastante interessante. Mas todos os novos padrões se misturam com os padrões da Hilda. Na verdade, somos um monograma, HH MM. HM HM, a mesma coisa. Muito bem. Todos os nossos padrões finalmente se encontram e formam um. Parecer-te-á uma tolice, sem dúvida, a ti, mas para mim é uma coisa formidável. A Hilda e eu só poderemos salvar as nossas almas vivas se estivermos juntos. Só poderemos ser felizes de novo na terra se lá pertencermos uns aos outros. O facto de ambos termos passado a pertencer a outras pessoas na terra não foi culpa delas, não pudemos evitar, não tivemos oportunidade naquela última vida. . .

Mais dois pequenos excertos são de interesse para a continuidade destas comunicações. Foram feitas numa sessão a 6 de Novembro de 1938. A Muriel foi quem escreveu. Referi a ocasião em que ela disse que vira o Nigel a seguir sozinho e que eu não conseguia entender a que se referia. Ele estava muito feliz com a esposa, e esse comentário dela deixou-me intrigada. Ela escreveu:

> Posso explicar? Eu vi-o num trecho da estrada à frente, sem a Peggy. Eu não poderia dizer o que tinha acontecido. Pode ser que eu tenha tido um vislumbre de algo a anos de distância, como às vezes sucede. Mas o vosso tempo do seu agrado — o seu sonho de um jardim terreno perfeito. Estará pronto e à espera quando ela vier para nós. Mas ainda não está acabado. Pois ela tem que ser poupada para o Nigel e o Tony por vários anos, pelo que não há pressa em preparar o jardim dos seus sonhos. Quanto ao querido Nigel, gosto tanto dele e muitas vezes tento encontrá-lo quando ele está a dormir e a aproximação é tanto mais fácil. Sim, em primeiro lugar foi decidido que a Hilda viria até nós neste outono. Mas, conforme já te disse, em raras ocasiões o destino muda. Foi adiado por causa dos meninos. Eles ainda precisam dela me muitos aspectos, e mais do que ela imagina. . .

Note-se que apenas os meninos são mencionados como necessitados da ajuda de Hilda. Obviamente, a Muriel sabia que o meu irmão se juntaria a eles antes que a própria Hilda falecesse.

CAPÍTULO VINTE E OITO

1939

"A NATUREZA DO AMOR APÓS A MORTE DO CORPO FÍSICO"

Periodicamente, durante 1938 e 1939 estivemos empenhadas em escrever *The Manhood of Jesus*, assim como outros trabalhos. Em consequência, tive muito poucas sessões de carácter pessoal. A 5 de Fevereiro de 1939, porém, a Geraldine obteve uma comunicação do Govy, da qual se extrai o seguinte:

> A minha querida filha vai nos trazer alegria quando chegar. Eu mudei desde que a ansiedade e os medos da vida terrena desapareceram. Não sou mais indiferente e severo. Aprendi a ver os meus defeitos e, espero, até certo ponto, tê-los corrigido. A Hilda vai encontrar em mim um pai amável e terno que deseja apenas a sua felicidade. Ele gostaria de a ver como um pássaro brilhante sempre com uma canção no coração. E ele verá que, nesta vida, ela tem o que ele tanto deseja para ela e deveria ser dela — aquele brilho, aquela paz e aquele prazer contínuo pelas coisas simples e belas.
>
> Quando estive na terra, tive o pensamento muito ocupado com trabalho e preocupações para poder dar aquela atenção especial à Hilda, e sempre tive medo de mostrar favoritismo. Mas a Hilda foi para mim algo muito precioso mas, devido ao retraimento e timidez de que padecia, por vezes não conseguia alcançá-la como gostaria. Por aqui todas as barreiras serão derrubadas e seremos pai e filha preferida. É verdade que a Muriel, em certo sentido, me é mais próxima do que a Hilda. Isso por eu ter gozado muito da sua querida companhia. Por outro lado, a Hilda está mais próxima de mim — mais próxima do que todas. É através da noção de beleza e desejo dela de perfeição que somos um. Quer dizer, a Hilda e eu, descobri desde a minha morte, estamos no mesmo nível espiritual e partilhamos muitos dos mesmos defeitos e virtudes. Assim ela terá uma compreensão que vai muito fundo nas coisas fundamentais, no sentido de que nós dois estamos separados do resto da minha família, e isso me levou a apurar que ela está em primeiro lugar para mim. Mas não vou mantê-la longe do Harold, pois sei que ele mais precisa dela, e tenho a Annie, minha esposa — sempre tão querida para mim. . .

A 7 de Maio de 1939, em resposta a uma pergunta minha sobre como o Arthur iria gostar, quando falecesse, de descobrir que o Harold havia, por assim dizer, usurpado o seu lugar, o Govy respondeu, dizendo:

> Minha querida, tu não entendes. Quando o Arthur e a Hilda vierem para cá, eles não se encontrarão nem se verão durante um tempo e, quando o fizerem, serão apenas conhecidos ou amigos que partilharam alguns anos juntos numa época remota. Precisas compreender que o amor deles se baseava em grande parte nos instintos naturalmente fortes da juventude; tinha, em suma, uma base física. Para ser franco, foi em grande parte o desejo e o hábito de viver juntos que embelezaram com a palavra amor. Por aqui, sem o corpo material, o desejo desaparece e o hábito é rompido. O Arthur gravita para junto daquelas pessoas que lhe são próximas — a Hilda gravita em torno daqueles que ela realmente ama. O Arthur não precisa da Hilda, nem a Hilda quer o Arthur — ele não vai querer que ela cuide dele. Ela perceberá imediatamente que o Harold é o dever dela — que o Harold precisa de cuidados. Ela adquirirá todas as outras memórias das suas vidas passadas juntos e estas superarão completamente a memória do pequeno episódio do século XIX.

A 23 de Julho de 1939, o Govy escreveu novamente e, em resposta a uma pergunta minha, disse:

> Então poderei falar com franqueza? Angustia-me fazê-lo. Consegues suportar isso? Não creio que a Hilda permaneça convosco depois da primavera de 1940. Não consigo indicar o tempo com muita precisão. Mas é assim que me parece a mim. . . A sua partida, acho eu, provavelmente deverá ficar

> a dever-se à pressão arterial e de forma bastante repentina, o que será misericordioso. . . O jardim, o jardim da Hilda, vai ficar lindo quando ela chegar.

Como os leitores sabem, a morte da Hilda ocorreu conforme descrito acima, embora um ano após o indicado. Isto ilustra a dificuldade de ler o tempo com precisão nos registos do Além.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

1940

"A HILDA DESCOBRIRÁ QUE ESTÁ DE VOLTA PARA O LAR"

A Segunda Guerra Mundial tinha-se se materializado. A Geraldine esteve na Irlanda de Agosto de 1939 até o final de Março de 1940, quando retornou a Londres. Ela veio para dar uma série de quatro palestras sobre o trabalho psíquico na Escócia. Eles haviam sido combinadas um ano antes. Antes de ela voltar, porém, tivemos algumas sessões pessoais. Na primeira delas, a 8 de Maio de 1940, após algumas preliminares, o Govy escreveu o seguinte:

> Mas não é isso que me traz aqui hoje. Tu és corajosa, eu sei, pelo que podes encarar o facto de que, daqui a pouco, a Hilda parte de viagem até nós. Não será doloroso nem muito difícil, mas fácil e rápido. É melhor que ela venha logo. O mundo não será lugar para ela depois desta guerra. Vai continuar a ser abalado durante algum tempo pela turbulência, pela comoção civil e pelo descontentamento. Ela vai ficar bem além disso. Mas creio que ela tem o seu verão entre as flores, e não está tão infeliz, pois aprendeu a encontrar o céu, de vez em quando, no seu próprio coração. Na verdade, ela não tem mais nada a aprender, pelo que é hora de ela reencontrar a sua juventude connosco. Deves encarar isso desta forma: ela está a desfazer-se do disfarce da velhice, e o seu espírito jovem, livre das suas vestes desgastadas, será mais alegre e feliz do que tu jamais conheceste. . .
>
> Daqui a pouco ela passeará pelo nosso jardim e verá os seus sonhos realizados, pois ela tem uma "mente de conto de fadas" e verá o seu conto de fadas encenado para ela aqui. . . Quero que a minha Hilda saiba que estamos todos à espera dela com impaciência. Concluímos o jardim dela, e todas as flores, ervas e árvores que ela ama estão nele e a Muriel fez um jardim de rosas especial para ela. A Hilda nunca ficou satisfeita com as suas rosas na terra. Ela vai ficar bastante satisfeita com aqueles que a Muriel cultivou para ela aqui. A Muriel diz para dizer à Hilda que, como ela não teve permissão de criar um jardim para ela na terra, ela fez um aqui conforme planeara no seu pensamento originalmente para Wickenden, pelo que a Hilda irá descobrir que está de *volta a casa* e não a afastar-se, quando atravessar as portas da chamada morte — que são as Portas da Vida. . . O melhor ainda está diante da minha Hilda, a pior parte da sua jornada terrena já passou.

Eu questionei o comunicador em relação ao futuro do Nigel e do Tony. Ele declarou que não viu nenhum deles a lutar e continuou:

> O Tony poderá ir para o exterior durante um curto período. Mas ele não parece situado muito longe. O Nigel ficará fora por mais tempo, imagino. Mas essas imagens vêm e vão tão rapidamente que é difícil ser preciso. . .

Conforme registado em outro lugar, o Tony foi ao Norte da África durante um curto período, mas não antes de 1943, e não viu nenhum combate. No que diz respeito às suas observações sobre o Nigel, o Govy provavelmente estava bastante consciente de qual seria o seu destino, mas encobriu-o, por assim dizer. Afinal, esta seria a coisa natural e mais humana a fazer, dadas as circunstâncias. A todo custo, qualquer previsão da morte do Nigel precisaria ser ocultada da Hilda.

A 11 de Maio de 1940, a Muriel escreveu o seguinte:

> Minha querida,
>
> Aí estás tu, na querida e velha Londres, com todas as terríveis nuvens de guerra ao seu redor. Quero que a querida Hilda tente sentir que além e acima de todo esse horror e assassinato existe paz — que o Govy, o Harold e todos nós vivemos nessa paz para a qual ela chegará quando não for mais necessária ao Nigel e ao Tony. Em certo sentido, eles sempre precisarão dela — do seu amor, mas isso ela ainda lhes poderá daqui. O que realmente quero dizer é que ela viverá até que eles se estabeleçam novamente na sua antiga vida — seguros e protegidos — e que é tudo para o Nigel e o Tony sentirem que ela está lá em Wickenden — isso dá-lhes mais coragem.
>
> Só mais uma mensagem para a Hilda. Poderias dizer-lhe que ela estará mais próxima do Nigel e do Tony quando estiver no nosso mundo do que quando está na Terra? Pois, devido ao grande amor que ela tem por eles, ela poderá ir ao seu encontro enquanto estiverem a dormir. Quando as pessoas vivas adormecem, a sua alma deixa o corpo e a alma pode então encontrar e conversar com um espírito que se encontra numa outra vida. No Livro das Orações isto é chamado de Comunhão dos Santos: os primeiros Padres da Igreja sabiam que os chamados mortos iam ao encontro dos seus entes queridos quando estes dormiam. Os meninos dela irão encontrá-la e ela ainda irá conversar com eles e aconselhá-los. Só que eles não serão capazes de levar de volta a lembrança, excepto talvez apenas vagamente como um sonho — mas eles recordarão as palavras e os conselhos dela e acreditarão que são os seus próprios pensamentos. Desta forma, ela ainda poderá guiá-los e influenciá-los e partilhar com eles as suas vidas terrenas. . .

Depois de escrever este texto, a Muriel acrescentou:

> Minha querida, *escrevi esta mensagem para a Hilda.* A outra que demos foi para ti. É claro que sabemos que a Hilda virá até nós enquanto o Nigel e o Tony estiverem fora. Mas queremos que ela receba a mensagem que escrevi para a ajudar. Abstive-me propositalmente de dizer quando ela partiria. Mas tentei explicar que há um propósito na continuidade da vida dela, para lhe dar coragem nestes últimos meses. . .

O Tony estava na Inglaterra no momento da morte da mãe, mas fora, no sentido de que estava no norte e só poderia chegar a Wickenden no dia seguinte.

Será de notar que os chamados mortos têm muita consideração pelos vivos. E a mensagem acima parece confirmar a minha afirmação de que o controlador ou comunicador muitas vezes tenta animar aqueles que ficaram para trás, ocultando-lhes a verdade real sobre as provações que os aguardam. É um acto de bondade natural e humano, embora por vezes possa levar a que uma observação feita por um comunicador seja interpretada como uma profecia que não se concretiza.

Através destes escritos, como se deverá notar, nenhum indício é dado da morte iminente do Nigel em batalha, mas parece óbvio que a família M. previu isso. Ainda mais curioso é o facto de não ser feita nenhuma menção, nem dado qualquer indício, da morte do meu irmão Arthur, ocorrida em Junho de 1941. Em certa ocasião, eles explicaram que eu estava inconscientemente em contato com a mente da Hilda e que era necessário que eu me esforçasse por a manter divertida. Tivera eu tido conhecimento do que estava para acontecer tão cedo, e talvez eu não tivesse sido capaz de esconder o medo disso da Hilda. Neste caso, teriam sido causados danos à sua mente já atormentada.

A última comunicação antes de Geraldine retornar à Irlanda, em Maio de 1940, veio do meu irmão Frank. A única parte que tem alguma relação com esta história está contida nas seguintes palavras escritas em 17 de Maio de 1940:

> Vamos ter pesadas perdas na vida. Acho que o Nigel está ferido, mas vai recuperar. Sinto que o Tony supera tudo bem e volta como um homem maduro. Mas a Hilda vai partir antes que a paz chegue. . .

Conforme registado na Parte I, o Nigel recuperou do primeiro ferimento. Note-se que o meu irmão se refere apenas ao retorno do Tony. A Hilda faleceu quatro anos antes da capitulação da Alemanha. Alguns detalhes notáveis a respeito de Hilda e do futuro dos seus dois filhos também me foram dados em Abril de 1940, pela Sra. Taylor, uma médium de transe.

. . . .

Foi só no outono de 1940 que o estado de saúde do meu irmão Arthur deu origem a uma ansiedade renovada. Ele estivera notavelmente bem durante todo o verão.

Os leitores da Parte I deste livro notarão que, ao concluir esta última parte, começa a nova vida de Hilda no Desconhecido. Ao ler esses primeiros escritos, não posso deixar de ficar impressionada com a maneira como tudo o que foi escrito sobre os preparativos para a chegada da Hilda parece ter acontecido. A felicidade que tanto enfatizaram ela têve-a. O encontro dela com o Harold, a quem ela era devotada — o reconhecimento dele da associação que ela tinha com ele e do seu amor por ela. O jardim feito para ela — tudo, na verdade, escrito nesses primeiros escritos parece ter-se materializado mais tarde, conforme planeado.

Os céticos poderão dizer que toda esta descrição da vida na Outra Vida é um "conto de fadas" — como a própria Hilda terrena estava inclinada a acreditar. Eles colocá-la-iam de lado, considerando-o uma invenção da mente subconsciente da automatista. É preciso admitir, é claro, que a Geraldine Cummins conhecia a minha cunhada e costumava ficar hospedada em Wickenden. Poder-se-ia supor, pois, que lhe fora fácil reproduzir a personagem da Hilda e, a partir da sua imaginação, construir condições possíveis para a Hilda e os parentes dela no outro mundo. Embora a Geraldine tenha um forte senso de humor, acho que ela tem pouca capacidade para inventar os toques espirituosos, tão característicos da minha cunhada e do Harold (que ela nunca tinha conhecido), que aparecem aqui e ali na Parte I destes escritos. Além disso, deve-se lembrar que outras pessoas *inteiramente desconhecidas* da Srta. Cummins escreveram através dela e as suas personalidades foram reconhecidas pelos seus parentes e amigos. (Ver *'Eles sobrevivem.')*

Além disso, para considerar apenas um incidente: mesmo que os diversos pequenos detalhes que enumerei neste volume, escritos pela Geraldine mas desconhecidos dela, sejam descartados como sendo explicados por telepatia ou por alguma outra teoria, certamente a visão do tanque do Nigel e a explosão é difícil de ser explicada por qualquer outra teoria que não a da sobrevivência. A cena descrita era, na época, do conhecimento apenas dos seus poucos camaradas que Geraldine nunca havia conhecido. Na escrita automática, isso foi precedido pela escolha da rosa correta para o Tony — um facto preciso e obscuro, do conhecimento apenas dele e da sua mãe, mas de considerável valor sentimental.

PÓSFÁCIO

Talvez eu não possa terminar este livro com uma nota melhor do que registando uma mensagem para o Nigel e o Tony que foi encontrada entre os papéis da Hilda após a sua morte em 1941.

Uma mensagem aos meus amados meninos para lembrarem que eles ainda estarão muito perto de mim e que estarei sempre a cuidar deles e a orar para que possam levar uma vida boa e útil.

Que o Espírito Santo de Deus vos encha as vidas e seja uma força nas vossas fraquezas, os guie nas vossas dificuldades e console nos vossos problemas. Lembrem-se de que antes que a nossa vida possa alcáçar profundidade, ela precisa envolver Deus.

Coloquem a vossa confiança em Deus, que Ele nunca os haverá de deixar ficar mal. Lembrem-se sempre de ser verdadeiros cavalheiros, o que significa ser tão gentil quanto uma mulher e tão viril quanto um homem.

Façam todo o bem que puderem, por todos os meios que tiverem ao alcance, em todos os momentos que puderem.

Que o amor de Deus os cubra, o Seu poder os proteja, o Seu Espírito os guie e a Sua paz os envolva.

Sempre,

A vossa mãe.

EPÍLOGO

O PROPÓSITO QUE EXISTE POR TRÁS DE UMA VIDA TERRENA

No início de 1947, A Hilda escreveu o seguinte:

Tenho tanto para contar. O Harold tornou-se meu companheiro permanente — ou, como ele se autodenomina, a minha praga permanente, em Wickenden. Haverias de ficar surpreendida com o quanto eu adoro a minha praga. Lembras-te de como eu abominei as pragas de insectos no meu jardim terreno. Estranhamente, esta praga humana completa a minha felicidade.

Não gostei de falar sobre isso antes, pensei que tu não entendesses. Mas o Harold está comigo há algum tempo. Ele não é um mero inquilino e eu a senhoria, que lhe cobra um aluguer semanal pelos meus serviços e o mantenho em ordem. Ele é um residente adorável e exactamente como era nos velhos tempos — animado, provocador e muito raramente mal-humorado. Ele requer muita atenção, é claro, pois sou sua assistente e trabalhamos juntos e divertimo-nos muito nos nossos desentendimentos.

Bea, querida, estou maravilhosamente feliz agora. Todas as manhãs, após o meu período de quietude e descanso, agradeço a Deus pelo milagre de estar viva — bem, no meu corpo novo — e, para ti, insubstancial — e aguardo com alegria as lindas horas de trabalho criativo que tenho diante de mim com o Harold no Jardim. Poderás dizer que uma vida assim é incrível, ou talvez digas que é muito egoísta da parte do Harold e de mim dedicarmos toda a nossa vida a criar um lindo jardim — criar a partir de sonhos terrenos uma obra de arte perfeita. Mas todo esse trabalho feliz tem um propósito. Além das nossas flores darem prazer aos outros, estamos neste trabalho como estudantes, a treinar para um propósito distante e superior. Poderei dizer que propósito é esse?

O Harold e eu estamos a criar plantas lindas, arbustos e árvores neste mundo após a morte, para que um dia destes estejamos aptos a nos tornarmos os Espíritos Guardiões das plantas, arbustos ou árvores que crescem na terra. Talvez tu não saibas que, à medida que nós, viajantes da Terra, avançamos para esta Vida Maior, nos tornamos cada vez mais parte do Divino Espírito Criativo. É como um vasto mar, e nós somos como gotas d'água nesse mar. "Este Divino Espírito Criativo está por trás do nascimento e crescimento de tudo na terra. A mais pequena planta de trevo — a mais pequena planta depende, para seu apoio de vida, desta Imaginação Divina.

Quando o Harold e eu estivermos muito mais sábios e desenvolvidos, transmitiremos o sopro de vida às plantas terrenas e, trabalhando com muitas outras almas, daremos ao teu mundo as belezas que adornam cada estação. Talvez possas dizer que blasfemo ao sugerir que o Harold e eu possamos algum dia realizar um trabalho que pertence somente a Deus. Mas em cada alma humana existe uma pequena chama como a chama de uma vela, e esta chama é um pensamento de Deus. Às vezes, durante a peregrinação terrena, um homem ou uma mulher é tão perverso, cruel, que a chama fica amortecida ou se apaga. Mas todos aqueles que preservam essa luz, por mais tênue que seja, enquanto fazem a sua peregrinação no Mundo Zero, continuarão aqui com uma chama cada vez mais brilhante e trabalharão de alguma forma para criar, manter e conservar o vasto universo.

Mas alguns dos peregrinos da terra podem ter que nascer de novo na terra para que a pequena chama seja vitalizada e queime com maior pureza, para que a alma esteja eventualmente apta para aquele segundo Mundo Criativo que descrevi. Poderia ser chamado de "Grande Laboratório" — pois suponho que deveria usar termos científicos. De qualquer forma, num futuro distante, trabalharei nesse Laboratório da Natureza, a destilar e a ajudar a produzir aquela fina essência que chamo de "sopro da vida," o que faz, por exemplo, com que a pequena prímula brote da sua raiz na floresta de Sussex — primeiro, esticando as folhas minúsculas, depois, por fim, criando carpetes amarelas com as flores.

Mas antes de eu ser qualificada como trabalhadora no Exército de Deus, o Harold e eu passaremos mais uma vida na Terra. Pois nela, como artistas e escultores, aprenderemos tudo o que necessitamos saber para a nossa tarefa de Espíritos Guardiões das Flores. E enquanto escrevo sobre esse regresso à Terra, gostaria de dizer que as pessoas não têm um grande número de vidas na Terra. Pelo que sei, elas voltam algumas vezes se for necessário para o crescimento das suas almas.

Tive várias vidas na Terra e voltarei a ela apenas mais uma vez. O meu espírito, ou natureza superior, escolheu que eu fizesse várias jornadas na terra — cada vida é uma jornada — porque eu tive que aprender mais do que a muitos é exigido que aprendam, a fim de me tornar parte do Divino Espírito Criativo — um guardião da vida dos jardins do mundo.

Gostaria de te contar que o Arthur e o meu querido Ni fizeram uma "grande viagem," conforme o Ni lhe chama. Em companhia do Frank e de alguns outros jovens, eles exploram este vasto mundo dos chamados mortos. A Terra, com os seus milhões e milhões de pessoas, é, numericamente falando, uma bagatela comparada com o tamanho e a quantidade daqui.

A comunicação acima de Hilda parece revelar o propósito que está por trás do seu amor pelas flores, tanto na Terra como na Outra Vida. O rompimento com o Nigel foi feito. Como a Muriel escreveu a 4 de Janeiro de 1943 (p. 92), ele agora "começa a trilhar o seu próprio caminho nesta vida."

A Hilda continuou com as seguintes palavras:

E agora o meu mestre-escola pediu-me para escrever enquanto me dita. Por favor escute.

A Hilda falou-te acerca dela e da família. É um registo, uma história. Hoje desejo escrever sobre aquelas que chamo de "almas estáticas." Pelo menos, na minha opinião, elas estão estacionárias, embora, na opinião delas, levem vidas activas e ocupadas.

Muitos milhões de pessoas que passam pela "fronteira invisível de que nenhum viajante retorna" cumprem literalmente aquela afirmação feita pelo Shakespeare num momento inspirado. Pois eles continuam a repetir as condições familiares da vida terrena no Mundo Número Um. São homens e mulheres que são criaturas de hábitos. Eles não buscam a Aventura Divina. Eles não estão suficientemente desenvolvidos para romper com a rotina. Eles estão satisfeitos com isso. A experiência crucial da Galeria da Memória não consegue dar-lhes a paixão espiritual pelo progresso em planos novos e estranhos do ser. Via de regra, essa gente não procura reencarnar na Terra — pelo menos, até onde minha visão alcança, elas não viajam nem voltam para ascender mais acima. Assim, perceberás que existem os viajantes e as almas que estão confinadas à casa, nas aldeias ou nas cidades, na Eternidade. Ou seja, permanecem centrados em si, nos seus hábitos de vida.

A Hilda e o Harold são viajantes. Eles estão até preparados para enfrentar os sofrimentos de uma última vida terrena para poderem ascender a mundos mais elevados.

A reencarnação, pois, é verdadeira para alguns e não para outros. Mas tem em mente que a minha visão faz não abrange a Infinidade. Eu só posso assegurar-te que todos salvo algumas almas se unem eventualmente a Deus. Lá é nem palavras nem linguagem que possa descrever essa unidade quando a escória tiver sido separada — esse milagre de unidade com Deus, que tem muitos nomes mas é o Divino Espírito.

Eu passei-te a mensagem do meu tutor. Mas eu apenas escrevi uma introdução com respeito a esse mundo. Quem irá acreditar nisso? Palavras que são insufladas fundo a alma como que pelo vento, e, como que vento, nascem no Mistério.

HILDA.

FIM

APÊNDICE

UMA SESSÃO COM A SRA. DOWDEN

Este registo de uma sessão tida com a Sra. Dowden a 20 de Junho de 1942 é notável por ilustrar e corroborar a ansiedade da Hilda com respeito ao Nigel e o facto de ela ainda não ter sido informada da sua morte. Ao ler o que segue, lembramos ao leitor que nem a Sra. Dowden nem eu tínhamos a menor ideia de que a Srta. Cummins estava, nessa data ou próximo dessa data, também em sessão de escrita automática na Irlanda.

Sábado, 20 de Junho de 1942, Praça do Jubileu, 25, às 14h40:

(A Sra. Dowden escreveu em um banquinho ao lado da minha cama, como nas sessões com a Geraldine Cummins.)

Johannes: Há três pessoas aqui hoje. Digo isso porque você pode desejar ter outros. Os três que vieram aqui são a Hilda, a Ethel e o seu irmão Frank.

Aqui a Sra. Dowden olhou para cima e disse: "Você tem um irmão chamado Frank? Eu não tinha ideia." Após alguma conversa com o Frank, pedi-lhe que me falasse da Hilda. Ele respondeu:

A Hilda está com a família, naturalmente, a pobrezinha. E o Arthur, totalmente descontente, reclama por não a ter com ele.

Depois de mais alguma conversa, pedi-lhe que deixasse a Hilda falar.

Hilda: Foi difícil ceder um pouco do tempo ao Frank, mas ele queria muito falar contigo. Estou mais feliz. Como sabes, eu já te disse isso, e só estou um pouco preocupado com os meninos, só isso. Quero que me contes tudo o que sabes sobre o Nigel, tudo.

B. G: Bem, eu gostava de saber se me poderia dizer alguma coisa.

Hilda: Posso contar a *minha* versão. Estou inquieta, como disse, e não é de admirar. Até agora seguro, mas por quanto tempo?

B. G: Por que estás tão ansiosa?

Aqui a Sra. Dowden perguntou se ele estava afastado da guerra. Abanei a cabeça e ela disse: "Que horrível."

Hilda: Eu interrogo-me se a guerra vai continuar por mais tempo do que esperávamos aqui, e é claro que há perigo todas as semanas. Estou apenas num estado bastante irracional, provavelmente.

B. G: Bem, é claro que as coisas estão muito feias, mas seria ótimo se ele fosse até ti. Não sofrerias essa ansiedade então.

Hilda: Eu sei disso e não posso evitar. As coisas não estão muito boas para ele, sabes?

Sem saber como lho contar, repeti mais ou menos o que já havia dito.

Hilda: As coisas estão muito sérias. Se ele viesse para aqui eu adoraria tê-lo à minha volta. Isso seria muito egoísta, pois agora que estou aqui percebo como é uma desvantagem passar para cá tão cedo.

B. G: A Muriel está aí? Posso trocar umas palavras com ela?

Hilda: Ela está sim, é claro que podes. Estou quase sempre com ela.

Muriel: O que é? Estou ao lado da Hilda.

B. G: Se tu estás aí, Muriel, não sabes o que aconteceu?

Muriel: Sim, eu sei. Podes ver como Hilda é, não?

B. G: Não seria melhor contar a ela, embora é claro que tu conheças melhor as condições do que eu?

Muriel: Não, ainda não, ainda não devemos. Temos escondido isso cuidadosamente dela. Deixa estar como está. Ela ainda não está em condições de saber. Tu viste o quanto ela ficou chateada no início. Bem, isso está lentamente a passar como uma doença, e agora não ousamos incomodá-la de novo.

Olhei para a Sra. Dowden, que imediatamente disse: "Por que não contar-lhe? É muito melhor fazê-lo." Relembrando as observações da Hilda nos escritos da Geraldine, sobre a família não a compreender, e a manter na ignorância, aumentando assim a sua ansiedade, comentei com a Muriel que achava que seria melhor contar-lhe.

Muriel: Se quisermos contar-lhe, talvez seja melhor que tu o faças. Ficamos muito intrigados sobre o que é melhor fazer. *(Ver a carta da Ruth, 16 de Junho de 1942.)*

B. G: Bem, então deixa-a vir.

Hilda: Estou aqui de novo. Quero explicar por que estou tão preocupada com Nigel. Não consigo encontrá-lo. Eu tentei tanto.

B. G: Pediste à Muriel para tentar encontrá-lo por ti ou para te levar até ele?

Hilda: Levar-me? Não, não pedi, mas estou com medo. Estou realmente assustada. Acho que ou ele está gravemente ferido e não consigo vê-lo, ou ele veio para cá.

B. G: Bem, sabes o quanto ficarias feliz em tê-lo, e prefiro pensar que ele foi para aí, mas será a melhor agora, ele ter ido.

Hilda: Ele está ferido ou passou para cá?

B. G: Acho que ele passou para aí. Ele provavelmente está em um dos vossos hospitais. É natural que ele acorde e se veja a ser tratado e não em um lugar estranho. A Muriel e a Ruth ajudar-te-ão a encontrá-lo.

Hilda: Bem, assim está melhor, sim, está melhor. Fico grata por ele não estar ferido.

B. G: Não, ele está bem agora. Vocês serão tão felizes juntos.

Hilda: Sinto que não posso falar sobre isso. Ele não está com o Arthur e não está comigo.

B. G: Não, ele provavelmente foi levado para algum lugar seguro e está a dormir tranquilamente. Ele ainda pode estar inconsciente e não saber que passou, mas logo o hás de encontrar.

Hilda: Ele deve estar no hospital, mas eu quero ficar com ele. Preciso esperar um minuto e pensar. *(Pequena pausa.)* Falarei agora. Fico feliz por me teres contado. Mas por que a Muriel não me contou?

B. G: Suponho que ela estava com medo de te incomodar.

Hilda: Foi pior. Quando cheguei hoje, estava muito inquieta. Eu disse: "Fala-me sobre ele," e tu não pareceste ser capaz de me dizer nada. Agora eu sei e vou vê-lo, onde quer que ele esteja. De qualquer forma, eu tê-lo-ei, e talvez no final seja melhor. Eu nunca tive certeza do que poderia estar reservado para ele.

B. G: Sim, eu sei. Bem, podes encontrá-lo em algum estado dormente em algum lugar, por isso vai até ele. Sabes o quanto ele te ama.

Hilda: Eu sei que ele me ama. Posso compensá-lo, acho eu. Eu adorei-o. Estou a pensar naquele primeiro encontro. Quando é que ele irá ficar bem o suficiente para saber?

B. G: Não posso dizer-te, mas tenho a certeza que muito em breve. A Muriel saberá e tu vais ficar muito feliz em tê-lo contigo.

Hilda: Sim, eu vou tê-lo. Ele será exatamente o que foi quando foi bebé.

B. G: Pede ao Frank para te ajudar a encontrá-lo. Eu sei que ele fará tudo o que puder.

Hilda: Vou pedir ao Frank. Mas por que ele não me contou? Ele é amável. Eu acho que é maravilhoso e é um grande choque também. O Artur sabe?

B. G: Não sei.

Hilda: Eles contaram-lhe, ousaria dizer. O Nigel não era o mesmo para ele que era para mim.

B. G: De qualquer forma, ele pode ter sido gravemente ferido e incapacitado, mas agora não precisas preocupar-te com ele.

Hilda: Bem, ficarei mais feliz e espero compensar o que ele deixou para trás. Eu vou procurá-lo e tê-lo perto de mim. Tenho certeza que ele ainda não sabe. Minha querida, fico tão feliz que mo

contares. Preciso descobrir por que a Muriel não o fez. Eu não consigo entender. Sinto-me estranha, meio feliz e meio triste. Eu sabia que algo tinha acontecido. Acho que vou agora, e poderemos ver de imediato, não achas? É estranho pensar o quanto pensei nele e o quanto senti a falta dele aqui, e que agora vamos ficar juntos. Agora vou, mas não te posso agradecer, nunca poderia agradecer-te, Bea.

Durante uma pausa, a Sra. Dowden fez alguns comentários e depois disse: "Vamos ver se há mais alguém aqui." A mão dela então escreveu "Arthur."

Arthur: Vim hoje para contar que sei tudo sobre o Nigel. Eles não o contaram à Hilda, mas acho que ele vai estar com ela em breve. Ele foi morto rapidamente e agora ainda está confuso, não sabe o que aconteceu.

Aqui a Sra. Dowden fez alguns comentários, e pedi ao Johannes que deixasse o Harold falar por um momento. Após uma breve pausa, o Harold escreveu o nome. Perguntei por que ele não contara à Hilda sobre o Nigel, já que ela estava tão preocupada com ele.

Harold: Eu sabia que irias dizer "Por que não contamos à Hilda?" Estávamos certos, penso eu, do nosso ponto de vista. Agora ela sabe e vou levá-la até o Nigel. Ele não a conhecerá, acho eu.

B. G: Tu viste-o?

Harold: Ah, sim, eu vi. Ele passou seis horas muito ruins e depois veio aqui, confuso, mas logo ficará bom, acho eu. . . Eu vou levá-la e vou agora. Adeus.

Observar-se-á que, escrevendo através de Geraldine sozinha na Irlanda, a 17 de Junho de 1942, a Hilda disse que "agora não conseguia encontrar Nigel," que ela "se fartara de tentar," que "tinha a sensação de que que ele a queria muito e que ela não podia chegar até ele," etc. Não recebi esse escrito da parte da Geraldine Cummins até 25 de Junho. A Sra. Dowden não poderia, pois, ter obtido telepaticamente de mim o facto de que a Hilda não conseguiu encontrar o Nigel e outros detalhes corroborados na sessão acima.

ALGUMAS COMUNICAÇÕES RECENTES RECEBIDAS ATRAVÉS DA MISS GERALDINE CUMMINS

(Boletim da Sociedade de Pesquisa Psíquica, 1943-45, página 130)

Miss Gibbes relata à Sociedade o seguinte caso de comunicações recebidas por ela através de Miss Geraldine Cummins de uma amiga da Miss Gibbes, de cuja morte Miss Cummins, então a viver na Irlanda, não tinha conhecimento. Várias declarações corretas foram feitas a respeito de factos desconhecidos da Srta. Cummins, algumas delas também desconhecidas da Srta. Gibbes. Pseudónimos são usados para os nomes (excepto o nome de batismo) desta amiga, da sua família e da sua residência.

Em Dezembro de 1943, a Sra. Alice Horley, de Brickhill, perto do condado de Longmead, morreu e a sua morte foi noticiada na imprensa Inglesa. A Sra. Horley era conhecida da Srta. Gibbes e amiga da sua cunhada, Hilda, que morreu em 1941. De Hilda, Miss Gibbes recebeu várias comunicações através de Miss Cummins, algumas das quais são relatadas no Boletim de Maio-Junho de 1942. O sobrinho, Nigel, mencionado como tendo sido ferido, morreu em 1942 devido aos ferimentos.

Miss Gibbes tinha o hábito, enquanto Miss Cummins residia na Irlanda, de lhe enviar de vez em quando cartas a vários amigos falecidos, a pedir-lhe que entrasse em contacto com eles e obtivesse respostas da sua parte.

Seguindo esta prática, a 21 de Dezembro de 1943, Miss Gibbes escreveu à
Hilda, por meio da Srta. Cummins, a mencionar que a amiga dela, "Alice" havia falecido, que ela se iria lembrar de que "ela" não retribuíra particularmente o afeto que a "Alice" manifestara por ela, e a solicitar que elas se encontrassem, ela dissesse a "Alice" o quanto Srta. Gibbes lamentava muito, não ter respondido à última carta da "Alice," como estava prestes a fazer quando viu a morte de "Alice" anunciada no Times, após uma operação.

No dia 1 de Janeiro de 1944, a Hilda respondeu que iria procurar a "Alice." Miss Cummins (ver o seu depoimento abaixo) tinha ouvido falar da Sra. Horley pela Srta. Gibbes em 1938, mas não sabia que Alice era o seu nome, nem que ela havia morrido. Enquanto esteve na Irlanda, ela não leu o Times nem qualquer jornal Inglês em que a morte da Sra. Horley pudesse ter sido anunciada. A 31 de Dezembro de 1943, a Srta. Gibbes escreveu a Nigel por meio da Srta. Cummins, sem mencionar a Sra. Horley. No decorrer da resposta que recebeu, a 8 de Janeiro de 1944, ele disse: "Vi aquela velha senhora, a Sra. Hawley, só por um instante. Ela não está aqui, não está?"

No dia 29 de Janeiro de 1944, ele escreveu novamente, mencionando a Sra. Hawley, e referindo-se corretamente, em linguagem muito característica, às relações existentes entre ela e a mãe, Hilda. Deve-se notar que o Nigel, quando vivo, sabia muito bem como a Sra. Horley soletrava o seu nome. Durante vários meses, nenhuma outra alusão foi feita à Sra. Horley, excepto uma observação casual da Hilda a dizer que ela sempre foi bastante tímida com relação às mulheres políticas, "até mesmo em relação à Alice":

O marido da Sra. Horley era deputado havia vários anos. A 17 de Agosto de 1944, a Srta. Gibbes enviou algumas linhas à Hilda nas quais ela perguntava casualmente "E a Alice?", e recebeu uma resposta datada de 26 de Agosto de 1944: ". . .Ah, a Alice. Bem, eu brinquei às escondidas com ela há muito tempo. . . Eu tinha um pouco de receio de que não fosse o caso de uma Alice por pouco tempo, mas Alice por muito tempo, se nos conhecêssemos. Eu costumava, se bem te lembras, de por vezes a achar muito faladora."

Estas observações são extremamente características da Hilda.
Com esta mensagem foi enviado um escrito, cuja última página diz o seguinte:

> "Astor [um controlador da Srta. Cummins]. Há uma senhora aqui com a Hilda, uma estranha — acho que idosa quando ela passou para nós. Ela quer tentar escrever.
>
> "Brickhill. Será Brickhill? Está tão mal iluminado. Eu estava à procura de Harry, Henry. . .
>
> A Hilda disse para escrever à Bea [Senhorita Gibbes]. . . (A senhorita Cummins perguntou o nome do escritor). O meu nome? Ah, sim, é Alice Poole, não Pole, Longmead. . . Sra. Alice Pole (estas palavras foram seguidas por um rabisco, aparentemente destinado a uma tentativa de escrever o sobrenome)."

O escrito passou a relatar a morte da Alice numa casa de repouso e à carta que a Srta. Gibbes pretendera escrever-lhe, assuntos declarados ou implícitos na carta da Srta. Gibbes de 21 de Dezembro de 1943, e terminava com "Eu sou a mesma mulher idosa de sempre, mas não tão velha — bem preservada."

Ao encaminhar esses escritos, a senhorita Cummins escreveu:

"A senhora Alice teve grande dificuldade em escrever. Suponho que seja aquela que você mencionou na carta que escreveu à Hilda ou será alguma outra Alice? Ou será ela uma invenção do subconsciente?"

Brickhill era o nome da casa da Sra. Horley: tal facto não era do conhecimento da Srta. Cummins, que, no entanto, pode ter tido conhecimento da sua ligação com Longmead: ver parágrafos 1 e 3 da sua declaração abaixo.

Henry era o nome do marido dela. O aspecto mais interessante, porém, é o nome "Poole," corrigido para "Pole"; "Pole" era o segundo nome da Sra. Horley, facto desconhecido da Srta. Cummins, e também, na época em que recebeu o escrito, da Srta. Gibbes, mas a família pronuncia-o "Poole." A observação final sobre estar "bem preservado" é descrita pela Srta. Gibbes como característica da Sra. Horley.

A 3 de Outubro de 1944, um escrito foi redigido pela Srta. Cummins contendo a seguinte passagem:

> "Astor está aqui. Harold e Hilda estão por perto e vejo a Muriel com uma senhora idosa que faleceu recentemente. Acho que é a senhora Alice, e com ela agora está um homem e eu percebo o nome de Draper. (Aqui a senhorita Cummins pediu ao Astor que lhe falasse sobre a Alice.) Sim, ele é Draper ou algum nome parecido. Ele agradece à Muriel por os ter reunido, a ele e à senhora Alice. . ."

Na última parte do escrito é feita referência adicional às relações existentes entre a Hilda e a Sra. Horley. Também é feita menção ao amor que a Sra. Horley tinha pelas flores, conhecido da Srta. Cummins, e à carreira do Sr. Horley como orador e político. Ao mesmo tempo, a Hilda escreveu sobre a Alice, a dizer que ficarra impressionada com o dom que a Muriel tinha para fazer um jardim, e "De qualquer forma, a Muriel prestou um verdadeiro serviço à Alice: ela encontrou-lhe o pai dela."

Após o término da carta da Hilda a escrita mudou e o escrito prosseguiu:

> "Alice Pole. Minha querida, você viu o meu marido? Ele está muito deprimido, acho eu. Eu vi-lhe o pensamento, ou um pouco dele, e ele me disse que ele não gostou nada — como disse a Hilda — da Inglaterra de Beveridge ir avançar. . .
>
> É uma pena que você não o conheça melhor, pois poderia dizer-lhe que ele não terá que viver numa Inglaterra Beveridged. Ele virá para aqui ficar comigo. A charmosa e gentil senhorita M. encontrou o meu querido pai e uniu-nos. Isso deu-me uma grande felicidade. Endereço para enviar isto, Srta. Beatrice Gibbes 23 Jubilee Place.
>
> Da Alice Pole."

O Harold e a Muriel (Senhorita M) são irmão e irmã da Hilda. O erro quanto ao número da casa da senhorita Gibbes, que é 25, e não 23 Jubilee Place, é muito curioso, pois o número real era bem do conhecimento da senhorita Cummins.

Este grupo de comunicações está principalmente relacionado com o marido da Sra. Horley. A senhorita Cummins não sabia que ele havia sobrevivido à esposa e, tendo em vista a sua idade, não era uma inferência que pudesse ser feita de forma garantida. A alusão às suas opiniões políticas é

correta, mas não é definitivamente significativa tendo em conta a sua posição. A característica mais interessante da comunicação de Alice é o nome Draper, que na época não significava nada para a senhorita Cummins nem para a senhorita Gibbes.

A 14 de Outubro de 1944, a Srta. Gibbes descobriu em Who's Who (edição de 1925) que a Sra. Horley era filha do P.H.D. Roe, sendo fornecidas apenas as iniciais dos três primeiros nomes. Pensando que o D era encorajador, a Srta. Gibbes escreveu ao chefe dos correios do local mencionado no Who's Who como a casa do P.H.D. Roe, a pedir os seus nomes completos. O chefe dos correios encaminhou a carta a um membro da família, que a 22 de Outubro de 1944 escreveu a informar à Srta. Gibbes que o seu nome completo era Pole Henry Draper Roe. As partes relevantes dos escritos originais de 26 de Agosto e 3 de Outubro de 1944 foram vistas pelo Exmo. Secretário.

A importância deste caso depende obviamente da extensão da situação da Srta. Cummins
O conhecimento normal da Cummins sobre a Sra. Horley. O Exmo. Sec. dirigiu à Srta. Cummins, em Março de 1945, quando ela estava de volta à Inglaterra, algumas perguntas que, com as suas respostas (datadas de 24 de Março de 1945), são apresentadas abaixo. As perguntas foram incluídas numa carta à Srta. Gibbes, que as leu à Srta. Cummins.

Pergunta 1: Você alguma vez conheceu a Sra. Horley, que morreu em Dezembro de 1943?
Você já tinha ouvido falar dela antes de 3 de Outubro de 44?

Resposta: Eu nunca conheci a Sra. Horley. Mas quando eu fiquei hospedada com a cunhada da senhorita Gibbes [ou seja, a Hilda], em algum momento de 1938, lembrei-me de que a senhorita Gibbes me contara que a senhora Horley era amiga da cunhada, gostava de jardinagem e morava na vizinhança.

Pergunta 2: Antes dessa data, você sabia que existisse alguma ligação entre ela e algum parente da Srta. Gibbes?

Resposta: Foi respondido acima.

Pergunta 3: Antes dessa data, os nomes Alice, Pole, Draper, Brickhill significavam alguma coisa para si em relação um ao outro ou à Sra. Horley.

Resposta: Nada.

Pergunta 4: Enquanto esteve na Irlanda em 1944, leu algum, e em caso afirmativo quais, dos jornais Ingleses?

Resposta: O Times Literary Supplement e a edição irlandesa do Sunday Dispatch foram os únicos jornais ingleses que li quando estive na Irlanda.

Pergunta 5: Você acha possível ter visto uma referência à Sra. Horley em qualquer jornal, Inglês ou Irlandês, sobre a hora da sua morte?

Resposta: Não. Absolutamente nenhuma. Na verdade, até há poucos minutos, eu não fazia ideia de que a Sra. Horley tivesse morrido quando a Sra. Gibbes me contou.

Em carta ao Exmo. Sec. a acompanhar as respostas da senhorita Cummins, a Miss Gibbes afirma que antes de fazer as perguntas, foi conduzida a elas por uma conversa em que a Miss Cummins falou da Sra. Horley como se esta ainda estivesse viva. Foi nesta ocasião, diz Miss Gibbes, que a Miss Cummins

soube pela primeira vez que "Alice" era a Sra. Horley. Quando a senhorita Gibbes leu a primeira pergunta, a senhorita Cummins perguntou como o nome Horley deveria ser escrito.

Isso é interessante porque, em uma sessão pouco antes, o Astor havia escrito o nome corretamente. Miss Gibbes acrescenta: "Acho bastante improvável que qualquer menção à morte da Sra. Horley tivesse aparecido na edição Irlandesa do Sunday Dispatch. Ela não tinha nenhuma ligação com o Eire, pelo que eu sei. . . a edição Eire trata apenas do que é provavelmente interesse dos Irlandeses."

O escritório londrino do Sunday Dispatch afirma que não consegue encontrar qualquer referência à morte da Sra. Horley na edição Irlandesa da época em questão.
As comunicações recebidas através de Miss Cummins vão além do seu conhecimento consciente normal, conforme estabelecido nas respostas que dá, em vários detalhes, e que são apresentadas num cenário dramático que a Miss Gibbes descreve como altamente característico de todas as partes envolvidas, algumas delas não conhecidas pessoalmente pela Miss Cummins, e reproduzem com precisão a situação psicológica patente entre elas. A adequação da forma de apresentação é, ressalta ela, ilustrada por pequenos erros como a grafia incorreta do nome Horley, que sugere o tipo de erro cometido quando nomes desconhecidos são retirados do ditado, e o erro quanto ao Número da casa da Srta. Gibbes, endereço muito mais conhecido da automatista do que do comunicador.

Em todos os casos em que uma médium tem, ou teve, algum vínculo com o comunicador, como a Srta. Cummins teve com a Sra. Horley através da Srta. Gibbes e da Hilda, a questão da extensão do conhecimento criptomnésico do médium levanta dificuldades. Ninguém pode dizer com certeza o que foi ou não dito sobre os amigos dos seus amigos: só pode ter certeza daquilo de que se lembra.

Porém, a criptomnésia não explicará o declarado nas comunicações da Srta. Cummins, desde a mensagem do Nigel de 8 de Janeiro de 1944 em diante, quanto à morte da Sra. Horley, uma vez que esta ocorreu muito recentemente (Dezembro de 1943).

A telepatia existente entre Miss Gibbes e a Miss Cummins não é, obviamente, descartada, e pode ter sido auxiliada por inferência subconsciente por parte de Miss Cummins a partir dos termos da carta de Miss Gibbes de 21 de Dezembro de 1943.

Mas a telepatia da Srta. Gibbes não explica os nomes Pole e Draper, que nada significavam para ela em relação à Sra. Horley.

CORRESPONDÊNCIA

Senhor, – Por uma questão de interesse geral, para não dizer de justiça histórica, gostaria de deixar registado o facto de que a minha Teoria de Associação da Telepatia parece ter sido antecipada, pelo menos em linhas gerais, há pelo menos trinta anos. Tenho diante de mim um artigo não publicado, escrito em 1914-15 pela Sra. Hugh Lewis, que discute as ideias apresentadas por Maeterlinck no seu livro The Unseen Guest. Nisto ela adopta a hipótese do que deveríamos agora chamar de

Subconsciente Comum, ou Mente Universal, ou algo semelhante, de conhecimentos e poderes virtualmente ilimitados, com os quais a mente finita individual pode, de uma forma ou de outra, "estabelecer contacto." Não há nada de muito notável nem novo nisso; mas a autora prossegue salientando que tal contacto pode ser susceptível de "sobrecarregar a mente finita com um acesso de conhecimento demasiado vasto para ser apreendido" — ou seja, ela percebe claramente a necessidade de algum mecanismo selectivo que permita à mente individual escolher os itens relevantes — e continua: "a lei psicológica da Associação de Ideias não continuaria a operar nesses domínios subconscientes e salvaria a situação. . ."

Esta é bem a essência de toda a questão, no que me diz respeito, embora eu preferisse desde logo desenvolver a noção de um Subconsciente Comum a partir dos factos da Telepatia, etc., do que postulá-la.

1 Cf. Processo. SPR Parte 168, Julho de 1944, ou meu livro Telepatia publicado recentemente.

Por tratar com fantasmas e coisas semelhantes, a Sra. Lewis escreve: "Podemos tomar como exemplo do ponto de contacto alguma ideia tão simples como a percepção da sala ou lugar em que o indivíduo esteja no momento. Mal o contacto é estabelecido a sua ideia de toda a sala é ampliada por alguma adição da Consciência Infinita. Esta adição pode ser emprestada do passado ou do futuro. . . Assim, o indivíduo pode subitamente tornar-se consciente de alguma cena anteriormente encenada nesse local, assim como pode ter uma visão profética de eventos que estão por vir."

Compare as minhas próprias tentativas de lidar com as Aparições. Ela chega a ponto de imaginar (nos seus próprios termos, é claro) o papel que atribuí aos "objetos K" na psicometria. Referindo-se ao caso da "médium Madame M. que apurou o destino de um velho senhor. . . e descobriu o seu cadáver a manusear. . . um lenço que ele usava," diz ela." Aqui o ponto de contacto foi o idéia do lenço, e quando a comunicação foi estabelecida entre a mente do médium e a Consciência Infinita, o médium foi capaz de descrever em detalhes a aparência do velho. . . e a posição real de seu cadáver."

Eu próprio não deveria ter dito isso assim, porque tenho um pouco de vergonha de usar palavras como "infinito," mas a antecipação, em todos os aspectos essenciais, das sugestões
que apresentei recentemente é bastante notável. Gostaria de expressar a minha gratidão à senhora deputada Lewis por ter trazido este documento ao meu conhecimento.

Eu sou, senhor etc. , Whately Carington

O Círculo Goligher

Senhor, — No recente grupo de discussão perguntaram-me se eu poderia dar alguma informação sobre o que aconteceu com a médium e se ela manteve os seus poderes. Em resposta, forneci algumas informações que agora considero incorretas. Ficaria satisfeito, pois, que você publicasse os factos verdadeiros que podem ser de interesse para os nossos membros. A Miss Goligher casou-se com um

certo Sr. S.G. Donaldson e devido às suas experiências com o Dr. Fournier d'Albe recusou-se a participar por mais tempo em sessões.

O Sr. F. McCarthy Stephenson sempre manteve contacto com ela e, eventualmente, através dos bons ofícios do marido, ela foi persuadida a participat numa sessão para ser fotografada por meio de raios infravermelhos. Os resultados podem ser vistos na Psychic Science de Julho de 1933, Janeiro de 1936 e Julho de 1936.

O primeiro artigo é da autoria do marido e faz uma descrição completa dos aparelhos e controlos utilizados. Os outros dois são do Sr. Stephenson. No artigo de Janeiro de 1936 afirma-se que estiveram presentes duas médicas "que revistaram a Sra. Donaldson." No que diz respeito às fotografias tiradas pelo Dr. Crawford, parece a partir dos trechos do seu diário publicados no livro do Dr. Fournier d'Albe, que, quando pelo menos algumas foram tiradas a Miss Goligher veio sozinha a casa do D. Crawford, foi examinada por uma médica, e então vestida na presença de mulheres antes de ser fotografada.

Posso acrescentar que a verdadeira causa do fracasso das experiências de Fournier d'Albe, alegada pelo lado do médium, nunca foi publicada. Poderia ser bom se isso fosse registado, mas ainda não publicado durante alguns anos.
Alguns dos nossos membros que se interessam por pesquisa psíquica considerariam de grande interesse a leitura dos números anteriores da *Psychic Science*. Descobrir-se-á que eles contêm muito valor. Por exemplo, na edição de Abril de 1934 há cópias de quatro das fotografias originais de "Katie King" tiradas por Sir William Crookes. Só um exame cuidadoso delas bastará para convencer alguém da realidade das experiências de Sir William Crookes.

Atenciosamente, B. Abdy Collins

O CASO DO PRESIDENTE FRANKLIN ROOSEVELT

Franklyn Delano Roosevelt com Marguerite Lehand

(in: *'Mind in Life and Death'*)

Para benefício daqueles que não estão familiarizados com a pesquisa psíquica devo preceder este relatório de escritos automáticos que obtive em 1945 de algumas notas explicativas. Estes originais nunca foram lidos por mim, uma vez que permaneceram nas mãos dos investigadores.

A palavra "assistente" (ou participante) indica a pessoa que conduz o experimento. Neste caso foi a Srta. E.B. Gibbes (E.B.G.), e o Sr. David Gray foi o investigador que examinou e verificou as evidências.

A escrita automática foi o método de transmissão empregue. Foi produzido da seguinte forma: à melhor luz possível, a B. G. e eu nos sentamo-nos lado a lado à mesa, e ela retirava cada folha de papel almaço depois de preenchida por uma caneta que a minha mão direita segurava. Ela então colocava a minha mão sobre outra folha em branco, e a escrita prosseguia e só era interrompida caso a B. G. fizesse alguma pergunta ou dirigisse algum comentário dirigido ao suposto comunicador. Para intensificar a minha concentração na quietude e na receptividade, cubro os olhos com a mão esquerda. Isso ajuda-me a cerrar os sentidos e a induzir a passividade.

A escrita automática é obtida sem a ajuda da consciência normal. A escritora é chamada de automatista para a distinguir da médium de transe que vocaliza a comunicação. No meu caso, o escrito produzido automaticamente geralmente é redigido a uma velocidade muito maior do que quando escrevo normalmente. Sinto ser uma auditora enquanto a minha mão extrai observações de ditado e ideias, ou de uma narrativa consecutiva, que são declaradas na escrita como sendo a composição de uma mente diferente da minha. A minha mente consciente parece não ter nada que ver com a composição que está a ser rapidamente escrita pela caneta.

Sócrates afirmava que, por vezes, era inspirado por um controlador, — ou "deamon." Ele costumava colocar-se no estado especial de passividade necessário quando desejava ouvir o seu *daemon* para obter conselhos ou inspiração. Diz-se que as sessões da maioria dos médiuns são dirigidas por um "deamon." Nos nossos dias, isso é descrito pelo termo "controlador." O controlador ou *daemon* pode ser uma personalidade secundária da médium, ou uma expressão do eu subconsciente, ou como o Sócrates parece ter acreditado, um espírito guardião inspirador: por outras palavras, um indivíduo distinto que existia à parte dele próprio. Aparentemente é a velha ideia do anjo da guarda — na mitologia Grega "um ser sobrenatural, uma divindade menor ou um génio."

O meu controlador ou "deamon" autodenomina-se Astor e é quase invariavelmente o primeiro a escrever numa sessão. Ele descreve os comunicadores, apresenta-os, convoca-os, dispensa-os e, num

sentido geral, parece agir como anfitrião e dirigir os procedimentos. Ele pode ser uma personalidade secundária. Ele pode fazer parte do que é comumente chamado meu subconsciente.

A Sra. Willett, que trabalhou como automatista com o investigador Lord Balfour nos conhecidos casos de correspondência cruzada da S.P.R., descreveu claramente as sensações pessoais que teve quando produziu a escrita automática. A experiência dela foi semelhante à minha, pelo que não poderei fazer melhor do que citar a sua declaração:

> "Não ouvi nada com os meus ouvidos, mas as palavras vieram de fora da minha mente. . . Não me lembro das palavras exactas. . . Não tenho uma sensação de visão, mas uma intensa noção de personalidade, como uma pessoa cega talvez possa ter — e de inflexões, como diversão ou emoção por parte de quem fala." E mais uma vez: "É como 'mentes' e 'personagens' que eu os identifico."

O Sr. Tyrrell escreveu:

> Pode-se objectar que tudo isto seja puramente subjectivo e imaginário e não a percepção de nenhum tipo. Mas esta visão tem de enfrentar a dificuldade de que estes traços pessoais dos comunicadores, que a Sra. Willett disse sentir, eram na verdade característicos deles como tinham sido em vida, e de forma alguma eles eram todos do conhecimento anterior dela.

Esta afirmação é verdadeira para certos exemplos do meu trabalho mencionados neste livro; mas, com duas excepções, os comunicadores não eram do meu conhecimento. Como será visto em capítulos posteriores, Mackenzie King, Sir Oliver Lodge, Sir Lawrence Jones e outros testemunharam a caracterização correta e os traços pessoais de estranhos para mim que foram revelados na minha escrita automática.

NATUREZA DA EVIDÊNCIA

Existem casos um tanto raros na pesquisa psíquica em que são transmitidos os nomes de um estranho desconhecido dos presentes numa sessão, e informações corretas sobre essa pessoa. Tais casos oferecem material particularmente interessante para estudo, já que a telepatia entre o investigador e a médium não podem ocorrer em tais circunstâncias. A informação prestada só é verificada posteriormente. A série de comunicações que se segue, relativas a personalidades Americanas, pertence a esta classe.

Nunca visitei a América. Cerca de trinta anos antes de 1945, B.G. passou um curto período nos Estados Unidos quando viajava pelo mundo. Ela também ficou alguns meses em Nova Iorque em 1919.

Em 1945, quando obtive estes escritos automáticos, eu havia conhecido apenas três Americanos com quem tinha algum conhecimento real. Eles eram o Sr. e a Sra. David Gray (Ministro dos EUA na Irlanda) e a Sra. Allison da Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica. Eu não via esta última há dezessete anos. Em algumas ocasiões, entre 1940 e 1943, fiz sete ou oito experiências de escrita automática com o Sr. David Gray como consulente na Legação Americana em Dublin, e duas vezes em minha casa no Condado de Cork. Ele era um investigador muito cuidadoso. Para não comprometer os nossos experimentos, nem ele nem a Sra. Grey me deram qualquer informação pessoal. Eles nunca mencionaram os parentes nem nenhuma pessoa na América na minha presença; nem falaram dos Estados Unidos e dos seus políticos. Eu era, como podem testemunhar aqueles que me conhecem, terrivelmente ignorante no que diz respeito à América do Norte. A B.G. estava naturalmente mais bem informada do que eu, mas ela só visitou Nova Iorque em relação com o seu canto em 1919. Ela

trabalhou arduamente durante o curto período em que esteve lá e, creio, conheceu poucas pessoas, e apenas aquelas que se interessavam por música. De qualquer forma ela era aquele fenómeno raro, uma mulher de poucas palavras, e por não se interessar pela América durante o período em que nos conhecemos, não faloou comigo nem sobre o assunto nem sobre o seu povo.

Quando envolvido em trabalho experimental em pesquisa psíquica, o investigador deve adoptar o procedimento da Scotland Yard. A Beatrice era membro da Sociedade de Pesquisa Psíquica e empregava os seus métodos de investigação. Ela poderia ter sido uma detetive de primeira linha, tão minucioso era o exame das evidências que fazia e o quanto ocultava em termos de informação, à automatista. Por mais conscientemente inocente que seja a automatista, é preciso levar em conta aquele poço profundo e lamacento, a sua mente subconsciente, onde muitos factos caem e são esquecidos.

A Beatrice gravava cada palavra dita pelo consulente e por qualquer outra pessoa presente. Ela também anotava cada registo. Ela tomava posse de todos os meus escritos automáticos imediatamente após cada sessão e, a meu pedido, trancava todos os escritos que eu obtinha e que parecessem ter valor probatório em relação à questão da sobrevivência pessoal após a morte. Concluído o relatório seguinte, ela arquivava-o na sede da S.P.R.: —

"A senhorita Cummins passou a maior parte dos anos da guerra, de 1939 a 1944, a cuidar de uma mãe inválida e de uma pequena fazenda. Após a morte da mãe, em Outubro de 1944, ela retornou a Londres em Fevereiro de 1945. Ela não parecia muito bem, mas tivemos algumas sessões pessoais para escrita automática antes de ela retornar à Irlanda para passar o verão em Junho daquele ano.

Marguerite Lehand

Durante uma dessas sessões (19 de Março de 1945), o seguinte anúncio foi feito pelo seu controlador, Astor:

> "Devo dizer-lhe que há uma estranha aqui, uma mulher calada de cabelos grisalhos com uma força curiosa, pelo que me senti forçado a transmitir a mensagem dela. Ela diz que morreu em Chelsea. Ela mostra-me a mão, que representa o sobrenome dela, pelo que entendi. Depois, uma margarida. Sim, Marguerite Lehand. Ela diz que trabalhou por muito tempo com um homem público importante — o conhecia bem. Ela dá o nome de Frank. Ela diz que quer conversar com o David sobre o Frank e que o David espera vir a esta cidade em Abril. Nesse caso, ela implora que você o procure para escrever, para não deixe que nada interfira, pois ela tem algo importante a dizer sobre o Frank.
>
> EBG: "Eu não entendo tudo isso, Astor."

"Você poderá entendê-lo em Abril, pois o David* provavelmente desejará vê-la se tiver tempo."

EBG: "Eu entendo o que você quer dizer agora."

"Isso é tudo sobre ela agora. Ela não parece capaz de fornecer sobrenomes. Ela parece estar aqui há cerca de três anos. Ela diz que a sua mensagem é importante em relação à paz futura."

EBG: "Diga-lhe que vou lembrar e providenciar."

O que foi dito acima foi uma surpresa. Logo percebi, porém, a quem se referia a referência. Mais tarde procurei o nome Lehand na lista telefónica, mas não encontrei ninguém em Chelsea que correspondesse ao nome dado no escrito. (Também procurei o registo de óbitos.)

**Eu tinha visto o Sr. David Gray pela última vez cerca de dezoito meses antes de escrever este livro. — G.C.*

Após a sessão, a Geraldine disse que se lembrava de algo sobre David Gray, mas não conseguia lembrar o quê, e perguntou se alguma alusão havia sido feita a ele. Respondi afirmativamente e perguntei se ele poderia vir a Londres. Ela respondeu que achava isso extremamente improvável. Não fiz nenhuma referência à estranha.

Durante a ausência de Miss Cummins na Irlanda, ela deu uma sessão ocasional em Dublin ao Sr. David Gray, Ministro Americano na Irlanda. Pensando que se poderiam verificar alguns desenvolvimentos interessantes, perguntei por Marguerite Lehand na sessão seguinte.

25 de Março de 1945, às 25, Jubilee Place, S.W.3

"Astor está aqui: deverei chamar a Hilda? Ela e sua família estiveram juntas hoje."

EBG: "Sim, mas primeiro gostaria de lhe fazer algumas perguntas."

"Tentarei responder a elas."

EBG: "Você lembra-se da estranha mulher calada e de cabelos grisalhos que você descreveu outro dia?"

"Sim, ela era uma mulher interessante, com um cérebro aguçado, extremamente rápida, mas quieta, como alguém que tinha um grande domínio e autocontrolo."

EBG; "Ela já tinha falado antes?"

"Não, ela nunca comunicou através da minha filha. Na verdade, foi a sua primeira visita. Ela conhece o David Gray. Pelo menos ela viu-o quando estava com o empregador dela, a quem chamava de Frank. Quando perguntei quem era o Frank, ela respondeu que era um homem de negócios e não pareceu querer dar mais informações. Eu perguntei se ele estava no ramo dos negócios, e ela respondeu que 'ele era o homem de negócios mais importante do seu país' e sorriu.

"Eu perguntei, que tipo de mercadorias ele negociava? Ela disse,

"De todo o tipo."

EBG: “Eu queria situá-la.”

“Ela parece ter tido uma condição de confidencialidade com o Frank.”

EBG: “Ela disse que morreu em Chelsea. Não haverá mais nada que você me possa dizer a esse respeito?"

“Ela disse que morreu em Chelsea e que o David a conheceria, e que ela não queria particularmente que você descobrisse quem ela era.”

EBG: “Bem, vamos deixar por isso mesmo.”

“Esse foi o hábito dela em vida — guardar segredos, e por isso ela sempre foi reservada com estranhos.”

EBG: “Tentei situá-la, claro que não consegui; era muito vago, pois ela poderia ter morrido em qualquer casa de Chelsea.”

“Ela não disse que morreu aqui. Eu perguntei-lhe. Ela disse,

“Há mais do que uma Chelsea, e sorriu.”

EBG: “Oh, acho que sei o que ela quer dizer agora. Vamos deixar isso, então.

“Lamento não ter conseguido mais.”

Como concluí que ela tinha alguma ligação com o Presidente dos EUA, presumi que deveria haver outra Chelsea na América.

Numa sessão subsequente, foi feita a seguinte referência espontânea a Marguerite Lehand:

25. Jubileu Place, Chelsea, SW3
Tarde de sábado, 14 de Abril de 1945

“Astor está aqui. Perto de si está uma senhora calada e de cabelos grisalhos, mas se ela é quieta, ela é persistente. Ela está a pressionar-me há mais de uma semana para falar consigo sobre a sua primeira mensagem. O nome dela é Marguerite Lehand. Finalmente obtenho isso claramente da parte dela. Ela diz que eu lhe passei a mensagem dela de forma errada. Ela disse que o Frank viria para cá em Abril e que queria falar sobre o Frank com o David Gray.* Ela queria deixar-lhe uma sensação cálida dizendo que o Frank estava de volta. Vejo agora que esta senhora não pertence a este país, mas não é Francesa. Ela morreu em Chelsea, Massachusetts. Ela diz que se aposentou. Ela diz que sabe que a Ann ocupou o seu lugar recentemente com o Frank; mas não era a mesma coisa. A Ann é muito inteligente, mas não tem experiência, é claro. Você quer que eu mande a senhora embora?

EBG: “Eu lembrei-me, e teria pedido ao Sr. Gray que viesse aqui em Abril se ele tivesse visitado este país. Mas agora, como você disse, que a mensagem foi mal interpretada, podemos transmiti-la a ele. Não soubemos que ele esteja a vir para cá.

"Ela diz que trabalhou por muito tempo num cargo confidencial para o Frank, e que lhe deu a maior alegria vê-lo descansar após a passagem da morte. Ele está com a mãe, ou melhor, ela veio até ele."

EBG: "Diga a ela que enviarei a mensagem como ela desejar."

"Sim. Eu disse-lho. Ela está satisfeita."

**O presidente Roosevelt morreu em 12* de Abril *de 1945*

Mais tarde, a Geraldine escreveu uma carta de condolências ao Sr. Gray. Ela acrescentou algo no sentido de que "uma certa senhorita Marguerite Lehand tinha contactado em Março e que estava preocupada com algo aconteceria a um amigo dele em Abril. Ela disse que era de Chelsea, Massachusetts." A Geraldine acrescentou que hesitou em escrever ao Sr. Gray porque não sabia nada sobre essa senhora. Mas ela era uma bela mulher de cabelos grisalhos. Além disso, ela contactou de novo ontem.

(Devido à censura da correspondência e à posição do Sr. Gray na Irlanda, as informações recebidas psiquicamente tiveram que ser transmitidas conforme citado acima.)

Uma carta do Sr. Gray foi recebida por Geraldine a 1 de Maio, 1945. Reza o seguinte: -

(Extrato) 24 de Abril de 1945.

O Serviço de Relações Exteriores dos
Estados Unidos da América, Dublin.

Prezada Srta. Cummins,

Muito obrigado pela gentil carta de condolências que me enviou. A Maude e eu ficamos gratos. O que você escreveu sobre a Marguerite le Hand é muito interessante e comprovativo. Você pode ter sabido desde então, se leu trechos do testamento do presidente, que ela foi secretária confidencial dele durante muitos anos e morreu há cerca de dois anos. O que é mais evidente é que ela lhe contou que morreu em "Chelsea, Massachusetts," o que geralmente não é conhecido; também o facto de ela ter cabelos brancos, embora fosse relativamente jovem. Como foi que isso aconteceu? Se eu pudesse ter trechos do escrito que cubram esses dois episódios, ficaria muito grato. Obviamente, a senhorita Lehand esperava avisar o presidente através de você e de mim para cuidar da sua saúde. Como não há nada que pudesse ter sido feito a respeito, provavelmente seria melhor que ele não fosse perturbado com avisos. . . Se você vier, avise-nos. Não queremos apenas vê-la, mas sentir que podem suceder algumas coisas interessantes. Por favor, dê as minhas lembranças à senhorita Gibbes.

Com os melhores cumprimentos,
DAVID GREY

Cópia da carta enviada pela E.B.G. ao Sr. Gray.

1 de Maio de 1945.

Prezado Sr. Gray,

A senhorita Cummins leu-me trechos da carta que você lhe escreveu sobre a Marguerite Lehand. Como tenho ânsia de coletar qualquer evidência de sobrevivência, você poderia fazer a gentileza de me informar com mais uns detalhes sobre ela? Uso algumas perguntas dos três escritos, cujas cópias anexei. É claro que as suas respostas serão consideradas por nós como confidenciais.
Ela "trabalhou durante muito tempo com o Frank e conheceu-o bem"?
A Marguerite era "calada, tinha cabelos grisalhos e era senhora de uma força curiosa"?
Na sua carta você diz que ela morreu há cerca de dois anos. Astor diz que foi há cerca de três anos. Mas o tempo é muitas vezes um obstáculo nas comunicações, como você provavelmente sabe, pelo que isso estará suficientemente próximo.
Você descreveria a Margerite como "uma mulher interessante com um cérebro aguçado, extremamente rápida, quieta e autocontrolada, etc., conforme descrito?
Ela afirma que conhece você, ou pelo menos que o viu quando estava com seu empregador. Será isso um facto?
"Ocupava um posto confidencial" com o Frank. A sa carta confirma isso.
Ela era "reservada" com estranhos e "persistente"?
Você afirma que ela morreu em Chelsea, Massachusetts (um lugar cuja existência era inteiramente desconhecida da própria Srta. Cummins);
Ela estava "incapaz de continuar o trabalho e por isso aposentou-se"?

Será facto que uma mulher chamada "Ann" tomou o lugar dela com o Frank e recentemente? A Ann não é tão eficiente quanto a Marguerite indicou? A Ann é "inteligente, mas não tão experiente"?
O escrito indica que ela trabalhou durnte muito tempo como secretária. Noto que na sua carta afirma que ela foi secretária confidencial durante muitos anos. Tendo em vista que foi após o anúncio da morte de "Frank" que o Astor escreveu que havia interpretado mal a mensagem original a seu respeito, é interessante notar alguns aspectos que parecem indicar que esta afirmação esteja correta.

1. "Ela quer falar com David sobre o Frank. . . em Sbril."
(19 de Março.)

2. "para não deixar que nada interfera, pois ela tinha algo importante a dizer sobre Frank. . . você poderá saber em Abril."
(19 de Março.)

3. A mensagem dela "importante no que diz respeito à paz futura."
(19 de Março.)

Com respeito à sugestão na sua carta de que a senhorita Cummins pode ter visto trechos do testamento de Frank nos jornais e assim saber que a Marguerite L. era sua secretária confidencial e morreu há dois anos, posso assegurar-lhe que nem a senhorita Cummins nem eu vimos nada do género nos jornais. Se o tivéssemos feito, teríamos pensado imediatamente nela como comunicador. De qualquer forma, vem indicado no escrito de 25 de Março que a Marguerite L. mantinha "um cargo confidencial" com o Frank. Também no escrito de 19 de Março que ela "trabalhou durante muito tempo com uma importante figura pública."

Sinto muito se lhe causo tantos aborrecimentos. Talvez no seu lazer você encontre tempo para responder a isto.

Com os melhores cumprimentos,
E.B.G.

Espero que você entenda por que me refiro à pessoa indicada como "Frank".

Cópia da carta recebida do Sr. Gray.

10 de Maio de 1945.
Legação dos Estados Unidos da América
(digitado pessoalmente)

Prezada Srta. Gibbes,
Conforme escrevi à senhorita Cummins, ficarei muito satisfeito por trabalhar consigo neste assunto e prestar-lhe toda a assistência que puder, pois acho que você tem um caso comprovativo de primeira ordem. Respondendo às suas perguntas na ordem em que você mas dirige, devo dizer que:

1. Marguerite Le Hand poderia ser descrita com bastante precisão como uma mulher com uma detentora de "força curiosa."
2, Ela trabalhou durante muito tempo com o "Frank" e conhecia-o extremamente bem.
3. Vou verificar a hora da morte dela, pode ter sido há mais de dois anos.
4. Ela era o tipo de mulher que conseguia tornar-se interessante para qualquer pessoa que a interessasse e que ela considerasse valiosa. Ela nunca poderia ter alcançado a posição que ocupava sem qualidades excepcionais.
5. Ela conhece-me bem. Ela esteve na casa dos Roosevelt desde o ataque de paralisia infantil do presidente em 1922, acho que foi em 1922.
6. Sim, muito confidencial. Duvido que tenha passado alguma coisa na sua mesa que ela não soubesse.
7. Ela nunca falou sobre os assuntos do Presidente nem discutiu qualquer assunto público que eu saiba.
8. Ela morreu num subúrbio de Boston. Acredito que foi Chelsea. Vou verificar isso porque é importante.
9. Sim, ela não conseguiu continuar a vida durante vários anos antes de morrer.
10. Sim, é facto que uma mulher chamada Ann assumiu o comando e que ela não era tão experiente, mas *é* inteligente. Sugiro que você tente obter do Astor respostas às seguintes perguntas, que poderei verificar.
"Que doença acometeu a Marguerite Lehand?"
"Qual era o nome pelo qual ela era conhecida na família Roosevelt?" Isso seria bastante comprovativo.
"Que outro nome tem a Ann?" "Descreva a cor do cabelo, se é casada ou solteiro." (Poderei verificar essas respostas com base no próprio conhecimento que tenho.)
"O Astor conhece algum parente da Ann que tenha enviado mensagens através dele e da Geraldine C. a mim, para outras pessoas?"

Se a Marguerite voltar, diga-lhe que estou muito ansioso por receber qualquer mensagem do "Frank" que acredita em comunicação. . .
As datas e a má interpretação das mensagens do Astor são mais significativas. . .
Terei prazer em mostrar-lhe os escritos que a G. C. obteve comigo. Eles contêm algumas coisas extraordinárias.

Com os melhores cumprimentos,
DAVID GREY

(Quarta-feira, após algumas linhas de um parente.)

16 de Maio de 1945, em 25 Jubilee Place, SW3.

Astor chega.

(EBG: A última vez que escrevemos você disse que a senhora de cabelos grisalhos, a estranha, estava por perto, mas não tivemos tempo de conversar com ela. Ela gostaria de vir agora?)

Sim. Eu posso chamá-la. . . Aqui está ela. Ela está muito interessada em si por conhecer o David Gray. Ela diz que o Frank está com os seus próprios parentes e que ficou encantado por ter apanhado o Edwin W. que, segundo ele, o derrotou na passagem na jornada para este mundo.

(EBG: Quem é o Edwin W.? O resto do nome dele?)

Ele disse que o Edwin e ele estiveram juntos como dois enfermos e que fizeram uma aposta particular sobre qual deles viveria mais. O Frank perdeu a aposta. O Frank pensou que iria primeiro. Isso é o que esta senhora me diz. Edwin W., esse era o nome.

(EBG: Ela terá alguma mensagem que gostasse de enviar ao Sr. Gray?)

Ela está encantada por saber que você dará uma mensagem ao David.

Diga-lhe, diz ela, que o presidente não está apenas feliz, mas muito feliz por poder pensar em si próprio. Pela primeira vez em muitos anos ele conseguiu pensar bem sobre si próprio.

(EBG: Quando ela veio pela primeira vez, ela disse que queria dar uma mensagem sobre a Paz, mas agora é tarde demais. . .)

O que ela queria dizer era que a Paz sofreria um sério revés se o Frank fosse chamado para cá. Ela então quis avisar a todos porque esta pacificação vai gerar muita amargura. Ela diz que Frank levou o Winston e o Stalin a dar-se bem. A verdadeira perda para a pacificação foi a perda do intermediário — o elo entre o Churchill e o Estaline. Portanto, haverá alguns problemas para superar isso e, em muitos aspectos, isso não será superado. Assim, o Frank está triste com isso. Mas ele sente-se maravilhosamente satisfeito com a alegria de poder mover os membros livremente. Ele diz que levou um ano quando estava na terra, a mexer os dedos dos pés. Mas aqui ele é o jovem de novo, livre para andar, correr, nadar, dar cambalhotas se quiser.

(EBG: Ela recorda se foi tratada por algum nome especial na família do presidente?)

Ela diz que era conhecida por mais que um nome.

(Aqui se seguiu uma tentativa de escrever o que parece ser O ou Q e Chap ou Cheep.)

Estou a tentar levá-a a escrevê-lo.

(Outra tentativa.)

(EBG: Quando ela veio pela primeira vez você deu o nome dela corretamente.)

Ela mostrou-me uma grande margarida e uma mão; foi assim que o consegui originalmente. Ela pode dá-lo ao David mais tarde.

(EGB: Mas ele conhece o apelido, pelo que não seria o mesmo.)

Ela não diz mais nada sobre isso.

(EGB: Eu pergunto-me se ela consegue recordar que outro nome a Ann tinha? E a cor do cabelo dela, e se é casada ou solteira?)

Espere. Eu vou perguntar-lho. Ela diz que o nome de Ann é Boat — não, começa como Boat, mas não é um barco.

Boittiger. Esse é o nome que ela me transmite por sinais. Boettiger. Pode não estar inteiramente correto por os sinais serem difíceis. Mas o nome especial pelo qual a chamavam parecia começar com o sinal C.

(EBG: E a Ann era casada?)

Ela diz que a Ann era casada, que é uma pessoa ativa, tem um cérebro rápido e é muito atraente. O marido dela, eu acho, está no Exército. Marguerite aponta para um uniforme quando fala do marido, que tem uma nomeação qualquer.

(EBG: Astor, você conhece algum parente da Ann que tenha enviado mensagens através de si e da sua 'filha' ao David Gray?)

A Ann é, em certos aspectos, parecida com o Elliott, diz a Marguerite. Sim, um homem chamado Elliott escreveu ou enviou uma mensagem ao David. A Marguerite diz que o Elliott era um parente muito próximo da Ann — um antepassado.* A Ann é a favorita de Elliott. Foi isso que a Marguerite soube quando conversou com ele aqui. O Elliott morreu antes da Ann entrar em cena, muitos anos antes. Mas o Elliott teve um interesse especial pela Ann porque amava muito a pequena Nell, e a pequena Nell parece ser a mãe da Ann. Sim, diz a Marguerite, sim, a mãe de Ann chamava-se Little Nell. O Elliott está aqui agora e os dois estão a conversar — é confuso. Mas o Elliott diz que desde que ela nasceu ele cuida da Ann e, enquanto um dos seus tutores, tem sido capaz de acompanhar o desenvolvimento dela, de vê-la crescer. Ela era a única, diz ele. Ele interessava-se mais pela menina do que pelos meninos.

(EBG: Será que ela se lembra da doença que a acometeu?)

Ela não sabe a doença a que você se refere. Ela esteve muito doente uma vez por causa de anemia, debilidade, mas não consigo segurá-la por mais tempo.

**Avô.*

(EBG: Diga-lhe que um dia destes irei perguntar por ela de novo, Astor. A sua 'filha' está cansada. . . Adeus.)

(Nota feita após a sessão.)

A Geraldine não está tão forte quanto costumava ser antes da guerra e, portanto, o poder não dura, actualmente, tanto quanto antes. No que diz respeito às observações sobre o Presidente manter a paz entre o Winston e o Stalin, isto parece ser de conhecimento comum aqui; pelo menos, tínhamos ouvido falar disso. Em relação a "mexer os dedos dos pés," isso, acho eu, vinha nos jornais no momento da morte, etc. O nome Elliott foi inicialmente escrito com um "l" e mais tarde com dois.

Questionada posteriormente sobre comunicações anteriores com David Gray, a Geraldine disse que havia algo de um "Elliot que era parente."

Após a sessão perguntei à G. se ela sabia quem tinha escrito. Ela respondeu dando o nome da minha parente, e depois disse que "viu uma mulher com cabelos grisalhos e prateados — pálida, pelo menos seu rosto parecia pálido — e que ela parecia confusa, ou melhor, ela (G.) teve a impressão que ela estava confusa, como se não soubesse bem o que pensar de mim." (G.) — "um pouco desconfiada, foi tudo o que consegui." Mais tarde, G. acrescentou: "Não tivemos a Marguerite de volta? (Tivemos.) Deve ter sido ela então, terminou a Geraldine.
Cópia da carta recebida de David Gray, 1 de Junho de 1945.

Legação dos Estados Unidos da América,

25 de Maio de 1945.

Prezada senhorita Gibbes, 1945

Senti muito interesse pela sua carta datada de 16 de Maio com anexos. Só chegou há dois dias. O último escrito é extraordinário e convincente. Posso dizer agora que tudo sobre a Ann* está correto. Ela era filha do F. O Elliott foi pai da Sra. F. e na comunicação anterior que teve comigo, quando ele a forçou, ele falou da "Little Nell." A esposa dele foi irmã da minha esposa. O sucesso em obter o nome Boettiger levou-me a suspeitar da possibilidade da Marguerite L. não querer que a sua "alcunha" fosse divulgada. Possivelmente ela tentou escrever "vulgar" em protesto, embora eu não veja razão para isso. Talvez mais tarde ela mo revele, para que eu não lho revele agora.

A parte sobre Edwin W. surpreendeu-me. Veja se você consegue o apelido pelo qual ele era geralmente conhecido pelos quelhe eram íntimos. A referência é bastante comprovativa. Não vou dar os detalhes ainda, mas isso foi significativo.

Se você conseguir a Marguerite de novo, agradeça-lhe por mim e diga-lhe que aprecio muito as notícias do Frank e que, quando houver uma oportunidade favorável, irei transmiti-la àqueles para quem isso significará muito.

**Neta de Elliott Roosevelt. Elliott era o pai da Sra. Roosevelt. ''Little Nell'' apelido da Sra. Roosevelt.*

Isso tornou-se numa pesquisa muito interessante e comprovativa. Por favor, mantenha-me em contacto e transmitirei quaisquer sugestões úteis que me ocorrerem.

Com os melhores cumprimentos,
Davis Gray

Cópia da carta enviada ao Sr. Gray pela E.B.G.

25, Lugar do Jubileu,
Chelsea, SW 3,

21 de Maio de 1945

Prezado Sr. Gray.

Tivemos uma breve sessão hoje para um parente. Astor escreveu de imediato o seguinte:

Astor está aqui.

Tenho uma palavra a dizer sobre um escrito anterior. Havia pouca energia perto do final, pelo que não consegui obter todas as respostas com clareza. Você pediu-me para descobrir o nome de batismo que a família conhecia e usava para a senhorita Lehand. Acho que esse foi o pedido. Recebi dela o nome Alice por sinais. Assim, presumo que esse fossse o nome solicitado, Alice Lehand. Ela fez os sinais que deram forma a este nome que escrevi.

(EBG: Obrigado. Acho que o pedido foi pelo nome pelo qual ela era conhecida na família de Frank.

(O nome do parente foi então anunciado. E a escrita prosseguiu em outras linhas.)

Espero que o que foi dito acima tenha algum significado para si. Recentemente tivemos outra comunicação de natureza bastante evidencial a respeito de uma mulher chamada Alice. Espero que não haja confusão.

Acontece que não mostrei à G. o último escrito. Contei-lhe alguns trechos, mas ocultei cuidadosamente o facto de que havia qualquer sugestão de pedido de nome. Nem lhe contei que lhe enviara a página onde os nomes vinham escritos. Ela não tem consciência de ter escrito algum.

Com os melhores cumprimentos,

Com os melhores cumprimentos,
E.B.G.

Cópia da carta do Sr. Gray recebida pela E.B.G.

Datado de 30 de Maio de 1945.

Legação dos EUA

Prezada Srta. Gibbes,

Obrigado pela sua carta de 21 de Maio. Não sei se a "Alice" era um dos nomes da Marguerite Lehand ou não. Provavelmente não era, mas vou indagar. Alice não é o nome que eu esperava receber. Porque será que, quando a oportunidade se apresenta, de indagar se a Marguerite Lehand desejava não revelar o nome pelo qual o Frank a tratava e que a família do Frank usava no trato com ela e com respeito a ela?

G.C. e Astor são tão maravilhosos a fornecer nomes que suspeito que haja uma restrição por parte de Marguerite. . . Estou a aguardar com interesse para ver o que você vai descobrir sobre a questão do Edwin W. Esta é uma das evidências mais extraordinárias que já encontrei.
Com os meus melhores votos.

Com os melhores cumprimentos,
DAVID GREY

Quarta-feira, véspera: 6 de Junho de 1945, às 25, Jubilee Place, SW3.

(G.C. e B.G.) 18h17

Astor está aqui. "Você deseja falar com a Hilda ou com outros."

EBG "Quem está aí além da Hilda?"

"Está o seu irmão Frank e acho que há uma mulher nas névoas e também vejo outras duas que ainda não percebo com clareza."

EBG "Você pode pedir à mulher nas névoas que venha falar comigo primeiro?"

"A mulher é uma Americana que esteve aqui anteriormente. Ela não escreve sozinha, mas posso relatar o que ela diz. Ela ainda desconfia um pouco de você e tem medo de revelar qualquer informação realmente pessoal. Ela diz que, com respeito ao Frank, eles sempre tiveram que ter muito cuidado nas suas declarações, pois havia o perigo de a imprensa tomar conhecimento disso."

EBG "Diga-lhe que ela não precisa nos recear a esse respeito."

"Ela diz que não se pode confiar em ninguém quando se trata de conversa descuidada."

EBG Nisso concordo. Você poderia dizer que o Sr. Gray agradece à Srta. Lehand pela mensagem sobre o Frank e, quando surgir a oportunidade, a transmitirá àqueles a quem ela significa muito.

"Ela realmente fica muito satisfeita. . ."

EBG "Marguerite poderá dizer mais alguma coisa sobre o Edwin W.? Ele tem um apelido pelo qual era conhecido por seus íntimos.

Espere. . . Ela só o trata por Ed. Não sei se ela quis dizer isso como apelido. Ela diz,
'Ed. está bem aqui e muito feliz por estarmos todos juntos, o velho trio. Não sei o que ela quer dizer com *trio*."

EBG "Ela poderá explicar isso do *trio*?"

"Vamos nos reunir," diz ela, "e começar a trabalhar depois que o Frank descansar no acampamento de férias. Ele vai navegar e percorrer as praias deste novo mundo e depois quer voltar ao trabalho. Ele não desistiu da ideia de estar na Conferência de Paz. Ele estará lá para manter o Joe S. em ordem — acha que será um peso mais pesado invisível do que visto.

EBG "Concluo que o Edwin W. tenha estado associado ao Frank no seu trabalho."

R. "'Meu caro Watson', costumava o Frank dizer." Essa é a resposta da Marguerite. "Ele era para o Frank o que Watson era para o Sherlock Holmes, de uma forma que Frank às vezes costumava pôr à prova os seus problemas com o seu querido Watson."

EBG "Astor, você referiu o nome Alice como relacionado com a Marguerite Ela poderia explicar por que deu esse nome?"

R. 'Ela parece pensar que lhe disse que era um nome associado com ela própria.

EBG: "Não era o que o Sr. Gray esperava receber."

R. 'Ela diz: 'O nome é propriedade minha — pelo menos — era meu primeiro nome, assim por que você deveria se opor a que eu o usasse?'

EBG: "Bem, ela é cautelosa e nós também. O Sr. Gray quer ter certeza com relação a ela, pelo que somos todos cautelosos!

R. "Ela diz que pode ter revelado demais a vocês dois. Ela está um pouco chateada agora porque eu lhe contei o que ela disse. . ."

EBG: "Por favor, diga a ela que não revelaremos nada. Acho que ela não forneceu o nome que a família de Frank usou ao trata-la.

R. "Eu disse isso a ela, mas ela não quis dizer, na verdade, ela não me vai dizer mais nada agora."

EBG: "Bem, diga-lhe que eu só perguntei porque o Sr. Gray queria saber e que como a sua 'filha' aqui irá para a Irlanda muito em breve, talvez ela venha falar com o Sr. Gray lá."

R. "Isso seria melhor, eu acho que ela não lhe confiará mais nenhuma informação adicional. Eu levei-a a conversar e agora ela está angustiada ao perceber que alguns de seus comentários estão escritos e nas mãos de duas estranhas."

EBG: "Diga-lhe que está tudo bem. Muitas vezes temos coisas confidenciais anotadas e ela não precisa ficar chateada."

R. "Sim, dir-lho-ei, é apenas um estado de espírito passageiro no caso dela. Acho que o homem que estava com ela lhe disse que ela era indiscreta ao se comunicar com estranhos na terra através de um intérprete. A culpa é desse homem. Ela estava pronta para conversar até que ele lhe falou sobre você. Ele também estava ligado ao Frank — trabalhava para ele de forma confidencial."

EBG: "Diga-lhe para confiar em nós, e agora, e os outros dois que você disse que estavam próximos?"

R. "Sim, esta pessoa deu seu nome como Pussy. Ela tem uma ligação com M.H. Eles conversaram um com o outro. Pussy tem o símbolo do fogo perto dela, agora eu vejo. Acho que ela morreu num incêndio. Espere, vou-lhe perguntar mais. Ela gostaria que a Maude soubesse que ela está mais viva do que alguma vez na Terra e que houve uma grande reunião familiar para dar as boas-vindas ao Franklin. Parece que Pussy está aqui há vários anos. Ela foi-se agora. Ela falou tão rápido que não sei se transmiti a mensagem corretamente. Acho que a captei, de qualquer forma, algo que ela queria que lha enviasse. . ."

Cópia da carta enviada pela E.B.G. ao Sr. Gray.

25, Lugar do Jubileu, SW3,

6 de Junho de 1945.

Prezado Sr. Gray,

Muito obrigado pelo retorno da página de nomes pertencentes ao escrito, nos dias 25 e 30 de Maio. Você disse que o nome Boettiger está correto. Mas a quem pertence?

Estou muito interessada no que você diz sobre Edwin W. Tendo em vista que G. retornará à Irlanda dentro de alguns dias, decidi que tentaria entrar em contacto novamente com M. Lehand para obter, se possível respostas às suas perguntas e, assim, eliminar a influência da mente do assistente. Pois você irá ver a G. em Dublin em breve. (Ela pode chegar no dia 18.) Incluo o resultado. A partir dele, deduzo que o nome de Edwin W. é Watson ou esse será o apelido? E que ele também foi secretário ou amigo confidencial? Você verá que a Marguerite diz que Alice era o seu primeiro nome. Você pode verificar isso? Além disso, se ela morreu em Chelsea, Massachusetts — pode verificar se existe tal lugar?

Ficarei encantada em saber se o nome Pussy transmite alguma coisa à sua esposa. A Geraldine contou-me que o seu nome era Maud no decurso de uma conversa há pouco tempo e sobre a ligação com a família R. Ela disse que o "Elliott falou consigo através dela e mencionou a pequena Nell." Por isso, essa não é uma evidência nova através de nós aqui. Você também me poderia informar se a referência ao fogo está correta? Além disso, se ela já passou há vários anos? E também, se ela falava muito rápido quando estivava na terra? Este é um pequeno aspecto, mas pode ter sido característico do suposto comunicador.

Na sua carta de 25 de Maio você diz "Tudo acerca da Ann está correto." Devo presumir que ela é "energética" e tem um cérebro rápido e que o seu marido está no Exército e tem algum cargo? Perguntei à G. mais tarde, quando ela disse que achava que a Marguerite estava a falar, se ela já teve um Edwin W. a escrever para si por meio dela. Ela respondeu pela negativa, até onde ela conseguia se lembrar. Ela estava muito ansiosa por saber se alguma coisa de interesse havia sido comunicada na sessão fechada. Mas além de dizer que era muito interessante, pensei, não lhe contei nada, pois não queria estragar mais nada que pudesse vir para si e passasse por ela, com um conhecimento prévio do que havia sido dito, etc.

Ficarei muito intrigada em saber o que você pensa do anexo. Mas é improvável que tenhamos mais sessões antes de ela partir, pois ela parece muito cansada e o seu "poder," infelizmente, não dura tanto quanto costumava. Assegurei-lhe que você está encantado com os resultados desta experiência e isso encorajou-a. Por favor, perdoe erros de dactilografia, etc.

Com os melhores cumprimentos,

Com os melhores cumprimentos,
E.B.G.

Cópia da carta do Sr. Gray datada de domingo, 17 de Junho de 1945.

Prezada Srta. Gibbes,

Demorei muito a responder à sua última carta muito interessante com o escrito anexo. Esta é a sua carta de 6 de Junho. Boettiger é o nome de casada da Ann. Ela é filha de Frank e foi batizada de Anna, e não Ann. No entanto, isso não é essencial. Edwin W. é Edwin Watson. Durante muitos anos ele foi assessor militar e amigo chegado de Frank. Ele morreu no navio na volta de Yalta com o Frank. O Frank sempre o tratava por um apelido, assim como toda a comitiva. Isso eu não lho vou contar ainda. O trio pode muito bem significar o General Watson, o Frank e a Miss Lehand. Eles trabalharam muito próximos durante anos. Para mim isso é bastante comprovativo. Vou descobrir se o primeiro nome da Marguerite Lehand era Alice. Eu não sabia.

"Pussy" é irmã da minha esposa, isso é correto. A minha esposa é Maude. Ela, Pussy, foi queimada até à morte na sua casa em Nova Iorque. Existem alguns detalhes que podem surgir e que seriam comprovativos, pelo que não direi mais de momento, excepto que ela era uma personalidade muito

vivaz. . . Esperamos ver a G.C. no dia 2, e, se ela estiver disposta, gostaria de ter uma breve sessão, de não mais de 15 minutos, para que ela não deva ficar cansado. Mas se isso der certo, talvez seja bom não fazer perguntas sobre as coisas que estão a chegar até si. Se alguma coisa acontecer, tudo bem. Mas como eu conheço as respostas para várias perguntas, acho que é melhor esperar até que você retome o assunto. Conseguimos algo muito bom e precisamos ser pacientes. Você não acha?

Com os melhores cumprimentos,
DAVID GREY

PS: — 20 de Junho de 1945.

Ontem a G.C. almoçou connosco e depois escrevemos durante quase meia hora. . . Estou a enviar-lhe uma cópia do escrito. Não fiz expressamente perguntas ao Astor nem indiquei com quem gostaria de falar até que ele anunciasse quem estava lá. Existem, é claro, dois aspectos probatórios a serem verificados; as "papas de aveia desagradáveis" do almoço do dia 13 de Abril e o cachorro a rebolar-se lá no funeral. O Scottie (terrier) é, claro, Fala, que tanto tem figurado na imprensa nestes últimos anos. A minha esposa e eu sentimos fortemente a personalidade de Frank o tempo todo, mas é claro que isso pode ser influenciado pelo conhecimento que tive dele. As papas de aveia e a ação do cachorro estavam, é claro, além do nosso conhecimento possível.

Com os melhores cumprimentos,
D. Gray

O que se segue é uma cópia da cópia que o Sr. Gray fez e enviou à E.B.G. da sessão que a G.C. lhe concedeu em Dublin em 20 de Junho de 1945.

O pósfácio da carta anterior refere-se a esta sessão e deve realmente ser lido após a leitura do escrito. Lord Balfour viveu durante sete anos na casa que hoje é a Legação dos EUA e é ocupada pelo Ministro Americano na Irlanda. Lord Balfour alegadamente comunicou anteriormente com o Sr. Gray através da Geraldine Cummins.

Cópia da sessão do Sr. Gray com a Srta. Cummins
Legação dos EUA, Dublin, 20 de junho de 1945. GC e DG

"Astor. Há uma grande multidão aqui hoje. A luz psíquica de David atrai várias pessoas. O pai dele, Gutherie (meu irmão), Balfour e há uma senhora encantadora chamada Pussy que fala da Tissie e quer mandar mensagens para a Maude.

"Mas eles cederam diante de dois homens e uma mulher que acompanhavam Frank. Foi a senhora que ofendi por ter sido tão curioso. Sinto que o Frank gostaria que eu anotasse o que ele diz.

"Sim," diz o Frank. "David, você é um querido amigo por me chamar e um canalha por ter-me feito esperar semanas por este momento. Gostaria de poder dar mais uma palestra pública para dizer ao povo Americano que a maior farsa de todas é a morte. Lembro-me bem daquela última manhã quente. Acho que foi o horror diante da perspectiva de um detestável almoço de papas de aveia que me fez desmaiar. Tive aquela dor terrível apenas por alguns instantes, a escuridão — uma delícia, como veludo negro a seguir ao que não tive qualquer dor, apenas acordei como uma criança. . . Fui muito ativo no meu funeral e o único que me prestou atenção naquele funeral foi o Scottie, o meu cachorro. Achei muito divertido ver todos os melhores cérebros do país concentrados naquela minha roupa velha e surrada que estava a ser sepultada sob a terra, e lá estava eu, grande como a vida, e quando o meu cachorro me viu, ele rolou pelo chão — e procovou uma diversãoe tanto. Mas ninguém imaginou que ele estivesse a rebular-se na relva pela alegria de me ver. . . Entrei num

corpo igual ao meu, jovem, saudável, forte, e ninguém no meu funeral me viu, porque esse corpo estava a viajar um pouco mais rápido que o deles. . .

Tenho uma visão negativa da situação do país nos próximos três anos ou mais. Descontentamento com a desmobilização, a questão dos negros e tudo mais. O Elliott* é um sujeito muito adorável. Partiremos num maravilhoso cruzeiro pelos vastos mares da eternidade. Vou ter as melhores férias da minha vida. . . etc., etc."

** Sogro de Frank D. Roosevelt*

O que se segue é uma citação de um correspondente do Sr. Gray que lhe escreveu em resposta às suas perguntas. A carta do Sr. Gray à E.B.G. é datada de 31 de Agosto de 1945.

A citação diz o seguinte:

A inicial do nome do meio da Marguerite era A., que pode muito bem significar Alice. Ela morreu em Sommerville, um subúrbio nos arredores de Boston. Estava acolhedor na manhã em que Frank morreu, mas não quente. Ele não estava a comer papas de aveia ao almoço. Os jornais diziam que Fala se rebolou pelo relvado. Nós não o vimos, mas quando as rajadas foram disparadas, ele latiu de todas as vezes. O Frank pode ter tratado o General Watson por "meu caro Watson," embora eu não pense que tenha qualquer relação com o Sherlock Holmes, já que ele não era um grande admirador de Sherlock Holmes. Os dois homens sabiam que estavam doentes e houve grandes dúvidas se Watson deveria ir a Yalta. No entanto nunca ouvi falar de nenhuma aposta.

O Sr. Gray continua da seguinte forma:

Somerville, onde a senhorita Lehand, segundo diz, morreu, é uma secção de Boston ao norte, enquanto Chelsea é uma área correspondente no sul. Um dia destes ainda hei de fazer questão de averiguar exatamente onde M. Lehand morreu, se será possível que o fim tenha ocorrido num hospital em Chelsea. A explicação do Astor sobre o erro, se é que de erro se trata, é interessante. Nenhuma das críticas da minha correspondente toca no facto notável da primeira aparição de M. Lehand poder pressagiar a morte de Frank em Abril, antes do acontecimento. . .

Espero que você esteja tão ansiosa por prosseguir com esta investigação quanto eu.

Com todos os melhores votos.

Com os melhores cumprimentos,
DAVID GREY

Dez meses depois recebi a seguinte carta do Sr. Gray. É datada de 28 de Junho de 1946 e é de Dublin como antes.

Prezada Srta. Gibbes,
Desde a última quinzena, desde que voltamos à Irlanda, pretendo escrever-lhe e contar-lhe duas coisas interessantes que descobri enquanto estive na América.

A primeira é que a Miss Le Hand foi tratada no Hospital Naval de Chelsea, em Chelsea, Boston, quando esteve doente, embora eu acredite que ela tenha realmente morrido em Sommerville — um subúrbio do outro lado da cidade. Isso torna a referência inicial ao Chelsea evidente de uma forma significativa. A segunda é que o Frank estava a papas de aveia no dia em que faleceu, só que antes

do almoço. Foi-lhe administrado todos os dias entre as refeições. Isto foi-me dito por alguém que esteve com ele quando ele morreu.

Ele não gostou. . .

Com os melhores cumprimentos,
DAVID GREY

PS: Quando fomos ao Hyde Park senti um interesse especial pelo pequeno Scotch Terrier. Ele rebola quando vê alguém que reconhece e gosta — e esperando que lhe esfreguem a barriga. Eu coloquei-lhe a coleira durante um serviço memorial no túmulo do presidente no nosso Memorial Day. Ele latiu para as salvas de tiros, mas não fez nada de incomum. — D.G.

Investigações posteriores neste caso foram encerradas após 20 de Junho de 1945, devido à operação severa e subsequente longa convalescença da Srta. Cummins."

No seu Relatório (pub. S.P.R. Journal) escrito nove meses antes de receber a carta de corroboração do Sr. Gray de 28 de Junho de 1946, a Srta. Gibbes diz: —

"Vários aspectos de interesse parecem surgir do estudo deste caso. Um das mais importantes é que foram apresentados na escrita automática factos que não só eram do desconhecimento da Srta. Cummins e meu, mas também do Sr. Gray. Este último é o único indivíduo que poderia razoavelmente ser considerado como tendo estado em possível comunicação telepática com o automatista enquanto escrevia estes factos. Mas esta hipótese não cobre a declaração a prenunciar a morte do Presidente, feita três semanas antes de esta ocorrer.

Tanto quanto sabemos, nunca tínhamos ouvido falar do General Watson nem da sua morte no mar. A aposta, tal como foi registada, seria provavelmente uma piada privada entre os dois homens e é pouco provável que tenha sido mencionada a mais alguém. No entanto, soa a probabilidade.

É interessante notar que os personagens de Margaret Lehand e Ann Boettigger são descritos com precisão. Como essas duas mulheres eram totalmente estranhas para nós, parece que essas descrições só poderiam ter sido dadas por alguém que as conhecesse. —
'Astor' na descrição da Marguerite e esta última na descrição da Ann.

Astor parece ter atuado como repórter dos comentários da Marguerite nessas sessões. Se esta for aceita como a forma como a comunicação foi conduzida, poderá explicar a discrepância entre o facto e a declaração em que a Marguerite teria dito que morreu em Chelsea. Ao passo que ela esteve no hospital em Chelsea e morreu em Sommerville, outro subúrbio da mesma cidade.

Ao analisar evidências deve-se sempre compará-las com o comportamento dos seres humanos. Muitas vezes o investigador cético parece presumir que o comunicador hipotético deve ser infalível. Se ele for falível, isto é, fizer afirmações imprecisas, então o comunicador será considerado pelos céticos como uma invenção da mente subconsciente da médium. Se ele for infalível e fizer declarações precisas, muitas vezes presume-se que a mente subconsciente da médium seja inteiramente responsável pela suposta comunicação. As explicações de criptoestesia ou invenção são responsáveis por todos os fenómenos, o comunicador nunca tem llugar!

E.B. Gibbes."

Como o texto acima foi publicado de forma disfarçada e abreviada no *Revista da S.P.R.* de Maio de 1947, as informações que se seguem vieram à mão e surgirão em breve na *Revista*.

Escrevendo de 150 State Street, Portland, no Maine, EUA, ao Dr. E.G. Somerville, Castletownsend, Co. Cork, em 31 de Julho de 1947, o Sr. Gray disse: —

A propósito, diga à Geraldine C. que descobri que Marguerite Lehand morreu em Chelsea, Massachusetts, esteve no Chelsea Marine Hospital sem dúvida, só que em Chelsea. Além disso, o nome do meio dela era Alice, que eu não conhecia e não pude verificar a princípio. . .

Comentário de Geraldine Cummins

Assim, parece que o informante do Sr. Gray na América, a quem ele considerava "inteiramente familiarizado com os factos," errou ao negar o facto das papas de aveia e que a Srta. Lehand havia morrido em Chelsea, Massachusetts; e que o comunicador tinha razão. Tanto o informante quanto ele também desconheciam o nome Alice.

O apelido pelo qual ela era tratada na família do presidente era, claro está, "Missy." Isso havia sido publicado nos jornais e era, pois, menos significativo como identificação comprovativa, mas é curioso que o comunicador não o tenha dado. O apelido do General Watson entre os seus íntimos da Casa Branca era "Pa." O Sr. Gray escreveu-me a dizer que nunca soube que o seu nome era Edwin até que aparecesse no escrito.

Os seguintes fatos declarados no escrito eram desconhecidos do Sr. Gray, E.B.G. e de mim.

(1) Que Marguerite Lehand morreu em Chelsea, (Esse facto não era do conhecimento do correspondente do Sr. Gray, que "estava totalmente familiarizado com os factos" relativos à Srta. Lehand.)

(2) O almoço de papas de aveia mencionado por F.D.R. no último escrito. (Isso também não era do conhecimento do correspondente.)
(3) "Ele não apreciou essas papas."
(4) O nome do meio da senhorita Lehand era Alice.
(5) Que ela havia morrido três anos antes da primeira sessão.
(6) O nome de baptismo era Edwin.
(7) O comportamento do cachorro Scotto.

Como a E.B.G. e eu não sabíamos da existência de Miss Lehand, os muitos detalhes dados corretamente nesses escritos eram todos desconhecidos para nós.

Comentário final de David Gray

Carta do Sr. David Gray datada de 7 de Janeiro de 1953

Prezada Srta. Cummins:

Li diversas vezes o seu manuscrito de Lehand e não posso fazer sugestões. Você apresentou os factos de forma completa e precisa, tanto quanto tenho conhecimento. Posso dizer de passagem que nem a minha esposa nem eu falamos na família Roosevelt consigo ou com qualquer um dos nossos parentes ou amigos Americanos. Como você nunca esteve na América, não tínhamos interesses comuns lá. Os nossos amigos comuns, os Somervilles em Castletownshend, e a nossa vida na Irlanda constituíam os limites do nosso interesse comum.

Ao examinar os registos dos experimentos que conduzimos juntos na Irlanda entre 1941 e 1945, há dois exemplos de comunicação probatória que recomendo à sua atenção.
Sobre. . . uma personalidade que chamarei de X que pediu para ser ouvida. (Essa comunicação foi obtida por G.C. por escrita automática, na presença do Sr. David Gray.) Ele disse-me: "Você deu-me motivo para a única risada que dei no meu funeral. Eu poderia ver o pensamento dos meus parentes — designando uma determinada família — e ver como eles ficaram chocados por você não estar usando calças listradas e um casaco de manhã e não usar um chapéu adequado."

Não sei até que ponto os parentes ficaram chocados, mas era verdade que eu não usava calças listradas nem fraque. Contraí um forte resfriado, e tive que fazer uma longa viagem de carro pela frente, em clima semicongelante, até uma igreja sem aquecimento, seguida de uma caminhada com a cabeça descoberta até o cemitério com o caixão. Portanto, usei um paletó de sarja azul-escuro sob um sobretudo preto com cachecol branco. Eu carregava na mão um chapéu-coco, pois a bagageira do carro estava lotada demais para receber uma caixa de chapéu. A trivialidade desta comunicação parece-me conferir-lhe um forte valor comprovativo.

A outra ocasião foi aquela em que Lord Y. interrompeu para insistir que lhe fosse dada a oportunidade de pedir desculpas à festa de tiro durante o qual morreu e foi consequentemente "arruinada," e também para enviar uma mensagem à sua esposa. Ele encarregou-me (na escrita automática) de contar à sua esposa que a vira escrever uma carta para ele na manhã em que ele faleceu, mas antes que ela soubesse da sua morte, uma alegação que eu verifiquei junto dela e confirmei como um facto.

Com os melhores cumprimentos,
DAVID GREY

Quando o Caso Lehand-Roosevelt foi concluído, a E.B.G enviou-o e os originais ao Sr. W.H. Salter, Exmo. Secretário da Sociedade de Pesquisa Psíquica, de Londres. Tanto ele quanto o falecido Sr. Tyrrell leram-nas. Uma reportagem muito velada, com pseudónimos, foi feita a partir deles e publicada no *Journal*. Em seguida, foram arquivados, entre outros documentos confidenciais, na sede da S.P.R.

Em Novembro de 1952, o Exmo. A Sra. Gay, membro do Conselho da S.P.R., encarregou-se deste caso. Miss Horsell, Secretária da Sociedade, deu-lhe o subscrito que E.B.G. havia depositado lá em 1945. A Sra. Gay mandou fazer cópias dele para o submeter de novo ao Sr. Gray. Ela testemunhou, pois, que não tive acesso aos originais: e que foram copiados fielmente.

A IMPORTÂNCIA DO CASO F.D.R.

Esta série de sessões é importante e digna de estudo por parte pessoas interessadas em pesquisas psíquicas pelas seguintes razões: —

(1) Os experimentos foram conduzidos por dois investigadores de longa experiência sob condições estritamente controladas de maneira científica.

(2) O principal comunicador, uma secretária falecida de Franklin Roosevelt, era uma pessoa obscura — desconhecida do povo Britânico, pelo menos. Ela morreu num período muito crítico durante a Segunda Guerra Mundial, quando, devido ao espaço limitado e aos tremendos acontecimentos que estavam a ter lugar, nada iria aparecer sobre a sua morte nos jornais Irlandeses ou Ingleses.

(3) A considerável evidência factual de identidade transmitida foi posteriormente considerada cem por cento correta. Não era do conhecimento nem da assistente nem da automatista. A investigação das provas apresentadas só foi concluída cerca de dois anos após a realização das sessões, através de uma visita do Sr. David Gray aos Estados Unidos. Ele era um velho amigo do presidente Franklin Roosevelt e parente dos Roosevelt por meio do seu casamento com a tia da Sra. Roosevelt.

Esta série de comunicações apresenta o que pode ser considerado uma evidência de sobrevivência de primeira classe.

Mas os estudantes do que é chamado de Experimentos quantitativos de Percepção Extra-sensorial (PES, para abreviar) provavelmente afirmarão que os escritos de Lehand são o produto dos meus poderes de PES; que as suas mensagens foram inventadas pela minha mente subconsciente que viajou para Dublin para o Sr. Gray e para os Estados Unidos e furtou os factos verídicos necessários das mentes de Americanos desconhecidos de mim, a fim de inventar a história. Mas antes que possamos aceitar ou rejeitar tal veredicto, é necessário mencionar os métodos empregues nesses experimentos PES quantitativos. Constituem um ramo da pesquisa psíquica ao qual foi dado o nome de parapsicologia.

Para resumir, aqueles investigadores infatigáveis, o falecido Sr. G.N.M. Tyrrell, o Dr. Rhine, Dr. Soal e a Srª Goldney provaram em centenas de experimentos que com uma precisão livre de todo o acaso, certas pessoas adivinharam correctamente quer a carta de baralho voltada por um agente invisível, ou a carta voltada por ele mais tarde no experimento. Isto, alega-se, provou que a telepatia entre mentes vivas e a profecia ou a leitura do futuro são factos. Não houve nenhuma sugestão de qualquer intervenção dos mortos para produzir uma adivinhação tão precisa das cartas. No entanto, o leitor precisa ter em mente que as comunicações de Miss Lehand estabeleceram a sua identidade a vários títulos. Nomes difíceis, desconhecidos da médium ou da assistente, foram escritos corretamente. Este caso foi o de uma intrusa desconhecida que se meteu onde não era desejada, ou, pelo menos, eu não a desejara, pois estava cansado e doente no momento da sua façanha de invasão do portão. Além disso, a queda ocasional de uma bomba V2 prejudicou um pouco o ambiente tranquilo necessário para a escrita automática.

Deve-se notar que não nenhum experimento quantitativo em ESP estabeleceu que a mente subconsciente de um sensitivo possa produzir nomes difíceis e corrigir reações de carácter numa situação especial, como foi fornecido pela personalidade de Lehand.

Que reações foram essas? Em primeiro lugar, a cautela, o medo expresso da possibilidade de "conversa descuidada" da nossa parte. Na sessão inicial, ela teve o cuidado de escrever apenas o nome Frank, embora eu estivesse perfeitamente ciente da ligação que o "David" tinha com o Franklin Roosevelt. No segundo escrito ela evita indicar a sua ocupação e apenas diz que "ele era o empresário mais importante do seu país."

Toda a sua abordagem nestas comunicações é cautelosa, até mesmo suspeita, tal como deverá ter sido necessariamente o seu hábito com estranhos ao longo da sua carreira. Do ponto de vista dela, se ela

fosse sincera, poderíamos vender as suas informações sensacionais à imprensa. Aqui está um hábito mental que continua três anos após a morte.

Na maioria dos casos, os meus comunicadores escrevem directamente. Astor apenas os apresenta e não os interrompe quando eles começam a escrever. Mas este caso é uma excepção; a discreta secretária prefere não escrever e repassa as suas informações via Astor. Este procedimento teria sem dúvida sido adoptado por Miss Lehand se, durante a sua carreira de secretária, ela tivesse descoberto que, sob a sua própria responsabilidade, tinha de transmitir informações privilegiadas a estranhos para que chegassem a uma terceira pessoa (Sr. Gray) a quem ela pudesse confiar.

Em segundo lugar, uma estudante de psicologia notou a sua reação à Sra. Boettiger da seguinte forma: — "Parece tão natural e psicologicamente correto que, como aparece no escrito, a Srta. Lehand é bastante crítica em relação à amadora inteligente que foi sua sucessora como secretário do presidente."

Em terceiro lugar, temos o desejo expresso da personalidade de Lehand da presença de "David" (Sr. Gray) numa sessão. Obviamente, na sua opinião, ele era a única pessoa com quem ela poderia discutir a possível morte de F.D.R. em Abril e as as repercussões que iria ter a nível mundial; pois ele e a esposa eram os únicos membros da família Roosevelt que me conheciam. Em quarto lugar, o escrito indica que após o seu alegado encontro com Edwin Watson ela está angustiada e ainda mais reticente, pois diz-se que foi repreendida por ele por ter sido indiscreta: recusa-se, pois, a dar mais informações às duas estranhas. Além disso, ela exibia uma memória mais precisa para factos sobre si própria do que um Americano, com uma inteligência de primeira classe, "que a conhecia bem" quando ela estava na Terra. Os factos transmitidos no escrito estavam 100 por cento corretos e, juntamente com a demonstração de carácter, demonstram uma atividade mental do tipo que se poderia esperar da secretária do Presidente.

A principal qualificação de uma secretária de primeira classe é não esquecer nada, possuir uma memória exacta para os factos. É significativo que a "personalidade de Lehand" fosse um comunicador excepcionalmente preciso.

Nem a telepatia nem a retrocognição (leitura do passado) podem cobrir todas as informações verídicas transmitidas neste caso. Não explicam o incidente das papas de aveia, (2) a advertência velada da morte do Presidente, (3) nem o comportamento característico da secretária do Presidente. Esses itens não poderiam ter aparecido impressos. Supondo que a minha mente estivesse em contacto telepático com o Sr. Gray, eu não teria descoberto tais dados factuais no pensamento dele.

Com referência a "Chelsea, Massachusetts," onde a Marguerite morreu, se um obituário da morte da senhorita Lehand tivesse aparecido num jornal Americano em 1942, durante a guerra, eu não poderia tê-lo visto. Até Fevereiro de 1945, eu vivi na Irlanda e lia apenas um jornal ocasional de Domingo e o jornal local fortemente censurado, The Cork Examiner.

Mas supondo que assumimos que este caso é um exemplo de PES, a minha mente teria que estar em relacionamento telepático — por exemplo, ter-se fundido — com as mentes de vários estranhos impossíveis de identificar, a fim de eliminar a Srta. Lehand enquanto comunicador.

Em nenhum caso os experimentos de PES de Tyrrell, Rhine, Soal e da Sra. Goldney produziram ilustrações de atividade mental característica. Não é de forma alguma o único caso deste tipo que pretende ser comunicado pelos mortos.

Mais tarde, neste livro e em outros livros, foram apresentadas evidências, em comunicações mediúnicas, de atividade mental característica contínua por parte de pessoas falecidas.

Pode parecer que euu esteja a fazer uma afirmação muito extravagante a esse respeito em relação ao Caso F.D.R. Mas é apoiado pelo testemunho de um juiz de carácter muito experiente. A E.B.G. deu ao falecido primeiro-ministro do Canadá, Sr. Mackenzie King, uma cópia completa do registo da Lehand para estudar. Aqui estão as opiniões que ele nos expressou sobre isso.

Li os dois textos datilografados que você me deu sobre a Marguerite Lehand. Todas as pessoas mencionadas, excepto o Sr. Gray, eu conhecia ou ainda conheço pessoalmente. Para mim, todo o relato não poderia ser mais evidencial do que é. Duvido que pudesse ser mais. Terei, no entanto, de esperar outro momento para apontar onde, tal como o Sr. David Gray, fui capaz de confirmar o relato praticamente linha por linha.

Aqui estão as opiniões do Sr. King a respeito do primeiro escrito automático que obtive para ele.

Farei o possível para que a comunicação lhe seja transcrita e enviada nas próximas semanas. Entretanto, posso dizer-lhe que, do ponto de vista da comprovação, será favoravelmente comparável às transcrições de Lehand. Os nomes de algumas das pessoas a quem é feita referência e a absoluta exactidão de algumas das situações a que se refere não poderiam ser mais notáveis do que são.

O Sr. Mackenzie King contou-nos que era intenção sua, após a sua aposentadoria da política, escrever as Memórias e incluir nelas um relatório dos experimentos que havia feito em pesquisas psíquicas. Infelizmente, ele não viveu para realizar o seu projeto. Só posso realizar o seu desejo nesse sentido contando, num capítulo posterior, o papel muito reduzido que a E.B.G. e eu desempenhamos nesses experimentos que foram conduzidos por ele durante um período de vinte anos. Foi apenas por respeito aos desejos dos falecidos e por esses factos já terem sido publicados na imprensa que permiti que aparecessem neste livro. Gostaria, assim, de corrigir qualquer impressão errada que possa ter sido deixada por outros relatórios sobre eles.

O ESCRITO DO FRANKLYN D. ROOSEVELT

Segue-se um breve extrato da comunicação feita por Franklin Roosevelt na primeira sessão que dei ao Sr. MacKenzie King. Nesta ocasião eu havia previsto que o meu visitante seria um clérigo Inglês. As palavras iniciais do escrito referem-se ao Sr. King.

Astor está aqui.
Este homem é de especial interesse para mim por ter a visão espiritual de uma antiga raça Gaélica Escocesa. . . o génio de um chefe de clã e não apenas o de. . .
Agora vejo perto dele — Wilfrid. . . Um espírito que, quando esteve na terra, foi delicado e frágil de físico. Ele tem estado muito com o King desde que ele faleceu após a Grande Guerra. . . Wilfrid Laurier. Wilfrid diz Mowat e Fielding e algum outro nome. Eu acho que são pessoas que estão com ele. . .

(Foi perguntado se o Sr. King iria permanecer na vida pública.)

Wilfrid diz que você deve permanecer por mais alguns anos. Estes são anos críticos e só você pode gerir os numerosos interesses conflituosos.

O próprio F.D.R. está perto hoje e queria falar consigo, para exortá-lo a continuar na vida pública. Ele também lhe apresentará os seus motivos. Vou deixá-lo falar agora. . .

Franklin: Diga, Mac, foi muita gentileza da sua parte vir. Estou muito inquieto; você pode acalmar-me a mente. Fiquei a saber que pode estar a considerar aposentar-se. Peço-lhe a qualquer custo que continue na vida pública. Será mais sensato, do ponto de vista da sua saúde, aposentar-se, mas sinto que é seu dever não apenas para com o seu país, mas para com o mundo, permanecer. Estou muito ansioso por que o faça por duas razões:

(1) Quero que você mantenha a independência do Canadá. Há um monte de durões nas finanças nos EUA. Eles gostariam de se apoderar do Canadá através da penetração económica. Não se trata de uma fusão visível dos dois países, mas sim de uma fusão invisível nos bastidores a que eles procuram. Essa é a minha opinião; Eu posso estar errado. Mas você quer capital para o desenvolvimento do seu país. A esse respeito, o seu cuidado e previsão evitarão qualquer usurpação da sua independência e liberdades.
Lutei contra as finanças toda a minha vida. Não quero que mais tarde as grandes empresas obtenham um controlo indevido do Canadá.

(Seguiu-se uma discussão entre o comunicador e o consulente. Foi sugerido que o Sr. Mc.K. poderia ser capaz de vigiar a evolução dos assuntos, mesmo que não estivesse no cargo.) Compreendo a sua relutância em continuar no cargo, e nenhum homem merece mais um descanso, mas o meu sentimento é que você ainda é necessário. *(Foi feita uma pergunta sobre o Winston. Ele não aguentou por muito tempo? Não teria sido melhor se ele tivesse saído?)*

Você não é Winston. Winston era, na opinião do seu próprio povo, um lutador e, por Deus, um excelente lutador também! Mas você tem a sabedoria que lhe falta, você tem a cautela e aquela honestidade integral que mantém um país unido. Não conheço nenhum homem que possa fazer isso com tanto sucesso quanto você.

Existe aquele animado e cruel Joe Stalin. Não imagine que ele vá deixar o seu país sozinho. Não é uma guerra, ah, não, não neste momento, nem durante alguns anos. Mas você teve experiência com as intrigas dele naquela trama não faz muito tempo. Ele sabe que o Canadá possui esses minerais valiosos. Mais serão encontrados. Ele gostaria de provocar descontentamento; fazer travessuras no seu país e entre o seu povo e o meu povo. Você é requerido por diversos motivos, Mac. Eu sei que existem outros homens bons. Abbot é um sujeito sensato, sem dúvida, mas quero a sua sabedoria por trás de tudo. Não sei por quanto tempo você permanecerá como capitão, mas mesmo na oposição você seria um freio muito útil para os homens que são muito impulsivos; que têm muita ânsia por resultados rápidos.

Mac, você conhece o velho ditado. O século XIX foi o século dos EUA. O século XX será o século do Canadá. Na minha opinião, isso é muito mais provável de se concretizar se permanecer na vida pública por mais alguns anos. Diga o que você acha.

(King: Acho que você é amável demais, generoso demais, etc.)

Meu Deus, homem, não. Eu tive os meus defeitos, mas você deve admitir que consegui avaliar o carácter muito rapidamente. Você tem aquele jeito Escocês lento consigo. Você não é inteligente, você é sábio. É por isso que quero que você espere e o chamei através da senhorita Lehand. Eu vi que você queria sair. Não, não.

(Pergunta: Como está a senhorita Lehand?)

FDR: Ela controla-me como sempre.

(Observações: Ela é uma pessoa maravilhosa. Uma grande ajuda. Um grande espírito.)

FDR: Ela tinha uma força extraordinária e ajudou-me a superar mais do que qualquer outra pessoa. . . Watson também está comigo. Ele envi-lhe os seus cumprimentos. Todos nós pedimos que você continue no seu trabalho. Mas vamos apoiá-lo e ajudá-lo. Você não saberá como chegamos, mas quando dormir colocaremos sugestões na sua mente. Wilfrid L., é claro, juntar-se-á à guarda dos nossos cérebros. Portanto, siga em frente com confiança, sabendo que estamos a apoiá-lo.

(Algumas observações).

FDR: Não deixe que aqueles teóricos doutrinários do governo Inglês se apoderem de si e lhe passem as suas teorias. Mantenha a sua independência de pensamento, mas faça com que todos os homens que puder do país mãe ou avó se estabeleçam no Canadá. Será do interesse dos dois países, pois, mais tarde, vejo uma dificuldade populacional na Inglaterra e muito descontentamento. Na verdade, o futuro da Inglaterra dá-me mais dor de cabeça do que o da França. A França acabará por conseguir passar através de uma liderança forte. O líder deles não será um sujeito agradável, mas há de coloca-los de pé.

A Inglaterra será mais difícil. O seu sistema nervoso — média do seu povo — está fora de controlo. Haverá problemas mais tarde para o gabinete Inglês; mas estou a falar demais. Quero qualquer pergunta que você queira fazer. . . *(Discussão sobre o futuro da Laurier House.)*

Ele (Wilfrid) diz: sim, um Memorial. Ele gostaria disso. Wilfrid também diz que quer dar-lhe conselhos sobre a sua saúde. Por mais ocupado que seja o seu dia, você precisa descontrair por pelo menos meia hora, de manhã ou à noite, e tirar todos os assuntos da ideia. Ele quer que você coma com cuidado agora — não carne — diz ele, a menos que em pequena quantidade, e tenha em mente os copos de água fria; não perto de uma refeição. . . Você não se importa, não é, com essas observações mundanas sobre a sua saúde?. . . Queremos continuar consigo, velho, pelo bem de todo o continente Americano. O Canadá tem um grande futuro, sem dúvida, mas não se os Estados Unidos conseguirem uma influência financeira demasiado forte no país. Você pode manter o grande negócio do Canada dentro dos limites. Eles não podem enganar você. Alguma outra dúvida, Mac?. . .

(fim do extrato)